

Priscilla de Almeida Nogueira

Carla de Lima Hernandes

Melina Célia e Souza

(Organizadoras)

II LINCOG

**II Simpósio Internacional
sobre Linguagem e Cognição**

UFF - FFLCH/USP

Priscilla de Almeida Nogueira
Carla de Lima Hernandes
Melina Célia e Souza
(Organizadoras)

Sob a supervisão de:
Jussara Abraçado
Maria Célia Lima-Hernandes
Nilza Barrozo Dias
Paulo Roberto Gonçalves Segundo
Cristina Lopomo Defendi

Anais do II Simpósio Internacional sobre
Linguagem e Cognição: II LINCOG

1ª edição

São Paulo
FFLCH/USP/IFSP
2017

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Revisão técnica

Priscilla de Almeida Nogueira (USP)
Carla de Lima Hernandez (LinC)
Melina Célia e Souza (UFF)

Presidência

Maria Jussara Abraçado de Almeida (UFF)
Maria Célia Lima-Herrnandes (USP)

Tesouraria

Nilza Barrozo Dias (UFF)

Secretaria Geral

Nilza Barrozo Dias (UFF)
Paulo Roberto Gonçalves-Segundo (USP)
Cristina Lopomo Defendi (IFSP)

Equipe Organizadora

Bruno Magalhães Barbosa (IFSP)
Carla de Lima Hernandez (LinC)
Clara Regina Gonçalves da Silva (IFSP)
Cristina Lopomo Defendi (IFSP)
Erica do Socorro Barbosa Reis (UFF)
Karina Viana Ciochi-Sassi (USP)
Lucilene Rehberg (LinC)
Mateus Rodrigues de Moura (IFSP)
Melina Célia e Souza (UFF)
Monica Soares Rosário (USP)
Patrícia Elisa Kuniko Kondo Komatsu (USP)
Priscilla de Almeida Nogueira (USP/FAPESP)
Robson Borges Rua (UFF)
Tatiane dos Santos Ramos Arantes (IFSP)
Thayssa Taranto Ramirez (UFF)

Comissão Científica

Beatriz Decat
Carmelita Minelio
Diogo Oliveira R. Pinheiro
Elisangela Baptista de Godoy Sartin
Fraulein Vidigal de Paula
Heronides Moura
Hylea de Camargo Vale Fernandes Lima
Jan Edson Rodrigues Leite
Lídia Spaziani
Luciane Corrêa Ferreira
Luiz Carlos Cagliari
Mara Sophia Zanotto
Marcello Ribeiro
Márcia dos Santos Machado Vieira
Paulo Henrique Duque
Renata Barbosa Vicente
Saulo César Paulino e Silva
Violeta Virgínia Rodrigues

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Marco Antonio Zago
Vice-Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

Diretora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda
Vice-Diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Chefe: Prof. Dra. Marli Quadros Leite

Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

Coordenadora: Prof. Dra. Ieda Maria Alves

Catálogo da Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S612 Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição (1.: 2017: São Paulo, SP)
Anais do II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição: II Lincog
21 a 25 de Novembro de 2016/ Organizadores: Priscilla de Almeida Nogueira,
Carla de Lima Hernandez e Melina Célia e Souza – São Paulo: FFLCH-USP, 2017.
2,70Mb Kb: PDF.

Modo de acesso: <http://lincog.fflch.usp.br/>

ISBN 978-85-7506-293-7

1. Linguagem e Cognição. 2. Linguística cognitiva. 3. Linguagem e Funcionalismo.
I. Nogueira, Priscilla de Almeida (org.) II. Hernandez, Carla de Lima (org.) III.
Souza, Melina Célia e IV. Abraçado, Jussara (superv.), V. Lima-Hernandez, Maria
Célia (superv.) VI. Dias, Nilza Barrozo (superv.) VII. Gonçalves Segundo, Paulo
Roberto (superv.) VIII. Cristina Lopomo Defendi (superv.) VIII. II Lincog IX.
título.

CDD 401.9

Os trabalhos publicados nesta obra são de inteira responsabilidade de seus autores.

SUMÁRIO

Futuro no português brasileiro e europeu: gramaticalização e subjetividade <i>Jussara Abraçado</i>	18
Operações de conceptualização no léxico e os aspectos de mudança e herança nas construções X-eir-: da origem latina ao português arcaico <i>Natal Almeida Simões Neto</i>	20
As construções subjetivas avaliativas ao longo dos séculos <i>Nilza Barrozo Dias</i>	23
Movimentos de referenciação, em histórias da mitologia africana, em português brasileiro <i>Cleuza Pelá</i>	24
Polissemia e produtividade: análise comparativa do item lexical “olho” em português e espanhol <i>Elizabeth Aparecida Marques; Monica Alvarez Gomes</i>	28
Percepção de causalidade e interpretação temporal: estudo piloto na interface cognição/linguagem <i>Manasses Pereira Nóbrega</i>	30
Mescla, reenquadre e categorização no enunciado irônico <i>Monica Alvarez Gomes</i>	33
Convergências processuais entre as linguagens musical e verbal: novas portas se abrem para o estudo interdisciplinar <i>Pedro de Alcântara Senra de Oliveira Neto; Angelo Augusto Assunção Damasceno Orio</i> .	36
A construção de significados na leitura de cartuns em inglês como língua estrangeira: investigando possíveis relações entre proficiência, capacidade de memória de trabalho e processamento simultâneo de informações verbais e pictoriais <i>Sidnei Werner Woelfer; Lêda Maria Braga Tomitch</i>	40
Campanhas publicitárias governamentais: a mensagem expressa por meio de projeções <i>Aline Pereira de Sousa</i>	45

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Imagens entrelaçadas: estereótipo, <i>ethos</i> e metáfora no discurso jornalístico	
<i>Luciana Soares da Silva</i>	47
Construção discursivo-interativa de experiências sociais em entrevistas: questões sociocognitivas e metodológicas	
<i>Rafahel Jean Parintins Lima</i>	50
Abordagem sociocognitivista de atividades de compreensão textual: um olhar sobre o estudo textualizado do léxico	
<i>Rochelle Kílvia Nascimento Mendes</i>	53
A materialização das memórias de alfabetização em discursos de futuros professores alfabetizadores: uma abordagem cognitiva da gramaticalização	
<i>Tomás Reis Barreto Penha; Elisabeth Márcia Ribeiro Machado da Silva</i>	57
A consciência linguística no aprendizado de segunda língua	
<i>Agameton Ramsés Justino</i>	60
Timor-leste: a meia ilha que é um todo	
<i>Edson Luiz de Oliveira</i>	63
Considerações sobre o Gênero da Expressão Convencional "cabra"	
<i>Fernanda Cavalcanti</i>	66
Uso de expressões referenciais e desenvolvimento da memória de trabalho: Um estudo em crianças entre 5 e 7 anos	
<i>María Luisa Silva</i>	69
O bilinguismo entre crianças brasileiras no Japão	
<i>Patrícia Elisa Kuniko Kondo Komatsu</i>	72
Compreensão de anáforas por disléxicos: um estudo cognitivo experimental	
<i>Danielly Lopes de Lima</i>	74
Investigação Sobre a Memória de Trabalho e Cognição Usando Ressonância Magnética Funcional	
<i>Felipe Macedo Kopel</i>	78
Aplicação do Modelo <i>X-Schemas</i> na compreensão de metáforas espaciais	
<i>Francisco das Chagas de Sousa</i>	79

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Gramática e Imagética Convencional na Doença de Alzheimer

Jan Edson Rodrigues Leite 81

Compreensão metafórica em indivíduos surdos

Thalita Maria Lucindo Aureliano..... 84

A língua de herança de latino-americanos expatriados: a preservação da identidade linguística e cultural

Anna Karolina Miranda Oliveira 87

Capacitismo no contexto escolar inclusivo

Ariane Coelho David Hirche..... 90

Games e narração – uma proposta de sequência didática

Bruno Magalhães Barbosa 93

Metáfora e argumentação em debates orais

Clara Regina Gonçalves da Silva 96

Consciência metatextual se aprende: uma breve reflexão sobre o desenvolvimento da habilidade de argumentar em produções escritas no ensino fundamental 2

Helio Ponciano da Silva 99

Speech Graph Analysis of REM and non-REM Dream Reports

Joshua M. Martin 102

Análise da ferramenta “Google tradutor”: a relação entre os estudos linguísticos, neurocientíficos e em inteligência artificial

Kelly Cristhel do Nascimento Pimentel 106

Linguística funcional e cognição: análise dos processos de referenciação na produção textual no Ensino Médio

Mariana Sena da Mata Queiroz 108

Então como operador argumentativo em debates orais: um estudo funciona

Mateus Rodrigues de Moura 111

Análise dos aspectos metafóricos e da transitividade do verbo “vira” na fala barragense: entre o domínio linguístico e cognitivo

Pedro Gomes da Silva Neto 113

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Os usos do ‘mas’ em textos argumentativos cultos escritos e orais

Tatiane dos S. R. Arantes; Cristina Lopomo Defendi 116

Mediação semiótica e internalização da função heroica: estudo sobre a significação do filme Thor (2011) de Kenneth Branagh

Valter Andre Jonathan Osvaldo Abbeg; Ana Cecilia Nicareta Santos 119

Marcas Gramaticais de Argumentação na Mídia Jornalística Sergipana: o uso do *entretanto* e suas multifaces

Elaine Cristina Silva Santos 122

As analogias no debate parlamentar: o caso da oposição ao PL 122/06

Filipe Mantovani Ferreira 124

Análise da construção da “empatia” por meio das narrativas: cognição, meio ambiente e sociedade

Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque 127

A construção do mito e o peso da associação metonímica: o caso de Lola/Marlene Dietrich

Lucilene Lisboa Rehberg 130

Análise linguística e cognitiva de inícios e finais de textos argumentativos

Renata Barbosa Vicente; Cristina Lopomo Defendi 132

Sinalizadores de polidez e seu uso em sentenças imperativas no Mandarim e no Português

Andréia Hiromi Mano 135

A língua portuguesa como uma poderosa arma para a preservação de um grupo minoritário em Olivença

Elisangela Baptista de Godoy Sartin 139

Superdotação ou talento? Terminologias utilizadas para referir-se a indivíduos com inteligência acima da média

Fernanda Cardoso Fraga Fonseca 142

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Marcadores da organização do padrão discursivo narrativo: uma abordagem funcional centrada no uso

Leonor de Araújo Bezerra Oliveira 145

Algumas Considerações sobre a Ambiguidade

Luiz Carlos Cagliari 146

A construção medial no português falado

Nádia Maria Silveira Costa de Melo 149

A categoria semântica Controle

Paulo Jeferson Pilar Araújo 152

A metáfora da interface: Neurociência e Pragmática em diálogo

Kári Lúcia Forneck 154

“Um belo dia” em uma perspectiva da neurociência cognitiva

Michele Denise da Silva 159

A construção de sentido pela pessoa com deficiência visual e sua percepção cognitiva em eventos audiodescritos

Saulo Cesar Paulino e Silva 162

Análise do processamento de linguagem em indivíduo com malformação no hemisfério cerebral esquerdo: estudo de caso

Thaís Fernanda Amorim Cassiano 164

Objetos digitais de aprendizagem em nível metacognitivo: uma metodologia ativa de ensino da leitura

Kári Lúcia Forneck 167

O espaço conjunto de atenção e as estratégias pragmáticas empregadas para sua manutenção na linguagem infantil numa perspectiva cognitivo-funcional

Karina Viana Ciochi-Sassi 172

Histórias (re)partidas: a aquisição de língua herança no contexto do refúgio

Mariana Kuhlmann 175

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Hipótese Sapir-Whorf e semântica cognitiva: a língua que o linguista descreve e o problema da categorização nas línguas	
<i>Adan Phelipe Cunha</i>	178
A compreensão leitora em textos multimodais impressos e digitais: uma proposta metodológica	
<i>Liliane Carvalho Félix Cavalcante</i>	181
Reflexões acerca da pesquisa empírica experimental em sujeitos portadores de Alzheimer	
<i>Mábia Nunes Toscano</i>	184
Aportes teórico-metodológicos para uma Sociolinguística Cognitiva	
<i>Maria Rilda Alves da Silva Martins; Daniel Marra da Silva</i>	187
A anáfora em textos argumentativos: um estudo de caso com acadêmicos ingressantes	
<i>Maria Sheyla Gama Sousa; Poliana Felix de Souza</i>	190
O processamento de estruturas coordenadas em PB	
<i>Michele Monteiro de Souza; Maria Cristina Name</i>	192
<i>Dando uma olhada</i> em complexos verbo-nominais: uso e percepção sob uma abordagem construcional	
<i>Pâmela Fagundes Travassos</i>	195
A construção do sentido de transformação em “A moça tecelã”, de Marina Colassanti	
<i>Túlio de Santana Batista</i>	197
Multifuncionalidade e intersubjetividade em construções com o marcador discursivo “então”	
<i>Ana Paula Gonçalves Durço</i>	199
A Hipótese da Convergência Ablativo-Genitivo: Motivação Cognitiva e Implicações para a Rede Semântica do Genitivo em Português	
<i>Jorge Luiz Ferreira Lisboa Júnior</i>	202
O desenvolvimento de construções avaliativas com “super”, “hiper” e “mega”: uma abordagem linguística centrada no uso	
<i>Lauriê Ferreira Martins</i>	205

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Desenvolvimento do complexo oracional subjetivo para a instanciação do posicionamento do falante em uma abordagem construcional da mudança <i>Marcela Zambolim de Moura</i>	208
Transitivização de <i>sumir</i> e <i>desaparecer</i> no português brasileiro: um caso de construcionalização lexical <i>Monclar Guimarães Lopes</i>	211
Fonologia cognitiva e uso linguístico: os róticos de africanos francófonos e anglófonos <i>Davidson Martins Viana Alves</i>	214
A construção de movimento-causado no português brasileiro <i>Fernanda da Silva Ribeiro</i>	217
A relação de semelhança no PB à luz da GCBU <i>Heloise V. G. Thompson</i>	219
“pense numa cachorraida doida”: Construções Morfológicas e Quantificação na LP <i>Igor de Oliveira Costa</i>	221
Esquema de formação de palavras neoclássicas: uma proposta de análise para os compostos neoclássicos <i>Neide Higino da Silva</i>	224
A conceptualização das expressões de futuro mais recorrentes no Português Brasileiro (PB) <i>Robson Borges Rua</i>	226
A Morfologia Construcional aplicada à Flexão do Português Brasileiro <i>Wallace Bezerra de Carvalho; Carlos Alexandre Victorio Gonçalves</i>	229
A alternância entre pronomes possessivos de 3ª pessoa: uma abordagem experimental <i>Dailane Moreira Guedes</i>	232
<i>We, you</i> ou <i>they</i>: processos cognitivos na escolha de pronomes pessoais <i>Helen de Andrade Abreu</i>	236
Dêiticos de Lugar e Esquemas Imagéticos em Amostras de Fala do Português Brasileiro <i>Rachel Maria Campos Menezes de Moraes</i>	239

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Conceptualização da contrariedade em interação face a face: usos do <i>mas</i>(cláusula) como construtor de espaços epistêmicos e conversacionais	
<i>Sandra Pereira Bernardo; Naira de Almeida Velozo</i>	241
Por uma abordagem experimental das formas de tratamento no Português Brasileiro: em cena, os clíticos de 2ª pessoa	
<i>Thiago Laurentino de Oliveira</i>	244
O aspecto verbal e sua representação na gramática mental	
<i>Gláucia do Carmo Xavier</i>	246
Análise do processamento de sintagmas preposicionados ambíguos em português brasileiro	
<i>Juliana Benevides de Almeida</i>	249
Idiomaticidade, frequência e contexto discursivo no processamento de expressões idiomáticas do PB	
<i>Mercedes Marcilese; Sara Barreto; Ágata Avelar</i>	252
Teletandem: estratégias sociocognitivas relacionadas aos mal-entendidos e suas implicações para o processamento de texto multimodal em PLA/PLE	
<i>Nívia Maria Assunção Costa</i>	255
Metáforas Multimodais em Anúncios Publicitários Impressos	
<i>Adriano Dias de Andrade</i>	259
Cognição e ensino de Línguas: aplicando os estudos linguísticos e cognitivos para o trabalho com a escrita	
<i>Ana Lúcia Farias da Silva</i>	262
O gerenciamento metalinguístico como componente do letramento linguístico acadêmico	
<i>Fabiana Esteves Neves</i>	264
<i>Rikud Vira-Lata</i>: um título da metáfora do corpo em um trabalho de dança	
<i>Fernando Davidovitsch</i>	267
A relevância do estudo da Anáfora para a produção textual	
<i>Michele Cristine Silva de Sousa</i>	268

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Conceptualizações metafóricas sobre a expressão “Golpe” em discursos de Dilma Rousseff: uma análise sociocognitiva-discursiva de sua dimensão argumentativa <i>Nathália Luiz de Freitas</i>	270
Conscientização articulatória na assimilação das vogais médias do português brasileiro para hispano-falantes <i>Fabricio Marvilla Fraga de Mesquita</i>	273
Aprendizagem de Português como Língua Adicional e o uso da metáfora <i>Luciane Corrêa Ferreira; Catarina Flister</i>	276
Operações linguístico-cognitivas e o processo de aquisição da enunciação escrita <i>Suelen Érica Costa da Silva</i>	278
Zonas arritmo-semânticas: abordagem estatística da repetição lexical <i>Dany Thomaz Gonçalves; Ana Cristina Jorge; Lívia Carolina Baenas Barizon; Mônica Soares; Naharan Purcino; Pâmela Teixeira Ribeiro; Waldemar Ferreira Neto</i>	281
Um estudo da metáfora conceptual RAZÃO É VOZ: três dimensões, cinco passos e instanciações construcionais <i>Flávia Saboya da Luz Rosa</i>	285
Espaço, tempo e finalidade: uma análise com base na semântica de <i>frames</i> e na teoria de esquemas imagéticos <i>Melina Souza</i>	287
Análise em inícios de textos argumentativos: um estudo cognitivo <i>Renata Barbosa Vicente</i>	290
Perspectivas metodológicas no estudo da metáfora <i>Solange Vereza</i>	292
Contrafactualidade em postagens humorísticas do twitter: uma análise preliminar <i>Thayssa Taranto Ramírez</i>	295
Breve análise das expressões do futebol sob a ótica das mudanças semânticas <i>Ana Carolina Mrad de Moura Valente</i>	298
Construções de Foco do Galego: Construcionalização e Mudança Construcional <i>André Felipe Cunha Vieira</i>	301

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Construção relacional com *ficar, tornar-se* e *virar*

Bruna Gois Pavão Ferreira..... 305

O papel funcional-cognitivo em construções correlativas aditivas: uma perspectiva funcionalista

Marcello Ribeiro 307

Quantidade como ponte para a intersubjetividade

Maria Célia Lima-Hernandes; Jussara Abraçado; Nilza Barrozo Dias..... 310

“Eu super hiper amei o look romântico assim!”: o ambiente discursivo da construção prefixal de modificação de grau

Anna Carolina Ferreira Carrara 312

A semiprodutividade da construção de complementação sentencial: como falantes evitam supergeneralização?

Dayanne de Oliveira Silva; Diogo Oliveira R. Pinheiro..... 319

Leitura e cognição: A leitura integrativa e o ensino de leitura em espanhol no ensino fundamental

Diego da Silva Vargas 322

Intersubjetividade e polissemia construcional: o caso da construção “Bem que X” do português brasileiro

Joabe da Silva de Souza; Diogo Pinheiro 325

Integração conceptual em nomes populares dados aos órgãos sexuais e a sua relação com o tabu

Patrícia Oliveira de Freitas 327

Cognição social e sua relação com a variação linguística: uma revisão integrativa

Taís Bopp da Silva..... 329

Os dêiticos locativos *lá* e *ali* e as coordenadas espaciais em português brasileiro

Alexandre Batista da Silva..... 332

A conclusão em textos dissertativos-argumentativos: método de análise

Cristina Lopomo Defendi..... 334

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Marcas de preconceitos e estigmas em provérbios em tema ‘ciganos’: uma análise funcionalista e cognitiva	
<i>Lídia Spaziani</i>	337
O status informacional do referente nos planos discursivos na organização do conhecimento em bases de dados científicos brasileiras	
<i>Ludmila dos S. Guimarães</i>	340
Dêixis e <i>Construal</i>: estratégias intersubjetivas no uso de “nós”	
<i>Viviane da Fonseca Moura Fontes</i>	346
O efeito da variável “tipo de interação” sobre a percepção dos pronomes <i>tu</i> e <i>ocê</i>: uma análise experimental com cenas dubladas	
<i>Célia Regina dos Santos Lopes; Bruna Brasil Albuquerque de Carvalho</i>	348
Pressupostos conexionistas sobre retenção mnemônica de conceitos abstratos em pessoas cegas	
<i>Marisa Helena Degasperi</i>	351
Identificação automática de construções de estrutura argumental: um experimento a partir da modelagem linguístico-computacional	
<i>Vânia Gomes de Almeida</i>	354
Cláusulas relativas <i>desgarradas</i> e não <i>desgarradas</i>	
<i>Violeta Virginia Rodrigues; Aline Ponciano Silvestre</i>	355
A retomada e (re)construção de referentes, anaforicamente, em comentários publicados no Facebook, como índices que determinam a formação da opinião	
<i>Cristina Normandia dos Santos; Maria Teresa Tedesco V. Abreu</i>	358
O papel das metáforas na organização cognitiva dos gêneros	
<i>Dalby Dienstbach</i>	360
Perspectivação e emoção nas campanhas contra o <i>Aedes Aegypti</i> no Brasil	
<i>Paulo Roberto Gonçalves-Segundo</i>	363
Reflexões teóricas e metodológicas em relação a uma análise do discurso cultural-contrastiva: o papel da semântica cognitiva	
<i>Romana Castro Zambrano</i>	365

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Futuro no português brasileiro e europeu: gramaticalização e subjetividade

Jussara Abraçado (Universidade Federal Fluminense)

Como se sabe, o futuro possui um valor temporal que não permite expressar uma modalidade factual, pois só aceita asserções segundo a avaliação que o falante faz da possibilidade ou não da ocorrência de um estado de coisas. Tal particularidade permite afirmar que há sempre um valor modal ligado ao valor temporal e, por conseguinte, inerentemente a tudo isso está o fenômeno da subjetificação. Para Langacker (1990), subjetividade e subjetificação não se referem a expressões linguísticas, propriamente ditas, mas à maneira como um elemento de uma conceituação é perspectivamente construído. Nesse viés, Langacker usa o termo *subjetificação* para se referir a um aumento na subjetividade, ou seja, um aumento na perspectivação conceptual de alguma noção, o que corresponde a um realinhamento de uma dada relação do eixo objetivo para o eixo subjetivo (LANGACKER 1990). Nesses termos, a subjetificação ocorre atrelada a um processo de desbotamento semântico (*semantic bleaching*) ou de atenuação da concepção objetiva, o que se dá em virtude de o componente subjetivo (a perspectiva do conceptualizador) ser imanente à concepção objetiva, por fazer parte do próprio processo de conceptualização. Langacker ainda discorre sobre a relação entre subjetificação e gramaticalização, demonstrando-a através de relatos de diversos casos como, por exemplo, a evolução, no inglês, do sentido de futuro do verbo *to go*. A subjetificação, segundo o autor, é um fenômeno gradual e multifacetado que se relaciona aos seguintes parâmetros de mudança: (a) mudança de estatuto (atual > potencial; específico > genérico); (b) mudança de foco de atenção (perfilado > não perfilado); (c) mudança de domínio (interação física > interação experiencial ou social); (d) mudança de fonte de atividade (entidade “em cena” > entidade “fora de cena”). Este trabalho, teoricamente embasado na interface entre a Linguística Cognitiva e a Sociolinguística ou, como propõem alguns estudiosos, na Sociolinguística Cognitiva, constitui uma etapa de projeto de pesquisa em desenvolvimento cuja proposta principal é a de estudar a concepção de futuro nas variedades do português brasileiro, europeu, angolano, caboverdiano, moçambicano, guineense e santomense. Nesta etapa, são focalizadas apenas as variedades brasileira e europeia do português e são apresentados os resultados de análise preliminar de dados extraídos de *corpora* constituídos por manchetes e lides de notícias publicadas nos jornais

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

online brasileiro (Extra) e português (Diário de Notícias), no período de fevereiro a setembro de 2015. Considerando-se as diversas possibilidades de expressão de futuro nas duas variedades, foram selecionadas as três formas mais frequentes: (i) verbo no presente + marca de tempo futuro expressa por sintagma adverbial de tempo (Viajo amanhã); (ii) verbo ir no presente + verbo no infinitivo (Vou viajar amanhã); (iii) Verbo com marca morfológica de futuro (Viajarei amanhã). Sem descartar a existência de contextos em que a variação entre uma forma e outra seja possível, tomado como base os pressupostos teóricos adotados, o que se pretende demonstrar é que tais formas de expressão de futuro no PB e PE apresentam especificidades referentes ao contexto discursivo, ao ponto de vista do conceptualizador e à maneira como este constrói a (ir)realidade.

Palavras-chave: futuro; português brasileiro; português europeu.

Referências bibliográficas:

COSERIU, E. “Sobre el futuro romance”. *Revista brasileira de filologia* 3, 1957, p. 1-19.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar. A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

_____. Subjectification. *Cognitive Linguistics* 1(1), 1990, p.5-38.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1912, p. 130-148.

Operações de conceptualização no léxico e os aspectos de mudança e herança nas construções X-eir-: da origem latina ao português arcaico

Natal Almeida Simões Neto (UFBA)

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado “Um enfoque construcional sobre as formações X-eir-: da origem latina ao português arcaico”, defendida por Simões Neto (2016), na Universidade Federal da Bahia. A referida pesquisa se encaixa no que Mattos e Silva (2008) chamou de Linguística História *stricto sensu*, disciplina que tem a mudança linguística como o seu principal objeto de interesse. O primeiro objeto que se pretende observar aqui é a polissemia de uma construção morfológica, partindo-se da sua forma etimológica latina, X-ariu, e chegando ao português arcaico (séculos XIII-XVI), com a forma X-eir- e sendo destacado se os significados atestados no português arcaico já existiam no latim. Quanto aos corpora, para o latim, serviu de fonte o Dicionário Escolar Latino-Português, de Ernesto Faria (1994). Para as formas do português arcaico, fez-se coleta nos textos disponíveis na plataforma digital Corpus Informatizado do Português Medieval. Em relação ao aporte teórico, o trabalho segue os pressupostos da Linguística Cognitiva e da Morfologia Construcional, vistos aqui em trabalhos de Botelho (2009), Booij (2010), Basílio (2010, 2011), Soledade (2013) e Gonçalves & Almeida (2014). Uma vez que os aspectos sociais, culturais e experienciais têm sido bastante explorados nas análises empreendidas dentro do enquadre teórico da Linguística Cognitiva, como podemos ver em Lakoff & Johnson (1980), Lakoff (1987), Fauconnier & Turner (2003), Croft & Cruse (2004), Geeraerts & Cuyckens (2007), Soares da Silva (2015), Santos (2009) e Soledade (2013; 2016a, 2016b), este trabalho procura também discutir as possíveis relações entre fenômenos socioculturais, mecanismos da compreensão humana, formação de palavras e organização e estruturação do léxico, baseando-se em trabalhos anteriores, como os de Botelho (2009), Carmo (2009), Castro da Silva (2012) e Lopes (2016). Por meio desses trabalhos, podemos ver como mecanismos de ajuste focal, metaforização, metonimização e compressão lexical, junto aos aspectos mais corriqueiros da experiência humana, têm sido pertinentes para a compreensão das estruturas lexicais. Assim, os mecanismos de ajuste focal e metonimização ajudam a explicar o porquê de construções como *aquarius* e *utricularius* poderem designar um mesmo agente (aquele que entrega água), sendo que o primeiro aponta para o conteúdo transportado (aqua: água) e o segundo aponta para o recipiente (utriculus: garrafa de couro). Fato similar se observa na

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

construção como *çaquiteyro*, que, no português arcaico (PA), designava o "responsável por entregar o pão na Casa Real", focalizar no continente (saquito), e não no conteúdo (pão), para o qual o significado da palavra complexa parece apontar mais contundentemente. Nesse último caso, além de remetermos à experiência mais cotidiana de "guardar o pão no saco", utilizamos de um processo metonímico em que tomamos o continente pelo conteúdo. Ainda que pareçam casos bastante particulares, esses mecanismos se mostraram bastante regulares tanto nas construções latinas quanto nas do português arcaico.

Palavras-chave: Polissemia; Conceptualização; Linguística Histórica.

Referências bibliográficas:

- BASÍLIO, Margarida. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. In: *Linguística*, v.05, n.02, pp.01-14, dez. 2010.
- BASÍLIO, Margarida. O papel da metonímia na morfologia lexical. In: *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 9, pp. 99-117, 2011.
- BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOTELHO, Laura Silva. Uma abordagem sociocognitiva das construções agentivas em X-eiro. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. (Orgs). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, pp. 178-201.
- CARMO, Crysna Bonjardim da Silva. A configuração da rede de construções agentivas denominais *X-ista*. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins. (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p.202-228.
- CASTRO DA SILVA, Caio César. *A parassíntese em português: as relações entre cultura, léxico e frequência na linguística cognitiva*. 2012. 234 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Conceptual blending, form and meaning. *Recherches en communication*, n. 19, p. 57-86, 2003.
- GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- GOLDBERG, Adele Eva. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório; ALMEIDA, Maria Lucia. Morfologia Construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*. São Paulo, 58 (1), 2013. p. 165-193.

LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things*. Chicago, IL: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica: “ouvir o inaudível”*. São Paulo: Parábola, 2008.

SANTOS LOPES, Mailson. Um olhar semanticocêntrico sobre a prefixação em um documento português do século XIV. In: DOMINGUES ALMEIDA, Aurelina Ariadne; SANTANA DOS SANTOS, Elisângela. *Livro do I CISCOG – Congresso Ibero-americano de Semântica Cognitiva*. 2016. [no prelo].

SIMÕES NETO, Natival Almeida. Um enfoque construcional sobre as formações X-EIR-: da origem latina ao português arcaico . 2016. 2 v. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SOARES DA SILVA, Augusto. Léxico, cognição e contexto: saliência, conceptualização situada e evidência quantitativa. In: DOMINGUES ALMEIDA, Aurelina Ariadne; SANTANA DOS SANTOS, Elisângela; SOLEDADE, Juliana. *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 185-216.

SOLEDADE, Juliana. De pecadores a sabedores: agentes de -dor no Livro das Aves. In: DOMINGUES ALMEIDA, Aurelina Ariadne; SANTOS LOPES, Mailson. *Livro em homenagem aos 50 anos da edição do Livro das Aves*. 2016b. [no prelo].

SOLEDADE, Juliana. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [[X – EIR]_N] no português arcaico. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários* do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, número especial, 2013. p. 83-111.

SOLEDADE, Juliana. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: DOMINGUES ALMEIDA, Aurelina Ariadne; SANTANA DOS SANTOS, Elisângela. *Livro do I CISCOG – Congresso Ibero-americano de Semântica Cognitiva*. 2016a. [no prelo].

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

As construções subjetivas avaliativas ao longo dos séculos

Nilza Barrozo Dias (Universidade Federal Fluminense)

Neste trabalho abordarei a construção subjetiva avaliativa que se realiza preferencialmente como *é+ adjetivo+ oração completiva subjetiva*, em corpora de língua portuguesa dos séculos XIII ao XXI. O rótulo subjetiva faz referência, concomitantemente, ao domínio conceptual da subjetividade e à função sintática de sujeito oracional que é parte integrante da construção subjetiva em estudo. As estruturas selecionados foram *ser bom, ser justo, ser difícil, ser fácil*, mais usadas pelos falantes do que as formas correspondentes negativas. O verbo *ser* ocorre, na oração matriz, geralmente numa forma unipessoal de 3ª pessoa do singular, o adjetivo explicita a atitude do falante/escrivente em relação ao conteúdo proposicional da completiva subjetiva. Esta tende a ocorrer na forma infinitiva, reforçando a interpretação associada à construção subjetiva avaliativa: elas são unipessoais, atemporais e um bom recurso para o falante escamotear a própria voz. Do ponto de vista discursivo, tais construções subjetivas avaliativas poderão auxiliar na construção, manutenção e finalização de tópico discursivo, podem ocorrer em sequência parentética e podem ser empregadas para intensificar a argumentação discursiva. Do ponto de vista semântico, elas veicularão um valor semântico de teor impessoal e genérico em relação ao entorno discursivo, geralmente marcado por experiências pessoais e por evidências (in)diretas. A construção em foco é pouco produtiva na língua e, por vezes, constitui-se de difícil compreensão para o aluno. Pretende-se mostrar, com base nos 274 ocorrências retiradas de amostras do Corpus do Português, <http://www.corpusdoportugues.org/>; do projeto PHPB, www.sitesgoogle.com/site.corporaphpb.google; e parte dos discursos produzidos na ALERJ, www.alerj.rj.gov.br, que o jogo semântico-discursivo impessoal/genérico destaca a expressividade do falante, embora de modo camuflado, numa construção com sujeito oracional. A abordagem teórica será Funcionalista, com contribuições da Semântica Cognitiva e a análise será de base qualitativa e quantitativa. O eixo temático é Descrição e Ensino de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: matriz; subjetiva; avaliatividade; não-finitude; camuflagem.

Movimentos de referenciação, em histórias da mitologia africana, em português brasileiro

Cleuza Pelá (UFFS – CL)

Esta comunicação, que tem como tema “processos de referenciação em mundos possíveis (narrados e comentados) justapostos em textos da esfera artístico-literária”, objetiva apresentar os resultados parciais de pesquisa desenvolvida para verificar recursos linguístico-textuais, semânticos e gramaticais que podem marcar a alternância entre mundos possíveis, em histórias da mitologia africana, publicadas no Brasil, bem como os que introduzem e mantêm referentes-âncora de personagens e/ou cenários em mundos narrados.

Isso posto, perguntamo-nos: - O que motiva sujeitos, em diferentes campos de atuação, a elaborar um determinado texto (seja oral, seja escrito, seja hipermediativo)?

É possível que a necessidade de compartilhar experiências, valores, crenças e bens culturais, mais impressões e opinião seja uma resposta que permita olhar para diferentes espécies de textos, a fim de inferir os propósitos comunicativos que os fazem surgir.

E como essas motivações podem ser plasmadas na tessitura textual?

Conforme Neves (2000), Castilho (2010), considerando as ideias de Weinrich (1974), essas motivações podem ser plasmadas de diversos modos, em função de diferentes teorias e suas abordagens, mas aquelas sob a luz das teorias de uso da língua(gem) podem ser examinadas em planos de discurso, marcados por comentários e/ou por narrações, em que há movimentos tanto morfossintáticos, lexicais quanto semânticos responsáveis, por exemplo, pela nomeação de personagens, ações e cenários que compõem os mundos dados.

Esses movimentos levam ao gerenciamento de objetos do discurso a serem tanto inseridos, mencionados/retomados quanto desatualizados, ao longo de textos, nos diferentes mundos, compondo assim processos de referenciação que propiciam a (re)construção dos sentidos dos textos.

De acordo com Cavalcante (2012:98), “o processo de referenciação diz respeito à atividade de construção de referentes (ou objetos de discurso) apreendidos por meio de expressões linguísticas específicas para tal fim, chamadas de expressões referenciais”. Em outras palavras, esse processo categoriza, recategoriza e/ou de-categoriza referentes (objetos de discurso) – permitindo a reconstrução dos sentidos de um texto, de seu cenário, de suas personagens, temas e subtemas, a partir de um arranjo linguístico-textual, que

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

possibilita um movimento que induz o interlocutor a reconstruir os sentidos do texto tanto para frente quanto para trás, durante o processamento das informações textual.

Para trabalho com a mitologia africana, interessa-nos esse processo de referenciação dado em mundos possíveis (narrados e comentados), em função do ponto de vista que cada um desses mundo cria em relação ao encadeamento de ideias e à continuidade do fluxo informacional.

Como o pressuposto do processo da referenciação, segundo Cavalcante (2012:105) é o de que “os eventos ocorridos, as experiências vividas no mundo (...) são sempre reelaboradas a fim de que façam sentido”, tem-se que essa reelaboração em situações de interação sociocomunicativa só é possível por meio de processos negociados, colaborativos e dados em função de um propósito comunicativo.

Nesse sentido, é necessário esclarecer que a abordagem que perfará a organização desta apresentação sobre processos de referenciação em mitos africanos é de cunho cognitivo sociointeracional, vinculada à Linguística Textual (Cavalcante, 2011, 2012, 2003a/b; Marcuschi, 2008; Koch, 2004, 2005; Mondada & Dubois, 2003 entre outros) e, portanto, atrelada ao fato de os objetos do discurso só se (re)construírem no discurso; e, conforme a Gramática dos Usos do Português (Castilho, 2010; Jubran, 2006; Neves, 2000), a partir dos usos da língua em determinados contextos de interlocução/situação comunicativa. Essa abordagem, de caráter qualitativa, pautou-se em uma revisão de literatura técnica na área, na descrição e na interpretação dos dados examinados por meio de análise textual crítica, conforme Adam (2008).

Em relação ao *corpus* de estudo, foram pré-selecionados textos relacionados à esfera artístico-literária e, especificamente, à mitologia africana, escritos em português, na variante brasileira. Destarte, optamos por textos da obra “As melhores Histórias da Mitologia Africana”, de A. S. Franchini; Carmen Seganfredo pelos seguintes motivos: a) destaca temática vinculada à cultura afro-brasileira, conforme previsto na Lei 10.639, de 2003, Art. 26, segundo parágrafo: *Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras* (p.1); b) é uma obra já na sua segunda edição, pois tem sido utilizada como referência para trabalhos em muitas escolas pública e particulares dada a qualidade dos textos; c) foram elaborados textos em português, na variante brasileira, mantendo a originalidade das histórias advindas da cultura africana, conforme prefácio assinado pelos autores e, por fim, d) é um livro que abarca histórias fascinantes da mitologia africana com originalidade e encanto.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Delimitada a obra, essa foi lida com a finalidade de escolher dois mitos. E, para tanto, estabelecemos como critério de escolha, aqueles textos nos quais era possível identificar mundos narrados – em que narrador(es) e/ou personagens relatam/contam histórias (sequência de ações indicando causa e consequência a partir de uma complicação) – e mundos comentados, em que narrador(es) comenta(m) – de modo esclarecedor, sarcástico, ou bem-humorada – as ações e os estados ao longo da trama, conforme Weinrich (1974).

A opção por estudar somente dois textos deu-se em função da extensão de tempo do trabalho e também por que havia a intenção de contrastar as marcas linguístico-textuais de ambos, para confirmar o objetivo previsto para a pesquisa. Assim, escolhidos os dois mitos, passamos a examinar/descrever (a composição d)as marcas linguístico-textuais (lexicais e gramaticais) que justapõem mundos possíveis (narrados e comentados) em narrativas míticas; as que introduzem referentes-âncora de personagens, ações e cenários em mundos narrados; e as que mantêm anáforas relacionadas aos referentes-âncora. Por fim, analisamos a função dessas marcas nas narrativas selecionadas e verificamos os efeitos de sentido desse uso na organização textual, nos movimentos prospectivos e retrospectivos que compõem o processo de referenciação no gênero em questão.

Ao realizar a pesquisa, foi possível destacar os movimentos prospectivos e retrospectivos que ocorrem em processos de referenciação, em mundos narrados e mundos comentados, observados em textos de temática mítica. E, partir dessa constatação, pensamos que há ferramentas linguístico-textuais que permitem a organização de modo diferenciado de atividades para práticas de produção de textos (mas também de leitura) a serem explicitadas para o ensino de língua(gem).

Palavras-chave: processos de referenciação; mitologia africana; ensino.

Referências bibliográficas:

ADAM, J-M. A linguística textual – Introdução à análise textual dos discursos. Trad. M.G.S. Rodrigues et al. São Paulo: Cortez editora, 2008.

CASTILHO, A. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTE, M. M. Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Ceará: UFC 2011.

_____. Os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Referenciação: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2003a.

II LINCOCG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

CAVACANTE, M. M.; RODRIGUES, B.B.; CIULLA, A. (orgs.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003b. (Coleção Clássicos da Linguística.)

FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmen. As melhores histórias da mitologia africana. 3.ed. Porto Alegre RS Artes e Ofícios, 2011.

JUBRAN, C. C. A. P. Parentetização. *In*. JUBRAN, C.C.C. A.P; KOCK, I. G.V. Gramática do Português Falado, vol. 1. São Paulo: Unicamp, 2006, p. 301-357.

KOCH, I. G. V. Introdução à linguística textual – Trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2005.

LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: abril, 2016.

MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Cortez, 2008.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. *In*: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

NEVES, M. H. M. Gramática de usos do português. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

WEINRICH, H. Estructura y función de los tiempos en el lenguaje. Madrid: Gredos, 1974.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Polissemia e produtividade: análise comparativa do item lexical “olho” em português e espanhol

Elizabeth Aparecida Marques (UFMS)

Monica Alvarez Gomes (UFMS)

A proposta que ora se apresenta é a de analisar as formações lexicais em que o item “olho” se encontra. A análise é baseada na Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987, 1991; SWEETSER, 1999), mais especificamente, na Hipótese de Corporificação da mente e nas noções de frame (FILLMORE, 1982) ou domínio (LANGACKER, 1987).

O quadro epistemológico que ora se apresenta contém um aporte teórico que descreve a linguagem como um sistema de conceptualização da realidade e tem como contraparte a observação dessa conceptualização em construções básicas da língua. Assim, a Linguística Cognitiva entende a capacidade linguística como capacidade não autônoma, mas como correlacionada a outras habilidades e à própria experiência corpórea.

O objetivo da pesquisa é descrever a polissemia e a produtividade da unidade lexical “olho”, em português brasileiro, e “ojo”, em espanhol peninsular, a partir de três abordagens: na primeira, identificam-se as metáforas e metonímias que permitem o processo de extensão do significado. Na segunda, verifica-se o domínio ou frame do item lexical em questão, e, finalmente, na última, a análise composicional das formações de que tal item faz parte (SWEETSER, 1999).

A presente proposta observa diversos e expressivos usos de formações lexicais erigidas a partir dessa parte do corpo (*olho*), em termos de sintagmas oracionais, como *estar de olho em algo ou alguém* e *tener entre ojos a alguien*, de expressões idiomáticas, como *olho gordo* e *mal de ojo*, bem como ainda em termos de palavras compostas, como *olho d’água* e *ojo de agua*, todas de uso corrente, confirmando a assunção de que um item está mais sensível a extensões de sentido à proporção que está mais ligado a experiências corporais básicas.

Tais formações lexicais se referem a, pelo menos, três aspectos básicos, quais sejam (1) a percepção de imagens e movimentos, como *olho nu* e *ojos de aguila*; (2) os objetos que se relacionam, por semelhança de forma, a olho físico, como *olho mágico* e *ojo de Dios*; (3) os objetos que se relacionam por semelhança de posição (miolo) ao olho físico, como *ojo de bife* e *olho do furacão*; e (4) os dados comportamentais relevantes, como *olho gordo* e *olho aberto*. Nos dados estudados, vê-se que as extensões polissêmicas que operam a

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

conceptualização se dão por processos metonímicos ou por processos metafóricos. A maior parte dos dados apresenta extensão via metáfora. Alguns casos de metonímia, seguida de metáfora, como é o caso de *olho d'água* e de *ojo de água* se apresentam. Constata-se, assim, que os processos cognitivos de extensão de significado mantêm resquícios mais ou menos abstratos do item lexical básico.

Com a análise comparativa entre as duas línguas, espera-se comprovar os resultados de Ferreira (2010), segundo os quais (1) o elemento favorecedor para a multiplicidade de sentidos de uma palavra é a sua complexidade dominial e a presença de domínios básicos e (2) os falantes de português e de espanhol são capazes de construir formações lexicais com “olho” e “ojo”, respectivamente, que possam estar relacionadas aos esquemas imagéticos e MCIs que envolvem essas palavras.

Palavras-chave: Polissemia; Domínios; Composicionalidade.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Percepção de causalidade e interpretação temporal: estudo piloto na interface cognição/linguagem

Manasses Pereira Nóbrega (UERN/UFABC)

Neste trabalho, o objetivo é discutir como se dá a relação entre a percepção causal e a percepção temporal em organizações sintáticas não prototipicamente causais.

Teoricamente, articulam-se a noção de *percepção de causalidade* tal como objeto de estudo das Ciências Cognitivas em geral (CRAVO, CLAESSENS & BALDO, 2009; BUEHNER, 2014) e a categorização da causalidade na linguagem por modelo prototípico tal como empreendido na Linguística Cognitiva em particular (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987).

No âmbito das Ciências Cognitivas, *causalidade* diz respeito à relação estabelecida entre um evento causador e um evento consequente, na qual este causador parece induzir o efeito consequente, e a *percepção de causalidade* concerne à inferência subjetiva (ilusão) que estabelece tal relação entre os eventos (causa-efeito/consequência). Entre as questões discutidas nos estudos desenvolvidos nas Ciências Cognitivas tem sido verificada, em seus paradigmas experimentais, a validade dos critérios básicos para a percepção de causalidade filosoficamente especulados por Hume já no século XVIII (HUME, 1738/2009). Os critérios são: 1) contiguidade – se *A* causa *B*, então *A* e *B* são contíguos no tempo e no espaço; 2) sucessão – se *A* causa *B*, *A* antecede *B* no tempo; 3) necessidade – se *A* causa *B*, *B* ocorre invariavelmente quando *A* ocorrer. Na agenda de estudos da atualidade, essas especulações têm fomentado, por exemplo, debates acerca da modularidade (ou não) da percepção de causalidade (SCHLOTTMANN, 2000), ou sobre o caráter necessário e suficiente desses critérios para o processamento cognitivo da causalidade (CHENG & BUEHNER, 2012), ou, ainda, a respeito de como a percepção causal orienta a interpretação da ordem temporal dos eventos (BECHLIVANIDIS & LAGNADO, 2016; DESANTIS *ET AL.*, 2016).

No âmbito da Linguística Cognitiva, o processamento da causalidade, assim como qualquer simbolização linguística, não se dá numa relação objetiva entre os significados [no caso, o que se identifica como evento causador e evento consequente] e os elementos do mundo concreto [no caso, os “eventos em si”], mas a partir de uma relação experiencialista, na qual os eventos objetivos, exteriores ao sujeito que experiencia, são cognitivamente processados (LAKOFF, 1987). No que diz respeito à linguagem, essa relação experiencialista consiste de um processamento semântico, que ocorre por relações

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

contínuas, graduais, e não por traços discretos. Dito de outro modo, a mente humana opera por conceitos, que não são entidades discretas, mas elementos dispostos numa categoria radial, na qual é possível relacioná-los pela gradação. Nessa esteira, de acordo com Lakoff (1987), a cognição funciona por modelos de prototipicidade, isto é, através de relações que se orientam por um referencial (protótipo), do qual os elementos se aproximam ou se distanciam gradualmente. Sendo assim, a forma linguística constitui uma pista do que é cognitivamente processado na instância de uso real, concreto, historicamente situado, e o significado, um efeito do uso sobre a forma.

Neste trabalho, discute-se como as condições de percepção de causalidade propostas por Hume (1738/2009) podem ser categorizadas por relações graduais num modelo de prototipicidade no fenômeno linguístico. Os trabalhos em que se tem ponderado acerca de relações causais no português brasileiro tendem a focar organizações sintáticas com juntivos causais prototípicos, como *porque* (MOURA NEVES, 2014), ou *portanto*, *por isso* e *consequentemente* (FERRARI & ANDRADE, 2015). Nesses casos, não parece haver conflito entre as condições elencadas por Hume (1738/2009) e a produção linguística, porque qualquer alteração na ordem das orações articuladas pelos juntivos prototipicamente causais interfere diretamente nos critérios de sucessão e necessidade. O que sucede, porém, com orações coordenadas por *e*, nas quais não há prototipicamente a expressão de relação causal, mas a partir das quais o falante pode proceder a diferentes interpretações temporais guiadas pela percepção causal?

Metodologicamente, com o objetivo de verificar se a percepção de causalidade interfere na interpretação temporal, realiza-se um experimento no qual alunos do nível superior são aleatoriamente alocados em dois grupos. Cada grupo recebe sequências de orações coordenadas pelo juntivo *e* com a tarefa de parafrasear as orações utilizando um juntivo causal prototípico. A ordem das orações coordenadas por *e* é o que difere os grupos. Ao final, um teste de comparação de proporções é utilizado para verificar a diferença estatística dos dois grupos. Espera-se que os resultados desta investigação preliminar contribuam para o entendimento da relação entre a percepção causal e a interpretação temporal no processamento da linguagem a partir da polissemia do juntivo *e*.

Palavras-chave: percepção de causalidade; percepção temporal; modelo prototípico.

Referências bibliográficas:

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

BECHLIVANIDIS, C.; LAGNADO, D. Time reordered: Causal perception guides the interpretation of temporal order. *Cognition*, vol. 146, p. 58-66, 2016.

BUEHNER, M. J. The psychology of time and causality. *Euresis Journal*. Vol. 7, 2014.

CHENG, P. W.; BUEHNER, M. J. Causal Learning. In: HOLYOAK, K. J; MORRISON, R. G. (Eds). *The Oxford Handbook of Thinking and Reasoning*. Oxford: Oxford University Press, p. 210-233, 2012.

CRAVO, A. M.; CLAESSENS, P. M. E.; BALDO, M. C. V. Voluntary action and causality in temporal binding. *Experimental Brain Research*, vol. 199, p. 95-99, 2009.

DESANTIS, A.; WASZAK, F.; MOUTSOPOULOU, K; HAGGARD, P. How action structures time: About the perceived temporal order of action and predicted outcomes. *Cognition*. Vol, 146, p. 100-109, 2016.

FERRARI, L.; ANDRADE, H. de. Subjetividade e conectivos causais no português brasileiro. *Linguística*, Montevideu, vol. 31, n. 1, p. 111-125, 2015. Disponível em <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2015000100008&lng=es&nrm=iso>

HUME, D. *A treatise of human nature*. Oxford: Oxford University Press, 2009. [original de 1738]

LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things*. What Categories Reveal about the Mind. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol. 1. Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

MAAT, H. P; DEGAND, L. Scaling causal relations and connectives in terms of speaker involvement. *Cognitive Linguistics*. Vol. 12, n. 3, 2001, p. 211-245.

MOURA NEVES, M. H. Intersubjetividade e interlocução nas relações de causalidade. A funcionalidade dos juntivos causais na língua portuguesa. *Linguística*, Montevideu, v. 30, n. 2, p. 113-140, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2014000200006&lng=es&nrm=iso>.

SCHLOTTMANN, A. Is perception of causality modular? *Trends in Cognitive Sciences*, v. 4, 2000, p. 441-442.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Mescla, reenquadre e categorização no enunciado irônico

Monica Alvarez Gomes (UFMS)

O presente trabalho busca apontar o papel dos mecanismos cognitivos da mescla, do reenquadre e da recategorização na compreensão e no processamento do enunciado irônico, tais como delineados em pesquisas de ponta lideradas por Fauconnier (2002) e Coulson (2001), principalmente (embora não tenham tratado de ironia).

Essa pesquisa foi desenvolvida a partir de coleta e organização de dados retirados de textos opinativos de jornais como O Globo, Jornal do Brasil, Folha de São Paulo etc).

A partir dos dados, vê-se que ironia promove o que Coulson (2001) chama “saltos semânticos” (*semantic leaps*), definidos como a construção de significados não *standards*, não obtidos em dicionários e nem através de uma tentativa composicional. Esses “saltos” somente são possíveis por uma compreensão construtivista dos processos de significação, especificada pela requisição de enquadres ativados pela memória e integrados aos dados do contexto

Para tanto, leva-se em conta a projeção, que está, segundo Fauconnier (1997), no centro da capacidade cognitiva humana de produzir, transferir e processar o sentido, e implica desenvolver o pensamento sob um ângulo (aspectos do domínio alvo) e agir sobre ele. Essa operação inclui integração e mescla conceituais, analogia, referência e contrafactualidade, lexical e culturalmente entrincheiradas.

Na extensão, há a criação de uma estrutura nova no domínio alvo ou a reinterpretação da antiga estrutura no domínio alvo: por exemplo, para o esquema induzido apontado pelo exemplo “Adoro pessoas que usam a seta” (para um carro que cortou o falante sem usar a seta), há como extensão a compreensão irônica de que este motorista não é agradável como tal ao falante.

Na reanálise, observa-se a comparação de objetos diferentes, mas com consequências semelhantes entre eles, como ocorre em “Modelo econômico Macunaíma”, em que há a analogia entre objetos diferentes (modelo econômico viável e Macunaíma), mas com consequências válidas para ambos objetos (eles acabam sendo parecidos sob um determinado ponto de vista).

Assim é que, segundo as características de fluidez e de reanálise, a analogia pode ter outros direcionamentos a depender da seleção mais convencional e conveniente que o interlocutor prefira fazer, uma vez que não existe uma resposta “certa” (em oposição à “errada”) para o

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

problema da projeção. Pesam, portanto, novamente o conhecimento cultural previamente adquirido (organizado em *frames*) para obter a inferência de (in)compatibilidade.

Através dessas operações, *frames* armazenados na memória e inferências são evocados a partir de informações que, a princípio, não estão conectadas, implicando, portanto, o processamento de reanálise da representação contextual.

O processamento de uma piada que opera, por exemplo, mudança de enquadre, possibilita ao pesquisador o acompanhamento de uma dada leitura observada, permitindo-lhe reconhecer a capacidade do interlocutor de ir além do conhecimento básico, atingindo significados menos convencionais.

Isso se dá, por exemplo, com o processamento do enunciado irônico. Esse tipo de enunciado é sempre mesclado, ativa *frames* distintos, de forma a resultar um terceiro elemento.

Por outro lado, a leitura de “prefeito reacionário” com apreciação irônica solicita uma reanálise semântica e, portanto, mudança de enquadre em um novo *frame* (*frame shifting*). Se se observar somente o *input* 1, por exemplo, percebe-se que certamente haveria outro enquadre e outro *frame* construído. Com a existência do *input* 2, há uma nova perspectiva, possibilitada pela consideração do conhecimento prévio e do contexto que permitiu a inferência necessária.

A flexibilidade da interpretação é fundamental para o alcance da leitura irônica que, como em textos de humor, objetiva quebrar a expectativa do interlocutor.

Além disso, ressalte-se a mudança de enquadre operada por construções contrafactuais, tão cara à ironia. Sua própria natureza de contrafactualidade, da remissão para um estado possível, exige a mudança de enquadre.

Como pensar uma realidade possível é básico na cognição humana, as estruturas contrafactuais são extremamente produtivas na língua e sua leitura obedecerá ao processamento da mudança de enquadre, que se dá através da requisição de estruturas parciais de diferentes domínios e *inputs*, integrando a informação nova.

Fundamentalmente, Coulson (2001) aponta ainda funções do processo de mesclagem conceptual. Dentre eles, devem ser citados a possibilidade de novas inferências sobre o domínio alvo, a ênfase em um construto do domínio fonte, designação de um aspecto da cena, a escalaridade de elementos disponíveis, dentre outras coisas. Por fim, ela salienta que os modelos construídos para a mescla são escolhidos com a finalidade de “habilitar inferências, evocar respostas afetivas e ação motivada” (2001, p.202), como se vê nos

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

exemplos “privilegiada cabeça” e “policiólogos”, de leitura irônica, que mostram a mesclagem entre *frames* mais abstratos e entre *frames* léxico-semânticos.

Assim é que, com um enunciado irônico, o interlocutor recategoriza o significado, através das rotinas de mescla e re-enquadre.

Palavras-chave: Ironia; Mescla; Re-enquadre.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Convergências processuais entre as linguagens musical e verbal: novas portas se abrem para o estudo interdisciplinar

Pedro de Alcântara Senra de Oliveira Neto (Unicamp)

Angelo Augusto Assunção Damasceno Orio (USP)

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma nova perspectiva de investigação que foi trazida pela hipótese de compartilhamento de recursos neurais no processamento das linguagens musical e verbal. Para isso, o texto final será dividido em três partes: 1 - Apresentação histórica das tentativas de comparação entre música e discurso; 2 - Apresentação de uma perspectiva contemporânea sobre o modo como o cérebro humano processa ambos os domínios de linguagem; 3 - Apresentação de uma das possibilidades de investigação interdisciplinar que foram abertas devido aos estudos contemporâneos de neurociência.

Paralelos entre linguagem verbal e linguagem musical foram traçados por diversos pensadores ao longo da história da humanidade. O ímpeto de encontrar pontos de convergência entre LM (doravante linguagem musical) e LV (doravante linguagem verbal) pode ser facilmente compreendido uma vez que estes domínios de linguagem apresentam pontos de convergência bastante aparentes. Tanto a música quanto a fala podem ser expressas por meio dos sons, dessa forma, também podem ser analisadas de acordo com parâmetros de frequência, duração, intensidade e timbre (Besson et al, 2011). Além disso, diversos pesquisadores consideram que LV e LM são regidas por regras sintáticas e têm a capacidade de exprimir valores semânticos. (Sloboda, 1985).

Um exemplo de estudo comparativo entre as linguagens musical e verbal foi veiculado nos capítulos iniciais do livro "The Musical Mind", de John A. Sloboda (1985), levando em conta os trabalhos de Noam Chomsky e de Henry Schenker. Para Chomsky e Schenker, LV e LM possuem níveis estruturais de superfície e de profundidade. As estruturas de superfície das línguas naturais são formadas por sentenças, enquanto que a estrutura superficial da música é formada por uma sequência melódica. No entanto, para ambos os pesquisadores, "esta estrutura pode ser resumida através de regras definidas [...] em uma estrutura sintética ou de profundidade, da qual podem ser derivadas outras estruturas de superfície sem que se altere sua matriz". (Junqueira, 2015).

Apesar de convincentes, tentativas de comparação entre LM e LV não foram feitas sem que alguma resistência fosse apresentada por parte da comunidade científica. Os pontos fracos dos paralelos traçados entre música e discurso foram evidenciados por

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

diversos estudos de psicolinguística, de neuropsicologia e de musicologia cognitiva, que criticaram, sobretudo, a tentativa de encarar música e linguagem como correlatos diretos ou literais.

SSIRH

No ano de 1998, o pesquisador norte-americano Anidrudh Patel iniciou uma linha de publicações que trouxe novos ares à discussão sobre os pontos de convergência que podem haver entre linguagem verbal (LV) e linguagem musical (LM). Ao propor sua teoria, que recebe o nome de Shared Syntactic Integration Resources Hipotesis (SSIRH), Patel levantou uma série de questões acerca dos processos cognitivos que podem estar envolvidos no processamento de LM e LV.

Os estudos de Patel constataram, basicamente, que pode haver uma convergência de ordem processual entre LM e LV. O fato de que música e discurso são transmitidos de maneira sequencial foi um dos fatores que fez com que Patel se instigasse a investigar a natureza dos recursos neurais de processamento em ambos os domínios de linguagem. Assim, com apoio de técnicas de neuroimagem, a SSIRH passou a contar com fortes evidências que se apresentaram a seu favor.

Um crescente corpo de evidências aumenta a credibilidade da SSIRH. Com isso, é natural que novos estudos levem em conta a interdisciplinaridade que pode ser traçada entre LM e LV. Um exemplo que já pode ser citado é o estudo de Goldemberg (2011; 2015), que buscou analisar a aplicação de uma estratégia ascendente (bottom-up) na leitura cantada à primeira vista.

Goldemberg e a estratégia ascendente de leitura cantada à primeira vista

Solfejar significa, num contexto amplo, cantar uma melodia e/ou um ritmo. No entanto, quando inserida num contexto educacional, esta prática, que também é conhecida como leitura cantada, surge como um instrumento que permite a construção de linhas melódicas (Santos, Hentschke, Gerling, 2003) sem o auxílio de um instrumento e a partir de alguma referência, seja ela notacional, gestual ou fonética.

Dentro de uma perspectiva tradicional, o solfejo recebe grande destaque no processo de formação do musicista, ao passo que representa um meio de desenvolvimento das suas competências aurais (Goldemberg, Silva 2013). Uma metodologia de solfejo que se mostrou expressiva, devido à sua proposta inovadora, foi o "Modus Novus", por meio da qual o seu criador, Lars Edlund, sugeriu que a leitura cantada pudesse ser feita com base nas unidades mínimas do som. Isto é, este teórico desenvolveu uma metodologia na qual o

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

estudante não se nortearia por contextos gerais da música (e.g. tom/modo, padrões ou escalas) e sim pelos intervalos que existem entre cada nota da melodia.

Interessado nas questões de convergência entre LM e LV, em seus trabalhos de 2011 e 2015, Goldemberg voltou seus esforços investigativos para o Modus Novus e para as possibilidades que a proposta de Lars Edlund apresentava para um estudo interdisciplinar. Dessa forma, o pesquisador procurou avaliar, do ponto de vista científico, as implicações didáticas duma abordagem de leitura cantada que se apoia nas unidades mínimas da música.

Para avaliar a abordagem de leitura intervalar proposta por Lars Edlund, Goldemberg aplicou, à leitura musical, conceitos que foram criados para explicar estratégias de processamento cognitivo da linguagem verbal. Assim, o solfejo por intervalos foi considerado correlato da estratégia de leitura verbal ascendente (Bottom-up), por meio da qual o leitor parte das unidades mínimas da língua (fonemas). Já o solfejo que se apega ao contexto tonal/modal foi considerado correlato da estratégia de leitura verbal descendente (top-down), na qual o processamento parte de padrões linguísticos pré-estabelecidos pela mente do leitor.

Estando apoiadas na premissa de compartilhamento de recursos processuais entre LM e LV, as pesquisas que investigam a existência de correlação entre consciência fonológica e proficiência em leitura verbal podem servir de base teórica para que especulações sejam feitas no campo da música. Dessa forma, faz-se coerente a investigação da relação que pode haver entre consciência intervalar e proficiência em solfejo.

Palavras-chave: Processamento de linguagem verbal; Processamento de linguagem musical; Leitura Cantada

Referências bibliográficas:

BESSION, M.; CHOBERT, J.; MARIE, C. Transfer of Training between Music and Speech: Common Processing, Attention, and Memory. *Frontiers in Psychology*, v. 2, n. May, p. 1–12, 2011.

GOLDEMBERG, Ricardo. Modus Novus e a abordagem intervalar da leitura cantada à primeira vista. *Opus, Porto Alegre*, v.17,n.2, p.107-120, dez. 2011.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

GOLDEMBERG, Ricardo. Uma avaliação da abordagem ascendente para a leitura cantada à primeira vista. Revista da Abem, Londrina v.23, n.34, p.84-94 jan.jun2015

JUNQUEIRA, M. L. Correlações entre a leitura textual e o processo de audição na leitura musical. Campinas, SP [s.n.], 2015.

SANTOS, R.A.T.; HENTSCHE, L.; GERLING, C. C. A prática do solfejo com base na estrutura pedagógica proposta por Davidson e Scripp. Revista da ABEM, Porto Alegre, v.9.29-41. set. 2003.

SILVA, Ronaldo da; GOLDEMBERG, Ricardo. A audição em músicos profissionais: Um estudo de caso. Revista da ABEM. Londrina, v.21, n.30, p.119-130, jan.jun 2013

SLOBODA, J. A. The musical mind: The Cognitive Psychology of Music. Oxford University Press Inc., New york. (Oxford Psychology Series, n.5). 1985

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

A construção de significados na leitura de cartuns em inglês como língua estrangeira: investigando possíveis relações entre proficiência, capacidade de memória de trabalho e processamento simultâneo de informações verbais e pictoriais

Sidnei Werner Woelfer (Universidade Federal de Santa Catarina)

Lêda Maria Braga Tomitch

De acordo com o modelo de leitura proposto por Gagné, Yekovich e Yekovich (1993), o processo de compreensão textual pode ser classificado em três níveis: decodificação, compreensão literal e compreensão inferencial. Conforme sugere o modelo, o nível de compreensão alcançado tende, por consequência, estar relacionado ao nível de proficiência do leitor. Quanto menor esse nível, mais limitado à esfera da decodificação ou da compreensão literal este tende a estar, e, quanto maior, maiores também tendem a ser suas chances de alcançar uma compreensão mais profunda, além de, como argumenta Tomitch (2012), de obter um aprendizado mais efetivo. De modo semelhante, como propõem Daneman e Carpenter (1980), Just e Carpenter (1992) e Tomitch (2003), também o nível da capacidade de memória de trabalho (CMT) do leitor tende a estar intrinsecamente relacionado ao seu nível de compreensão textual. Tal raciocínio é embasado no pressuposto teórico de que é essa capacidade que provém os recursos cognitivos que permitem a execução da leitura em tempo real. Em outras palavras, quanto maior a CMT do leitor, maior a quantidade de recursos cognitivos disponíveis com os quais este pode contar para que sua compreensão leitora ultrapasse os níveis superficiais da decodificação e da compreensão literal, e atingindo assim níveis profundos da compreensão inferencial. Com base nesse referencial teórico e também em achados de estudos prévios que investigaram os efeitos facilitadores das ilustrações na compreensão da leitura (SCHALLERT, 1980; FANG, 1996; CARNEY e LEVIN, 2002; PAN e PAN, 2009) apenas para mencionar alguns, esta pesquisa de mestrado teve como objetivo principal investigar que nível de correlação poderia ser observado entre escores relacionados à proficiência em leitura em língua estrangeira – inglês (LEI) e escores relacionados à capacidade de memória de trabalho (CMT), ambas consideradas neste estudo de abordagem majoritariamente quantitativa, variáveis independentes. Além disso, a pesquisa também objetivou investigar que tipo de associação cada uma dessas duas variáveis poderia vir a ter com a compreensão de textos ilustrados escritos em LEI, esta, considerada variável dependente. Mais precisamente, a pesquisa buscou por evidências que ajudassem a desvendar se o nível de compreensão pós processamento simultâneo de informações

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

verbais e pictoriais presentes em cartuns poderia ser, de algum modo, associado aos níveis que tais leitores apresentassem em termos de proficiência em leitura nesse idioma, bem como aos seus níveis de CMT. Com base teórica em estudos sobre o processamento da leitura (RUMELHART e MCCLELLAND, 1981; GAGNÉ; YEKOVICH e YEKOVICH, 1993; DAVIES, 1995; AEBERSOLD e FIELD, 1997; TOMITCH, 2011), em estudos sobre memória de trabalho (DANEMAN e CARPENTER, 1980; JUST & CARPENTER, 1992; COWAN, 1999; HEITZ; UNSWORTH e ENGLE, 2005; BADDELEY e HITCH, 1974; BADDELEY, 2000) e também sobre dupla codificação (PAIVIO, 1990, 2006), a pesquisa previu como hipóteses a existência de uma correlação positiva entre os escores relacionados às duas variáveis independentes acima mencionadas, bem como de uma associação positiva entre cada uma dessas duas variáveis para com a variável dependente. Sessenta participantes, estudantes brasileiros de ensino médio de uma escola pública compuseram a amostra observada. Estes, dentro da primeira variável independente, nível de proficiência em leitura em LEI, foram divididos em dois grupos: (a) leitores menos proficientes; e (b) leitores mais proficientes. Tal agrupamento foi definido pela pontuação dos participantes em um teste de proficiência de leitura em LEI, composto por um texto base, seguido de três questões com respostas explicitamente mencionadas no texto, e outras três questões cujas respostas dependiam da geração de inferências (PEARSON e JOHNSON, 1978). Além disso, e dentro da segunda variável independente, nível da CMT, a amostra foi dividida em outros dois grupos: leitores com menores níveis de capacidade de memória e leitores com maiores níveis de capacidade de memória. Para que tal agrupamento fosse possível, foram computados os escores obtidos pelos participantes na versão brasileira do *Reading Span Test* (DANEMAN e CARPENTER, 1980), desenvolvido por Tomitch (2003). Outras três tarefas adicionais também foram utilizadas como instrumentos de coleta de dados: (a) um questionário de experiências prévias em LEI, utilizado para qualitativamente retratar a amostra investigada; (b) uma tarefa de compreensão em LEI envolvendo a análise de um cartum realizada em duas etapas: a primeira focada na compreensão das informações verbais do cartum e a segunda, de ambas, suas informações verbais e pictoriais, visando a obtenção de dados quantitativos para testar as hipóteses levantadas; e (c) um questionário retrospectivo, utilizado para a condução de uma análise qualitativa sobre a percepção dos participantes acerca de seu próprio desempenho durante processo de leitura. A coleta de dados deste estudo foi realizada durante cinco sessões, após sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, e subsequente coleta de declarações de assentimento e

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

consentimento, assinadas pelos participantes, seus pais e/ou responsáveis. Os resultados observados mostraram-se a favor das hipóteses levantadas, mostrando evidências de correlação entre os escores de proficiência em leitura em LEI e os escores de CMT, bem como de uma associação positiva entre os escores de cada uma dessas duas variáveis independentes com os escores da variável dependente (compreensão leitora do cartum). Quanto às principais contribuições do presente estudo para a grande área, podem ser mencionadas as evidências observadas de que: (1) menores níveis de CMT parecem restringir o processamento de textos expositivos, dificultando assim a sua compreensão inferencial; (2) menores níveis de proficiência em leitura em LEI parecem restringir a eficiência do processamento de informações pictoriais, dificultando assim a compreensão do leitor acerca das relações existentes entre as ilustrações e o texto; e (3) limitações impostas pela CMT ao processamento de informações pictoriais parecem ser compensadas pela ativação de informações provindas do conhecimento prévio armazenado na memória de longo prazo. A principal implicação pedagógica revelada por este estudo reside na possibilidade de que nem todos os aprendizes de LEI, devido às diferenças individuais em termos de proficiência em leitura, como também em termos de CMT, podem ter sua compreensão leitora efetivamente facilitada pela apresentação contígua de informações verbais e pictoriais em textos ilustrados escritos nesse idioma.

Palavras-chave: Leitura de cartuns; Proficiência em inglês; Memória de trabalho.

Referências bibliográficas:

AEBERSOLD, J.A.; FIELD, M.L. (1997). *From reader to reading teacher*. New York: Cambridge University Press.

BADDELEY, A. D.; HITCH, G. (1974). Working memory. In G.H. Bower (Ed.), *The psychology of learning and motivation: Advances in research and theory* (Vol. 8, pp. 47–89). New York: Academic Press.

BADDELEY, A. D. (2000). The episodic buffer: A new component of working memory? *Trends in Cognitive Sciences*, 4, (11): 417-423.

CARNEY, R. N.; LEVIN, J. R. (2002). Pictorial illustrations Still Improve Students' Learning From Text. *Educational Psychology Review*, 14 (1), Pages 5-26.

COWAN, N. (1999). *An embedded-processes model of working memory.*, apud MIYAKE A.; SHAH, P.(Eds.), *Models of working memory: Mechanisms of active maintenance and executive control*. New York, NY: Cambridge University Press, pp. 62-10.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

DANEMAN, M.; Carpenter, P. A. (1980). Individual differences in working memory and reading. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 19(4), 450-466.

DAVIES, F. (1995). *Introducing reading*. London: Penguin.

FANG, Z. (1996). *Illustrations, Text, and the Child Reader: What are Pictures in Children's Storybooks for?* Reading Horizons. Volume 37, (2).

GAGNÉ, E.; YEKOVICH, C.; YEKOVICH, F. R. (1993). *The cognitive psychology of school learning*. New York: Harper Collins. College Publishers.

HEITZ, R.P.; UNSWORTH, N.; ENGLE, R.W.(2005). Working memory capacity, attention

control, and fluid intelligence, apud WILHELM, O.; ENGLE R. W. (Eds.), *Handbook of understanding and measuring intelligence*. Sage Publications, Inc.

JUST, M.A.; CARPENTER, P.A. (1992). A capacity theory of comprehension: Individual differences in working memory. *Psychological Review*, 99(1),122-149.

PAIVIO, A. (1990). *Mental Representations: A Dual Coding Approach*. New York;Oxford University Press.

PAIVIO, A. (2006). *Dual coding theory and education*. Draft chapter for the conference on "Pathways to Literacy Achievement for High Poverty Children,"The University of Michigan

School of Education, September 29-October 1.

PEARSON, P.D.; Johnson, D.D. (1978) *Teaching reading comprehension*. New York: Holt,

Rinehart and Winston.

PAN, Y.; PAN, Y. (2009). The effect of pictures on the reading comprehension of low-proficiency Taiwanese English foreign language college students: An action research study.

VUN. *Journal of Science, Foreign Language*, 25, 186-198.

RUMELHART D.E.; MCCLELLAND J.L. (1981). Interactive processing through spreading

activation, apud PERFETTI C.; LESGOLD A. (Eds.), *Interactive processes in reading*, Hillsdale NJ: Erlbaum.

SCHALLERT, D. L. (1980). The role of illustrations in reading comprehension. In Spiro, R.

J., Bruce, B. C., and Brewer, W. F. (eds.), *Theoretical Issues in Reading Comprehension:*

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Perspectives from Cognitive Psychology, Linguistics, Artificial Intelligence, and Education,

Erlbaum, Hillsdale, NJ, pp. 503–524.

TOMITCH, L.M.B. (2003). *Reading: text organization perception and working memory capacity*. Florianópolis, SC: PGI/UFSC, ARES - Advanced Research in English Series.

TOMITCH, L.M.B.; TUMOLO C. H. S. (2011). *Pesquisa em Letras Estrangeiras*. UFSC/CCE/LLE.

TOMITCH, L. M. B. (2012). *7º período : Produção Textual Acadêmica*.

Florianópolis:UFSC/CCE/LLE.

Campanhas publicitárias governamentais: a mensagem expressa por meio de projeções

Aline Pereira de Sousa

No Brasil, embora nos últimos anos o acesso à *internet* se tenha popularizado, ainda é a televisão que ocupa lugar de destaque como meio de comunicação mais acessível à população. Por esse motivo, quando há o propósito de que os brasileiros fiquem cientes de algo, a criação de uma campanha publicitária para ser veiculada na televisão, principalmente por meio dos canais abertos, é o caminho escolhido. Dessas campanhas de interesse popular, algumas das que foram veiculadas no ano de 2014 chamaram a nossa atenção, e por isso resolvemos analisá-las. O *corpus* de análise deste trabalho, portanto, é composto de três propagandas em forma de vídeo: uma produzida para o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e outras duas para o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Chamou a nossa atenção o fato de que nelas, as projeções metafóricas aparecem de maneira predominante e a argumentação é construída com base nesse recurso. A campanha do Ministério da Educação (cujo título é “Enem – Provas”, hoje ainda disponível no canal do MEC no *Youtube* em https://www.youtube.com/watch?v=Snk6FBR8d_o), por exemplo, visava esclarecer os candidatos que prestariam o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) daquele ano a respeito das regras a serem seguidas, como horários, datas e materiais permitidos e proibidos. Para construir a mensagem, o protagonista do vídeo, um cantor brasileiro, iniciava, dizendo que cada *show* era uma prova, e a partir daí a comparação entre o ato de fazer *shows* e a preparação necessária para isso era comparada à preparação necessária para se obter sucesso na avaliação. Já as campanhas do TSE visavam conscientizar os eleitores a respeito da importância de seus votos e as consequências deles (por meio da campanha intitulada “Pense bem antes de votar”, hoje ainda disponível no canal da Justiça Eleitoral no *Youtube* em: <https://www.youtube.com/watch?v=bkp2Nf-wjNQ>) e sobre a importância de se justificar a ausência em caso de não comparecimento às eleições (por meio da campanha intitulada “Compromisso” hoje ainda disponível no *Youtube* em <http://www.youtube.com/watch?v=PhWVVdZarf0>). Ambas as propagandas, a do TSE, e a do MEC foram construídas por meio de metáforas, analogias e parábolas, a partir de situações concretas relacionadas à situação alvo de tais vídeos. Sendo assim, a hipótese deste trabalho é a de que o propósito maior do uso desse mecanismo é a didaticidade, ou seja, atingir o maior número de pessoas por meio de mensagens que envolvam a

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

criatividade e o conhecimento de mundo do telespectador, de maneira esclarecedora e, para tanto, essas figuras são fundamentais, principalmente como recursos de presença (Cf. PERERLMAN & TYTECA, 1996) . Além dessa análise, propomos um trabalho em sala de aula a partir da análise reflexiva de tais textos em contexto escolar, a fim de que o jovem estudante brasileiro de ensino médio, que está exposto a essas campanhas e é também seu público-alvo, possa ser capaz de reconhecer tais estratégias e entender como se compõe esse gênero, para que assim possa apreender a mensagem de maneira plena e tornar-se um leitor crítico, relacionando o texto com o seu conhecimento. Ademais, esperamos ajudar o aprendiz, por meio da prática pedagógica, a incorporar essas estratégias argumentativas para utilizá-las, posteriormente, em seus próprios futuros textos, quando necessário for. Utilizamos como referencial teórico básico, para analisar as campanhas escolhidas, sobre argumentação: PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA (1996); sobre gêneros textuais e seus suportes: MARCUSCHI (2008); e sobre as figuras, TURNER (1996, 2014) com suas Teorias da Parábola e do *Blending Conceptual*, bem como HOFSTADTER, D. & SANDER (2013) sobre a Analogia.

Palavras-chaves: campanha publicitária; argumentação; figuras

Referências bibliográficas:

HOFSTADTER, D. & SANDER, E. **Surfaces and essences**. Analogy as fuel and fire of thinking. New York: Basic Books, 2013

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA. **Traité de l'argumentation**: La nouvelle rhétorique, Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

TURNER, M. **The literary mind**. New York: Oxford University Press, 1996.

TURNER, M. **The origin of ideas**: blending, creativity and the human spark, Oxford: Oxford University Press, 2014.

Imagens entrelaçadas: estereótipo, *ethos* e metáfora no discurso jornalístico

Luciana Soares da Silva (UFLA)

Este trabalho propõe um diálogo entre as perspectivas teóricas da Análise do Discurso (AD) e da Linguística Cognitiva, observando as categorias estereótipo, *ethos* e metáfora conceptual, a fim de discutir a representação da mulher política no discurso jornalístico. Partimos do princípio que o domínio político, como lugar do poder e das decisões, ilustra um aspecto particular da relação de gênero na sociedade, revelando a desigualdade e a violência simbólica. Apesar de existirem avanços em diversos âmbitos, principalmente no mercado de trabalho e na escolarização, o domínio político ainda persiste em ser majoritariamente masculino, o que nos motivou a fazer uma opção temática: a mulher política.

Tendo em vista os processos interdiscursivos, selecionamos o jornal como *corpus* de análise e levantamos as seguintes questões: (1) Como a mulher participante do domínio político é abordada pelo discurso jornalístico? (2) De que maneira essa abordagem pode retratar a violência simbólica em relação à mulher no discurso jornalístico? (3) Quais marcas linguístico-discursivas indicam a violência simbólica contra a mulher? Assim, estabelecemos os seguintes objetivos: (a) Discutir de que modo a mulher é representada no discurso jornalístico e como essa representação colabora para a construção da violência simbólica; (b) Verificar como as categorias de estereótipo, *ethos* e metáfora contribuem para o reconhecimento da violência simbólica no discurso jornalístico.

Para alcançar nossos propósitos, fundamentamos nosso trabalho nos estudos da AD, na abordagem semiolinguística de Patrick Charaudeau (2006a, 2006b), e na Linguística Cognitiva, no que tange aos estudos da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (2002), em paralelo à discussão interdisciplinar de gênero, de representação social e de violência. Procedemos, em seguida, à análise do *corpus* constituído por textos recolhidos do jornal *Folha de S. Paulo*, no período eleitoral de 2010 e no primeiro ano de mandato presidencial de Dilma Rousseff.

A questão da construção da imagem apresenta-se como um ponto de intersecção inicial entre os conceitos apresentados: estereótipo por ser uma imagem preconcebida, o *ethos* por ser a construção da imagem de si no discurso e a metáfora por apresentar imagens compartilhadas culturalmente. Todas essas imagens têm origem nas representações sociais que constituem nosso imaginário sociodiscursivo. As imagens motivadas pelas metáforas surgem a partir da relação entre os domínios fonte e alvo, que

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

relacionam, em sua maioria, uma experiência concreta com uma abstrata. O entendimento de um conceito dá-se pela visualização de uma imagem motivada pela relação.

Como estamos defendendo, a violência simbólica contra a mulher é construída, sobretudo, por imagens estereotipadas que visam a mantê-la em determinada posição na relação estrutural estabelecida entre os gêneros na sociedade, na qual lhe atribuem a inferioridade. Apesar de ocuparem atualmente espaços antes estritamente masculinos, há recorrência de sua referência às funções consideradas femininas, não para valorizar o que poderia ser o universo feminino, mas lembrar as mulheres o seu “lugar”, bem como a herança histórica do patriarcado e do machismo.

Constatamos também que o conceito de *ethos* em uma perspectiva discursiva contribui para o reconhecimento das imagens construídas pelo enunciador em dado discurso. Ressalta-se, aqui, que a imagem construída não corresponde exatamente ao sujeito empírico, mas indicia sua identidade social, o que possibilita verificar no discurso aspectos sociais, no nosso caso, a imagem da mulher.

No processo de investigação sobre como a mulher participante da vida política é apresentada no discurso jornalístico, deparamo-nos com o fato de que a mulher tenta construir uma imagem própria por meio do discurso político (*ethos*), mas acaba esbarrando na imagem construída pelo discurso jornalístico (representação social). Averiguamos, assim, que a *mulher política* traz uma peculiaridade, pois tenta construir uma imagem que supere a desigualdade de gêneros da sociedade, mas entra em confronto com a representação que fazem dela devido à violência simbólica. Enquanto o *homem político* necessita reforçar o seu papel de líder, de chefe, como herança do patriarcado.

Por fim, acreditamos que as metáforas exercem um papel ideológico no discurso jornalístico. Se, por um lado, as metáforas refletem a concepção do mundo de certa cultura, por outro, podem construir o modo como se conceberá as questões apresentadas de acordo com as intenções do seu enunciador. Por meio da análise das metáforas conceptuais, reconhecemos as representações sociais dos sujeitos envolvidos, tanto do produtor do texto quanto dos que são citados (a mulher) e podemos verificar, através dessas representações, aspectos que garantem a manutenção da violência simbólica.

Palavras-chave: metáfora; análise do discurso; gênero.

Referências bibliográficas:

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das Mídias. Tradução Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006a.

_____. Discurso político. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006b.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. Metáforas da Vida Cotidiana. Tradução Mara Sophia Zanotto (coord.). São Paulo: Educ, 2002.

Construção discursivo-interativa de experiências sociais em entrevistas: questões sociocognitivas e metodológicas

Rafael Jean Parintins Lima (IEL/UNICAMP)

O objetivo deste trabalho é apontar, por meio de análise discursiva e interativa, questões teóricas e metodológicas sobre a relação interativa e discursiva entre a mobilização de conhecimentos compartilhados por participantes de um grupo e a construção sociocognitivo-discursiva situada de atividades e práticas grupais. Mais especificamente, este trabalho também tem como objetivo compreender o que requerem, em termos de construção coletiva de experiências grupais, as construções *online*, interativas e discursivas da experiência grupal e do enquadre interativo em que elas se dão, de forma que se compreenda melhor a relação existente entre construção coletiva e construção situada de experiências. Assim, procura-se neste estudo iluminar empiricamente alguns aspectos da relação entre linguagem, cognição e interação, dentro de uma abordagem sociocognitiva e interativa da linguagem (KOCH & CUNHA-LIMA, 2011; KOCH, 2009; MARCUSCHI, 2007). Este trabalho tem como pressupostos teóricos básicos os de que grupos sociais compartilham conhecimentos e experiências (cf. TOMASELLO, 2014), além de elaborarem situacionalmente as próprias práticas do grupo. A noção de prática, nesse contexto, diz respeito às ações sociais rotinizadas, ao mesmo tempo simbolicamente estruturadas e estruturantes do corpo social a que pertence (cf. HANKS, 2008). Para discutir esses processos, analisou-se discursiva e interativamente o ambiente empírico de entrevistas semidirigidas e vídeo-gravadas com participantes de um grupo social do Centro de Convivência de Afásicos. Como categoria de análise, utilizou-se a noção de *frame*, por ser definida como um enquadramento interacional e sociocognitivo construído pelas práticas interativas e constituinte delas (FILLMORE, 1982; CIENKI, 2007; MORATO, 2010; MORATO & BENTES, 2013) que orienta e toma como escopos (de enquadramento e/ou de referência) as situações comunicativas, os referentes, os enunciados, as ações interativas e o conhecimento organizado relativo a cenas e molduras das experiências sociais. Como resultados relacionados a questões metodológicas, tem-se que (i) a noção de *frame* se mostra eficaz para compreender parte da relação entre linguagem e cognição, e também de compreender o instrumento de pesquisa *entrevista* como enquadramento interativo. As pesquisas sobre *frame* baseadas em entrevistas, protocolos ou testes experimentais, não podem desconsiderar, assim, o papel da formulação dos “comandos” ou perguntas na obtenção de resultados, posto que esses métodos são eles mesmos *framings*

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

interativos. Isso não quer dizer que a entrevista deixe de ser considerada um método “controlado” de coleta de dados, mas que as experiências do entrevistador e do entrevistado podem “controlar”, em certo sentido, parte da entrevista. Nesse caso, elas precisam também ser levadas em consideração nas análises empreendidas na interação entre enquadres interativos. Em relação à teorização discursiva, interacional e sociocognitiva, tem-se que: (ii) as análises empreendidas corroboram uma convergência entre o enquadre de *entrevista* e o enquadre de *atividade do CCA*, como se apontou em Parintins (2014), a despeito de a interação se dar “fora” das situações próprias de encontros com os outros membros no contexto das atividades do grupo; (iii) os participantes do grupo engajam-se em ações discursivas que não apenas reverberam ou indiciam as práticas interativas do CCA, como se apontou no mestrado (PARINTINS, 2014), mas também constroem essas práticas com engajamentos e ações em que ambos o entrevistador e o entrevistado agem discursivamente como participantes do grupo, e não apenas o entrevistado. Assim, o compartilhamento de conhecimentos e experiências vivenciadas não é deixado de lado na construção interativa e situada da experiência social e do enquadre da entrevista; (iv) cognição e linguagem em interação constituem-se mutuamente tanto no processo de compartilhamento de conhecimentos e experiências quanto na construção interativa, discursiva e situada. Cognição e linguagem subjazem à relação que existe entre conhecimento compartilhado e conhecimento emergente. O uso da linguagem nas interações, particularmente, não consiste apenas na instrumentalização de recursos linguísticos, mas de uma ação que a linguagem e os conhecimentos coletivamente compartilhados realizam ao atualizarem e reorganizarem no ambiente discursivo e interativo as experiências do grupo e as suas práticas sociais e de linguagem.

Palavras-chave: Conhecimento; Interação; Entrevista.

Referências bibliográficas:

CIENKI, A. Frames, idealized cognitive models and domains. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (eds.) *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. OUP, New York, 2007.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: *The Linguistic Society of Korea* (org.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982.

HANKS, W. *Língua com prática social*. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, I. V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

_____; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C.. *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2011.

PARINTINS, R. J. *Perspectivação social no Centro de Convivência de Afásicos do IEL/UNICAMP*. Dissertação de mestrado, IEL/UNICAMP, 2014.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MORATO, E. M. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF*, v. 41, p. 93-113, 2010.

_____; BENTES, A. C. Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 55, n. 1, Campinas, p. 125-137, 2013.

TOMASELLO, M. *A natural history of human thinking*. Harvard University, 2014.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Abordagem sociocognitivista de atividades de compreensão textual: um olhar sobre o estudo textualizado do léxico

Rochelle Kílvia Nascimento Mendes

Resumo: Este trabalho é parte de nossa pesquisa de Mestrado Acadêmico que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Neste estudo, nosso foco é analisar, à luz de pressupostos sociocognitivistas da linguagem, como atividades propostas em um material didático, destinado ao nono ano das escolas públicas cearenses, trabalha o “vocabulário dos textos” – nos dizeres de Antunes (2012) - a fim de proporcionar um estudo (con)textualizado do léxico com vistas à efetiva compreensão desses textos e com base em um ensino focado na aprendizagem (COSTA, 2010). Subjaz nossa análise uma concepção de língua enquanto organismo vivo e dinâmico que se adequa às diferentes situações enunciativas. Bakhtin (2002) critica a abordagem da língua enquanto um sistema de formas que remetem a uma norma e assevera que, vista dessa forma, ela – a língua - não passa de uma abstração de deciframento de uma língua morta e de seu ensino. Esse autor considera que a língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, mas pelo fenômeno social de interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações (BAKHTIN, 2002). Partindo dessas questões, Bakhtin concebe o texto como um lugar de interação em que o sentido é construído através de uma atividade cooperativa entre sujeitos co-enunciadores, o que para nós implica dizer que toda compreensão é carregada de respostas que corroboram ou não os sentidos empregados em uma materialidade objetiva. Dessa forma, o texto não é algo pronto e acabado, pois são os leitores que o modelam e o reorganizam através da interação, estabelecendo uma nova relação com a realidade. Compreender o texto dentro do que declara Bakhtin, é pensar que esse é, na verdade, um evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais (BEAUGRANDE, 1997). Tal afirmação traz severas implicações para o professor que se propõe a trabalhar com textos. Marcuschi (2008) orienta a cerca dessas implicações e afirma que a língua é uma atividade social, cognitiva e histórica, desenvolvida de acordo com as práticas socioculturais e, assim, também é uma atividade interativa, social e mental que estrutura nosso conhecimento e permite que ele seja estruturado. Costa (2010), por seu turno, ressalta a importância de um ensino de língua cognitivamente situado e intermediado a partir de textos, bem como a relevância de atividades que proponham uma compreensão do texto como um todo, que ultrapassem a

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

subutilização deste enquanto mero artefato linguístico. Dessa forma é importante que os materiais que se propõem a trabalhar com o vocabulário textual levem em conta esses fatores, partindo do pressuposto de que o processo de ensino e aprendizagem deve ser situado. Na atividade de ler e compreender textos nas aulas de língua materna, sobretudo, os alunos estão imersos num complexo processo que perpassa sua capacidade cognitiva, suas experiências sociais, seu conhecimento linguístico, o contexto etc., pois, quando lemos estamos constantemente reorganizando enunciados. Ao pensar o papel da cognição nesse processo complexo de leitura, Pellanda (2005), afirma que essa é uma atividade complexa regida por um processo dinâmico em que a autonomia e a interação se unem em complementaridades, assim, a leitura seria um dispositivo da cognição e do sujeito. A construção e reconstrução de objetos do discurso também é um fator recorrente no processo de leitura, pois quando lemos um texto, devemos ter em mente que as palavras podem assumir diversos sentidos a partir do contexto em que forem empregadas, isso porque a língua não é um espelho da realidade e a atividade referencial não pressupõe uma estabilidade das entidades no mundo e na língua (MONDADA E DUBOIS, 2003). Os referentes são objetos de discurso construídos e recategorizados a partir de situações específicas e contextualizadas. Esse fator leva Monteiro (2014, p. 26) a afirmar que “a construção da referência é um dos temas recorrentes no acervo sociocognitivista relacionado aos estudos do texto”. Em nossa prática docente, observamos que comumente os materiais didáticos reduzem o estudo do léxico a processos de formação gramatical ou ao seu significado básico. Esses materiais transformam as palavras de “difícil compreensão” em um glossário que traz apenas um significado para cada palavra, o que acreditamos que retira do aluno o pensar no (con)texto para a construção dos significados dessas palavras. Tal fato já foi diagnosticado por Antunes (2012). Esses materiais que circulam nas escolas fogem ao ensino textualizado do léxico. Na tentativa de apresentar uma proposta que vai na contramão do que vemos ser trabalhado, no que tange ao estudo do léxico, analisamos atividades propostas no material *SiaráLendo*, que foi distribuído entre alunos do 9º ano do ensino fundamental das escolas públicas cearenses com o objetivo de trabalhar a competência leitora desses alunos. Como resultado de nossas análises, observamos que mais do que apresentar significados preestabelecidos para as palavras desconhecidas do texto, as atividades trabalham essas palavras dentro de questões, levando o aluno a construir sentidos, fazer inferências e a estabelecer novas relações entre as partes e o todo textual. Ademais, a atividade contribui com a aprendizagem dos discentes, a partir dos processos referenciais, pois nas questões de

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

interpretação textual, os alunos atribuem sentido às palavras e esse processo é dado a partir da cognição situada. Com isso, concluímos que o material analisado corresponde aos pressupostos teóricos aqui apresentados, proporcionando um ensino com foco na aprendizagem. Acreditamos que este trabalho pode colaborar com o aperfeiçoamento de materiais didáticos, no que se refere ao estudo do glossário anexado aos textos, pois os livros didáticos são considerados fontes principais para o estudo da língua em sala de aula e assumem um papel importante na formação do leitor e produtor de textos. Portanto, há sempre necessidade de analisá-los e sugerir reformulações quando necessário.

Palavras-chave: Referenciação; Cognição; Leitura; Ensino de Língua Materna.

Referências bibliográficas:

- ANTUNES, I. O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAKHTIN, M.(V. N. Volochínov). Marxismo e Filosofia da Linguagem. São. Paulo: Hucitec, 2002
- BEAUGRANDE, R.D. New foundations for a science of text and discourse. Freedom of access to knowledge and society through Discourse. Norwood: Ablex, 1997.
- CEARÁ, Secretaria de Educação. Siaralendo. In: Preparação: rumo ao Ensino Médio. Caderno de Língua Portuguesa. v. 1. 2008.
- COSTA, M. H. A. Linguagem como interlocução e aprendizagem como cognição situada. Linguagem em foco v. 2, p. 151-167, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. Cognição, linguagem e práticas interacionais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, 176p.
- _____, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. (Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante). In: CAVALCANTE, M. C., RODRIGUES, B. B. e CIULLA, A. (orgs.). Referenciação. São Paulo: Contexto. p. 17-52, 2003.
- MONTEIRO, B. C. B. A perspectiva sociocognitiva da referência na abordagem didática do texto: implicações na percepção do leitor-aprendiz. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2014.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

PELLANDA, N. M. C. Leitura como processo cognitivo complexo. In: OLMÍ, A.;

PERKOSKI, N. (Org.). Leitura e cognição: uma abordagem transdisciplinar. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. p. 51-69.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

A materialização das memórias de alfabetização em discursos de futuros professores alfabetizadores: uma abordagem cognitiva da gramaticalização

Tomás Reis Barreto Penha (FFLCH-USP)

Elisabeth Márcia Ribeiro Machado da Silva (Uninove)

Um indivíduo é constituído por herança genética e cultural (sócio-histórica) e deve possuir um autoconhecimento elevado antes de se propor a ser um transmissor de conteúdos a crianças em formação escolar. E o processo desse reconhecimento envolve a memória consciente que o indivíduo tem de seu estado cultural presente e da formação que recebeu quando do início de seus aprendizados formais. A exteriorização dessa memória por meio da linguagem, na Educação, contribui para evidenciar quais modelos de profissionais, conteúdos e estratégias metodológicas os futuros professores possuem em sua constituição como sujeitos, e que devem ser reafirmados ou refutados durante a formação no ensino superior. Por outro lado, na Linguística Textual, sabe-se que a linguagem, tanto oral como escrita, é uma representação simbólica, portanto, não é exata nessa função comunicativa. Assim, este estudo, ainda inicial, tem por objetivo analisar se os graduandos que relatam ter trilhado um processo de alfabetização satisfatório respaldam essa afirmação em seus textos escritos, sobretudo em suas construções sintáticas e empregos semânticos. Do mesmo modo, nos casos daqueles que possivelmente relatarem deficiências em seu aprendizado de leitura e escrita, será verificado como essas falhas comprometeram a produção de um texto metalinguístico também nos aspectos sintático e semântico. O foco da análise não recai sobre a precisão dos usos gramaticais normativos dos alunos em formação, mas sobre a averiguação do quanto seus discursos refletem, por meio do resgate de memórias, o julgamento qualitativo dos processos que lhes permitem produzir esses mesmos discursos. Para que se cumpra seu objetivo, este trabalho recorre, sobretudo, à distinção feita por Rossi-Landi (1995) entre “trabalho” e “atividade”. Segundo ele, trabalho é o processo estritamente humano no qual compreende-se criação, geração de produtos autênticos e inéditos. De maneira oposta, atividade é o meio em que se ausenta essa produção, havendo tão apenas reprodução de conteúdos. Essa distinção, aplicada a domínios sociais e culturais muito heterogêneos, restringe-se aqui ao campo da linguagem. A sua aplicação ao corpus será a baliza do quanto os discursos dos futuros pedagogos replicam ideias genéricas ou memórias reais sobre o processo de alfabetização a que foram submetidos quando crianças. De van Dijk (2000), utiliza-se a proposta de modelos mentais que influenciam tanto a produção quanto a compreensão de textos. Tais modelos dizem

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

respeito à subjetividade fruto de um arcabouço de conhecimentos e experimentações que um indivíduo agrega ao longo de sua vivência social. Desse modo, tornam-se plurais os modos de interação com enunciados como os estudados aqui. Marcuschi (2002) expande essa ideia, sob o enfoque sócio-cognitivista, e traz à luz as atividades de construção, que implicam a emergência da cognição no nível das práticas públicas, o que confirma o estreito elo entre as diferentes formas de interpretação, de um lado, e a interação social, de outro. Já no que diz respeito à utilização da memória, que permite a produção de discursos sobre o passado, tem-se em Barros (2011) a noção da variabilidade de aspectos que constituem a externalização de narrações. Segundo ela, as experiências individuais são selecionadas pelos indivíduos segundo a sua pertinência em determinado contexto, seus interlocutores e a própria continuidade da vida. Assim, as memórias se atualizam de forma contínua na mente de um sujeito conforme as vivências que se dão após o acontecido memorado. O corpus deste trabalho consta de 30 sujeitos de pesquisa, alunos concluintes do curso de Pedagogia de uma universidade privada da cidade de São Paulo, os quais responderam a duas perguntas abertas: “Como foi seu processo de aprendizagem da leitura na alfabetização?” e “Como foi seu processo de aprendizagem da escrita durante a alfabetização?”. Serão distinguidos pareceres positivos e negativos sobre os processos de alfabetização relatados e, em cada um desses dois grupos, será observada a autenticidade ou replicação dos discursos, de modo comparativo. Com isso, será possível identificar a ocorrência de trabalhos ou atividades, segundo a perspectiva de Rossi-Landi. Indo além, serão rastreados empregos semânticos pouco usuais e construções sintáticas formalmente desajustadas, como meio de atestar a veracidade – ou ao menos pertinência – dos pareceres positivos e negativos quanto ao processo de alfabetização de cada um dos graduandos, tendo em vista o reflexo desse mesmo processo nos textos que os descrevem. Por fim, a bibliografia de vertente cognitiva, bem como a explicativa da pluralidade do exercício da memória, serão usadas na interpretação e na busca da motivação dos fatos linguísticos encontrados, produtos da análise textual. Por estar o trabalho em andamento, ainda não é possível apontar resultados conclusivos. No entanto, algumas sinalizações já podem ser feitas: os autores dos textos analisados apresentam com frequência significativa discursos homogeneamente positivos a respeito de seu processo de alfabetização, o que não é respaldado pela qualidade de suas produções escritas. Tal fato evidencia uma atividade cognitiva de replicação de ideias socialmente difundidas e esperadas, a saber, a descrição de processos de aprendizado efetivos, em detrimento de um trabalho de resgate

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

mnemônico que acuse de modo factual a trajetória de alfabetização desses mesmos graduandos.

Palavras-chave: cognição; alfabetização; memória.

Referências bibliográficas:

- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARROS, M. M. L. de. *Memória, experiência e narrativa*. Iluminuras, Porto Alegre, v.12, n. 29, p. 4-17, 2011.
- GOODSON, I. F. *Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional*. In: NÓVOA, Antonio.(Org.) Vidas de professores. 2. ed. Lisboa: Porto, J995 p. 63-78.
- KENSKI, V. M. *Memória e prática docente*. In: BRANDÃO, C. R. (Org.) As faces da memória. Campinas: Centro de Memória - UNICAMP, (19-). P 101-114.
- KOCH, I. V. & ELIAS, V. M. *Ler e Compreender os Sentidos do Texto*. São Paulo: Contexto, 2009.
- LIMA-HERNANDES, M. C. *Mudança gramatical: caminhos a percorrer*. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino. São Paulo: Paulistana, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. *Do Código para a Cognição: o processo referencial como atividade criativa*. Veredas, Revista de Estudos Linguísticos. Juiz de Fora, v.6, n. 1, pp. 43-62. 2002.
- PÊCHEUX, M. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et al. Papel da memória. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.
- ROSSI-LANDI, F. *A linguagem como trabalho e como mercado*. São Paulo: Difel, 1995.
- TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1999].
- VAN DIJK, T. *Modelos na memória: o papel das representações da situação no processamento do discurso*. In: Cognição, Discurso e Interação. São Paulo: Ed. Contexto, 2000. (p. 158-181)
- VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

A consciência linguística no aprendizado de segunda língua

Agameton Ramsés Justino (UFMT-Roo/UFMG doutorando)

Quando pensamos no contexto de aprendizagem de segunda língua, as fronteiras entre a consciência, a atenção e a percepção do mundo externo são tênues e podem ser descritas a partir de diferentes vieses. Na busca por entendermos se é possível aprender sem estar consciente, ou ainda, se há níveis de consciência que influenciem no aprendizado de L2, este trabalho tem por objetivo: 1) promover uma discussão a respeito de algumas das características da consciência linguística no aprendizado de L2; 2) diferenciar níveis de consciência e funcionamento da atenção, a partir das hipóteses de *noticing*;

Para isso, nos propomos a uma discussão de caráter teórico, por meio de uma pesquisa bibliográfica, apresentando contribuições de Schmidt (1990, 1995, 2001), Bergsleithner (2009), Williams (2013), Shippstead, Harrisson e Engle, dentre outros, para o tema em tela.

Alicerçamos nossa compreensão de consciência linguística em Schimdt (1990), para quem, quando um falante se debruça sobre aspectos das estruturas linguísticas no aprendizado de L2, reconhecendo os padrões de uso que delas advém, há uma tomada de consciência linguística.

Este conceito está caracterizado na hipótese do *noticing*, apresentada por Schimdt (1990, 1995, 2001). O autor mostra que o *noticing* seria um estágio da tomada de consciência linguística do aprendiz, de acordo com a sua capacidade de internalização do *input*. O *noticing* é individual, não padronizado, e pode abranger desde os níveis fonéticos e fonológicos, até estruturas mais complexas, nos níveis discursivos e pragmáticos da L2.

Berglesthner (2009), ao descrever as *Noticing Hypothesis* de Schmidt, esclarece que o autor situa o *noticing* como o segundo de três diferentes níveis cognitivos da consciência do aprendiz, sendo eles: I. percepção (*perception*); II. registro cognitivo (*noticing*); e III. compreensão (*understanding*). (BERGLESTNHER, 2009, p. 102)

Fundamentado na hipótese do *noticing*, Williams (2013) destaca que a consciência é o lugar da memória e da integração da informação, delimitando a atenção como forma de focalização da consciência na apreensão de informações e de outros estímulos externos. Embora haja percepções periféricas que influenciem na aprendizagem, quanto maior a percepção das estruturas, tanto maior a consciência do aprendizado e a ocorrência do *intake*.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Neste sentido, Williams (2013) reconhece que a presença de estruturas linguísticas no *input* durante a aquisição de L2 não é garantia de aprendizado, mas o grau de atenção influencia diretamente na capacidade de aprendizagem. Além disso, existem momentos em que a consciência pode estar ocupada em outras tarefas e, ainda assim, haver aprendizado, em especial, se houver a presença de estímulos à memória, tais como ouvir ou ver palavras que de alguma forma reconhecemos ou que se aproximem daquelas que conhecemos da L2.

Compartilha dessa linha de argumentação Shipstead, Harrison e Engle (2015), quando apresentam testes em que alterações na matriz visual são usadas para medir o controle de atenção e o escopo complexo no funcionamento da memória de trabalho. A partir destes testes, os autores verificam que o controle de atenção pode ser influenciado por estímulos nem sempre perceptíveis pela consciência, modificando a maneira como é acionada a memória de trabalho.

Por estes motivos, torna-se pertinente a distinção que Alves e Zimmer (2005, p.6) fazem das concepções de *notar* e *perceber* na teoria do *noticing* de Schimdt, dando enlevo à atenção durante o *input* linguístico. Para os autores, *notar* é mais do que *perceber*, por ser uma atitude de maior foco de atenção durante a aquisição de L2. *Perceber* não seria um ato consciente do falante, não assegurando que o estímulo seja processado.

A análise inicial das considerações dos autores aqui apresentados nos leva a compreender que a consciência linguística desempenha função importante na aquisição de L2. Por outro lado, a hipótese do *noticing* nos mostra que *notar* o padrão de uso de uma estrutura linguística é processo cognitivo que não se restringe ao contexto da sala de aula para o falante. E ainda, pode haver também contextos em que a aquisição de estruturas da L2 ocorra sem que o foco de atenção do falante esteja voltado para elas. Porém, o foco de atenção da consciência linguística nas estruturas produz resultados mais efetivos de aprendizado.

Palavras-chave: Consciência Linguística; Hipótese do *Noticing*; Atenção.

Referências bibliográficas:

ALVES, Ubiratã Kickhöfel; ZIMMER, Márcia Cristina. Perceber, notar e aprender: uma visão conexionista da consciência do aprendiz na aquisição fonológica da L2. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 3, n. 5, agosto de 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

BERGSLEITHNER, J. Mas afinal, o que é a noticing hypothesis? *Revista Interdisciplinar*. Ano IV, V.9, ago-dez de 2009, p. 101-106. ISSN 1980-8879

SCHMIDT, R. The role of consciousness in second language learning. *Applied Linguistics*, 11, 1990, p.129-158.

_____. Consciousness and foreign language learning: A tutorial on the role of attention and awareness in learning. In R. Schmidt (Ed.). *Attention and awareness in foreign language learning*. Manõa: Second Language and Curriculum Center, University of Hawai'i at Manõa, 1995, p. 1-63.

SCHMIDT, R. Attention. In: ROBINSON, P. (ed.). *Cognition and second language instruction*. Cambridge University Press, 2001, p. 3-32.

SHIPSTEAD, Z.; HARRISON, T.; ENGLE, R. W. Working memory capacity and the scope and control of attention. *Attention perception psychophysics*. . No 77. Springer US, 2015.

WILLIAMS, J. Attention, Awareness, and Noticing in Language Processing and Learning. In: BERGSLEITHNER, L. M.; FROTA, S. N.; YOSHIOKA, J. K. (ed.). *Noticing and Second Language Acquisition: Studies in Honor of Richard Schmidt*. National Foreign Language Resource Center. University of Hawai'i, 2013, p. 39-57.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Timor-leste: a meia ilha que é um todo

Edson Luiz de Oliveira (USP)

Depois de viajar 18.000 km, temos a sensação de familiaridade quando chegamos a Timor-Leste. É como encontrar consigo mesmo lá do outro lado do mundo. Percebemos então que o antípoda é diferente daquilo que nós imaginávamos – ele é igual a nós mesmos. Especialmente se o antípoda fala a nossa língua, enquanto no alto-falante do táxi toca uma música bem conhecida de Zezé di Camargo e Luciano.

Hoje, a República Democrática de Timor-Leste (RDTL), que resultou de um doloroso processo de independência, que começou em 1974, tem o português como uma de suas duas línguas oficiais, garantidas pela Constituição. Timor-Leste também é um dos membros da CPLP desde 2002. No entanto, ainda há um passado colonial a ser digerido. O país sempre corre o risco de mergulhar em conflitos étnicos, muitas vezes difíceis de resolver. A ONU esteve presente; com tropas de Portugal, Austrália e Brasil ajudando a estabilizar e construir um Estado de Direito nesse território, mas questões culturais não são resolvidas pela força, é necessário tempo - um tempo de paz.

Desde o início do período de reconstrução nacional, uma política de revitalização gradual do português como língua de instrução vem sendo implantado nas escolas de Timor-Leste. No entanto, a implementação desta nova política linguística consiste num grande desafio para o país – por uma série de razões: na maioria das vezes, apenas os professores que concluíram o ensino secundário antes de 1975 conseguem falar o português razoavelmente. Porém, a grande maioria dos professores foi educada em língua indonésia. Assim, os alunos que estudam com professores que não possuem eles mesmos proficiência em português são menos capazes dominar os conteúdos em português, estudando este idioma como se fosse uma língua estrangeira. Afinal, o português é a terceira ou mesmo uma quarta língua para muitos estudantes timorenses. Além disso, as crianças cuja língua materna não é o tétum tem que aprendê-lo primeiro, pois este idioma é considerado a língua franca em Timor-Leste. Apesar de ser a língua materna de apenas 16% da população, o tétum tornou-se a língua franca para a maioria dos timorenses, com a vantagem de não ter grande dificuldade de aquisição, por isso é considerada como língua nacional.

Neste contexto de aquisição e domínio da linguagem, atualmente, muitas crianças vão aprender a sua língua materna em casa e, em seguida, provavelmente, terão de aprender o tétum (quando não é a sua língua materna) e, somente então, o português para entender a

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

instrução de que eles precisam para permanecer na escola. É preciso lembrar que os alunos que começaram a escola antes de 1998 também tiveram que aprender a língua indonésia, que era a língua de instrução no período de ocupação indonésia.

Hoje, o tétum é geralmente mais empregado em escolas frequentadas por alunos das camadas mais pobres, sendo que o português e a língua indonésia são mais comumente usados em escolas frequentadas por crianças de camadas com maior rendimento. Portanto, a introdução do português como nova língua de instrução tende a ser mais problemática em áreas mais pobres do que em áreas mais ricas. Além disso, materiais educacionais para o ensino de línguas são escassos, tornando difícil para os alunos desenvolver habilidades de leitura em qualquer idioma, especialmente para estudantes destas camadas de baixa renda.

Mesmo com todos esses problemas, o português dá a Timor-Leste um viés de identidade de grande porte. Enquanto o português vai se amasiando com o tétum, a língua nacional, proporcionando um quadro identidade única, que constitui um diferencial perante a grande irmã do Sul: a Austrália, país que tem todo interesse que o Timor-Leste aprenda a falar inglês.

O papel do Ministério da Educação e Cultura de um Estado que pretende ser democrático e moderno seria proporcionar o acesso à educação de qualidade desde o ensino primário ao superior. Mas onde encontrar materiais didáticos adequados à realidade timorense e professores treinados que falem fluentemente português? Ou seja, o objetivo em médio prazo é o de acelerar a reintrodução eficaz do português e tétum nas escolas de Timor-Leste. Mas para fazer isso efetivamente, os timorenses vão precisar de muito da cooperação de outros países de língua portuguesa. Daí a necessidade de cooperação internacional estabelecido com o Brasil e Portugal, para o envio de professores de português; bem como a formação de professores timorenses em português. De 2002 a 2005 foram preparadas as bases deste projeto. O Ministério da Educação e Cultura trabalhou no processo de concepção e implementação do Currículo Nacional do Ensino Básico (pré-escolar e do ensino primário), o Pré-Secundário e Secundário, Ensino Superior, técnico e profissional e também preocupado com a criação de novos cursos de formação para um grande número de professores capazes de atender às necessidades educacionais em diferentes níveis e em várias disciplinas, especialmente nas duas línguas garantidas pela Constituição, português, língua de instrução, e tétum, a língua nacional que substituiu a língua do ocupante indonésio.

Referências bibliográficas:

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

- ABDALA Jr., Benjamin. *A história literária e o ensino das literaturas de língua portuguesa*, in: Maria Nery Garcez / Rodrigo Leal Rodrigues (orgs.), *Homenagem das literaturas de língua portuguesa ao Professor Antonio Soares Amora*. São Paulo: Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes, CEP, USP, 1997.
- GUNN, Geoffrey. *Língua e cultura na construção da identidade de Timor-Leste*, In: Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas. Lisboa: 2001, No. 14.
- GUSMÃO, Xanana. *Timor Leste, um povo, uma pátria*. Lisboa: Ed. Colibri, 1994.
- HALL, S. *A identidade na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HULL, Geoffrey. *Língua, identidade e resistência*, in: Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas. Lisboa: 2001, No. 14, p. 88.
- MARCOVITCH, Jacques (org.). *Sérgio Vieira de Mello, pensamento e memória*. São Paulo: Edusp/Saraiva, 2004.
- MARTIN, Ian. *Autodeterminação em Timor Leste, as Nações Unidas, o voto e a intervenção internacional*. Lisboa: Livros Quetzal, 2001.
- MATTOSO, José. *Sobre a identidade de Timor Lorosa'e*, in: Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas. Lisboa: 2001, No. 14.

Considerações sobre o Gênero da Expressão Convencional "cabra"

Fernanda Cavalcanti (UERJ/UFMG)

O trabalho intitulado Considerações sobre o Gênero da Expressão Convencional “cabra” apresenta discussão subsidiada por resultados parciais obtidos com pesquisa de pós-doutorado em andamento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Seu objetivo é o exame dos aspectos de natureza cognitiva, cultural e histórica atuantes no processo de conceptualização de tal expressão. Há que se destacar que a expressão em questão é usada, sobretudo, no Nordeste do Brasil, para se referir tanto a homem como a homem mestiço de origem rural, a homem viril, valente, bom caráter, a um sujeito qualquer e até mesmo a homem violento e/ ou a matador de aluguel. De acordo com o resultado obtido com a análise de *corpora* constituídos entre 2010 e 2013 (cinco questionários aplicados junto a 153 respondentes, 58 ocorrências encontradas em cinco documentos literários e sete definições) para nossa pesquisa de doutorado, a relação entre pensamento, linguagem e cultura constitui a base de estruturação dos diferentes significados da expressão em questão. Ou seja, de acordo com tal pesquisa, os diferentes significados de homem que licenciam essa expressão são instanciados pelo agrupamento de modelos que formam o Modelo Cognitivo Idealizado HOMEM, que é, por sua vez, motivado por metáforas animais que variam em função de situação sócio-cultural. Quanto à variação do gênero da expressão em questão já presente na conceptualização de um homem em termos de cabra, encontramos, além disso, com base em nossa atual pesquisa de pós-doutorado, dados que mencionam a conceptualização de mulher em termos de cabra, a exemplo de BLUTEAU (1712), CASCUDO (2012), CASCUDO (2009), FERREIRA (2004), FREYRE (2004), MACHADO (1959) e RÊGO (1982), SILVA (1877). Tal variação nos leva a indagar acerca de suas motivações em conformidade com Lakoff (1987). Dessa forma, com o trabalho intitulado Considerações sobre o Gênero da Expressão Convencional “cabra”, teceremos à luz da Teoria da Metáfora Conceptual, considerações tanto acerca do que motivaria membros da comunidade nordestina, especialmente os membros residentes em Fortaleza, a conceptualizarem ser humano em termos de cabra; como acerca da relação entre linguagem, especialmente no que diz respeito à variação do gênero da expressão em questão, e os aspectos culturais e históricos. Ou seja, à luz da Teoria da Metáfora Conceptual, especialmente das metáforas animais - KÖVECSSES (2010) - tal

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

trabalho discutirá a noção de arbitrariedade entre conceito e forma, além de problematizar, com base em Lakoff e Johnson ([1980],2002) e Lakoff (1987), a visão de que a categorização humana teria como base uma razão de natureza transcendental e descorporificada. Para tanto, analisaremos ocorrências da expressão em questão encontradas em documentos de caráter literário e especializado a exemplo de BLUTEAU (1712), CASCUDO (2012), CASCUDO (2009), FERREIRA (2004), FREYRE (2004), MACHADO (1959), RÊGO (1982) E SILVA (1877) e nos supracitados cinco questionários aplicados junto a 153 participantes. Há ainda que se ressaltar que os dados que sustentam a discussão aqui proposta foram obtidos a partir de metodologia de tipo qualiquantitativa, já que os dados levantados com a aplicação dos questionários receberam tratamento percentual.

Palavras-chave: Metáforas animais; Variação de gênero; Cabra

Referências bibliográficas:

- BLUTEAU, Raphael. Vocabulário portuguez e latino. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesu. 1712.
- CASCUDO, Luís Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 12. ed. São Paulo: Global Editora, 2012. 1. ed., 1954.
- CASCUDO, Luís Câmara. Coisas que o povo diz. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2009. 1. ed., 1968.
- CAVALCANTI, Fernanda. A expressão convencional cabra sob a perspectiva da teoria dos modelos cognitivos idealizados. 2014. 246p. Tese. (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2014.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio da língua portuguesa. 5ª ed. Curitiba: Editora Positivo.2004
- FERREIRA, Luciane Corrêa. Metaphor in Use: Context, Culture, and Communication edited by F. MacArthur, J.-L. Oncins-Martínez, M. Sánchez-García and A. María Piquer-Píriz, *Metaphor and Symbol*, 31:2, 126-130, 2016. To link to this article: <http://dx.doi.org/10.1080/10926488.2016.1150764>
- FREYRE, Gilberto. Nordeste. 7. ed. São Paulo: Global Editora, 2004. 1. ed, 1937.
- GERAERTS, Dirk. Lectal data and empirical variation in Cognitive Linguistics. In: MENDOZA, Francesco J. R de; CERVEL, Sandra P. (Orgs.). *Cognitive Linguistics:*

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

internal dynamics and interdisciplinary interactions, Berlin/New York: Mouton de Gruyter. P. 163–189, 2005

GIBBS, Raymond. Evaluating conceptual metaphor theory. *Discourse Processes*, New York: Routledge. n. 48. p. 529-562, 2011.

GOATLY, Andrew. *Washing the brain: metaphors and hidden ideology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 2007

GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. 1997. PhD Dissertation. Graduate Division, University of California, Berkeley, 1997.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: a practical introduction*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew (Org.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p.202-251.

LAKOFF, George. JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EDUC e Mercado das Letras, (1980), 2002.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

MACHADO, Jose Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência. 1952

RÊGO, José Lins do. *Fogo morto*. 21. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.

RODRIGUEZ, Irene Lopéz. Women, biches, chickens and vixens: animal metaphors for women in English and Spanish. *Revista de Estudios Culturales de la Universitat Jaume I*. v.VII. p.77-10, 2009.

SILVA, Antonio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 7.ed. Lisboa: Typografia de Joaquim Germano de Souza Neves Editor. 1877.

SILVA, Augusto Soares (da). *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006

SWEETSER, Eve. *From Etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990

Uso de expresões referenciais e desenvolvimento da memória de trabalho: Um estudo em crianças entre 5 e 7 anos

María Luisa Silva (CIIPME- CONICET)

Recientemente el postulado teórico que considera a la Sintaxis como la manifestación de la disposición evolutiva de las formas fonológicas por la que se optimiza el procesamiento y almacenamiento del estímulo lingüístico en Memoria Operativa (MO) (Elvira, 2009), está recibiendo creciente evidencia empírica a su favor (Bybee, 2003). No obstante, en diferentes modelos de Memoria Operativa (Baddeley, 1999) no se contempla específicamente el rol de la sintaxis en la estructura y funcionamiento de la MO.

En esta misma línea no hemos hallado programas de investigación en español (tampoco en el desarrollo evolutivo de niños hispanohablantes) que indaguen acerca de la interrelación entre la disposición sintáctica y el funcionamiento de la MO. Posiblemente una de las causas de esta carencia se deba a la preeminencia de modelos sintácticos en los que se afirma la independencia del “módulo sintáctico” del funcionamiento de otras capacidades cognitivas (Chomsky, 1994).

Consideramos que los Modelos de Lenguaje en Uso (Ellis, 2008; Tomasello, 2003) en tanto son modelos en los que se afirma la interrelación de capacidades cognitivas, que estudian el uso lingüístico como parte de los procesos sociales por los que se optimiza el procesamiento del estímulo ofrecen un marco teórico en el que es posible explorar en forma sistemática (por ej. abordando el fenómeno desde la perspectiva evolutiva, desde la evidencia que provee la patología, los desempeños en entornos experimentales, etc.) cuál es la relación entre la disposición sintáctica y la demanda de recursos a Memoria Operativa, atendiendo a las diferentes variantes sintácticas.

En consonancia con los planteos previos se ha reconocido que el uso de Cláusulas relativas (Cr.) se caracteriza por la actualización de una serie de rasgos que coinciden con la necesidad del hablante de establecer un Punto de referencia para orientar y optimizar la identificación referencial que debe realizar un ocasional interlocutor (Fox y Thompson, 1990; Langacker, 1993; Silva, 2010; Silva y Plana, 2014). Un hablante competente al hacer uso de una Cr. debe reconocer cuándo y cómo es necesario incrementar la accesibilidad cognitiva de un actante o referente, de un campo conceptual previamente activado, a partir de la mención de información relevante (Langacker, 1993).

Con objeto de explorar las relaciones entre el uso de expresiones referenciales, especialmente el uso de las Crs., y las diferencias en las medidas de MO (capacidad y

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

procesamiento) se llevó a cabo un estudio que comparó las diferencias en dos grupos de niños de Nivel socioeconómico Medio de la Ciudad de Bs. As. de 7 (n: 26) y 9 (n: 26) años en 3 (tres) pruebas de evaluación de capacidad y procesamiento de MO. Por otro lado se diseñó una tarea experimental destinada a generar frases referenciales que permitieran identificar a un estímulo dentro de un grupo de posibles candidatos, (versión de la prueba desarrollada por Matthews, Lieven y Tomasello (2012). Las tareas se administraron como parte de la Batería digital ecológica de evaluación de funciones lingüísticas y cognitivas (Silva, Escher, y otros 2015)

Para el análisis de las medidas de MO se han considerado estadísticos descriptivos; para el análisis de las expresiones referenciales se ha realizado una transcripción ortográfica y categorización de los sintagmas elicitados en la tarea experimental considerando, en primera instancia, el análisis comparativo constante (y, luego, la jerarquía de expresiones referenciales (Benítez Rosete, 2014) por los niños. También se ha considerado la Media de Extensión de los enunciados.

Los resultados señalan que los valores de la Medias de MO resultan superiores a los reportados para niños en esa edad por otras investigaciones. Por otro lado señalan también un incremento evolutivo, incremento que no resulta similar en las tres pruebas. Consideramos que estas diferencias atienden a la diferente complejidad de las actividades cognitivas involucradas: la diferencia en almacenamiento y en almacenamiento y procesamiento.

En cuanto a las frases referenciales se observa que todos los niños identifican claramente al estímulo candidato, que pueden prescindir del señalamiento deíctico y que produce frases referenciales plenas. En general la estructura predominante en los niños de 7 años es la forma: Pronombre Demostrativo + Cláusula relativa, mientras que la estructura predominante en 9 años es: Cláusula relativa sin núcleo o SN + Cláusula relativa.

Finalmente, los primeros resultados señalan un patrón correlacional en el uso de expresiones referenciales y medidas de MO.

Palabras clave: Expresiones referenciales; Memoria Operativa; Cláusulas relativas; Lenguaje infantil; Cognición

Referências bibliográficas:

Baddeley, A. (1999). *Memoria Humana: Teoría y Práctica*. Madrid: McGraw-Hill.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

- Benítez Rosete, V. A. (junio de 2014). *Expresiones demostrativas como marcadores de accesibilidad referencial en español: una interfaz sintaxis-pragmática*. Recuperado 2/11/ 2014, Revista Signo y Seña, 25, 59-83: <http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>
- Bybee, J. (2003). Cognitive Processes in Grammaticalization. En M. (. Tomasello, *The new psychology of language: cognitive and functional approaches of language structure* (págs. 145-168). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Chomsky, N. (1994). *El conocimiento del lenguaje*. Barcelona: Altaya.
- Ellis, N. (2008). The dynamics of language use, language change, and first and second language acquisition. *Modern Language Journal*, 41(3), 232-249.
- Elvira, J. (2009). *Evolución lingüística y cambio sintáctico*. Berna: Peter Lang.
- Fox, B., & Thompson, S. (june de 1990). A Discourse explanation of the grammar of Relative Clauses in English Conversation. (S. Grey Homason, Ed.) *Language* , 66(No 2), 297-316.
- Langacker. (1993). Reference Point Constructions. *Cognitive Linguistics*(4), 1-38.
- Matthews, D., Lieven, E., & Tomasello, M. (noviembre de 2012). *The development of reference from two to four years*. (http://pre2009.uvt.nl/pdf/matthews_et_al.pdf).
- Silva, M. L. (2010). *Cláusulas relativas en el discurso infantil: cuestiones pendientes*. Bogotá: Academia Colombiana de la Lengua, Ediciones Universidad Central.
- Silva, M. L., Escher, L., Gasparini, M. V., Injonque-Ricle, I., Stahringer, G., Barreyro, J. P., y otros. (2015). Bateria digital ecológica de evaluación de funciones lingüísticas y cognitivas. CONICET- Grupo Neuropsi.
- Silva, M., & Plana, M. (2014). Estrategias de relativización en niños pequeños: comparación de desempeños ante producción espontánea y recuperación de relatos[. *Logos: Revista de Lingüística, Filosofía y Literatura*(2 (24)), 101-122.
- Tomasello, M. (2003). *Constructing a Language: a Usage-Based Theory of Language Acquisition*. Cambridge, Massachusetts: Harvard Univ. Press.

II LINCOCG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

O bilinguismo entre crianças brasileiras no Japão

Patrícia Elisa Kuniko Kondo Komatsu (FFLCH-USP)

São muitas as dificuldades enfrentadas pelas crianças brasileiras residentes no Japão para dominar a linguagem num contexto de bilinguismo, falando português em casa e japonês na escola. Por outro lado, o bilinguismo é uma questão complexa, que para se compreender não basta, somente, o conhecimento de teorias linguísticas; mas é necessário também contar com a contribuição de outras disciplinas, principalmente, da sociologia (condição ambiental e socioeconômico da família, nível de instruções dos pais), da etnologia, da psicologia e, também, da neurologia (crianças com deficiências mentais ou dificuldades cognitivas). Nesse contexto, dependendo de cada caso, podem-se atingir diferentes níveis de bilinguismo. Além disso, do ponto de vista antropológico o bilinguismo pode ser cultural, quando se domina as duas culturas; ou um tipo de bilinguismo com a renúncia da própria identidade étnica, quando se abandona a cultura da língua materna e se adota os valores culturais e sociais relacionadas à segunda língua. Nakajima, em seu livro *O Método da Educação Bilíngue* (1998), afirma que o bilinguismo desenvolve a mente, tanto o lado objetivo quanto o lado subjetivo da função cognitiva. Para a obtenção da competência linguística, ou seja, a gramática universal das duas línguas é melhor iniciar o ensino durante infância de dois a 12 anos. Enfatiza que para o melhor resultado, o falante deve saber bem sua língua materna e depois a segunda língua. A vantagem do bilinguismo é que facilita a aquisição de uma terceira ou quarta língua. Além disso, uma pessoa bilíngue está exposta às culturas de dois países, e, também, um maior conhecimento de mundo por meio das leituras das duas línguas. O importante a destacar é que o bilinguismo significa o conhecimento profundo de duas línguas, tanto no plano da expressão, quanto no plano da compreensão. Entretanto, é comum a existência de falantes de duas línguas que as dominam perfeitamente na fala, mas são semianalfabetos em uma dessas línguas. Um esforço maior é necessário para domínio de duas línguas em todas as suas funções. Sem se esquecer de que o bilinguismo, além de uma escolha pessoal dos pais é uma questão de identidade que poderá ter consequências de longo prazo na vida dos filhos. No Japão, existem várias escolas dedicadas ao ensino dos filhos dos trabalhadores brasileiros. No entanto, nascidas de uma necessidade concreta, as escolas brasileiras não foram, a princípio, pensadas para enfrentar as muitas implicações de uma criança bilíngue. As primeiras escolas brasileiras no Japão foram criadas para que os filhos dos trabalhadores tivessem um lugar para ficar durante a jornada de trabalho, isto porque o

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

fator econômico, o trabalho, acaba sendo mais importante. Esse é o pensamento dominante que se irradia na comunidade. A escola apenas complementa o papel da família no quesito cuidar. Assim, muitos pais acabam por optar pela escola japonesa, uma vez que o curso é gratuito e seus filhos mais cedo ou mais tarde terão que enfrentar a sociedade japonesa e o contexto da cultura local. A situação dessas crianças pode ficar ainda mais complicada quando os pais são obrigados a retornar para o Brasil e enfrentar novamente a escola brasileira, num novo desafio social e cognitivo, como acontece com a família de alguns trabalhadores temporários brasileiros.

Para as famílias de trabalhadores brasileiros no Japão o maior dilema é vivido por ocasião da adolescência dos filhos. Pois nesse momento devem decidir se as crianças irão permanecer no Japão e preparar-se para cursar a universidade em língua japonesa, ou irão retornar para o Brasil e estudar para enfrentar o exame vestibular onde o português é um fator de grande importância na aprovação. É necessário lembrar que no Japão não há universidades em língua portuguesa, embora existam universidades que oferecem cursos de português como língua estrangeira, como a Universidade Federal de Línguas Estrangeiras e a Universidade de Sophia, mas estas nem sempre satisfazem as expectativas dos jovens brasileiros. A questão pode ficar ainda mais difícil nas situações de crise econômica porque passa o Japão e mais recentemente, também, o Brasil. Nesse caso a família deverá tomar uma difícil decisão, esforçando-se para fazer a previsão mais acertada sobre o futuro que desejam para os filhos, seja no Japão seja no Brasil.

Referências bibliográficas:

BAKER, Colin. Foundations of bilingual education and bilingualism. Publisher: Multilingual Matters, 2011.

NAKAJIMA, Kazuko. Bairingararu Kyoiku no Hôhô (O Método da Educação Bilíngue) Tokyo: Aruku, 1998.

PINKER, Steven. The Language Instinct. New York: Wm. Morrow, 1994. REVISTA EDUCANDO. Disponível em <http://www.revistaeducando.jp>

SAKAMOTO, Rita de Cássia. Situação da educação e ensino das crianças brasileiras no Japão, em 30 de julho de 2012. Disponível em: <http://cassiameuambiente.blogspot.com.br/2012/07/a-situacao-da-educacao-e-ensinodas.html>

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Compreensão de anáforas por disléxicos: um estudo cognitivo experimental

Danielly Lopes de Lima (UFMG/UFPA)

A tarefa de compreensão de referências é uma das mais frequentes na vida dos sujeitos, seja o processamento de informações obtidas para se acertar um caminho a ser percorrido, seja a correlação entre os dados necessários para distinguir as fofocas recentes de fatos apresentados em programas de rádio e televisão. Boa parte da compreensão de nossas referências sobre o mundo repousa no trabalho com a linguagem, especialmente nos mecanismos textuais como a anáfora, assim na capacidade cognitiva de produzir e compreender as inferências instanciadas na língua.

O objetivo deste trabalho é investigar a compreensão de anáforas em textos jornalísticos por indivíduos diagnosticados com dislexia. Esta pesquisa surgiu do interesse linguístico-textual em compreender como a dislexia, por se tratar de um transtorno específico da leitura (Relatório Técnico do Comitê de Especialistas, 2008), tem efeito nas tarefas cognitivas e meta-cognitivas do aluno-leitor. Logo, realizar testes de compreensão com um grupo de sujeitos portadores de dislexia passou a ser um desafio não apenas da Linguística Textual, mas, sobretudo, do conjunto teórico-metodológico que aborda os processos mentais, neurais e cognitivos subjacentes à compreensão e à leitura, a saber a Linguística Cognitiva (LC).

A Linguística Cognitiva foi escolhida como base teórica dessa pesquisa porque, apesar de tratar do fenômeno cognitivo (seja numa abordagem mental ou neural), considera também a importância dos fenômenos sociais nas questões referentes à linguagem e à capacidade de acesso e de processamento de conhecimento. Defende que não tem como se dissociar o caráter cognitivo do comunicativo nos estudos da linguagem. Ao analisar uma estrutura linguística, deve-se levar em conta em qual situação comunicativa essa estrutura ocorre. A linguagem tem caráter dinâmico e evolutivo (LANGACKER, 1987).

Além disso, muitos cognitivistas se voltaram aos estudos sobre compreensão. Dentre eles, Marcuschi (2008, 229-230) defende que a compreensão de um texto não pode ser considerada como algo natural ou de ordem genética. O ato de compreender depende de habilidade, de interação e de trabalho e representa a inserção do homem no mundo, agindo a partir de uma determinada cultura e sociedade. Usar a linguagem abrange significação e compreensão por parte dos interlocutores (CLARK, 1996).

Ao se propor compreender anáforas, este trabalho dialoga entre a Linguística Cognitiva e a Linguística Textual. Para Marcuschi (2000), toda linguagem é caracterizada

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

como forma de cognição, o que torna necessário o uso das propriedades cognitivas para compreender o processo complexo que é a anáfora. Na Linguística Textual, Koch (2004, 244) afirma que “são formas referenciais anafóricas os grupos nominais com função de remissão a elementos presentes no co-texto ou detectáveis a partir dos outros elementos nele presentes”. Dentro de um processo cognitivo, a referenciação corresponde justamente à relação intersubjetiva e social em que as versões são construídas em conjunto e se adequam às práticas e às ações de quem elabora o discurso ou de quem compartilha (MONDADA, 2003).

Ao observar o uso de métodos empíricos em estudos da Linguística Cognitiva (RODRIGUES-LEITE, GONÇALVES, 2014; GONZALEZ-MARQUEZ, MITTELBERG, COULSON, SPIVEY, 2007), optou-se por se fazer um trabalho experimental sobre compreensão de anáforas, elaborando-se três experimentos.

O experimento 1 corresponde à leitura dos textos jornalísticos escritos. As variáveis independentes escolhidas são retomada por nome repetido e por anáfora e as variáveis dependentes são tempo de leitura e frequência de acerto. As hipóteses levantadas são: os disléxicos precisarão de mais tempo para realizar atividades de leitura com texto escrito do que indivíduos sem dislexia; os disléxicos apresentarão um índice de acerto inferior ao grupo controle, em virtude da dificuldade que há na leitura de texto escrito e da memória necessária para relembrar o que foi lido.

O experimento 2 (audição dos textos jornalísticos) e o experimento 3 (assistir ao texto jornalístico televisionado) apresentam as mesmas variáveis: as independentes são retomada por nome repetido e por anáfora presentes e as dependentes são tempo de leitura, frequência de acerto e número de repetições para as leituras dos textos e das alternativas de respostas. As hipóteses traçadas foram: os grupos não apresentarão diferenças significativas quanto ao índice de acertos para os textos ouvidos e assistidos, embora o grupo experimental repetirá mais vezes as leituras dos textos e das alternativas de escolha.

Os participantes da pesquisa foram divididos em dois grupos: um experimental (30 sujeitos diagnosticados com dislexia) e um controle (30 indivíduos com leitura satisfatória). A amostra totalizada é de 60 participantes do sexo feminino e masculino com faixa etária entre 10 e 65 anos.

Esta pesquisa vem sendo desenvolvida junto ao **Laboratório de Compreensão Neurocognitiva da Linguagem**, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e encontra-se em andamento. Em virtude

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

disto, até o presente momento, os experimentos foram elaborados e serão aplicados em setembro deste ano. Portanto, serão feitas previsões sobre os resultados esperados.

Com os testes, espera-se comprovar que os disléxicos, mesmo demandando mais tempo nas atividades com textos escritos, apresentarão índices de acertos inferiores ao grupo controle. Este achado irá de encontro com o defendido por Lukasova et al (2008) de que os disléxicos conseguem compreender satisfatoriamente, embora precisem de mais tempo para realizar as tarefas.

Outra previsão é que retomadas por nome repetido são facilmente compreendidas por disléxicos do que retomadas por anáforas, o que confronta achados da Psicolinguística sobre a Penalidade do Nome Repetido.

Outra projeção é os disléxicos precisarão repetir mais vezes leituras dos textos que serão ouvidos e assistidos do que os indivíduos do grupo controle em virtude do problema que apresentam com a memória operacional. Isto endossará a nossa tese de que a compreensão extrapola o acesso lexical de superfície. No caso dos disléxicos, a memória operacional exerce grande influência nas atividades de compreensão textual. Esta previsão irá contrapor às abordagens feitas pelos estudiosos, principalmente da Fonoaudiologia, que defendem que a consciência fonológica é a principal causadora dos problemas de leitura e compreensão dos disléxicos. No caso da leitura dos textos orais, que não exige a conversão do grafema-fonema, a memória operacional dos disléxicos irá influenciar diretamente as inferências que farão a partir dos processos de referenciação presentes nos textos.

Palavras-chave: compreensão; anáfora; dislexia.

Referências bibliográficas:

BERGEN, B.; WHEELER, K.. Grammatical aspect and mental simulation. In: *Brain & Language*, p. 150-158, 2010.

CLARK, H. H.. *Using Language*. Cambridge: CUP, 1996.

GONZALEZ-MARQUEZ, M.; MITTELBERG, I.; COULSON, S.; SPIVEY, M. J.. *Methods in Cognitive Linguistics*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

KOCH, I. G. V.. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LANGACKER, R. W.. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

LUKASOVA, K.; OLIVEIRA, D. G.; BARBOSA, A. C. C.; MACEDO, E. C.. Habilidades de leitura e escrita de crianças disléxicas e boas leitoras. In: Arquivo Brasileiro de Psicologia, v. 60, n. 1, p. 45-54, 2008.

MARCUSCHI, L. A.. A anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: Encontro do CELSUL. Curitiba, 2000.

MONDADA, L.; DUBOIS, D.. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

RODRIGUES-LEITE, J. E. ; GONCALVES, M. J. . Compreensão de Humor e Doença de Alzheimer. Palimpsesto (Rio de Janeiro. Online), v. 13, p. 325-339, 2014.

Investigação Sobre a Memória de Trabalho e Cognição Usando Ressonância

Magnética Funcional

Felipe Macedo Kopel

Ressonância magnética funcional é um procedimento não-invasivo que utiliza radiação não-ionizante para visualizar imagens volumétricas do cérebro, contrastando a atividade neural resultante da realização de uma tarefa cognitiva. Com uma imagem obtida a cada poucos segundos, o procedimento permite construir um filme da atividade cerebral, aperfeiçoando o conhecimento sobre anatomia, cognição, patologias e a conexão mente cérebro. Dentre diversas aplicações, a memória de trabalho é uma componente do executivo central com grande relevância na compreensão do comportamento e inteligência, juntamente com sua aplicabilidade ergonômica. A capacidade de manter, manipular e transmitir informações para outras funções cognitivas reflete diretamente na tomada de decisão e no comportamento de um indivíduo. Perante a importância de um conhecimento mais profundo sobre a memória de trabalho humana e da ciência possibilitada por estudos funcionais, este trabalho realiza a implementação do procedimento de ressonância magnética funcional no setor de diagnóstico por imagem do InCor-HCFMUSP em um experimento sobre memória de trabalho. Submetendo voluntários sadios à condições diversas de treinamento e dificuldade, o aprendizado e a tomada de decisão são observados, para que uma abordagem quantitativa da atividade em tecidos cerebrais, incluindo segmentações corticais, possa avaliar os modelos atuais de memória de trabalho e executivo central.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Aplicação do Modelo *X-Schemas* na compreensão de metáforas espaciais

Francisco das Chagas de Sousa (UFPB/IFTO)

A pesquisa empírica aqui proposta tem por objetivo observar através de aparato experimental como se processa no nível neural a compreensão de metáforas espaciais em indivíduos com declínio cognitivo devido a Doença de Alzheimer (DA). Esse estudo encontra-se inserido no conjunto teórico multidisciplinar que envolve as áreas de Linguística, Neurociências e Ciências da Computação e surge da necessidade de se conhecer em profundidade o processamento da compreensão de metáforas conceituais, em especial daquelas que tenham como domínio fonte de conceptualização os referentes de natureza espacial. Fazendo uma conexão entre a Teoria Neural da Metáfora, proposta por Srinivasa Narayanan, que considera o processamento da compreensão como sendo realizada no nível físico, através da ativação simultânea de neurônios ou grupos neurais e as patologias desencadeadoras de declínio cognitivo, em especial a DA, justificamos a necessidade de conhecer como a progressão desta doença no indivíduo é refletida nas atividades de conceptualização e de compreensão. Para tanto, utilizaremos o modelo simbólico estabelecido como *X-Schemas* (FELDMAN; NARAYANAN, 2004) para fundamentar a interpretação dos dados obtidos, considerando sua viabilidade para demonstrar a materialização da conexão entre as redes neurais dos indivíduos com base nos pressupostos da Teoria Neural da Linguagem – TNL (FELDMAN, 2008). O modelo a ser empreendido, uma vez construído com base nos dados experimentais, oferece uma ferramenta teórica que possibilitará uma melhor interpretação da forma como ocorre a conceptualização de metáforas espaciais em indivíduos com a DA. A base teórica deste trabalho está assentada sob viés experiencialista da cognição e sob os estudos da metáfora de Lakoff e Johnson (1980) e adentra no campo da Teoria Neural da Linguagem, desenvolvida de forma interdisciplinar, sendo a área da linguística liderada por Lakoff e a área das ciências da computação por Feldman. A TNL estabelece que a modelagem da estrutura neural configura-se pela experiência, o que reforça a ideia da corporificação mente-corpo e propõe um conceito de semântica da simulação. Seguindo essa forma semântica, a concepção de significados se dá em simulações mentais, ou seja, para relembrarmos algo como, por exemplo, uma determinada atividade física, acionamos grande parte dos neurônios que são recrutados quando essa atividade é de fato realizada. Consideramos para o presente estudo as metáforas que estruturam os conceitos tendo como fundamento uma orientação espacial. Esse tipo de metáfora é constituída por uma base física, no caso a

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

nossa experiência física corpórea ou uma base cultural, acompanhando o comportamento generalizado em uma determinada comunidade falante (LAKOFF & JOHNSON, 1980). A relevância do modelo computacional proposto por Narayanan (1999) se dá pela capacidade do mesmo em modelar os aspectos anatômicos e fisiológicos do cérebro em conjunto com a compreensão de alguns mecanismos cerebrais emergentes. Trata-se, portanto, de uma pesquisa empírico-experimental cuja amostra é composta por 10 informantes do grupo de controle e 10 informantes do experimental (sujeitos com Doença de Alzheimer) selecionados através de contatos pessoais. O estudo é realizado em João Pessoa, Paraíba e os experimentos operados com suporte de equipamento digital que permite captar evidências do processamento neural realizado para a compreensão de estímulos linguísticos, sem a intervenção consciente do sujeito que está sendo testado. Essas respostas, uma vez armazenadas, serão processadas a fim de subsidiar nossas análises, bem como nos permitirão a construção do modelo teórico *X-Schemas*. Espera-se que a materialização dos dados de compreensão das metáforas espaciais sob à luz dos instrumentos de análise propostos pela Teoria Neural da Linguagem, em especial a modelagem *X-Schemas*, seja capaz de demonstrar o processamento da metáfora sob os pressupostos da teoria de Narayanan, bem como uma possível correlação entre o dano neural fisiológico e a compreensão de metáforas espaciais.

Palavras-chave: linguística cognitiva, metáforas espaciais, compreensão

Referências bibliográficas:

FELDMAN, J.; NARAYANAN, S. Embodied meaning in a neural theory of language. *Brain and Language*, 89(2), 385–392, 2004.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. University of Chicago Press, 1980.

FELDMAN, Jerome. *From molecule to metaphor: A neural theory of language*. MIT press, 2008.

NARAYANAN, Srinivas. *Moving Right Along: A Computational Model of Metaphoric Reasoning about Events*. AAAI/IAAI, v. 121127, 1999.

Gramática e Imagética Convencional na Doença de Alzheimer

Jan Edson Rodrigues Leite (UFPB)

Berla Moraes (UFPB)

Nossa pesquisa tem como interesse identificar o grau de comprometimento cognitivo na compreensão sentenças gramaticais, por parte de indivíduos portadores da Doença de Alzheimer, utilizando a técnica de leitura automonitorada. O elemento conceptual a ser investigado na compreensão dessas sentenças trata-se da imagética convencional (Langacker, 1990). Por imagética convencional entende-se que a linguagem, através de sua semântica, não reflete uma realidade objetiva, mas que o falante incorpora maneiras alternativas de reproduzir a realidade nos eventos comunicativos de que participa. Desse modo, a imagética convencional é a capacidade de estruturar de modos alternativos o conteúdo de um domínio conceptual (Langacker, 2008). Esta capacidade do falante denomina-se perspectivação conceptual e tem sido evidenciada como a função central da gramática, cuja importância trouxe nova compreensão acerca do papel das categorias gramaticais, que passam a ser estudadas a partir do seu significado. Nossa pesquisa se debruça sobre as dimensões da imagética convencional presentes em sentenças gramaticais, a saber: (1) nível de especificidade, (2) proeminência e (3) perspectiva.

Em (1) compreende-se que uma expressão pode ser conceptualizada em diferentes níveis de especificidade e detalhe. Hierarquicamente, um item lexical pode ser mais esquemático (genérico) ou mais específico. Esta escolha depende do nível de especificidade com que se quer retratar uma cena, bem como do contexto discursivo e qual propósito comunicativo em determinada situação (Ferrari, 2011, p. 62). Já a proeminência (2) permite por em primeiro plano ou em plano de fundo determinada estrutura e, entre as suas categorias, está o alinhamento figura/fundo, as oposições análogas perfil/base e trajetor/marco. A última dimensão é a relativa proeminência de uma entidade em relação a outra(s) (Langacker, 2008). A proeminência de uma frase pode ser estruturada de acordo com a voz gramatical, seja na voz ativa como na voz passiva. A perspectiva (3), considerada a base conceptual das operações de perspectivação conceptual, trata da relação envolvendo ajustamentos focais, designadas como arranjo de visão. Segundo Langacker (2008, p. 73) "o arranjo de visão envolve um observador V (locutor ou interlocutor), de um lado, e uma situação observada, do outro". A cena de relação de esquema espacial horizontal (à direita/à

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

esquerda), retrata adequadamente a perspectiva, na qual o ponto de vantagem é o sujeito, e um dos objetos se torna referência para localização espacial do outro objeto.

O procedimento utilizado para elaboração das sentenças do experimento consistiu dos seguintes passos: a) a escolha do tipo de estrutura sintática comum a todas as frases: SVO (Sujeito + Verbo + Objeto) do tipo transitiva direta e indireta, com complementos verbais da oração: objeto direto e objeto indireto. Verbos transitivos diretos e indiretos, conjugação verbal na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Diante desta escolha, pode-se determinar a extensão da frase, controlando o número de palavras, e a frequência de cada palavra crítica na língua portuguesa (português brasileiro).

Analisamos o tempo de reação na leitura das sentenças, o tempo de reação para leitura da pergunta de compreensão e escolha da resposta, e o índice de acerto nas perguntas de compreensão por indivíduos do grupo experimental confrontados com os grupos de controle, considerando frases no nível de especificidade e esquematicidade; de proeminência na voz ativa e na voz passiva e de perspectiva com domínio espacial na frente/atrás e à direita/à esquerda. Participaram da aplicação dos experimentos um total de 30 sujeitos. Os resultados indicam que o grupo caso (idosos com DA) apresenta desempenho inferior na compreensão da imagética convencional, em termos de índice de acertos e de tempo de resposta, quando comparados com idosos sem declínio cognitivo.

Na condição experimental Nível de Especificidade, os sujeitos com DA demandaram maior tempo na leitura e nas respostas as frases com esquematicidade, nas quais também se observa maior índice de erro nas respostas. Na condição Proeminência, o tempo de leitura e de resposta à pergunta de compreensão por sujeitos com DA também foi superior ao grupo controle, tanto na voz ativa como na voz passiva, e houve menor índice de acertos na voz ativa. Por fim, nas frases da condição Perspectiva, o tempo de leitura e de resposta à pergunta de compreensão pelos sujeitos com DA foi superior ao grupo controle nas frases com domínio espacial na frente/atrás e à direita/à esquerda, e houve uma média de 60% de índice de acertos em ambos os domínios.

Os resultados indicam que a compreensão da imagética convencional em frases gramaticais no nível de especificidade, proeminência e perspectiva estão afetadas desde os estágios iniciais da doença de Alzheimer, uma vez que nessa fase, os impedimentos

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

cognitivos atingem progressivamente a memória de trabalho, a velocidade de processamento informacional, a tomada de decisão e a orientação temporal e espacial.

Palavras-chave: Gramática Cognitiva; Imagética Convencional; Doença de Alzheimer.

Referências bibliográficas:

CROFT, William. Syntactic argumentation and radical construction grammar. *Radical construction grammar*. Oxford, UK, 2001.

FERRARI, Lilian. Introdução à Linguística Cognitiva. Editora Contexto. São Paulo, 2011.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University Press, 1995.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical prerequisites*. Stanford University Press, 1987.

_____. *Subjectification*. *Cognitive Linguistics*. V. 1, p. 5-38, 1990.

_____. *Foundations of cognitive grammar: Descriptive applications*. Stanford University Press, 1991.

_____. *Grammar and Conceptualization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999.

_____. *Cognitive Grammar. A basic Introduction*. Oxford University Press, 2008.

RODRIGUES LEITE, J. E.; GONÇALVES, M. J. Compreensão do humor e doença de Alzheimer. *Palimpsesto, Dossiê*, n. 19, p. 325-339, 2013.

RODRIGUES, J. *Conceptualização na Linguagem: dos domínios cognitivo à mente social*. João Pessoa, Editora Universitária da UFPB, 2010.

SILVA, Augusto Soares; BATORÉO, Hanna. Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In: BRITO, Ana Maria (org.), *Gramática: História, Teorias, Aplicações*. Porto: Fundação Universidade do Porto. p. 229-251. 2010.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Compreensão metafórica em indivíduos surdos

Thalita Maria Lucindo Aureliano (CAPES/UFPB)

O trabalho em questão discute alguns aspectos de ordem conceptual sobre a compreensão das metáforas primárias por indivíduos surdos e ouvintes, notadamente sobre como as percepções sensório-motrizas (investigadas nos domínios cognitivos relacionados aos sentidos: tato, paladar, visão, olfato e audição) interferem no processo de compreensão dessas metáforas. Assim, discutimos também como as metáforas primárias se comportam em línguas gestuais, como a LIBRAS, e a importância da cultura para o processo de compreensão. Wilcox (2000) menciona que a cultura possivelmente tem um impacto na produção da linguagem e da metáfora conceptual, uma vez que grupos culturais diferentes tendem a conceptualizar a realidade de maneira distinta. Como base para as análises, as principais teorias abordadas foram: surdez (Fernandes 2006, 2012; Wilcox 2000), línguas gestuais (McNeill 1985; Quadros e Schimiedt 2006), LIBRAS (Fernandes 2003; Quadros 2012), metáfora primária (Lakoff e Johnson 1980, 1999; Grady, 1997) e compreensão (Marcuschi, 2008). Já a metodologia foi baseada em Gonzalez-Marquez et al (2006), pois optamos por uma pesquisa de cunho experimental, o que nos permitiu observar com maior rigor e objetividade as respostas dos sujeitos a dois experimentos. Apesar de escolhermos esse tipo de metodologia, não nos esquivamos também de apresentar discussões sobre seu aspecto qualitativo/intepretativo. Para a análise da compreensão metafórica, realizaram-se dois experimentos: um com sujeitos surdos e outro com sujeitos não surdos. Estavam presentes em cada grupo quatro sujeitos com idade entre 20-35 anos, universitários e de ambos os sexos. Os referidos experimentos foram desenvolvidos da seguinte maneira: 1) selecionamos cinco metáforas primárias (variável independente) relativas a cada sensação sensório-motriz (níveis da variável independente). Essas metáforas constituíram as condições experimentais: CONHECER É VER (Referente à visão), ACEITAR É ENGOLIR (Referente ao paladar), AFEIÇÃO É CALOR (Referente ao tato), ACEITAR É OUVIR (Referente à audição) e MEMÓRIA É CHEIRO (Referente ao olfato); 2) selecionamos duas expressões metafóricas para cada metáfora; 3) escolhemos como variáveis dependentes o tempo gasto na escolha e a frequência de acerto nos testes de compreensão. O experimento foi rodado no software *Qualtrics* bastante utilizado nesse tipo de pesquisa e para a aplicação foi necessária a utilização do computador ou tablet/ Ipad. Os resultados foram analisados a partir do programa *R*. Em relação aos resultados dos testes, concluímos em um primeiro momento que a conceptualização dos informantes, refletida

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

através da frequência de acerto, ocorreu de maneira semelhante entre os dois grupos analisados, porém destaca-se a frequência de acertos dos *inputs* linguísticos relacionados à audição, que foi superior no grupo de informantes sem surdez. Um segundo momento foi destinado a análise do tempo de resposta dos informantes. Esse tempo refletiu diretamente o quanto as sentenças e associações apresentadas podem ser mais naturais e inconscientes aos sujeitos sem surdez. Essa apreciação foi corroborada pela análise estatística, que apresentou um p-valor inferior a 0,005, ou seja, há cerca de 95% de chance dos dados obtidos não terem ocorridos ao acaso. O presente estudo se destaca pela possibilidade de associar métodos complementares para a compreensão de diferentes aspectos da conceptualização, especialmente de como as metáforas primárias, cujos domínios-fonte estão estruturados pelas disposições sensório-motrizes, podem tornar mais custosa a compreensão de sujeitos afetados pela ausência de um tipo específico de percepção, como é o caso da surdez.

Palavras-chave: Compreensão; Metáfora Primária; Surdez

Referências bibliográficas:

FERNANDES, E. Linguagem e Surdez. São Paulo: Artemed, 2003.

_____.(org). Surdez e Bilinguismo. 6 ed. Porto Alegre : Editora Mediação, 2012.

FERRARI, L. Introdução à Linguística Cognitiva. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA F. A. R. A Corporificação Presente Nos Sinais Da Libras: Uma Abordagem Da Linguística Cognitiva. VI Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos - Curso De Verão Do Cifefil. 2014. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vi_sinefil/textos_completos/A%20corporifica%C3%A7%C3%A3o%20presente-%20FLANCIENI.pdf> Acessado em 9 de Maio de 2014.

GRADY, J.E. Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes. PhD Dissertation, University of California, Berkeley, 1997.

KLIMS FARIAS, S. B. Metáfora Conceptual em Língua Brasileira de Sinais. Revista Brasileira de Tradução Visual - RBTV, v. 11, p. 100, 2012.

LAKOFF, G. Women, fire and dangerous things. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1987.

_____. & JOHNSON, M. Metaphors we live by. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

_____. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

McNeill, D. (1985). So you think gestures are nonverbal? *Psychological Review*, 92, 350-371.

_____. Catchments and contexts: Non-modular factors in speech and gesture production. In D. *McNeill* (Ed.), *Language and Gesture*, pp. 312-328. 2000

QUADROS, R. M. de. O bi do bilingüismo na educação de surdos In: *Surdez e bilingüismo*. 1 ed. Porto Alegre : Editora Mediação, 2012, p. 27-37.

RODRIGUES, J.E. *Conceptualização na linguagem: dos domínios cognitivos à mente social*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

WILCOX, P. *Metaphor in American Sign Language*. Washington: Gallaudet University Press, 2000.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

A língua de herança de latino-americanos expatriados: a preservação da identidade linguística e cultural

Anna Karolina Miranda Oliveira (USP)

Muito se tem debatido sobre a importância de pais imigrantes ensinarem formalmente a seus filhos a língua da família (LICO, 2011). Caberia aos pais esse papel? Qual o papel da escola como território social e cultural para a criança? Como a criança se sentirá pertencente à cultura do país em que nasceu ou para o qual migrou muito pequena se criar um vínculo tão forte, como é o vínculo linguístico, com a cultura dos pais? Essas e outras perguntas provavelmente invadem a mente de muitos pais imigrantes quando o assunto é a comunicação com seus filhos, especialmente quando essa família mantém vínculos em seu país de origem. No entanto, é possível que o contexto de imigração dessas famílias seja definitivo para o grau de importância dado por elas a essa transmissão de herança linguística e, conseqüentemente, para a relação desses filhos com a língua de herança. Este projeto tem como objetivo comparar a relação de filhos de imigrantes brasileiros e hispânicos com sua língua de herança em dois diferentes contextos socioeconômicos e culturais, a depender da motivação da imigração da família e da cultura do país que a recebe. A língua de herança é um legado de pais estrangeiros a filhos nascidos ou criados desde pequenos em outro país devido a um contexto de imigração. A aprendizagem da língua de herança está relacionada não só à comunicação entre os familiares no aconchego do lar e na expressão dos afetos, mas, especialmente, conforme Lima-Hernandes (2016), à “uma necessidade de delimitação identitária”. Ainda segundo a autora, a preocupação com a inserção social dos filhos pode levar pais imigrantes a questionarem a importância de que o vínculo linguístico com a cultura original da família seja mantido. No entanto, no mundo globalizado em que vivemos, é possível que, no futuro, esses filhos possam manifestar desejo de aprender essa língua que, na verdade, representa a identificação com a história familiar. Além disso, o próprio contexto de imigração pode ser definitivo para o nível de consciência desses pais e, por conseguinte, dessas crianças quanto à importância, e até mesmo o direito de seus filhos de aprenderem uma língua a mais, de se comunicarem mais efetivamente com a família, de reforçarem o vínculo afetivo e de terem acesso a suas origens. Segundo Lima-Hernandes e Ciocchi-Sassi (2015), “se entendermos que o ambiente e suas propriedades em interação produzem contextos, então, tornar-se-á plausível afirmar que o contexto é, por assim dizer, elemento fundamental para o estudo de línguas”. Para a realização dessa empreitada, pretendemos coletar dados em dois diferentes

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

contextos migratórios: a) comunidades hispânicas que vivem em São Paulo e b) comunidades brasileiras que migraram para os EUA. Em ambos os casos, temos imigrantes em, pelo menos, dois contextos sociais: o daqueles pertencentes a uma classe socioeconômica mais elevada que, por uma questão profissional, se mudaram legalmente para outro país, e o de imigrantes ilegais, que, em busca de melhores condições, deixaram seu país de origem em direção a um com melhores recursos que o seu, mas não conseguiram (ou nem tentaram) visto de trabalho. Esses dados serão analisados com enfoque sociolinguístico e, portanto, pretendemos responder às seguintes questões: a) as famílias, independentemente de sua situação legal como imigrantes, valorizam a transmissão de sua língua de herança como valorizadora da identidade cultural entre seus filhos e seu país de origem? b) como os filhos de brasileiros nascidos nos EUA e de hispânicos nascidos no Brasil se relacionam com sua língua de herança? c) há diferença, em termos de valorização da língua de herança e identidade cultural com a origem dos pais, entre filhos de imigrantes em situação legal e ilegal em um país? d) A necessidade de pertencimento à cultura do país em que vive seria um dificultador da valorização da língua de herança? A abordagem será comparativa entre os dois contextos sociais (motivação da imigração) e culturais (Brasil ou EUA como país de destino) e terá enfoque nos filhos desses imigrantes, ou seja, na geração que aprende o português ou o espanhol como língua de herança. Devido a isso, a amostragem deverá ser levantada majoritariamente em colégios que recebam essas crianças. No caso do Brasil, há, no contexto socioeconômico mais elevado, o Colégio Miguel de Cervantes, que recebe especialmente alunos de origem hispânica, e o DRE Jaçanã/Tremembé, que recebe a maior parte dos filhos de imigrantes que vêm trabalhar nas fábricas do Brás, em São Paulo.

Palavras-chave: Língua de herança; Identidade linguística; Imigração.

Referências bibliográficas:

LICO, Ana Lucia Cury. Ensino do português como língua de herança: prática e fundamentos. *Revista SIPLE*, 2(1), maio 2011.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CIOCCHI-SASSI, Karina Viana. Língua de herança como integradora de identidades. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; JENNINGS-WINTERLE, Felicia. *Português como língua de herança: Filosofia do começo, meio e fim*. New York: BEM, 2015.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Sociolinguística e línguas de herança. In: MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI JUNIOR, Celso. Sociolinguística, sociolinguísticas. São Paulo: Contexto, 2016.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Capacitismo no contexto escolar inclusivo

Ariane Coelho David Hirche (Instituto Sumaré de Educação Superior)

Identificar os desafios encontrados pelo professor e sua práxis com alunos com deficiência no contexto da escola inclusiva, investigando como é realizado o trabalho do professor em contexto inclusivo, mais especificamente em duas escolas regulares, sendo uma estadual e outra municipal, na região Norte da cidade de São Paulo. Após observação presencial, foram aplicados: um questionário de identificação para docentes e um roteiro de questões de orientação para as entrevistas semiestruturadas, focalizando as concepções sobre a Educação Inclusiva, desenvolvimento do processo de Inclusão e condições necessárias à efetivação da Educação Inclusiva. Concomitantemente, foi realizada uma avaliação geral da estrutura física das escolas, aplicando um relatório de observação estruturado de acordo com a NBR 9.050/2015. Os dados analisados, até o momento, revelam que as escolas inclusivas podem ser o caminho para combater atitudes discriminatórias, criando comunidades onde todos sintam-se bem-vindos, proporcionando uma sociedade mais justa e uma educação para todos. Inclusão e exclusão começam, sob essa perspectiva, na sala de aula, são essas experiências cotidianas que promovem as interações e as relações sociais que os alunos têm uns com os outros, refletindo no convívio social na idade adulta. Nesse sentido, conceitos dogmatizados frente a Inclusão descontextualizados são perigosas prerrogativas que permeiam a ineficácia das ações inclusivas em vigor, já que se tornam assim Barreira Atitudinais. Destaca-se, por exemplo, a ideia de que: (1) todas as pessoas apresentam diferenças umas em relação a outras, fazendo crer que mesmo as mais graves patologias são apenas diferenças quaisquer; (2) a ocorrência de anomalias faz parte da vida normal das pessoas (“ser diferente é normal”); (3) a convivência entre o deficiente e o não deficiente, com ênfase no ato de aprenderem juntos, fazendo crer que o simples fato de estarem juntos é necessariamente bom para todos. Algumas terminologias utilizadas nesse cenário já não correspondem ao contexto inclusivo, perpassando por linguagens que podem ser comparadas a sexistas e racistas, criando-se dessa forma estereótipos embasados em características das limitações individuais, por exemplo quanto a pessoas com deficiência física o uso dos termos: “aleijado”, “incapaz”, “inválido”, “dar uma de João sem braço”, “cretino” (termo esse utilizado para designar uma pessoa sem caráter, e que na verdade se refere a quem sofre de cretinismo, que é uma deficiência); no caso de pessoas com transtornos psicológicos, o uso de termos como: “louco”, “maluco”, “doido”, “imbecil”, “idiota”, “mongoloide”. Esses termos são tidos como "Capacitismo" que é o termo de

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

definição da discriminação direcionada às pessoas com algum tipo de deficiência, dada sua condição. Por isso não se pode reduzir uma pessoa a sua limitação seja ela física, sensorial ou intelectual, a identidade não parte apenas de um único aspecto do ser humano, nesse caso não podendo se embasada apenas na deficiência. A formação pedagógica voltada ao cenário inclusivo, deve considerar a preocupação central no controle dos processos de compensação e não simplesmente a caracterização quantitativa da deficiência, pois a peculiaridade positiva da criança com deficiência não se origina do desaparecimento de funções existentes em uma criança não deficiente, mas nas novas vias surgidas pela falta delas, as quais representam uma reação da personalidade frente à deficiência, qual seja: a compensação no desenvolvimento. No contexto inclusivo nas escolas regulares de ensino, é necessário desenvolver ajustes que favoreçam o acesso de todos os alunos, estruturando os objetivos educacionais, os conteúdos programáticos, os procedimentos e estratégias metodológicas, a avaliação, a temporalidade e a reorganização linguística que vai além do que é considerado “politicamente correto”, rompendo com termos que criam ou mantêm um modo de pensar que perpetua a segregação exatamente em um momento em que estamos falando sobre mover-se em direção a sistemas educacionais mais inclusivos e sobre uma sociedade mais inclusiva. Como a utilização do termo “especial” não sendo assim apenas um anacronismo, mas também é algo discriminatório. A escola inclusiva não é aquela que apenas tem alunos com deficiência, mas aquela que promove medidas de acessibilidade, e com essa pesquisa posso identificar algumas estratégias de uma educação com respeito, dignidade e criatividade nas adequações necessárias ao currículo, para que este não seja engessado. Mais do que pensar o aluno com deficiência, seria preciso pensar a escola para todos, contemplando dessa forma a diversidade cultural, promovendo a inclusão social desses alunos em diversas esferas. A participação ativa do professor nas ações inclusivas é de fundamental importância para a efetivação de um processo inclusivo eficiente. Isso implica em determinantes como as condições de trabalho, formação, competência pedagógica, habilidades e avaliações periódicas das estratégias metodológicas utilizadas. Para isso o professor precisa ter a compreensão não simplesmente da deficiência apresentada pela criança, mas do seu desenvolvimento integral, devendo ter como direção a formação do homem cultural e de suas funções psíquicas superiores, pois a peculiaridade positiva da criança com deficiência não se origina do desaparecimento de funções, mas nas novas vias surgidas pela falta delas.

Palavras-chave: Capacitismo; Inclusão; Linguagens segregacionistas.

Referências bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos; ABNT NBR 9050. Disponível em: <http://www.ufpb.br/cia/contents/manuais/abnt-nbr9050-edicao-2015.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2015.

FACION, José Raimundo. Inclusão escolar e suas implicações. Organizador: Carmem Lúcia de Mattos. 2. ed. rev. e atual. Curitiba: Ibpx, 2008.

MACHADO, Rosângela. Educação especial na escola inclusiva: políticas, paradigmas e práticas. São Paulo: Cortez, 2009.

MITTLER, Peter. Educação inclusiva: contextos sociais. Tradução WindyzBrazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed. 2003.

VIGOTSKY, Liev Semiónovich. Fundamentos de defectologia. In: TOMO V. Obras completas. Ciudad de la Habana, Cuba: Ed. Pueblo y Educación, 1995.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Games e narração – uma proposta de sequência didática

Bruno Magalhães Barbosa (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP)

Este trabalho está vinculado ao grupo de pesquisa IFSP/CNPq: *Grupo de Estudos da Linguagem* (GELIFSP) e tem como objetivo específico a discussão das possibilidades de aliar o trabalho com gêneros discursivos em sala de aula e os jogos eletrônicos (*games*). Como produto final, elaboraremos uma sequência didática voltada para o oitavo ano do nível Fundamental II, embasada nos elementos narrativos do jogo eletrônico Paper Mario, construindo um elo com a estrutura do gênero conto. Paralelamente, pretende-se pontuar as influências que os gêneros literários, a evolução tecnológica e o mercado exerceram sobre o âmbito dos jogos eletrônicos e como estes deixaram de ser estritamente definidos como passatempos, em que o objetivo é apenas adquirir a maior pontuação possível, e passaram a se configurar como uma esfera da comunicação à luz dos pensamentos teóricos de Bakhtin (1997) sobre gêneros do discurso. O resultado esperado é uma sequência didática aplicável que seja capaz de mobilizar os conhecimentos prévios dos discentes acerca de gêneros narrativos, em especial o gênero conto, e de evidenciar como o texto está manifestado em diferentes mídias. Para este fim, a sequência metodológica prevê o recorte de um dos capítulos iniciais do jogo selecionado e um momento para instigar os alunos a perceberem os elementos narrativos presentes no fragmento da obra, pontuando suas situações de estabilidade (conforto), sua complicação, seu clímax e o resgate da sua situação de conforto. Para justificar a seleção do jogo e a sua apropriação para o trabalho docente, este trabalho também busca apoio em Marcuschi (2005), Tomasello (2003), Dolz, Noverraz e Schneuwly (1999). Para Bakhtin (1997:284), gêneros discursivos podem ser definidos como “tipos relativamente estáveis de enunciados” que se classificam como (i) primários (simples, por exemplo: carta, documento, réplica de diálogo, diário íntimo, etc.) e (ii) secundários (mais complexos, por exemplo: romance, teatro, discurso científico). Ainda segundo o mesmo autor, “uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico”. Partindo deste princípio, os jogos eletrônicos, em seu nível estrutural, contam com uma base manuscrita e com mecanismos que provêm a contagem de uma história por meio da narrativa, intermediada por abordagens sociais que sejam pertinentes sob a ótica de seus próprios desenvolvedores —

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

que podem ser aqui interpretados também como autores. Dada a complexidade existente em jogos com esta proposição, é seguro classificá-los como gêneros secundários. Marcuschi (2008) reforça que gêneros textuais são registros históricos vinculados à vida social e cultural, sendo entidades sociodiscursivas e formas de ação social em uma situação comunicativa. A língua, nesse caso, é vista como atividade social, histórica e cognitiva, isto é, apresenta-se como sociointerativa. Tomasello (2007) afirma que qualquer língua está fundamentada em estruturas universais da cognição humana, na comunicação humana e na mecânica do aparelho fonoauditivo. Com base nisto, entendendo que os jogos eletrônicos são condutores de pensamentos e questionamentos humanos por meio da linguagem, além de serem capazes de prover a comunicação entre uma comunidade jogadora, os pensamentos e teorias sobre cognição também são aplicáveis no âmbito do gênero jogo. Sob a influência de grandes obras literárias e ricas produções cinematográficas, os jogos eletrônicos se consagram cada vez mais como uma mídia mobilizadora de histórias marcantes, compostas por personagens íntegros, e de reflexões, dialogando diretamente com o interlocutor — o jogador — com a finalidade de abordar problemáticas sociais e demais assuntos contemporâneos. Décadas atrás, a ideia que se convencionava a respeito da indústria de jogos eletrônicos era a de que estes não passavam de itens para momentos de recreação, colocando o jogador sobre o controle de um personagem que tinha de derrotar inimigos e superar desafios para conseguir a maior pontuação possível. No entanto, com o desenvolvimento tecnológico, apoiado no surgimento de novas esferas de uso da linguagem no meio digital com a proliferação da internet, passou a haver a necessidade de evocar a atenção dos consumidores através da incorporação de outros mecanismos aos games, que viabilizariam maior imersão: se há um personagem e um dilema, por que não construir um motivo para os acontecimentos do jogo, situando-o espacial e temporalmente, e torná-lo visualmente mais agradável para dar suporte à exposição da trama e construção de um herói? Nesta linhagem de pensamento, os jogos atuais, além de se preocuparem com as formas com que os jogadores interagirão com seus sistemas e, sobretudo, se divertirão, buscam também cativar através da sua narrativa, poética, trilha sonora, referências e reflexões. Bakhtin (1997) pontua que todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua, logo, os jogos eletrônicos, absorvendo aspectos da literatura, do cinema, do próprio cotidiano e de tantas outras fontes, também são um gênero do discurso e um importante objeto de pesquisa.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Palavras-chave: Gêneros do discurso; Sequência didática; *Games*.

Referências bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. 2. ed. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. Tradução de Glaís Sales Cordeiro. Revista de Educação, mai/jun/jul/ago de 1999, nº11.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora. Gêneros textuais e ensino. 4.^aed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário, GAYDECZKA, Beatriz e BRITO, Karim Siebeneicher (orgs.) Gêneros textuais: reflexões e ensino. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 15-28.

TOMASELLO, Michael. Origens culturais da aquisição do conhecimento humano. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Metáfora e argumentação em debates orais

Clara Regina Gonçalves da Silva (Instituto Federal de São Paulo – IFSP – Campus São Paulo)

A presente pesquisa tem por objetivo descrever, mapear e analisar, sob a ótica da Linguística Cognitiva, metáforas com peso argumentativo na oralidade do português brasileiro contemporâneo. Com isso, procura-se traçar um paralelo entre esta pesquisa e uma realizada ano passado que investigava a mesma estrutura, metáfora, em um *corpus* de textos escritos, para que tratemos das diferenças, aproximações, distanciamentos, e semelhanças que houver entre as duas modalidades da língua e seus usos metafóricos. Esta pesquisa faz parte do grupo *Descrição do Português do Brasil*, certificado pelo CNPq e vinculado ao IFSP, pelo projeto *Marcas gramaticais de argumentação*. Como referencial teórico nos embasamos em estudos da área da linguística textual (KOCH, 2011, 2002), no âmbito da argumentação e, da área da linguística cognitiva (LAKOFF e JOHNSON, 2002, JENSEN, 1975), no âmbito da metáfora. Koch (2004) faz um compilado de diversos estudos a respeito da construção da argumentação com o uso de marcas linguísticas no texto e segue a metodologia da macrossintaxe do discurso, em que estuda a relação existente entre os enunciados e a lógica própria da linguagem, sendo esta inerentemente argumentativa. Faz também algumas reflexões sobre os níveis de complexidade do texto tanto nos aspectos linguístico-textuais, quanto no aspecto discursivo-enunciativo. A autora ainda possui um trabalho sobre a construção dos sentidos no texto escrito e falado (KOCH, 2011), o qual contribuiu para a nossa pesquisa na medida em que elucidou algumas estratégias do processamento textual, como as cognitivas, textuais e sociointeracionais. Além destas estratégias mais genéricas, o texto falado vale-se de outras como a inserção, reformulação retórica, saneadora, tematização, rematização, os graus de integração sintática, e ainda outras, como repetições e digressões. Em seu livro a autora se propõe a analisar cada uma destas estratégias e a sua funcionalidade para a construção de sentidos no texto. Jensen (1975) propõe uma tipologia das metáforas: de restauração, de percurso, de unificação, criativas e naturais, cada uma delas tendo subclassificações mediante os contextos de uso e os campos lexicais que as compõem. Por sua vez, Lackoff e Johnson (2002), na obra *Metaphors we live by*, trazem uma abordagem da metáfora sob o viés do cotidiano, corriqueiro, automático da língua. Tratam a metáfora como recurso argumentativo presente em todos os meios sociais e não apenas como um recurso poético da linguagem, do meio literário. Também procuram discutir a questão do sistema de

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

conceitos próprios de cada comunidade de fala e do quanto esse sistema é metaforicamente exteriorizado e como a linguagem estrutura esse sistema de conceitos, ainda que inconscientemente. Os autores classificam as metáforas em: (i) conceituais/estruturais; (ii) de canal; (iii) orientacionais e (iv) ontológicas. A metodologia empregada nesta pesquisa foi a transcrição de dois vídeos de debate disponíveis no site YouTube cujo tema foi a descriminalização do porte de drogas. Ambos os vídeos somam um universo de 10.500 palavras. Realizada a transcrição nossa segunda etapa é a leitura atenta e identificação das metáforas utilizadas no decorrer das falas. Após isso, agrupá-las por recorrência e categorizá-las de acordo com a tipologia de Jensen e deprender as metáforas conceituais subjacentes a essas expressões. O primeiro vídeo transcrito encontra-se no Canal Sala Debate do Canal Futura com postagem datada do dia 2 de setembro de 2015. Traz como debatedores Ana Paula Pellegrino, coordenadora do Programa Pense Livre do Instituto Igarapé e Cid Vieira de Souza Filho, advogado. O segundo vídeo transcrito encontra-se no canal pessoal do Deputado Jean Wyllys e é resultado do Programa Brasil em Debate transmitido pela TV Câmara no dia 04 de setembro de 2015, sendo sua postagem no canal datada de 7 de setembro de 2015. Esse vídeo traz como debatedores o deputado pelo PSol – RJ Jean Wyllys e o também deputado pelo PSC – SP Gilberto Nascimento. O primeiro vídeo conta com 35 expressões metafóricas e o segundo com 28. Dentre as metáforas mais recorrentes estão as relacionadas ao domínio da guerra (26%) e do combate (18%), além de 5 ocorrências (8%) da metáfora “a maconha é porta de entrada” que aparece nos dois vídeos. Há ainda outras categorias identificadas que não serão abordadas por ora, como metáforas ontológicas e de personificação (“um projeto de lei que prevê”, “trânsito hoje que mata 50mil” entre outras). Nossas considerações vão no sentido de que a metáfora é bastante presente ainda na argumentação oral, embora em incidência menor que no *corpus* dos editoriais analisados anteriormente. Também concluímos que boa parte da argumentação em torno do debate sobre drogas remete-se à metáfora conceptual DROGAS SÃO INIMIGOS, e MACONHA É PORTA DE ENTRADA PARA DROGAS PIORES. Esta forma de conceber as drogas e especificamente a maconha geram na mente das pessoas uma concepção de que é preciso combater e arregimentar forças legais, táticas ou até prisionais para conter o avanço do uso dessas substâncias. Nossa experiência social com a droga é codificada com elementos do domínio fonte da guerra e por isso temos que estar prontos para o “combate”. A outra concepção que temos é a da doença, se conceptualizarmos o uso problemático das drogas como uma doença, ativaríamos outros *frames* como o do

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

tratamento, doses, recuperação e reabilitação. Nossas análises seguirão ainda com o objetivo de produzir um artigo com essas informações melhor detalhadas, quantificadas e devidamente analisadas sob a ótica das tipologias mencionadas nesse resumo (as de Jensen e Lakoff e Johnson).

Palavras-chave: Metáfora conceitual; Oralidade; Argumentação.

Referências bibliográficas:

- LACKOFF, George. JOHNSON, Mark. Metáforas da vida cotidiana. Tradução: M. S. Zanotto. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. Argumentação e linguagem. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- KOCH, Ingedore. O texto e a construção dos sentidos. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- SARDINHA, Tony Beber. Metáfora. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

Consciência metatextual se aprende: uma breve reflexão sobre o desenvolvimento da habilidade de argumentar em produções escritas no ensino fundamental 2

Helio Ponciano da Silva (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo)

O crescimento do número de estudos acerca da importância do domínio da consciência ou da capacidade metalinguística para a aprendizagem da leitura e da escrita (Content, 1985; Tunmer, Herriman & Nesdale, 1988; Yavas, 1988; Rego, 1995; Barrera, 2000, apud Barrera 2003) e as evidências deles decorrentes apontam para a urgente necessidade de a escola incorporar, de fato, procedimentos que beneficiem seus alunos na direção de melhores desempenhos. Comparada a outras consciências metalinguísticas, segundo Simões e Spinillo (2003), a metatextual tem sido alvo de um número ainda limitado de investigações. O termo, trazido à luz por Gombert (1992 apud Barrera), refere-se à deliberada tomada do texto como objeto de análise. Neste trabalho, tomamos *texto* como “produto da atividade discursiva escrita”, ou, para sermos mais específicos, uma determinada tarefa do âmbito escolar comumente denominada de *redação*. A reflexão deste trabalho baseia-se em estudos sobre a consciência metalinguística, sobretudo a metatextual idealizada por Gombert (1992 apud Barrera), e enfatiza a importância da oferta de modelos adequados para os estudantes e a necessidade do monitoramento pelo professor das produções escritas. Dedicamo-nos a examinar três produções textuais específicas de um aluno do 8º ano do ensino fundamental 2 de uma escola particular de São Paulo. O gênero textual contemplado foi a crônica, nas subcategorias humor; lírica ou existencial, e argumentativa. O objetivo desse percurso, da narrativa de humor para a argumentação, era oferecer modelos e orientar a prática de textos que caminhasse de uma narração de um fato para a defesa de ideias sobre um problema. Durante esse processo, de forma espontânea, o aluno em análise apresentou de forma explícita em sua produção a dificuldade que ele encontrava em transitar da *narração* para a *argumentação*. Transcrevemos as três crônicas produzidas e examinamos os momentos distintos dessa trajetória: 1 – o conforto de quem escreve sob um modelo com o qual tem familiaridade e mantém contato desde as séries iniciais da vida escolar, inclusive na forma oral, ou seja, a narrativa; 2 – a crise que se instaura diante do desafio de refletir, de apresentar uma ideia acerca de um tema abstrato, como vida, morte, amor, velhice, a juventude, o nascimento, ou seja, de um modelo novo; 3 – uma superação das dificuldades da etapa 2, após o contato com novos modelos adequados, e a composição de um argumento sobre um tema do seu presente (neste caso, o Brasil e a Copa do Mundo de Futebol de 2014). Mais uma vez amparando-nos em Gombert

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

(2003), solicitamos atenção plena aos modelos a serem contemplados pelos alunos. No processo descrito nas três propostas da sequência didática apresentada neste trabalho, buscamos não somente a consciência sobre o gênero textual *crônica*; pensamos ao mesmo tempo em um alvo, de longo prazo, que exige um percurso anterior: o *texto dissertativo-argumentativo*. Parece-nos que vamos ao encontro das palavras de Morais (2014) quando elege esse gênero como um propósito maior. Estudos sobre as dificuldades de escrita em alunos de ensino fundamental 2 ou de ensino médio são igualmente menos numerosos do que os dedicados às séries iniciais, o período consagrado à alfabetização. Espera-se contribuir com este trabalho para o acréscimo de esforços acadêmicos voltados para a faixa etária e de escolarização de que aqui nos ocupamos.

Palavras-chave: Consciência metatextual; Produção escrita; Argumentação

Referências bibliográficas:

ALBUQUERQUE, E. B. C., SPINILLO, A. G. O conhecimento de crianças sobre diferentes tipos de texto. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 13(3), 329-338, 1997.

ALBUQUERQUE, E. B. C., SPINILLO, A. G. Consciência textual em crianças: critérios adotados na identificação de partes de textos. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología e Educación*, 3(2), 145-158, 1998.

BARRERA, S. D. Papel facilitador das habilidades metalinguísticas na aprendizagem da linguagem escrita. In: MALUF, M. R. (org) *Metalinguagem e aquisição da escrita: contribuições da pesquisa para a prática da alfabetização*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2003.

FERREIRA, A. L., SPINILLO, A. G. Desenvolvendo a habilidade de produção de textos em crianças a partir da consciência metatextual. In: MALUF, M. R. (Org.) *Metalinguagem e aquisição da escrita: contribuições da pesquisa para a prática da alfabetização*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

GOMBERT, J. E. *Le développement métalinguistique*. Paris: PUF, 1990.

GOMBERT, J. E. *Metalinguistic development*. Harvester: Wheatsheaf, 1992.

GOMBERT, J.-E. (2003) Atividades metalinguísticas e aprendizagem da leitura. In: MALUF, M. R. (Org.) *Metalinguagem e aquisição da escrita: contribuições da pesquisa para a prática da alfabetização*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

MORAIS, J. *Alfabetizar para a democracia*. Porto Alegre: Penso, 2014.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

RESENDE, B. D., LIMA-HERNANDES, M. C., PAULA, F. V., MÓDOLO, M., CAETANO, S. C. (Orgs.) Linguagem e cognição: um diálogo interdisciplinar. Lecce: Pensa Multimedia, 2015.

SPINILLO, A. G., MOTA, M. M. P. E., C. J. Consciência metalinguística e compreensão de leitura: diferentes facetas de uma relação complexa. Educar em Revista, 38, p. 157-171, 2010.

SPINILLO, A. G., SIMÕES, P. U. O desenvolvimento da consciência metatextual em crianças: questões conceituais, metodológicas e resultados de pesquisas. Psicologia: Reflexão e Crítica, 16(3), 537-546, 2003.

Speech Graph Analysis of REM and non-REM Dream Reports

Joshua M. Martin

The discovery of Rapid Eye Movement (REM) sleep by Aserinsky and Kleitman (1953; 1955) was followed by the observation that awakenings during REM were associated with subjective reports of dreaming (Dement & Kleitman, 1957). This led many researchers to believe that REM was the unique physiological concomitant of dreaming. However, later evidence emerged demonstrating that dreaming mentation also occurs during non-REM (Foulkes, 1962). Addition patients with forebrain lesions reported a complete cessation in dreaming, despite displaying unaltered REM (Solms 1997). Taken together, these results suggest that REM and dreaming are dissociable states (Solms, 2000). Given that dream mentation can occur regardless of the sleep stage, attention has now turned to whether dream mentation recorded immediately after REM is *qualitatively* different from that recorded after non-REM. Indeed, non-REM dreaming has been characterized as shorter, more thought-like, while REM dreaming has been described as perceptually vivid, bizarre, emotionally charged, connected and story-like (Hobson, Pace-Schott, Stickgold, 2000). One way of probing qualitative disparities in mentation has been to investigate the linguistic differences in dream reports across sleep stages (Antrobus, 1983, Speth, Frenzel & Voss, 2013). A potentially useful method, yet to be applied to comparing REM and non-REM dream reports, is Speech Graph Analysis (SGA). This technique has been able to distinguish between verbal reports of schizophrenics and controls (Mota et al., 2012), and is particularly revealing of psychosis when comparing dream reports (Mota, Furtado, Maia, Copelli & Ribeiro, 2014).

This study aims to use SGA to investigate the possible structural differences in dream mentation obtained immediately after awakening from three major sleep stages (N2, Slow-Wave Sleep – SWS, and REM). We tested two hypotheses: (1) REM graph attributes are significantly different to non-REM ones (N2 and SWS); and (2) SGA attributes are significantly correlated with subjective scales of dreaming. To test this, 22 healthy participants slept in a sleep laboratory monitored by electroencephalography. Controlled awakenings were performed throughout the night during N2, SWS, and REM. When awakened, participants were asked to report any dream mentation and then to answer subjective rating scales relating to their dream content. Dream reports were transcribed and converted into word graphs using SGA software (<http://neuro.ufrn.br/software/speechgraphs>). The analysis yields 14 speech graph

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

attributes (SGA) related to *lexical diversity*: Nodes; *connectedness*: Edges, LCC, LSC; *recurrence attributes*: RE, PE, L1, L2, L3; and *network size*: ATD, Density, Diameter, ASP, CC. The sample included 161 dream reports from N2 (82), SWS (33), and REM (46). To test our first hypothesis, SGA attributes for the three groups were compared using Mann-Whitney U tests and a Bonferroni adjusted alpha for three comparisons ($\alpha = 0.0167$). When comparing REM and SWS, REM graph had more Nodes ($p = 0.007$, $r = 0.30$) and Edges ($p = 0.015$, $r = 0.27$); higher LCC ($p = 0.006$, $r = 0.31$) and LSC ($p = 0.001$, $r = 0.36$); and lower Density ($p = 0.010$, $r = 0.29$). After controlling for verbosity, differences in Edges ($p < 0.001$, $r = 0.450$), LCC ($p = 0.002$, $r = 0.343$) and LSC ($p = 0.001$, $r = 0.36$) persisted. When comparing REM and N2 dream reports, no significant differences were found between the raw SGA; however, after controlling for verbosity, REM graphs had higher LCC ($p = 0.002$, $r = 0.27$), Diameter ($p = 0.012$, $r = 0.22$) and ASP ($p = 0.010$, $r = 0.23$). Finally, when comparing N2 and SWS, the N2 raw graphs displayed higher LSC ($p = 0.014$, $r = 0.29$); after controlling for verbosity, N2 graphs had more Edges ($p = 0.003$, $r = 0.273$) higher LSC ($p < .001$, $r = .31$) and lower Density ($p = .0162$, $r = .22$).

For our second hypothesis, a Spearman correlation was performed with a Bonferroni alpha adjusted for 21 comparisons ($\alpha = 0.00238$). SGA attributes were significantly correlated to auditory perception (LSC – $\rho = .259$, $p = 0.001$), dream intensity (WC – $\rho = .255$, $p = .001$, Nodes – $\rho = .314$, Edges – $\rho = .255$, $p = 0.001$, LCC – $\rho = .308$, $p > .001$, LSC – $\rho = .337$, $p < 0.001$, Density – $\rho = -.330$, $p < .001$; verbosity-controlled: Edges – $\rho = .285$, $p < .001$; LCC – $\rho = .329$, $p < 0.001$), dream recall (LSC – $\rho = .284$, $p < .001$, Diameter – $\rho = -.254$, $p = 0.002$; verbosity-controlled: Edges – $\rho = .285$, $p < .001$) and emotionality (verbosity-controlled: LCC – $\rho = .293$, $p < .001$). No significant correlations were found for the other subjective rating scales.

The results indicate that dream reports obtained from REM are larger and more connected than reports obtained from SWS. They also suggest that N2 graphs represent an intermediate form between REM and SWS – smaller and less connected than REM graphs, but larger and more connected than SWS ones. However, the differences between N2 and REM graphs were only significant after controlling for verbosity; in many respects, the N2 graphs resemble REM graphs more closely than the SWS ones. As a result, the graphs do not indicate a simple REM vs. non-REM difference, and thus our first hypothesis is only partially confirmed. The correlation analysis demonstrated a significant relationship

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

between SGA attributes and ratings of dream intensity, dream recall, auditory perception and emotionality. Thus, our second hypothesis was confirmed.

Altogether, these findings indicate a complex underlying relationship between the graph structures of dream reports and the sleep stage from which they are obtained. The significant differences found after controlling for verbosity suggest that the graphs from different stages are not merely quantitatively different, but rather reflect intrinsic differences in the way dream reports are structured. It is important to note that the method utilized is only an indirect measure of dream mentation, and it is unclear how factors such as sleep inertia may have affected the results. Despite this, SGA represents a promising new approach to analyzing dream reports across the major sleep stages. Further research using such methods can help uncover possible differences in the REM and non-REM dream state and contribute evidence towards contemporary models of dreaming.

Key words: Speech Graph Analysis; dreaming; non-REM)

References:

- Antrobus, J. (1983). REM and NREM sleep reports: Comparison of word frequencies by cognitive classes. *Psychophysiology*, 20(5), 562-568.
- Aserinsky, E., & Kleitman, N. (1953). Regularly occurring periods of eye motility, and concomitant phenomena, during sleep. *Science*, 118(3062), 273-274.
- Aserinsky, E., & Kleitman, N. (1955). A motility cycle in sleeping infants as manifested by ocular and gross bodily activity. *Journal of Applied Physiology*, 8(1), 11-18.
- Dement, W., & Kleitman, N. (1957). Cyclic variations in EEG during sleep and their relation to eye movements, body motility, and dreaming. *Electroencephalography and clinical neurophysiology*, 9(4), 673-690.
- Foulkes, W. D. (1962). Dream reports from different stages of sleep. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 65(1), 14.
- Hobson, J. A., Pace-Schott, E. F., & Stickgold, R. (2000). Dreaming and the brain: toward a cognitive neuroscience of conscious states. *Behavioral and Brain Sciences*, 23(06), 793-842.
- Mota, N. B., Vasconcelos, N. A., Lemos, N., Pieretti, A. C., Kinouchi, O., Cecchi, G. A., ... & Ribeiro, S. (2012). Speech graphs provide a quantitative measure of thought disorder in psychosis. *PloS one*, 7(4), e34928.
- Mota, N. B., Furtado, R., Maia, P. P., Copelli, M., & Ribeiro, S. (2014). Graph analysis of

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

dream reports is especially informative about psychosis. *Scientific reports*, 4.

Solms, M. (1997). *The neuropsychology of dreams: A clinico-anatomical study*. L. Erlbaum.

Solms, M. (2000). Dreaming and REM sleep are controlled by different brain mechanisms. *Behavioral and Brain Sciences*, 23(6), 843-850.

Speth, J., Frenzel, C., & Voss, U. (2013). A differentiating empirical linguistic analysis of dreamer activity in reports of EEG-controlled REM-dreams and hypnagogic hallucinations. *Consciousness and cognition*, 22(3), 1013-1021.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Análise da ferramenta “Google tradutor”: a relação entre os estudos linguísticos, neurocientíficos e em inteligência artificial

Kelly Cristhel do Nascimento Pimentel (G – CUA/UFMT)

O objetivo deste trabalho é apresentar a relação entre os estudos linguísticos e cognitivos e os estudos sobre inteligência artificial, tendo como base o funcionamento do *Google Tradutor*. Fundamenta-se nos pressupostos do Funcionalismo, da Linguística Cognitiva, Neurociência e da Ciência da Informação, com base nos estudos de Martelotta (2010), Ferrari (2011), Rosa (2010), Bertoque (2014), Bertoque e Galvão (2015), Navega (2000), Lima (2003), Breitman (2010), entre outros. Além do levantamento bibliográfico, foram realizadas entrevistas, gravadas em áudio e via *e-mail*, com 4 (quatro) professores de Linguística e 4 (quatro) professores de Ciências da Computação sobre a temática. Neste trabalho, foram analisados os aspectos relacionados ao funcionamento do sistema de programação de *softwares*, tendo como principal exemplo, o *Google Tradutor* o qual apresenta-se como uma máquina inteligente, capaz de “aprender” e organizar os dados armazenados em suas respectivas categorias, sua forma de tradução fundamenta-se na recorrência de dados traduzidos de uma língua para a outra, por exemplo, uma tradução Inglês/Português, traz resultados mais satisfatórios, do que uma tradução entre Português/Árabe, isso porque, “em vez de inserir várias regras gramaticais e palavras soltas como dados para a tradução, o sistema do Google analisa os próprios textos traduzidos que se encontram na rede”. (SMAAL, 2010). Isto posto, considera-se a “inteligência artificial” como a tentativa de construir *softwares*, capazes de atuar como seres humanos e/ou pensar racionalmente, ou seja, como uma máquina inteligente. Ao analisar o funcionamento do cérebro, foi possível perceber os processos de aprendizagem e plasticidade desenvolvidos pelo cérebro. Com base nos estudos linguísticos e cognitivos, compreendeu-se como o conhecimento é representado e como a linguagem se relaciona com o pensamento, pois sabe-se que as atividades mentais não envolvem questões apenas biológicas, mas sociais, psíquicas e cognitivas, os quais estão associados à experiência de cada indivíduo. Vale ressaltar, que *softwares* “inteligentes” não conseguem construir relações equivalentes ao pensamento humano, mas apresentam os principais pontos acerca da inteligência. Conforme analisado, os professores das duas áreas mostraram que os estudos de descrição linguística, especialmente, os esquemas arbóreos de Chomsky, contribuem para o processamento da linguagem de programação e para a relação de prototipia (recorrência), no “aprendizado” das máquinas. Isso significa que os estudos de descrição linguística,

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

especialmente, fundamentados na linguística cognitiva, que mostram os fenômenos mais recorrentes nas línguas, com base no uso, são essenciais para a programação das máquinas. A partir das entrevistas com professores de Ciências da Computação, foi possível verificar que os estudos em inteligência artificial envolvem diversas áreas de aplicação, como é o caso do processamento de linguagem natural, em que a contribuição da Linguística é necessária, visto que envolve traduções e análises de línguas naturais. Diante disso, esse trabalho tem enquanto relevância acadêmica e social, o intuito de esclarecer pontos acerca dos estudos linguísticos, cognitivos e neurocientíficos, sobretudo no que concerne à compreensão da atuação, regularidade e contribuição a outras áreas de pesquisa, a fim de analisar sistemas de tradução automática como é o caso do *Google Tradutor*.

Palavras-chave: Estudos linguísticos. Inteligência Artificial. Linguística Cognitiva. Neurociência.

Referências bibliográficas:

BARANOW, Gregor Ulf. Perspectivas na contribuição da linguística e de áreas afins à ciência da informação. Brasília, 1983.

BITTENCOURT, Guilherme. Inteligência artificial: ferramentas e teorias. 3. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

BREITMAN, Karin Koogan. Web semântica: a internet do futuro. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

CHAVES, Carolina Relvas; RELVAS, Marta Pires (Org.). Que cérebro é esse que chegou à escola? As bases científicas da aprendizagem. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

FERRARI, Lilian. Introdução à linguística cognitiva. São Paulo: Contexto, 2011.

LIMA, Gercina Ângela Borém. Interfaces entre a ciência da informação e a ciência cognitiva. Brasília, 2003.

OTHERO, Gabriel de Ávila. Linguística computacional: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROSA, Maria Carlota. Introdução à (bio)linguística: linguagem e mente. São Paulo: Contexto, 2010.

RUSSELL, Stuart Jonathan. Inteligência artificial: tradução da segunda edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Linguística funcional e cognição: análise dos processos de referenciação na produção textual no Ensino Médio

Mariana Sena da Mata Queiroz (G-CUA/UFMT)

O objetivo desta Pesquisa é analisar a produção textual de estudantes do 3º Ano do Ensino Médio de uma escola no município de Barra do Garças, Mato Grosso, a fim de analisar os processos de referenciação adotados. Este trabalho será fundamentado na Linguística Funcional e na Neurociência, pois busca-se investigar como o estudante estrutura e organiza seus textos, e quais relações cognitivas e enunciativas influenciam essa produção. Kail (2013) faz referência a uma “organização interna ao discurso”. A autora sugere que aos 11 anos as crianças já teriam adquirido um domínio da linguagem e seriam capazes de produzir textos que mantêm “a referência na ausência de conhecimento partilhado”. Ou seja, a depender do contexto de produção e do conhecimento prévio sobre seu interlocutor a criança decide se deve ou não utilizar os referentes e a forma mais adequada para que eles possam ser empregados. Porém, observa-se que em alguns textos escritos, produzidos por estudantes do Ensino Médio tende a apresentar referentes de forma inadequada, provocando problemas na comunicação que nem sempre poderão ser solucionados pelo contexto enunciativo. Em alguns casos, esses referentes são completamente apagados. Kail (2013) se referia a textos orais, em que há a presença, tanto do enunciador, quanto de seu interlocutor, de modo que as lacunas linguísticas são completadas pelo contexto. Mas, ao tratar-se da produção escrita, o contexto nem sempre será suficiente para que haja uma real compreensão do texto, e a utilização dos referentes pode se tornar estritamente necessária. Parte-se da hipótese de que esses apagamentos e usos inadequados ocorrem quando o estudante supõe que seu interlocutor possui os mesmos conhecimentos que ele, e por isso, a informação que é óbvia para ele também será óbvia para seu leitor. Essa relação implica inferência, à qual, quando exigida, excessivamente, provoca incompreensão da proposta. Além da utilização dos referentes, busca-se analisar como o estudante do 3º ano do Ensino Médio estrutura seu texto, uma vez que ele já passou por todas as etapas básicas do ensino e, teoricamente, já possui todas as informações gramaticais responsáveis pela atribuição da competência necessária para produção escrita. Tem-se como hipótese que alguns desses estudantes não produzem textos de forma a atingir completamente determinados objetivos sociais, porque antecipam as informações e preenchem as lacunas cognitivamente, configurando essas informações como irrelevantes ou desnecessárias ao processo comunicativo. Este fato pode ser explicado por Antunes (2007) que afirma que a produção

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

textual eficiente não está condicionada ao conhecimento gramatical somente, pois a gramática por si não promove a interação verbal, é preciso que o enunciador tenha um conhecimento real de mundo, entenda para quem ele escreve, qual função social e objetivo de seu texto, e quais são os meios disponíveis e adotados, sociais (gêneros/tipos textuais) e cognitivos. Isso implica a relação entre a língua e o contexto de uso. Portanto, parte-se do conhecimento sobre as estratégias que o cérebro desenvolve para alcançar os objetivos sociais por meio da linguagem, buscando compreender o porquê de certos fenômenos ocorrerem em textos escritos, mesmo podendo ocasionar problemas de comunicação. Serão analisadas 50 produções textuais de estudantes do 3º ano do Ensino Médio, em relação a dois gêneros discursivos, a saber, carta e artigo de opinião. Selecionaremos os trechos em que há lacunas para analisar com base no levantamento teórico sobre o desenvolvimento do processo cognitivo da aprendizagem e a sua contribuição para exteriorização da linguagem, por meio dos textos escritos que atendam a determinadas funções sociais.

Palavras-chave: Relações cognitivas. Contexto de produção. Produção escrita.

Referências bibliográficas:

ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CASTILHO, Ataliba T. de. Nova gramática do português brasileiro. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

COSENZA, Ramon M; GUERRA, Leonor B. Neurociência e educação: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA VAL, Maria da Graça. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KAIL, Michèle. Aquisição de Linguagem. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.) Gêneros textuais e ensino. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. A gramática funcional. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Marian Helena de Moura. Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Texto e gramática. São Paulo: Contexto, 2006.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

RELVAS, Marta Pires. Que cérebro é esse que chegou à escola? As bases neurocientíficas da aprendizagem. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

ROSA, Maria Carlota. Introdução à (bio)linguística: linguagem e mente. São Paulo: Contexto, 2010.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

***Então* como operador argumentativo em debates orais: um estudo funciona**

Mateus Rodrigues de Moura (Graduando em Letras, Bolsista PIBIFSP, IFSP, Campus São Paulo)

Esta pesquisa faz parte de um projeto que visa à descrição de estruturas linguísticas típicas de argumentação do Português oral do Brasil e está vinculada ao grupo de pesquisa IFSP/CNPq *Descrição do Português do Brasil*. Neste recorte, objetiva analisar e descrever o item *então* como operador argumentativo utilizado em debates orais. Para tal, aludimos, como base teórica, ao funcionalismo (NEVES, 1994), ao cognitivismo (MATURANA; VARELA, 1995; LIMA-HERNANDES, 2010; TOMASELLO, 2013) e à gramaticalização de itens e construções de língua portuguesa do Brasil (MARTELOTTA *et alii*, 1996). Os estudos de base funcionalista adotam uma abordagem que considera a língua como um instrumento de interação social (DIK, 1978, *apud* NEVES, 1994), a qual possui como primordial finalidade a comunicação, enfatizando, assim, seu uso e aspecto funcional. Por conseguinte, as funções de um determinado sistema linguístico dependem do seu uso e, conseqüentemente, do contexto em que é utilizado. Posto isso, adotamos o paradigma da gramaticalização como “processo de mudança semântica unidirecional, segundo o qual um elemento lexical ou uma construção passa a assumir funções gramaticais e formas já gramaticalizadas, com a continuidade do processo, passam a desempenhar novas funções gramaticais” (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996). Portanto, a gramaticalização investiga como itens linguísticos tornam-se gramaticais. Ademais, acerca do cognitivismo, tendo em vista a intencionalidade muitas vezes explícita na fala e, conseqüentemente, nos debates orais, compreendemos que tal aspecto, de certa forma, marca todas as interações humanas (DEFENDI, 2013, p.27). Destarte, faz-se necessário ancorar a pesquisa em fundamentos da cognição, uma vez que a língua, desde de adquirida, reflete um aprimoramento contínuo das capacidades cognitivas, já que uma palavra pronunciada pode, somada a conhecimentos de hábitos, fazer entender informações globais e objetivos do interlocutor. Portanto, nessa perspectiva, língua é um sistema que organiza objetivos e intentos comunicativos por meio de empacotamento cognitivo e a sintaxe, por sua vez, é um sistema operacionador que codifica tais intentos em uma esfera linguística (LIMA-HERNANDES, 2010, p. 21-22, *apud* DEFENDI, 2013, p. 28). Como procedimentos metodológicos, montamos um *corpus* com transcrições de dois debates orais – disponíveis no *Youtube* –, o qual é composto por cerca de 10500 palavras, e mapeamos os operadores argumentativos usados, em especial, o elemento *então*, objeto de estudo desta pesquisa, a

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

fim de analisá-los à luz da fundamentação teórica do funcionalismo, da cognição, argumentação e gramaticalização, caracterizando possíveis processos de mudança linguística. Tem-se como expectativa o mapeamento do *então*, tanto como operador conclusivo como quanto marcador discursivo, e para tanto, iniciamos com o levantamento descritivo do item (NEVES, 2000). Por ora, temos 43 ocorrências coletadas no *corpus* e a indicação de distintos usos funcionais de tal item, tais como: um “elemento conclusivo/resumitivo” (NEVES, 2000), o qual possui apenas a função de relacionar sintaticamente orações. Ou, então, um operador argumentativo (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996), sendo este o que orienta a argumentatividade do enunciado. Por fim, em alguns outros casos, tal elemento linguístico pode se apresentar de ambos os modos mencionados, apresentando, por exemplo, tanto um sentido anafórico, como um marcador de direcionalidade e, portanto, de conclusão.

Palavras-chave: Funcionalismo; Gramaticalização; Operadores argumentativos.

Referências bibliográficas:

DEFENDI, Cristina Lopomo. "Portanto, conclui-se que": processos de conclusão em textos argumentativos. 2013. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-06052013-104720/>>. Acesso em: 2016-08-23.

DIK, C. S. Funcional grammar. Cinnaminson – USA: Foris, 1978.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Processos sociocognitivos da mudança gramatical: estruturas x-que do português. Tese de livre docência. São Paulo: FFLCH-USP, 2010.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização. In: _____. (Org.). Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.45-76.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. A árvore do conhecimento. Campinas, Psy, 1995.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão geral da gramática funcional. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 38, 1994.

_____. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

TOMASELLO, Michael. Origens culturais da aquisição do conhecimento humano. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

Análise dos aspectos metafóricos e da transitividade do verbo “vira” na fala barra-garcense: entre o domínio linguístico e cognitivo

Pedro Gomes da Silva NETO (G - CUA/UFMT)

A linguagem, por não ser uma faculdade autônoma, envolve aspectos linguísticos, discursos, portanto, sociais, culturais e históricos, bem como os aspectos cognitivos integrados àqueles aspectos. Assim, o estudo da linguagem deve perpassar esses aspectos em busca de uma compreensão mais detalhada dos mecanismos que tornam possível a sua compreensão e produção. O objetivo deste trabalho é analisar, entre outros aspectos, os construtos a partir do verbo *VIRAR* na fala barra-garcense, considerando as extensões metafóricas e subsidiados no paradigma funcional da linguagem que, também, considera o domínio cognitivo da linguagem. Nos estudos relativos à cognição, a gramática é concebida como uma conceptualização, ou seja, não codificamos a realidade tal como ela é, mas sim a visão que temos da realidade ou do mundo (a partir de nossa perspectiva). Dessa forma, ela envolve a interação entre características corpóreas e socioculturais do homem. A metáfora é definida como “um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outros” (FERRARI, 2011, p. 92), ou seja, temos um domínio de experiência e o usamos em um outro sentido (outra experiência), havendo uma extensão semântica de seu uso. Com isso, o ponto de partida do processo metafórico é o domínio-fonte que, geralmente, possui propriedades físicas e parte de experiências concretas; e o ponto de chegada é o domínio-alvo que, geralmente, é abstrato. O domínio-fonte nem sempre será de base experiencial corpórea, sendo ele abstrato, o domínio-alvo terá um maior grau de abstração ainda. A generalização de MOVIMENTO É MUDANÇA, como postulado por Lakoff (1993 *apud* FERRARI, 2011), tem coerência com o verbo polissêmico *VIRAR*. Seu significado básico é de mudança, fisicamente, entendido como um giro que uma entidade faz em seu próprio eixo, alterando a posição física, referente à parte frontal e traseira de seu corpo, em relação ao espaço. Há ainda seu uso relativo a mudança de direção em que uma entidade muda seu percurso em uma trajetória. Esse sentido, referente a uma mudança espacial do corpo, é projetado para denominar também uma mudança nas próprias características do corpo da entidade, havendo, assim, uma alteração física e não mais um movimento espacial. Essa consideração está na base dos estudos cognitivos ao tomar o corpo como, intrinsecamente, implicado nas construções gramaticais e semânticas, percebendo um percurso de abstração a partir de noções espaciais, com base no corpo, para uma noção implicada numa alteração (movimento mental □ fictício),

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

ocorrida ao longo do tempo no corpo. Algumas das extensões metafóricas podem se configurar como processos de gramaticalização, que se constitui como o uso de velhas formas para novas funções, num processo de abstratização. Isso acionará outros processos, ao qual o verbo *VIRAR* pode ser submetido, como a transitividade, que, para Castilho (2010 *apud* SILVA, 2013), é “a manifestação da categoria cognitiva movimento”, por ser definida como a transferência de uma ação em que um agente causa uma mudança no estado ou locação de um paciente. Dessa forma, a noção do movimento corporal também está implicada em construções prototípicas de verbos de ações e que pode, ainda, variar o grau de transitividade em relação a sentenças de sentido metafórico. Hopper e Thompson (1980 *apud* CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003) tratam a transitividade como propriedade da sentença e aplicam uma noção escalar que define o nível de transitividade na sentença. As propriedades que fazem parte do nível escalar são: Participantes, Cinese, Aspecto do verbo, Pontualidade do verbo, Intencionalidade do sujeito, Polaridade da oração, Modalidade da oração, Agentividade do sujeito, Afetamento do objeto e Individuação do objeto. Portanto, a noção de transferência do verbo *VIRAR* dependerá dos argumentos que selecionará, tanto no sentido pleno, quando nos sentidos metaforizados. Neste trabalho, foram analisadas 8 (oito) entrevistas com falantes nascidos no município de Barra do Garças, no Estado de Mato Grosso (MT), sendo estes 4 (quatro) mulheres e 4 (quatro) homens, com idades entre 15 e 63 anos. Esse *corpus* faz parte do banco de dados do Grupo de Estudos em Linguística Funcional do Araguaia (GELFA/UFMT). Nas análises constata-se que o sentido metafórico do verbo estudado é mais recorrente na fala barra-garcense em que “virar” codifica uma mudança em características físicas da entidade que fala ou de quem se fala. Este resultado corrobora para a evidência de que a linguagem, o pensamento e a forma que agimos é em grande parte de natureza metafórica como defendido por Lakoff e Johnson (1980). A transitividade na construção prototípica plena do verbo possui um grau maior de transferência, por caracterizar um certo movimento no espaço em que há mudança de posição da entidade que é “virada”, mas nos dados não foi encontrada nenhuma ocorrência assim. Os usos do verbo *VIRAR*, no sentido metafórico, possuem menor transitividade, por perderem os elementos prototípicos e não estarem codificando mais um sentido de transferência e, sim, um sentido de mudança fictícia, que não possui uma entidade agentiva e, por vezes, o objeto afetado pela mudança não possui animacidade. Esta pesquisa permite contribuir com os estudos linguísticos, a fim de traçar um fenômeno que constitui o perfil linguístico do Português Brasileiro (PB),

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

especificamente, da região do Médio Araguaia, que é rota das bandeiras e onde está se começando coletas e análises do PB falado na região.

Palavras-chave: Metáfora; Transitividade; Cognição.

Referências bibliográficas:

FERRARI, Lilian. Introdução à linguística cognitiva. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). Manual de linguística (org.). – 1 ed., 3. reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

TEIXEIRA, José, 2007, Mecanismos Metafóricos e Mecanismos Cognitivos: Provérbios e Publicidade. In: Actas del VI Congreso de Lingüística General , Madrid: Arco Libros (ISBN 978-84-7635-669-2).

SILVA, Leosmar Aparecido da. As bases corporais da gramática: um estudo sobre conceptualização e metaforização no português brasileiro. 2012.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Os usos do ‘mas’ em textos argumentativos cultos escritos e orais

Tatiane dos S. R. Arantes (Graduanda em Letras, Bolsista PIBIFSP, IFSP, Campus São Paulo)

Cristina Lopomo Defendi (Orientadora de Iniciação Científica. Docente do IFSP, Campus São Paulo)

Este trabalho provém de um projeto de Iniciação Científica (IC), *Marcas gramaticais de argumentação*, em sua segunda etapa de realização e está vinculado ao grupo de pesquisa IFSP-CNPq - *Descrição do Português do Brasil*. Nele objetiva-se fazer um mapeamento semântico-descritivo dos usos do MAS, levando em conta o processo de gramaticalização (GR). Assim, por meio de análises quantitativas e qualitativas, busca-se classificar, sobretudo, as diferentes estratégias argumentativas mobilizadas pelo MAS em textos de modalidades distintas, a oral e a escrita, procurando também apresentar uma visão cognitiva e educacional contribuintes à educação básica, nos assuntos que dizem respeito à construção da argumentação e à coesão textual. Para tanto, baseamo-nos em Martellota (1996), Castilho (1997), Tomasello (2003), Margarido (2010), Koch (2011) e Neves (2011 e 2013) para os aspectos ligados principalmente à gramaticalização, argumentação e cognição. Sobre o MAS, Castilho (1997) discorre que, na oralidade, nós falantes tenderíamos a utilizá-lo não como operador, e sim como marcador discursivo, isto é, uma partícula com propriedades discursivas funcionando no texto como um articulador textual-interativo, em sinal de organizá-lo sistematicamente. Em contrapartida, num viés sociocognitivo, segundo Tomasello (2003), nossa mente lança mão de estratégias linguísticas utilizadas pelos falantes, adquiridas a partir da compreensão das intenções comunicativas do outro, isto é, a indução interpretativa, a direção e/ou concentração de determinado(s) elemento(s) colocado(s) em foco ou relevância, mediante aos próprios assuntos e símbolos intersubjetivos compartilhados nos textos. Hipotetizamos que o MAS poderia ser mobilizado para garantir a atenção conjunta, não só em textos orais, mas também em textos escritos. Esta pesquisa busca responder a três questões principais: (i) o MAS exerce as mesmas funções independentemente da modalidade oral ou escrita?; (ii) é possível traçar um paralelo entre as funções argumentativas do MAS e as estratégias cognitivas?; (iii) Como a construção da argumentação a partir de itens gramaticais, no caso específico, o MAS é trabalhada na Educação básica? Ressaltamos, também, é a necessidade de identificar quais são as influências dos contextos de produção sobre o item aqui avaliado. E, sobretudo, qual é o nível da influência de interação dos falantes e sua

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

estrutura lógico-cognitiva no ato comunicativo, no caso dos debates orais. O que equivaleria, nos editoriais, à interação não só do próprio contexto de produção, como também dos próprios argumentos lógico-textuais por ora acionados, isto é, o encaminhamento do texto em si paralelamente ao seu contexto de realização. Após o término da primeira etapa do projeto de IC, que consistiu estudar o MAS como recurso argumentativo em editoriais paulistas de grande circulação, fomos impulsionados a compreender, de modo comparativo, o uso de tal item na modalidade oral. Também num padrão de utilização da linguagem culta, a segunda etapa da pesquisa analisa debates extraídos do canal Youtube pertencentes ao paradigma político de mesma temática (a descriminalização ou não do porte de drogas para consumo individual) e, mesmo período de circulação, divulgados entre 2013 a 2015. Cabe ressaltar que, para efeitos de análise, somente foram consideradas as falas dos debatedores. Assim, desconsideramos as falas do mediador, pois muitas vezes são previamente organizadas, em geral até escritas, e não revelariam o caráter de oralidade minimamente espontânea como é comum acontecer em um debate. A partir da pesquisa bibliográfica a respeito do item MAS, do ponto de vista descritivo e da gramaticalização, está sendo feito um levantamento quantitativo das ocorrências do item nos corpora e uma análise qualitativa dos sentidos semântico-pragmáticos em cada ocorrência. Apresentamos alguns exemplos da averiguação inicial do MAS: (a) indicando marcador conversacional: *é uma linha muito tênue MAS aí (...) MAS aí você viu aquela pessoa que viu o amigo usa maconha continua indo pra escola continua tendo uma vida funcional ela vai virar e vai falar “bom todas as informações que me deram sobre aquilo não são verdadeiras(...) é mentira* (Sala Debate - Canal Futura, 01/06/2015); (b) indicando contraste: *a maioria dos usuários de crack que tem problemas com o uso ... eles querem sim ... eh... fazer tratamentos... querem ter acesso à saúde MAS não conseguem ... eles têm medo* (Sala Debate - Canal Futura, 01/06/2015). Por ora, sabe-se que, em contraposição à gramática tradicional, conforme se concluiu na primeira fase desse trabalho, outros sentidos do MAS ajudarão na ampliação do repertório linguístico dos usuários da língua em suas próprias produções ou interpretações diárias que se fizerem necessárias, tanto orais, quanto escritas. Conseqüentemente, uma mudança na forma de ensino dessa estrutura influiria, logicamente, em um aumento ainda mais significativo quanto a um espontâneo acesso aos veículos de comunicação informativa, tais como os editoriais, rádios, debates orais etc. Portanto, umas das contribuições para a movimentação contínua das mudanças linguísticas ocorrem quando o falante escolhe, estrategicamente,

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

um ou outro item a fim de melhor organizar seu texto e de garantir a atenção de seu interlocutor.

Palavras-chave: Gramaticalização; Argumentação; Cognição.

Referências bibliográficas:

CASTILHO, A. T. Língua falada e gramaticalização. In: Filologia e linguística Portuguesa, n. 1, p. 107-120, 1997.

KOCH, I. G. V. Argumentação e linguagem. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARGARIDO, R. Construções (coordenadas) adversativas e construções (subordinadas) adverbiais concessivas em português: pontos de contato e de contraste na língua em função. 2010. 180f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, S.J.; CEZARIO, M.M. Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional. UFRJ, Rio de Janeiro: 1996. Disponível em: <http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf>. Acesso em: 4 set. 2015.

NEVES, M. H. de M. Gramática de usos do português. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. Texto e gramática. 2. ed. São Paulo: editora contexto, 2013.

TOMASELLO, M. Comunicação linguística e representação simbólica. In: _____. Origens culturais da aquisição do conhecimento humano. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 131-186.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Mediação semiótica e internalização da função heroica: estudo sobre a significação do filme Thor (2011) de Kenneth Branagh

Valter Andre Jonathan Osvaldo Abbeg (Unifesp/UTFPR)

Ana Cecilia Nicareta Santos (UFPR)

O desenvolvimento de elementos de mediação recorre a um conluio de representações humanas e fornece subsídios para a ação do sujeito perante a sociedade, na interação com outros sujeitos e elementos culturais, integrando uma rede complexa de relações culturais, responsáveis tanto pelo processo de civilização quanto a socialização e humanização. As funções psicológicas pressupõem, na relação causa e efeito, mesmo não diretamente como a relação estímulo-resposta, uma atividade cultural entre os indivíduos, tornando-se tanto um produto do processo interno do sujeito, quanto resultado do processo histórico de interação entre os diversos elementos sociais disponíveis. Concebe-se que através da linguagem, a construção de signos e suas representações subjetivas e sociais, o sujeito compõe um plano de significados que sintetiza suas experiências e internaliza em funções superiores (VYGOTSKI, 1987). O funcionamento deste plano intersubjetivo torna possível não apenas a execução do trabalho, lazer, enfim, das funções sociais realizadas pelo sujeito, criando as suas características de funcionamento subjetivo, suas ações assim permeiam tanto o caráter social, quanto o caráter individual através da mediação semiótica entre a realidade e a sua apreensão. Este processo a internalização funciona como uma fonte de regulação, um encadeamento de significação, que cria este modo de funcionamento. Este trabalho visa analisar a semiose da função heroica enquanto mediação e internalização a partir das representações no filme Thor (2011) dirigido por Kenneth Branagh. A investigação parte da análise de conteúdo, com evidências de análise semiótica (SANTAELLA, 2004), enquanto processo de mediação de signos e produção de sentido social e capaz de ser internalizado por diferentes sujeitos; assim, trata-se de um estudo eminentemente teórico. A dimensão heroica remete tanto a condição de semideus, enquanto pessoa superior, quanto no enfrentamento de problemas épicos ou morais, na ação de coragem ou na inspiração ao autossacrifício (martírio). O filme Thor (2011), revela tanto a dimensão heroica quanto mítica, uma vez que remete parte do enredo a mitologia nórdica. Mas, tomando a primeira como foco, encontramos as ações do protagonista: aos 54 minutos, demonstra um ato de coragem e desprendimento quando enfrenta os agentes que invadiram e roubaram a pesquisa de Jane, e, instalaram-se ao redor do local em que Mjöllnir, seu martelo caiu. Neste momento o personagem, cria uma identidade ao se

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

arriscar para salvar tanto a pesquisa, denotando altruísmo, e tenta recuperar Mjölnir, desejo egocêntrico, mas, empático acaba preso. Aos 82 minutos, com a chegada do gigante lançador de fogo, “O destruidor”, o personagem procura proteger os habitantes, junto com os pesquisadores tiram as pessoas que corriam perigo na cidadezinha, desenvolve o senso de proteção e novamente o altruísmo é declarado. Aos 85 minutos, Thor, para acabar com a destruição na cidade e salvar seus amigos, propõe um autossacrifício perante o adversário, se ferindo mortalmente. Tal sacrifício torna-lhe digno de carregar o Mjölnir. Retornando a Asgard, no momento final, Thor luta com seu irmão Loki, para o deter e parar com a destruição anunciada sobre outros reinos. Pra tanto, destruiu a ponte que interligava os dois mundos, Bifröst, fato que impediria retornar a terra. O personagem assim, protege os antigos inimigos, e abre mão de rever tanto a terra quanto sua amada Jane, demonstrando uma forma de sacrifício pessoal canalizado pelo sentimento de dever fazer o bem. O filme, segundo tabloides, foi assistido nos cinemas por mais de 670 mil brasileiros, remete um grande apreço tanto ao gênero de ação, quanto a função heroica. O processo de internalização da função heroica é a reconstrução de um processo externo internamente, tanto no real quanto no ficcional, é a transformação de um processo interpessoal em um processo intrapessoal, uma interposição de valores e condutas desejáveis. “A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos” (VYGOTSKY, 1989, p. 75). O filme em questão promove e induz um processo de internalização de significados heroicos, tanto na manifestação da coragem ao desbravar novos mundos, na luta desapegada de sua própria saúde e bem-estar físicos, e, no autossacrifício por outras pessoas e ideais de lealdade. Reconhecemos que “...é a mediação semiótica o instrumento que cria as formas de atividades verdadeiramente humanas” (FÁVERO, 2005, p. 20) Afinam-se elementos que denotam aspectos de virtude que se opõe a natureza de autopreservação, e ao medo característico das situações. A função simbólica, a mediação sógnica (PEREZ, TRINDADE, 2009) promove a internalização destes elementos de consumo atitudinal, remetendo não apenas aos princípios heroicos, mas, a um posicionamento desejável a si próprio, uma forma de superar ou suplantar suas próprias necessidades, suas dificuldades induzidas ao sentimento reconfortante de superioridade frente aos problemas; resplandece e se refere a um processo de autossacrifício que perpetua-se na existência diária, advento das exigências diárias da contemporaneidade, do capitalismo, do trabalho, que exige uma postura heroica no cotidiano.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Palavras-chave: Cinema; Filme; Mediação.

Referências bibliográficas:

FÁVERO, M.H. Desenvolvimento psicológico, mediação semiótica e representações sociais: por uma articulação teórica e metodológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 21 n. 1, p. 17-25, jan-abr. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n1/a04v21n1.pdf>. Acesso em: 10 maio 2016.

PEREZ, C. TRINDADE, E. Os signos do consumo, discurso, circulação e apropriações. *Revista Signos do Consumo – USP*, São Paulo, v.6. n.2, p.147-150, dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/105697/104432>. Acesso em: 19 jun. 2016.

SANTAELLA, L. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

THOR. Direção de Kenneth Branagh. Produção de Kevin Feige. Roteiro: J. Michael Straczynski; Mark Protosevich. [s.i.]: Marvel Studios, 2011. 1 dvd (114 min.), son., color. Legendado.

VIGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Marcas Gramaticais de Argumentação na Mídia Jornalística Sergipana: o uso do *entretanto* e suas multifaces

Elaine Cristina Silva Santos (UFS)

Segundo Azevedo (2000), o ato de argumentar tem sido apontado como fundamentalmente inerente às atividades sociais e de linguagem. Basta ler anúncios publicitários, artigos, reportagens, cartas do leitor ou qualquer outro gênero textual para perceber a importância que a argumentação assume na efetivação do discurso. Koch (2002) afirma que, “como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor”. Tal constatação, da forma de juízos valorativos e de sua expressão via linguagem verbal, aponta para o que tem sido uma prática constante dos estudiosos da linguagem: investigar os modos de argumentar e os sentidos que, argumentativamente, ganham as palavras e os enunciados produzidos pelos usuários de determinada língua. Entrar em contato com a real produção escrita no português brasileiro, por meio de jornais de grande circulação é uma oportunidade de confrontar à norma culta e o uso efetivo e também de perceber quais recursos linguístico-gramaticais têm sido usados para estabelecer relações de argumentação no texto escrito. Essa pesquisa visa a investigação do surgimento de marcas gramaticais de argumentação em mídia jornalística. Busca-se à descrição de estruturas linguísticas típicas de argumentação do Português de Sergipe, por meio do levantamento na mídia jornalística sergipana. Apresenta como metodologia a recolha de editoriais veiculados em jornais de grande circulação, mais precisamente de Aracaju/SE. Tem-se, em seus resultados, a expectativa de formulação de um mapeamento das marcas gramaticais de argumentação em textos escritos atualmente utilizadas em Aracaju, a fim de caracterizar processos de mudança linguística. Defende-se que o conhecimento gramatical de um falante tem origem em sua experiência particular com as formas linguísticas em termos de frequência e contextos de uso. A gramática é definida como uma entidade emergente, dinâmica (cf. Hopper, 1998), aberta, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetada pelo uso que lhe é dado no dia-a-dia, inclusive em termos de frequência. A gramática sempre está sujeita à mudança, posto que depende do uso que é feito dela nas diversas situações da vida cotidiana – palco em que se manifesta a adaptação entre as necessidades cognitivo-comunicativas de falantes e ouvintes com diferentes experiências de vida e, por conseguinte, de língua (cf. Hopper, 1987, 1998). É justamente para essas mudanças que daremos nosso foco principal aqui. O foco recai para o uso de marcas de argumentação denominadas conjuntivas pelas gramáticas normativas.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

O objetivo principal dessa pesquisa é analisar o uso do termo *entretanto* na mídia jornalística escrita sergipana. Para isso, foi selecionado o jornal denominado - *Cinform* - jornal de grande circulação da cidade de Aracaju/SE - mais especificamente a coluna recorrente de um jornalista, sociólogo e professor da Universidade Federal de Sergipe. Nessa amostra realizamos o levantamento das ocorrências com referência ao termo *entretanto*, independentemente do seu uso e, posteriormente, identificamos se houve ou não possíveis processos de mudança linguística. Após a análise dos dados, constatamos as mudanças ocorridas no estatuto categorial do item *entretanto* - estatuto de *conjunção adversativa* > *advérbio* > *conjunção conclusiva*. Julgamos tais padrões pertinentes ao nosso estudo, pois etimologicamente, de acordo com *Houaiss* (2001) é visto como advérbio ou conjunção, porém de acordo com as gramáticas normativas analisadas, Cunha & Cintra, em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2001), por exemplo, vimos que o termo *entretanto* é considerado tão somente como conjunção coordenada adversativa. A marca de argumentação *entretanto* utilizada pelo jornalista na amostra analisada nos leva a crer que a língua está sempre em processo de mudança e que o seu funcionamento é moldado pelo uso.

Palavras-chave: marcas gramaticais; argumentação; mudança linguística.

Referências bibliográficas:

AZEVEDO, Tânia Maris de. Argumentação, conceito e texto didático: uma relação possível. Caxias do Sul: Educs, 2000.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, RJ 3ª Edição 2001.

HOPPER, Paul. Emergent grammar, Berkeley Linguistic Society, V. 13, 1987.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manuel de Mello. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro. Objetiva 2001.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

As analogias no debate parlamentar: o caso da oposição ao PL 122/06

Filipe Mantovani Ferreira (USP/FATEC)

Realizou-se, em 8 de dezembro de 2011, no âmbito da Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal, um debate a respeito do Projeto de Lei 122, de 2006 (PL 122/06), cuja proposta mais célebre foi a tipificação do crime de homofobia no Estado brasileiro. O debate, televisionado para todo o Brasil pela TV Senado, marcou-se por um antagonismo acentuado entre um grupo de senadores favorável a sua aprovação e outro contrário a ela. Entre os favoráveis a sua aprovação, encontravam-se políticos de partidos historicamente relacionados à esquerda e aos movimentos sociais, tais como Marta Suplicy (então filiada ao PT-SP) e Marinor Brito (PSOL-PA); entre os contrários a sua aprovação, destacaram-se políticos vinculados a partidos de direita, notadamente aqueles ligados a organizações religiosas evangélicas, como os pastores Magno Malta (PR-ES) e Marcelo Crivella (PRB-RJ). Este trabalho tem por objetivo investigar e descrever o uso da analogia como forma de negociação de significados neste debate. Mais especificamente, interessa-nos observar como as analogias são utilizadas no sentido de criar uma representação negativa do PL 122/06 e, dessa forma, advogar em favor de sua refutação. Para tanto, propõe-se uma análise qualitativa das analogias empregadas pelo senador Magno Malta no discurso dirigido à Comissão durante o referido debate. As analogias serão analisadas segundo uma abordagem que leva em conta suas dimensões cognitiva e discursiva, em uma tentativa de contemplar seus componentes individual e social, os quais se imbricam e interagem no processo de produção de sentidos por ela possibilitado. Com base nos pressupostos da teoria das analogias desenvolvida no âmbito da Psicologia Social de filiação cognitivista (GENTNER, 1983; GENTNER & FORBUS, 2011; HOLYOAK, 1985; HOLYOAK & KOH, 1987), propõe-se uma descrição do raciocínio analógico em termos de processos mentais de recuperação, mapeamento e avaliação que levam à produção de inferências; já do ponto de vista dos Estudos de Discurso (VAN DIJK, 2006, 2008) e dos Estudos de Argumentação (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996 [1958]), propõe-se a análise das analogias como argumentos capazes de levar ao assentimento de um grupo, com vistas à consecução de um ou mais objetivos social, ideológica e historicamente situados. Tal abordagem, que procura articular cognição e discurso, é consoante com a defesa de uma cognição corporeada, empreendida por pesquisadores como Langacker (1997), Marcuschi (2005), Lee (2005), Salomão (1999, 2005), entre diversos outros, e coaduna-se, além disso, com a abordagem triangular proposta por van Dijk (2006), que

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

prevê uma análise do discurso que seja sempre feita em conexão com as dimensões cognitiva e social. Pela análise do discurso do senador Magno Malta, observou-se um uso bastante recorrente de analogias que visavam dar aparência ilegítima à defesa da criminalização da homofobia. Por meio de analogias, o senador argumentou que a homossexualidade, diferentemente da cor de pele negra ou da origem nordestina, consiste em uma opção (e não em uma condição). O senador procurou, ademais, conseguir assentimento para a tese de que a criminalização da homofobia consistiria, em última análise, em uma forma de privilegiar o grupo homossexual e, assim, discriminar os demais grupos, que seriam tão merecedores de proteção quanto ele.

Palavras-chave: analogia; debate parlamentar; discurso.

Referências bibliográficas:

GENTNER, Dedre. Structure-mapping: a theoretical framework for analogy. In: *Cognitive Science*, v. 7, 1983, p. 155-170.

_____; FORBUS, Kenneth D. Computational models of analogy. In: *Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science*, 2(3), 2011, p. 266-276.

HOLYOAK, Keith J. *Analogy*. In HOYOAK, Keith J & MORRISON, Robert G. (Eds.). *The Cambridge Handbook of Thinking and Reasoning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 117-142.

_____; KOH, Kyunghiee . Surface and structural similarity in analogical transfer. In: *Memory and Cognition*, v. 15., 1987, p. 332-340.

LANGACKER, Ronald Wayne. The contextual basis of cognitive semantics. In NUYTS, Jan; PEDERSON, Eric (eds.). *Language and conceptualization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LEE, David. *Cognitive Linguistics: an introduction*. 6.ed. Melbourne: Orford University Press, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina. (orgs.). *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 49-77.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: a Nova Retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1958].

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas* – revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora/MG, v. 03, n. 01, p. 61-79, 1999.

_____. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-168.

VAN DIJK. Discourse and Manipulation. In: *Discourse and Society*, vol. 17(2). London: Sage, 2006, p. 359-386.

_____. *Discurso e poder*. Organização de Judith Hoffnagel e Karina Falcone. Tradução de Judith Hoffnagel *et al.* São Paulo: Contexto, 2008.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Análise da construção da “empatia” por meio das narrativas: cognição, meio ambiente e sociedade

Lennie Aryete Dias Pereira BERTOQUE (CUA/UFMT/CAPES)

O objetivo deste trabalho é apresentar a construção da “empatia” por estudantes do Ensino Médio (EM), após observarem histórias relatadas por moradores do município de Caetité-BA, sobre os impactos positivos e negativos da extração de urânio, usado na produção de energia nuclear no Brasil. Fundamenta-se em autores da Neurociência, da Linguística Funcional, da Linguística Cognitiva, tais como Herculano-Houzel (2009, 2012), Tomasello (2010), Langacker (2009), Bertoque (2014), Bertoque e Galvão (2015), Phillips (2007), Relvas (2012), entre outros. A coleta de dados foi realizada em maio e em setembro de 2015, durante quatro encontros da “Oficina de Leitura, Produção e Documentação da Pesquisa Científica”, do Projeto “Energia: vida e sociedade”, que visou à discussão dos impactos sociais e ambientais na produção de energia no Brasil. Tal Projeto foi desenvolvido, de maneira interdisciplinar, por professores de cinco licenciaturas do Campus Universitário do Araguaia da Universidade Federal de Mato Grosso (CUA/UFMT), a saber, Letras, Ciências Biológicas, Geografia, Física e Química, e estava vinculado ao Programa “Novos Talentos” da Capes. Participaram do Projeto 25 estudantes das três séries do EM de três escolas estaduais, duas do município de Barra do Garças-MT, uma de Pontal do Araguaia-MT. No primeiro encontro, foram apresentadas, por meio de um questionário, situações cotidianas e hipotéticas, quanto à disponibilidade em ajudar pessoas. Em seguida, propôs-se uma atividade de produção textual sobre a produção de energia nuclear no Brasil, apenas, partindo de um texto teórico. Nos outros três encontros, continuou-se a discussão, por meio de vídeos e textos com as histórias de moradores de Caetité-BA, expondo os que defendiam a estada das Indústrias Nucleares do Brasil, por “trazer progresso” ao município; e os que acusavam a empresa de “trazer doenças, como o câncer, devido à extração inadequada de urânio”. Os estudantes foram divididos em dois grupos para trabalharem em salas separadas, portanto, sem conhecimento prévio das atividades do outro grupo, e analisarem a proposta de defesa ou de acusação da atuação da empresa, a fim de apresentar a proposta ao outro grupo, por meio de cartazes, *charges* e comunicação oral. Após a apresentação, houve debate e cada grupo defendeu com afinco a sua proposta, mesmo a que seria considerada incorreta. Isso mostrou que as narrativas dos moradores foram convincentes para os dois grupos atuarem no debate. Após discussão, com nossa intervenção, os estudantes elaboraram outro texto e, no último encontro, o

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

questionário do primeiro encontro foi reaplicado. Na análise, consideramos fatores psicocognitivos, linguísticos e discursivos numa perspectiva sociocognitiva. O processamento de percepção das experiências é realizado pelo cérebro, órgão que está dividido em lobos e, segundo Bertoque (2014, p. 26), “cada lobo apresenta outras subdivisões e funções relacionadas aos sentidos”, assim, “quando o ser humano ‘age’, todo o cérebro é acionado”, mas, apesar de não se defender um lateralização do cérebro, não é possível negar que há áreas mais acionadas do que outras, na execução de uma ação/atividade específica. Empatia, bem como planejamento, decisão/escolha, raciocínio abstrato, fala, emoções, controle e coordenação dos músculos são processados no lobo frontal do cérebro e a produção de oxitocina possibilita, ao indivíduo que ouve ou assiste narrativas, por exemplo, a identificação com as personagens e a construção da própria identidade à medida que se “coloca no lugar do outro”. Dessa forma, a construção da empatia está relacionada ao comportamento social: à percepção de si, do outro e do contexto comunicativo. Isso significa defender que, ainda que seja necessário o aparato biológico, a linguagem é, sobretudo, social, já que as relações sociais são determinantes para o desenvolvimento (eliminação ou estabelecimento) de relações sinápticas específicas, que “constituirão” a personalidade de uma pessoa (BERTOQUE, 2015). Seguindo essa proposição, é possível que, à medida que indivíduos ouçam/leiam narrativas, possam se identificar com as personagens e ampliar a capacidade de empatia, subsidiando numa base comum, num conhecimento compartilhado e “experenciado” pelo cérebro, já que, ao se imaginar uma determinada ação/atividade, são acionadas as mesmas áreas do cérebro, quando a ação/atividade é, de fato, realizada. A hipótese deste trabalho é que à medida que os estudantes ouvem e/ou assistem histórias, podem se identificar com as personagens e tendem a ampliar a capacidade de empatia. Com base nos dados analisados, estudantes, que no primeiro questionário haviam respondido sem se importar muito com “o outro”, na segunda vez, mostraram mais empatia. Isso comprova que as narrativas carregam valores linguísticos, socioculturais, artísticos e são mecanismos efetivos para a formação de cidadãos que podem planejar suas ações, considerando a interação e os limites entre ele e o outro. As narrativas, também, refletiram na segunda produção textual dos estudantes porque, à medida que se identificaram com as histórias e com as condições de produção dos acontecimentos, eles ampliaram sua competência linguística e discursiva e demonstraram mais empatia, defendendo uma produção de energia que não afete as comunidades e o meio ambiente.

Palavras-chave: Empatia. Narrativas. Produção Textual.

Referências bibliográficas:

BERTOQUE, L. A. D. P. Elaborações de voz da fala goiana: o destaque ao argumento afetado. Goiânia, 2014. 246 p. Tese de Doutorado em Letras – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira; Casseb-Galvão, Vânia Cristina. Aspectos Biofisiológicos no Processo Funcional da Linguagem. In.: RESENDE, Brisêida Dôgo; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; DE PAULA, Fraulein Vidigal; MÓDOLO, Marcelo; CAETANO, Sheila Cavalcante (orgs.). Linguagem e cognição: um diálogo interdisciplinar. Lecce / Rovato - Itália: Pensa MultiMedia Editore s.r.l., 2015.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. A neurociência do aprendizado. Direção: Paulo Aspis. Roteiro: Paulo Aspis e Suzana Herculano-Houzel. Direção de fotografia: Paulo Baroukh. Edição e pós-produção: Fernando Taliba e Luciana Sperandio. Som: Roberto Davy. Locução: Luiz Albuquerque. São Paulo: Atta-mídia e educação, 2012. Vídeo (36 min.), son., color.

PHILLIPS, Sherre Florence. The Teen Brain. Printed in the United States of America, 2007.

RELVAS, Marta Pires (org.). Que cérebro é esse que chegou à escola? As bases neurocientíficas da aprendizagem. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

TOMASELLO, Michael. Origins of human communication. A Bradford Book The MIT Press Cambridge, Massachusetts, London, England, 2008.

VAN DE GRAAFF, Kent Marshall. Anatomia humana. Tradução da 6. ed. Original e revisão científica Nader Wafae. Barueri -SP: Manole, 2003.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

A construção do mito e o peso da associação metonímica: o caso de Lola/Marlene

Dietrich

Lucilene Lisboa Rehberg (Linc-USP)

Ao conceituar mito, Roland Barthes (1999) o equipara a um sistema de comunicação, precisamente uma metalinguagem que se serve da linguagem-objeto. Nesse sentido, mito seria um eco simbólico. Compõe a base de todo mito a memória sociocultural consolidada pela repetição, o qual pode ser potencializado se combinado a fatores de inconscientização, tal como ocorre com a música, justamente porque música é mais do que uma linguagem universal (Eco, 1976), é um dado cultural relevante. A origem de todo dado cultural, no entanto, está na esfera dos sentimentos e das emoções, logo das subjetividades. São justamente esses fatores os que, segundo Damásio (2011), estão na base da consciência humana. Então, podemos dizer que a subjetividade pode ter agregada a si elementos que decorrem das experiências ligadas a sentimentos e emoções. No modelo de Damásio, três são os níveis de consciência do indivíduo: protossself, self central e self autobiográfico. Eles são escalares, mas para alcançar um nível autobiográfico será necessário a autocrítica. Quando ecoamos uma canção (música e letra) criamos um pareamento de informações percebida num nível protossself (de experimentação), que pode ou não ser acoplada à experiência do indivíduo e reverberada em momentos diversos (self central). É com essa repetição fora do contexto de produção que os mitos se consolidam. Romper com esse mito só seria possível no nível de maior consciência (autobiográfico). Aqui, evidenciamos que a consolidação do mito pode também ocorrer por meio da associação metonímica de elementos que, porventura, estão acoplados à experiência. Seleccionamos para essa demonstração dois objetos culturais isolados: Lola e Marlene Dietrich cantando “Ich bin die fescche Lola”. Embora sejam produzidos em ambientes diferentes, a sociedade alemã do período entreguerras produz o acoplamento de ambas, dando origem ao mito da mulher crossover de Dietrich.

Palavras-chave: mito, metonímia, associação.

Referências bibliográficas:

BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. São Paulo. São Paulo: Cultrix, 1999.

ECO, Umberto. *Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DAMÁSIO, António. *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

DIETRICH, Marlene. ABC de Marlene Dietrich. Rio de Janeiro: Editora Marc Zero, 1985.

DIETRICH, Marlene. Autobiografia. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A, 1991.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Análise linguística e cognitiva de inícios e finais de textos argumentativos

Renata Barbosa Vicente (Universidade Federal Rural de Pernambuco)

Cristina Lopomo Defendi (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo)

Entendemos que o texto toma forma previamente na mente humana e não só na sua materialização, por isso hipotetizamos que a estrutura do texto, como forma do pensamento humano, revela estratégias de iniciar e finalizar “conversas” com o outro. Se no plano oral, mentalmente o indivíduo busca uma estratégia de contato, então na estratégia escrita isso não é diferente, seja na hora de iniciar seja na hora de concluir.

Nosso objeto de análise são as porções textuais da introdução e da conclusão de textos argumentativos, da modalidade escrita urbana culta, sendo um *corpus* composto por 50 das melhores redações do vestibular da FUVEST/USP (2011) e outro por editoriais da esfera do jornalismo (50 editoriais de jornais de grande circulação na cidade de São Paulo).

Apoiamo-nos em pressupostos funcionalistas, e voltamos a atenção para o paralelo existente entre codificação linguística e intenção humana, o que nos permite uma paráfrase com o que afirmou Givón (1979) em sua célebre declaração: “a estrutura da língua reflete a estrutura da mente”: as regras de convivência e de aproximação interativa humana apresentam um paralelo no momento de se construir o primeiro e o último parágrafo de um texto dissertativo.

Dada a nossa experiência docente, chamou-nos atenção a frequência de expressões circunstanciais na introdução e o alto índice de incidência de marcadores conclusivos na finalização do texto. Hipotetizamos que, no caso da introdução, devido ao alto índice de ocorrências de expressões circunstanciais semelhantes, a categorização foi um liame para compreender o que de fato se destacava entre os dados; já no caso da conclusão, percebemos que a sinalização realizada por marcadores conclusivos poderia ser vista como uma atividade cognitiva importante, partilhada pelo co-específicos (Tomasello, 2003). É objetivo dessa pesquisa (i) fazer um levantamento de qual(is) forma(s) são mais recorrente(s) ao iniciar e ao finalizar textos argumentativos cultos; (ii) identificar em que domínio poderíamos categorizar a introdução e a conclusão do texto; e (iii) relacionar essas formas a conceitos cognitivos.

Tal como afirma Givón (1979), a linguagem é a esfera de canalização das emoções e intenções dos indivíduos, assim sendo, entendemos que a análise das partes do texto pode demonstrar aspectos cognitivos, uma vez que as emoções podem ser codificadas na

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

linguagem via sintaxe. Isso justifica desenvolvermos um trabalho de linguagem com base cognitivista, cujas vozes dos autores Tomasello (2003), Koch (2002), Bybee (2010) e outros estão presentes, sem perder de vista a orientação funcionalista que permeará este trabalho.

Com todos os textos procedemos a uma análise quantitativa e qualitativa das estratégias usadas para iniciar e finalizar o texto. No caso das introduções, optou-se por verificar de que forma a categoria *espaço* é mobilizada e em qual posição ela aparece nessa porção textual. No caso do parágrafo conclusivo, optou-se por verificar se o escrevente recorre a marcas gramaticais de conclusão e em que posição elas aparecem.

Da porção final das redações de vestibular, 66% dos candidatos optaram por elaborar a parte final da sua redação com uma construção típica de conclusão, tais como: *portanto, assim, dessa forma, conclui-se que* e outras. Desses, 44% usaram a essa construção topicalizada, ou seja, iniciaram o parágrafo final com esse recurso de sinalização, como forma de garantir a atenção conjunta, nos termos de Tomasello (2003).

Em relação aos editoriais, 88% desses textos têm marcador ausente e somente 12% fazem o uso do marcador conclusivo na porção final do texto, sendo 10% com marcador não topicalizado e 2% com marcador topicalizado.

Chama-nos atenção os dados dos editoriais, comparando-os aos das redações. É expressiva a diferença entre eles. Enquanto nas redações a predominância da categoria espacial se dá em 56% dos dados topicalizados, nos editoriais apenas 28% preferem iniciar o parágrafo introdutório com essa construção. Por outro lado, é predominante a construção espacial não topicalizada nos editoriais, são 48% das ocorrências, enquanto nas redações, essa posição é representada em 24% dos casos. Outra oposição significativa é marcada nas construções equativas em que tivemos 2% dos dados nos editoriais e 12% nas redações. Por fim a ausência da categoria prototípica nos editoriais foi de 8%, enquanto nas redações a ausência foi registrada em 22% das ocorrências. Essa disparidade mostra que, para transpor o parágrafo da introdução, o vestibulando encontra lugar seguro para iniciar seu texto topicalizando a construção espacial, já os autores de editoriais, em sua maioria, transpõem a introdução, optando por não topicalizar a categoria espacial. Importante ressaltar que, em ambos os textos, seja editorial, seja redação, a categoria espacial é predominante.

Parece possível afirmar que o autor profissional se solta de amarras e “receitas” de elaboração de texto e cria um texto em que, mesmo sem explicitar textualmente as partes (ou até evitar fazê-lo), leva o leitor a interpretá-las adequadamente. Ou seja, mesmo sem

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

sinalizar a conclusão textual, o leitor é conduzido a perceber que o autor conclui seu raciocínio naquela(s) porção(ões) final(is). Ao que parece, o domínio linguístico e o contínuo exercício de criação de textos fariam com que essas marcas de conclusão textual, tão abundantes em redações vestibulares, tornassem-se supérfluas. Além disso, essa escrita diária e profissional confere também um estilo próprio ao redator.

Palavras-chave: Texto argumentativo; Cognição; Estratégias de introdução e de conclusão.

Referências bibliográficas:

- BYBEE, Joan. Language, usage and cognition. Cambridge: University Press, 2010.
- GIVÓN, T. On Understanding Grammar. New York: Academic Press, 1979.
- KOCH, I. V. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002.
- TOMASELLO, M. Origens culturais da aquisição do conhecimento humano. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

Sinalizadores de polidez e seu uso em sentenças imperativas no Mandarim e no Português

Andréia Hiromi Mano (USP, bolsista CNPq)

I. Resumo

O presente documento apresenta um estudo comparativo dos sinalizadores de polidez mais recorrentes em sentenças imperativas no mandarim e no português, a fim de verificar se as *estratégias de polidez*, descritas por Brown & Levinson (1987) podem ser aplicadas em cada idioma e em medida as línguas apresentam semelhanças ou diferenças, em relação a tais estratégias.

II. Objetivos

Identificar e apresentar os principais sinalizadores de polidez no mandarim e no português e seu uso em sentenças imperativas em cada idioma. A análise dos dois idiomas será feita comparativamente, baseando-se na *Teoria da polidez*, de Brown & Levinson (1987).

III. Fundamentação teórica e Justificativa

Tendo a noção de face negativa, da *Teoria da Polidez* de Brown & Levinson (1987) como o “desejo de liberdade, de não ser coagido e de não sofrer imposição. Vontade de que o universo pessoal não seja exposto” (apud SEGUNDO, 2015:4), entende-se que as sentenças imperativas, podem, em maior ou menor grau, interferir na liberdade de ação do interlocutor, já que ameaçam sua face negativa. Assim como há ameaças às faces dos indivíduos, para Brown & Levinson (apud ARAUJO, 2014:27) há, também, estratégias para a preservação das mesmas, um conjunto de recursos englobados pelas *Estratégias de Polidez*.

IV. Materiais e Método

A coleta de dados foi dividida em duas etapas: primeiro, para o mandarim, foi feita uma busca em livros de ensino de mandarim como língua estrangeira, a fim de identificar os principais sinalizadores em sentenças imperativas. Para o português, foram selecionadas estratégias de polidez baseadas em: i) gramática, ii) tipo de de sentença, iii) expressões de polidez diretas e iv) expressões de polidez indiretas. A segunda etapa compõe-se de um questionário em mandarim, respondido pelos falantes nativos do mesmo e outro, em português, respondido pelos falantes do português, no qual se pediu para que

II LINGOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

classificassem as sentenças segundo seu grau de polidez. Para a composição do questionário, foram utilizados os dados obtidos na primeira etapa.

V. Resultados

Foram identificadas 8 estruturas verbais para o mandarim e 9 para o português, cujo o objetivo é fazer com que o interlocutor ajude o locutor a abrir a porta ou o faça por ele.

Para o mandarim, tem-se:

- A) 请你开门。(por favor você abrir porta). Trad.: Por favor, abra a porta.
- B) 你可以开门吗?(você poder abrir porta PI¹). Trad.: *Você pode abrir a porta?*
- C) 你可不可以开门?(você poder não poder abrir porta). Trad.: *Você pode ou não abrir a porta?*
- D) 你开门。(você abrir porta). Trad.: *Abra a porta.*
- E) 你开门吧(você abrir porta PS²). Trad.: *Abre a porta, vai!*
- F) 不好意思, 麻烦你开一下门。(desculpa incomodar você abrir um pouco porta).
Trad.: *Desculpe o incômodo, mas você pode abrir um pouco a porta?*
- G) 不好意思, 能麻烦你开一下门吗?(desculpa conseguir/poder incomodar você abrir um pouco porta PI). Trad.: *Desculpa, posso te incomodar pra abrir um pouco a porta?*
- H) 能帮我开一下门吗?(conseguir/poder ajudar eu abrir um pouco porta PI). Trad.:
Você pode me ajudar a abrir um pouco a porta?

O gráfico abaixo mostra o resultado da pesquisa de campo do mandarim. Os números na horizontal (1-8) representam o grau de polidez, em ordem decrescente, e os números na vertical, a quantidade de vezes que cada número foi assinalado para cada forma.

¹ PI: Partícula Interrogativa (para perguntas do tipo sim/não).

² PS: Partícula Sugestiva.

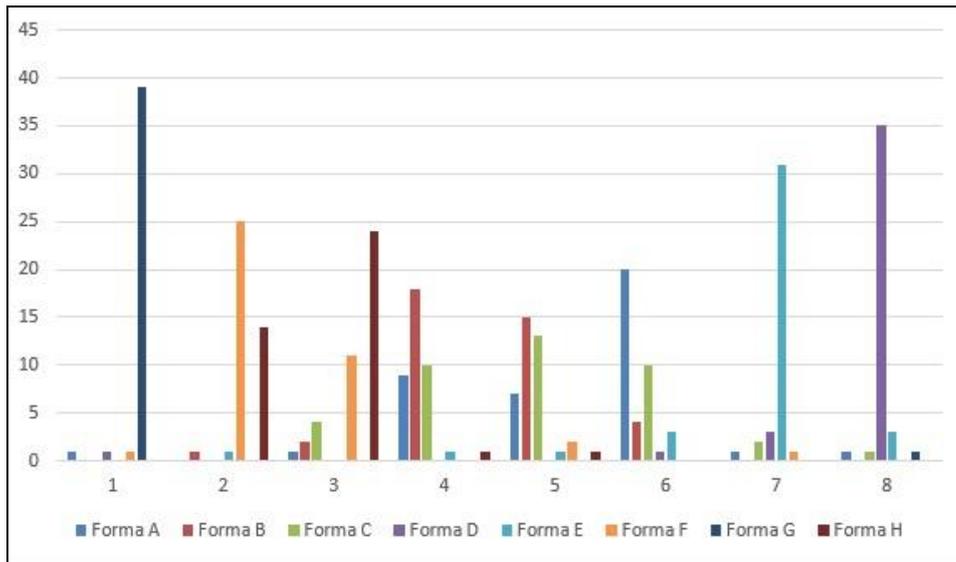


Gráfico 1: incidência de cada número, representante de um grau de polidez, em cada tipo de sentença imperativa no mandarim.

Para o português, tem-se:

- A) Abra a porta, por favor.
- B) Abre a porta, por favor.
- C) Você poderia abrir a porta?
- D) Você pode abrir a porta?
- E) Você podia abrir a porta?
- F) Tem como você abrir a porta?
- G) Será que você poderia abrir a porta?
- H) Dá para você abrir a porta?
- I) Com licença, será que você poderia abrir a porta?

O resultado da pesquisa de campo em português pode ser visto abaixo. Os números na horizontal (1-9) representam o grau de polidez, em ordem decrescente, e os números na vertical, a quantidade de vezes que cada número foi assinalado para cada forma.

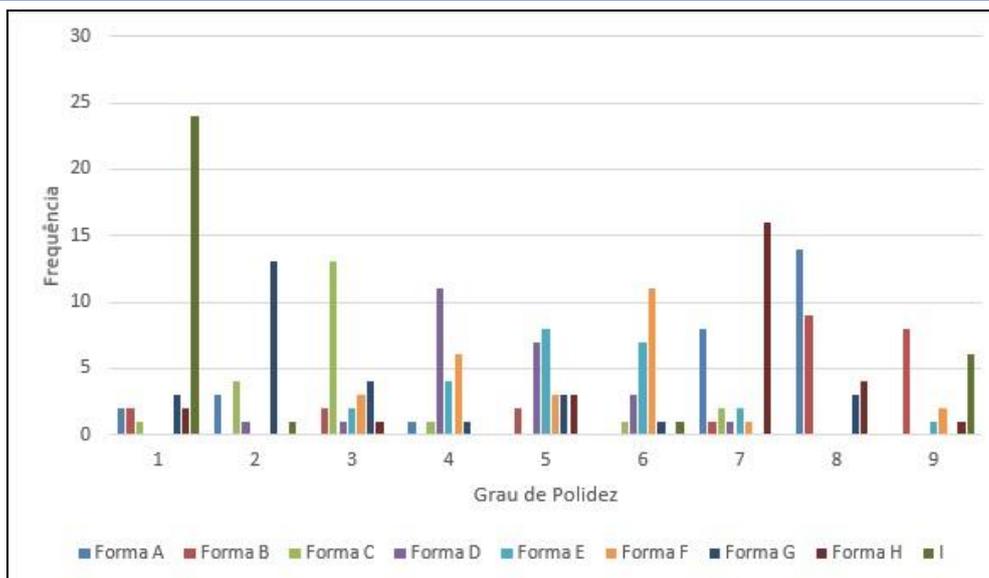


Gráfico 2: incidência de cada número, representante de um grau de polidez, em cada tipo de sentença imperativa no português.

Palavras Chaves: sinalizadores de polidez, estratégias de polidez negativa, preservação da face

Referências bibliográficas:

ARAÚJO, A.S. “*Você me faria um favor?*” *O futuro do pretérito e a expressão de polidez*. 2014. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

LIU, Xun et alii. *New Practical Chinese Reader*. Beijing: Beijing Language and Culture University Press, 2004.

SEGUNDO, P. R. G. *Polidez/Cortesia/Descortesia: noção de face positiva e negativa*, 2015. PDF disponível em <http://disciplinas.stoa.usp.br/mod/folder/view.php?id=223394>. Último acesso em 11/07/2015.

WANG, Shuhong. *Developing Chinese - Elementary Speaking Course*. 2ª ed. Beijing: Beijing Language and Culture University Press, 2012.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

A língua portuguesa como uma poderosa arma para a preservação de um grupo minoritário em Olivença

Elisangela Baptista de Godoy Sartin (UNIB)

Tal resumo tem como objetivo apresentar a importância da língua portuguesa em Olivença, território atualmente espanhol (mas historicamente português), e a necessidade da manutenção da língua de herança (LH) para que um grupo minoritário fortaleça suas raízes. A relevância deste trabalho de pesquisa traduziu-se no fato de que espaços fronteiriços mantêm sobrepostas em espaços geográficos contíguos algumas realidades que se sobrepõem: a realidade da oficialidade linguística e a realidade do sentimento de pertença sociolinguística. Por serem regiões fronteiriças, adentramos no conceito que alguns pesquisadores trazem sobre o termo “fronteira”, tais como Handler (1994) e Wilson e Donnan (2000). Handler (1994) apresenta em suas pesquisas que tanto em inglês quanto em francês, o significado era associado ao campo semântico militar, mas não era o único termo empregado. Havia, ainda, *bound*, *confine*, *limit*, *march*, *mete* e *pale*. Um século depois, os termos ‘frontiers’ e ‘borders’ aparecem em ordens dadas pelo rei Henry VIII como sinal de impedimento contra seus inimigos (grifos nossos). Como se pode depreender dessa situação relatada por Handler, desde tempos remotos, as relações dadas aos lugares fronteiriços já não eram amistosas, o que nos levou a motivação de pesquisar sobre como se davam as relações entre línguas diferentes em regiões fronteiriças. A partir de tais estudos, nos propomos a tratar do modo como o português oliventino se manifesta dentro de uma comunidade de língua majoritária. Além disso, a pesquisa também nos revela, tendo como postulado teórico os estudos labovianos, a riqueza de uma língua minoritária e que se mantém viva e ecoando entre gerações mais jovens. Como temos tratado de língua como uma das marcas de etnia, apresentamos a disputa entre portugueses e espanhóis para que a cultura portuguesa seja mantida na comunidade. Como é sabido, uma LH, falada geralmente entre o ambiente apenas familiar, é quase sempre uma língua minoritária e suscetível a uma série de preconceitos. Assim, para que esta seja preservada entre seus falantes, é necessário que tenham consigo ativo um sentimento de pertença linguística. Diante disso, nos motivamos em apresentar pesquisas realizadas sobre o contato entre esses grupos e que fatores contribuíram para a preservação ou não da língua nativa e da LH entre os portugueses oliventinos. Alguns postulados teóricos nos foram necessários para que pudéssemos mostrar como os portugueses que vivem em Olivença, ao adentrarem uma nova sociedade, estariam adotando novos valores culturais do seu entorno,

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

participando e experimentando trocas em função dos esforços eleitos para a própria adaptação ao grupo com que entra em contato (Barth 1969; 1998; Fenton 2003; Barrios 2008). Além disso, partimos também para estudos que lidam com a língua em situações sociais, que é muitas vezes, influenciada pelo *estatuto social* de quem a utiliza (Goffman, 1998). Sendo assim, vendo a necessidade de considerar a possibilidade de que nem sempre o que falante diz é verdade, sendo necessário um olhar para o ‘*enquadre/frame*’, nos apossamos do estudos de Bateson (1998), para mostrar que todo o contexto comunicativo pode envolver uma série de *implicaturas conversacionais*, tão importantes para a manutenção do diálogo. As pesquisas realizadas em Olivença previam uma grande influência da língua espanhola pelo diversos contatos, contudo, surpreendentemente, a influência foi muito menor do que imaginávamos e afirmamos que tal descoberta se dá pela necessidade em preservar seu grupo étnico, tão próximo de seu país. Sendo assim, para além dos bilíngues simultâneos (que nascem falando duas línguas – a de casa e a majoritária), creditamos o processo de bilinguismo em Olivença ao fato de que, por seus falantes considerarem o espanhol uma língua superior e de maior importância, procuram usá-la da melhor forma, tentando, o máximo possível, não permitir interferências de uma língua na outra. Sendo assim, as marcas linguísticas que mais nitidamente evidenciam a etnia são evitadas entre os falantes nativos (os imigrantes) do português em Olivença. As entrevistas que fizemos em Olivença nos permitiram observar o quanto o português em Olivença possui uma riqueza de usos e variações que preservam os traços linguísticos típicos do português de Portugal, sem quase nenhuma influência do espanhol, nem mesmo nas expressões próprias da fala: substituição vocálica de /i/ > [e]: [piqueña] e /o/ > [u]: [vamuf lá]; muitas foram as ocorrências de paragóge, tal como o acréscimo de elemento vocálico *e* no final das palavras terminadas em *r*: [tare]; [melhore], usos correntes entre os portugueses alentejanos, independentemente da variável social. O que notamos através dos dados analisados é que a LH circula entre os falantes mais novos de forma despercebida por muitos oliventinos, sendo utilizada como se fosse parte do idioma local. Supomos que o português como LH em Olivença está longe de ser apagado entre os descendentes de portugueses, pois resiste viva, com marcas bem presentes que ecoam de geração a geração, numa espécie de “efeito catraca” (Tomasello, 1999).

Palavras-chave: Língua de Herança; Comunidade sociolinguística; Resiliência cultural.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Referências bibliográficas:

BARRIOS, Graciela. *Etnicidad y lenguaje: la aculturación sociolingüística de los inmigrantes italianos en Montevideo*. Montevideo: Colección Carlos Vaz Ferreira, 2008.

BARTH, Fredrik. *Ethnic Groups and bondaries*. Long Grove/Illinois: Waveland Press, INC. 1998.

FENTON, Esteve. *Etnicidade*; tradução Joana Chaves. Lisboa: Coleção Epistemologia e Sociedade, Instituto Piaget, 2009.

GOFFMAN, Erving. *A situação negligenciada*. In: RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. (org). *Sociolingüística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

GUMPERZ, Jonh. J. *Convenções de contextualização*. In: RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. (org). *Sociolingüística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

HANDLER, R. *Is "Identity" a Useful Cross-Cultural Concept?* In: GILLIS, J. R. (Ed.). *Commemorations. The politics of National identity*. New Jersey: Princeton, 1994.

LABOV, William. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra, S.A. Tradução de José Miguel Marinas Herreras, 1983 [1972].

TOMASELLO, Michael. 1999. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge: Harvard University Press.

WILSON, M. Thomas and DONNAN, Hastings. *Border identities. Nation and state at inernational frontiers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

Superdotação ou talento? Terminologias utilizadas para referir-se a indivíduos com inteligência acima da média

Fernanda Cardoso Fraga Fonseca (Universidade de Taubaté)

Dotação, superdotação, talento e altas habilidades são termos frequentemente utilizados para referir-se à inteligência acima da média. O emprego desses termos varia de acordo com cada autor e muito frequentemente são utilizados como sinônimos. Este trabalho tem como objetivo apresentar as diversas definições das terminologias utilizadas para referir-se às pessoas com inteligência acima da média. A metodologia utilizada foi uma análise bibliográfica de obras dos principais autores que escreveram sobre o tema. Portanto, como embasamento teórico, têm-se Landau (1990), Alencar, Feldhusen e French (2004), Guenther (2012) e Pérez (2012). Os resultados são apresentados em resumo a seguir.

Alencar, Feldhusen e French (2004) explicam que o termo “talento” tem sido usado para referir-se a uma habilidade específica em um domínio de atividade humana, como por exemplo, em alguma modalidade esportiva ou artística. O talento na criança estaria ainda incipiente, enquanto que no adulto pode ter sido treinado e traduzir-se em uma performance competente, como por exemplo, na natação ou na pintura. O termo “superdotado” tem sido mais frequentemente associado ao notado alto potencial intelectual. O que há em comum, segundo os autores, é que tanto o talento como a superdotação são considerados aspectos desenvolvidos pela interação entre a predisposição genética e as influências externas, como a família, professores, amigos e ambiente cultural onde o indivíduo vive.

De outra forma, para Landau (1990, p. 36) existem três níveis diferentes da capacidade humana: talento, superdotação e genialidade, e sobre eles a autora explicita que:

O talento manifesta-se num campo específico de interesse do indivíduo. A superdotação constitui um aspecto básico da personalidade da pessoa talentosa, que lhe propicia revelar seu talento num nível num nível superior, de maior abrangência, tanto cultural quanto social. A genialidade é um fenômeno raro na humanidade que abriga um grande número de manifestações, incluindo o talento do superdotado, cuja compreensão e/ou

realização se observam em âmbito mundial. (LANDAU, 1990, p. 36).

A autora sintetiza afirmando que, se o talento não for estimulado, a superdotação não se manifesta e a genialidade não se realiza.

As diferenças entre os significados de cada um dos termos para expressar o potencial superior também são apresentadas por Guenther (2012). A autora frequentemente utiliza as palavras dotação e talento, mas não como sinônimos. Dotação é definida como a posse e o uso de notável capacidade natural, que faz parte da constituição genética do indivíduo, é algo que ele “tem”. Dotação é a tradução do termo inglês *giftedness*. O talento é o termo que designa as habilidades desenvolvidas em alguma área da atividade humana, apresentada com um nível superior de realização, sendo uma competência treinada, aprendida. A autora vai além e explica também outros termos relacionados a essa temática. Assim, potencial e aptidão, bem como dotação são referentes à capacidade natural, enquanto habilidade e expertise, assim como o talento, estão ligados à capacidade adquirida. Logo, para desenvolver o talento é necessária a dotação, mas o oposto não é verdadeiro: pode existir em uma pessoa a dotação que nunca se desenvolve em talentos por falta de condições apropriadas no ambiente.

Guenther (2012) explica, ainda, que as características comuns entre as palavras dotação e talento devem-se ao fato de que ambas indicam capacidades humanas, indicam pessoas com produção superior e são normativos, isto é, apontam indivíduos que diferem da norma. A autora observa que o motivo pelo qual existe esta variedade de termos é devido à diversidade de culturas e línguas em que se publicam obras e também devido às traduções e interpretações na comunicação dos conceitos. Sobre o termo altas habilidades, bastante usado na atualidade, pode ter vindo da expressão *high ability*, segundo Guenther (2012), contudo a tradução mais correta seria “alta capacidade”.

Devido a essa variabilidade em relação à terminologia para denominar aqueles que se destacam por sua inteligência, foram efetivados trabalhos sobre o assunto, como o de Pérez (2012). A autora fez a contagem dos trabalhos no banco de teses da CAPES³ durante os anos de 1987 a 2009, considerando os termos que constavam nos títulos. Relata que encontrou 29 trabalhos com “altas habilidades”, 23 com “superdotação”, 16 com “altas habilidades/superdotação” e 9 com “talento(s)”. A autora expõe quais são os termos

³Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

também utilizados em outras línguas, bem como algumas considerações sobre eles. Em inglês, *giftedness*, como substantivo derivado de *gifted*, surgiu com William Harris, que propôs o primeiro programa de aceleração em 1968. Em francês, os termos mais utilizados pelos pesquisadores são *précoce*, *precocité* e *hautpotentiel* (alto potencial). Pérez (2012) afirma que o termo talento ou talentoso em português também é bastante utilizado, assim como seu correlato inglês *talent* ou *talented*. O termo dotação tem origem na palavra latina *dotare*, que significa dotar, conceder dote, remetendo a uma dádiva ou dom natural (PÉREZ, 2012).

Concluí-se que o conhecimento sobre os termos utilizados traz uma luz sobre como localizar as referências às pessoas com potencial superior dentro das leis e como prever as condições necessárias ao tipo de educação que deverá ser dispensado a elas. Com base em tal conhecimento, torna-se mais fácil identificar as práticas atuais, bem como, abre-se espaço para compreender as conceituações dos diversos autores acerca dessas pessoas.

Palavras-chave: talento; superdotação; altas habilidades

Referências bibliográficas:

- ALENCAR, E. M. L. S.; FELDHUSEN, J. F.; FRENCH, B. Identificando talentos, aspirações profissionais e pessoas mais admiradas por estudantes. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v. 8, n. 1, p. 11-16, 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pee/v8n1/v8n1a02.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2015.
- GUENTHER, Z. C. *Crianças dotadas e talentosas...Não as deixem esperar mais!* Rio de Janeiro: LTC, 2012
- LANDAU, E. *A coragem de ser superdotado*. Tradução de Sandra Miessa. São Paulo: CERED, 1990.
- PÉREZ, S. G. P. B. E que nome daremos à criança? In: MOREIRA, L. C.; STOLTZ, T. (Coords.). *Altas Habilidades/Superdotação, Talento, Dotação e Educação*. Curitiba: Juruá, 2012. p. 45-61

Marcadores da organização do padrão discursivo narrativo: uma abordagem funcional centrada no uso

Leonor de Araújo Bezerra Oliveira

Esta tese tem como objeto os Marcadores da Organização do Padrão Discursivo Narrativo (MON), a partir de sua ocorrência em *corpora* orais e escritos de diferentes realizações do discurso narrativo, considerando seu lócus de ocorrência na estrutura narrativa e sua função discursiva. A pesquisa norteia-se pela Linguística Funcional Centrada no Uso, abordagem para a qual a organização da língua é ligada diretamente à experiência do usuário, de modo que a gramática é moldada pelo discurso. Foram examinados apenas os trechos narrativos de Relatos de experiência, Contos e Lendas nas modalidades oral e escrita, conforme descrito a seguir: 3 inquéritos do *Corpus* Relatos dos Remanescentes Quilombolas (RN); 11 lendas do *Corpus* Lendas do Amazonas, 14 Contos do *Corpus* Contos Brasileiros e 21 Relatos de experiência do *Corpus* Discurso e Gramática, com cerca de 10.000 palavras em cada um dos *Corpus*. No total, foram identificadas 22 marcadores, os quais foram: (1) classificados segundo o lócus de ocorrência na estrutura narrativa, conforme Labov (1972); (2) relacionados, de acordo com o tipo de padrão discursivo narrativo em que ocorrem; (3) descritos a partir da função discursiva que desempenham. Com essa abordagem, a pesquisa tem sua relevância, na medida em que toma como base de análise o discurso e oferece propostas para o ensino produtivo de língua materna no qual alunos e professores possam, fundamentados nos estudos linguísticos, considerar a língua viva, como objeto de estudo, baseando-se nas Orientações Curriculares Nacionais (OCN) e fazendo uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC).

Palavras-chave: Marcadores da organização do padrão discursivo narrativo. Linguística Centrada no Uso. Ensino Produtivo. Propostas didáticas.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Algumas Considerações sobre a Ambiguidade

Luiz Carlos Cagliari (UNESP / FCL)

A noção de ambiguidade tem sido tratada em muitas áreas em que a linguagem tem um papel importante. Pode-se mesmo dizer que a ambiguidade está muito presente em muitos usos da linguagem. Porém, a consciência sobre suas consequências só é percebida quando acarreta alguma decisão circunstancialmente comprometedora. No mais, os falantes relevam a linguagem ambígua, utilizando informações extralinguísticas que direcionam o sentido para uma interpretação mais provável.

A tradição gramatical, filosófica, lógica e retórica apresenta muitos tipos de ambiguidade na linguagem oral (LYONS, 1996; CANÇADO, 2005, p. 59-74). Uma coleta de dados mostra que temos mais de uma dezena de tipos de ambiguidade. Somam-se a esses tipos, problemas correlacionados como a homonímia, a polissemia (ULLMANN, 1970. p. 322-399; DUCROT, 1972, p. 103-141; LEVINSON, 2007). A noção de vagueza semântica ajuda a delimitar o fenômeno, permitindo uma definição mais exata.

Apesar de tantos estudos, é possível perceber que algumas coisas não ficaram muito claras nem bem definidas, a começar pela própria noção de ambiguidade. O referencial tradicional é a análise da linguagem (em geral, escrita). Na fala, alguns tipos de ambiguidade não são possíveis, porque o falante não pode usar duas prosódias diferentes ao mesmo tempo (CAGLIARI, 2007, p. 180). Há também de se considerar se a ambiguidade está na mente de quem fala, de quem ouve ou de ambos, ou mesmo se é um truque linguístico ou uma estrutura gerada dentro das possibilidades gramaticais intencionalmente ou não. Em todo o caso, será sempre preciso relacionar a expressão linguística, oriunda da ação da mente, com a interpretação que pode ser gerada na mente do ouvinte (leitor) e com os fatos da realidade.

O objetivo do presente trabalho é colocar a discussão sobre a ambiguidade numa abordagem cognitiva (ABREU, 2010; FERRARI, 2011). Isto representa integrar vários níveis da análise linguística numa perspectiva na qual os indivíduos falantes e ouvintes desenvolvem um jogo de construção de significados com expectativas em diferentes níveis de consciência semântica.

A linguística cognitiva já conta com um acervo importante de obras abordando o tema de muitos pontos de vistas, com teorias e abordagens que levaram a compreensão da linguagem a um novo patamar (WILSON; KEIL, 1999; TALMY, 2000; EVANS; GREEN, 2006; GEERAERTS; CUYEN, 2007). Algumas obras, em particular, trouxeram grandes

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

reflexões cognitivas sobre a linguagem, entre outras LAKOFF; JOHNSON (1980); LANGACKER (1987); FAUCONNIER (1994) e FAUCONNIER; TURNER (2002). Esse tipo de reflexão embasa os fundamentos para o tratamento que se dá ao tema da ambiguidade. Mais do que seguir um modelo ideal, as reflexões apresentadas seguem uma linha intuitiva, cuja finalidade é mais esclarecer do que resolver problemas.

O trabalho mostra como a ambiguidade depende de vários fatores cognitivos, linguísticos e de conhecimento de mundo (FELTES, 2007. p. 180-185). Para que seja um item de um processo comunicativo, precisa estar necessariamente na mente do falante e do ouvinte e que isso seja transmitido via enunciados adequados. A ambiguidade tem muito a ver com a noção de expectativa. Alguns fatores neutralizam ou introduzem falsas interpretações, fruto de desconhecimentos por parte do falante e do ouvinte. Um falante pode dizer algo ambíguo sem consciência do fato, assim como o ouvinte pode não perceber uma ambiguidade ao ouvi-la em certas circunstâncias. A análise da realidade associada a uma ambiguidade pode ser um fator decisivo para definir o possível e o impossível e, conseqüentemente, o aspecto legal de uma ambiguidade.

Finalmente, a noção de ambiguidade pode ser vista como o contrário da noção de metáfora. Nesse sentido, a sua construção é exatamente o oposto da construção de *blending* (FAUCONNIER, 1994) na metáfora. Embora a noção de *frame* ajude a definir os contornos de uma fala ambígua, de pouco ajuda no caso da ambiguidade, porque esta noção não é bem definida nem na mente do falante nem na mente do ouvinte (CAGLIARI, 2015, p 125-133).

Palavras-chave: Ambiguidade. Semântica Descritiva. Semântica Cognitiva.

Referências bibliográficas:

ABREU, Antônio Suárez. Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada. São Paulo: Ateliê Editorial. 2010.

CANÇADO, Márcia. Manual de Semântica: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Elementos de Fonética do Português Brasileiro. São Paulo: Editora Paulistana. 2007.

_____. Aspectos cognitivos da ideia de expectativa. In: Anais do I Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição. Paulo R. Gonçalves-Segundo et al. (Org.) <http://lincog.fflch.usp.br>. acesso em 08/08/2016.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

DUCROT, Oswald. *Dire et ne pas Dire: principes de semantique linguistique*. Paris: Hermann. 1972.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press. 2006.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge: MIT Press. 1994.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The Way We Think*. New York: Basic Books. 2002.

FELTES, Heloisa P. M. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e telas*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2007.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Ed. Contexto. 2011.

GEERAERTS, Dick; CUYKEN, Hubert (ed.). *The Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press. 2007.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford: Stanford University Press. 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we Live by*. Chicago: The University of Chicago Press. 1980.

LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes. 2007.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press. 1996.

TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge, MA: Bradford Book The MIT Press. 2000.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1970. 2ª Ed.

WILSON, Robert A.; KEIL, Frank C. (ed.). *The MIT Encyclopaedia of Cognitive Sciences*. Cambridge, MA: The MIT Press. 1999.

A construção medial no português falado

Nádia Maria Silveira Costa de Melo (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte)

Introdução

Nesta pesquisa, investigamos o uso da construção medial (CM) em língua falada no português brasileiro atual. O embasamento teórico provém da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) que tem como representantes no Brasil Furtado da Cunha, Bispo, Silva e Oliveira entre outros. A LFCU busca estabelecer uma relação entre os padrões gramaticais e as práticas discursivas, entendendo a *aparente regularidade e instabilidade da língua como motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários no cotidiano social*. Nesse sentido, as construções ditas como gramaticalmente irregulares resultam do uso da língua em seus variados contextos de uso; analisar as práticas discursivas como um todo é seu campo de investigação. Nesta perspectiva, “os usos linguísticos são concebidos como resultantes de, pelo menos, três motivações maiores, advindas de diferentes instâncias: as estruturais, as cognitivas e as sócio-históricas” (RIOS DE OLIVEIRA, 2015, p. 22). A construção medial quanto à transitividade apresenta as seguintes características propostas por Hopper; Thompson (1980): verbo de ação, *punctual*, télico, polaridade afirmativa e modalidade *realis*. Em termos gerais, o objetivo desta pesquisa é investigar e descrever a Construção Medial na fala atual do português do Brasil, observando o tipo e/ou gênero discursivos que favorece sua realização, bem como as motivações pragmático-discursivas de sua configuração linguística.

Metodologia

Inicialmente, fizemos o levantamento de amostras nos seguintes corpora A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil (SOUZA; MENDES; FONSECA, 2011); *Corpus Discurso & Gramática*, em suas cinco versões que abrangem as seguintes cidade brasileiras: Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande, Juiz de Fora e Niterói. Ao todo, investigamos 6 *corpora*, representando um imenso volume textual, totalizando um corpus de análise com 21 amostras apenas, atestando ser esta construção de uso contextual muito específico. Assim ficou a distribuição das amostras por cidade, o maior percentual foi o Corpora D & G Natal e Portalegre (os dois foram somados juntos, já que são do mesmo estado) com 38%; em segundo, o D & G Juiz de Fora, com 33%; vindo, em seguida, o D & G Rio; com 14%; ainda, o D & G Niterói, com 10%, e, por último, D & G Rio Grande com 5%. Por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo-interpretativista, ignoramos o

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

quantitativo das amostras que constituíram o *corpus*. E, assim, passamos à análise sob a lente da LFCU.

Resultados

A Construção Medial é um tipo monoargumental que expressa um evento de causação, em que um participante não-animado (paciente) é afetado por uma ação (Evento) que não emana dele (Sujeito Paciente + Verbo de ação processo). A CM na língua falada pode ser exemplificada como em (1) e (2):

(1)...eu desabutei aqui a manga da camisa **o cacete deceu**...(A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil, Portalegre/RN, H84-06)

(2) (...) aí eu sei que o carro ... o eixo do carro quebrou ... aí meu pai não teve controle e capotou quatro vezes ... quatro vezes ... eu ... fracturei o braço ... machuquei o rosto ... porque eu levei uma pancada muito grande ... porque eu vinha dormindo ... o Emerson num teve nada ... (C D & G, Natal, Rosemeire, EM, NEPO)

Em (1), “o cacete deceu”, e em (2), “o eixo do carro quebrou” temos duas estruturas oracionais compostas por SN na posição de sujeito paciente que não têm competência para a executar as ações “deceu” e “quebrou” expressas nas amostras, pois são seres inanimados. É este comportamento linguístico que denominamos de CM. Observamos que ambos os verbos, em (1) “deceu” e em (2) “quebrou”, possuem a metade dos componentes discursivos propostos por Hopper e Thompson (1980): de ação, pontualidade, telicidade, polaridade afirmativa e modalidade *realis*. Isso revela ser uma característica da CM. Os resultados apontam uma reduzida frequência na realização da CM na modalidade falada em todos os tipos e/ou gêneros compilados dos *corpora* pesquisados. A amostra (2) representa a CM prototípica cujo verbo gramaticalmente classificado como Transitivo “quebrar” tem sua transitividade modificada já que possui apenas um argumento com função de paciente da ação. O agente ou causativo da ação foi ignorado ou omitido pelo falante, talvez, por não considerá-lo relevante para a situação que desejava expressar. Para atender a sua intenção comunicativa, a ênfase centrou-se no argumento que foi afetado pelo evento inesperado, chamando a atenção do ouvinte para o foco principal: “peça do carro apresentou problema”. A CM apresenta características sintático-semânticas das construções transitivas e intransitivas, não podendo ser considerada como nenhuma delas já que possui uma estrutura argumental que a diferencia, por isso, atestamos tratar-se de uma construção específica a que denominamos de medial. Os resultados atestam ser a

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

CM falada no português brasileiro de uso bastante restrito independente da modalidade ou do tipo e/ou gênero textual. Seu uso atende a necessidade do falante omitir o responsável de uma ação ou ignorá-lo por não considerar que esta seja uma informação relevante. Enfim, concluímos que há “um solo fértil a ser pesquisado” acerca deste assunto.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso; Gramática de Construção; Transitividade.

Referências bibliográficas:

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Org.). *Corpus Discurso e Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal*. Natal: EDUFRN, 1998. Disponível em:

<http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/>

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; CEZARIO, Maria Maura (Orgs.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013.

SOUZA, M.; MENDES, W. V.; FONSECA, C. M. V. *A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil*. Mossoró: Edições UERN, 2011.

A categoria semântica Controle

Paulo Jeferson Pilar Araújo

Uma observação constante em trabalhos tipológicos sobre posse predicativa é a indicação de que a categoria semântica Controle seria a categoria necessária e primordial para caracterizar uma expressão de possessivos (Stassen, 2009; Heine, 1997). Diversos outros trabalhos funcionalistas-cognitivistas mencionam de alguma forma a noção de Controle para analisar fenômenos como agentividade (Langacker, 2002); transitividade (Hopper; Thompson, 1980), sistemas de voz (Klaiman, 1991), papéis semânticos e causativos (Comrie, 1981), entre outros. Este trabalho tem como objetivo discutir a possibilidade de formalização da categoria semântica Controle, presentes nos diversos trabalhos acima, seguindo os passos de Talmy (2000) e sua formalização da categoria Dinâmicas de Força. Por formalização entende-se a elaboração imagética de construtos teóricos que atuam nas línguas, mas não são codificadas morfossintaticamente para determinadas categorias. Dito de outra forma, busca-se um modelo que seja abstrato o suficiente para dar conta das diversas manifestações gramaticais de uma categoria cognitiva. Considerando que o trabalho de Talmy e os seus padrões básicos das Dinâmicas de Força como um bom exemplo de formalização de uma categoria cognitiva não expressa explicitamente nas línguas, acredita-se que o mesmo possa ser feito para a categoria Controle. Para isso, lança-se mãos de pressupostos da Gramática Cognitiva de Langacker (2009), mais especificamente do modelo do Ciclo do Controle (Langacker, 2009). Apesar de o autor ter desenvolvido esse modelo para tratar de construções impessoais, advoga-se neste trabalho que o construto do Ciclo do Controle, aliado a outros conceitos da semântica cognitiva, pode ser utilizado para a formalização da categoria Controle. Um exemplo é a compatibilidade do modelo do Ciclo do Controle com o de Ponto de Referência. Conforme Araújo (2013), os dois construtos mencionados são suficientes para caracterizar construções possessivas, sejam elas predicativas ou nominais. Num primeiro momento, o trabalho de Araújo (2013) será discutido, partindo das construções possessivas para demonstrar como o Ciclo do Controle e os Pontos de Referência atuam na expressão de possessivos. Será demonstrado que a categoria Controle, mesmo não sendo expressa morfossintaticamente nas línguas do mundo, é a responsável pela delimitação de possessivos. Um exemplo é a distinção entre as categorias de Companhia e Possessivo nas línguas que utilizam uma estratégia comitativa para posse predicativa, a exemplo das línguas do grupo banto, o Kamaiurá e o Islandês. Veja-se o exemplo abaixo do Islandês:

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

(1) Islandês (Levinson, 2011, p. 360-1)

- a. Jón *er með* barnið sitt.
João estar com criança-ART.ACC dele
'João tem a seu filho' (tem a guarda legal do filho?)
- b. Jón *er með* barninu sínu
João estar com criança-ART.DAT dele
'João está junto com o seu filho' (a criança o acompanha por livre vontade)

No exemplo (1) acima, Levinson propõe que a distinção entre *er með* (traduzido como *estar com*) nas duas construções seria a de que para as construções que carregam o acusativo, *er með* comportaria uma leitura em que o João tem controle sobre a criança, permitindo a leitura de um possessivo, enquanto que na construção com dativo, a leitura seria apenas a de companhia. Fica, no entanto, a necessidade de como determinar de uma forma mais plausível que a categoria Controle é que está atuando nessa determinação. Nesse ponto, o Ciclo do Controle e os Pontos de Referência são arregimentados para dar conta dessa tarefa.

Palavras-chave: Controle; Categoria semântica; Gramática Cognitiva.

Referências bibliográficas:

- ARAÚJO, P. J. P. *Domínios conceituais das construções locativas, existenciais, comitativas e possessivas em línguas bantas*. 245p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- LANGACKER, Ronald. *Investigations in Cognitive Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.
- LEVINSON, Lisa. Possessive WITH in Germanic: HAVE and the role of P. *Syntax*, 14: 4, dezembro 2011, 355-393.
- HEINE, Bernd. *Possession. Cognitive Sources, Forces, and Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics: Vol. I Concept Structuring Systems*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2000.
- STASSEN, Leon. *Predicative Possession*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

A metáfora da interface: Neurociência e Pragmática em diálogo

Kári Lúcia Forneck (UNIVATES / PUCRS)

1. Introdução:

Neste estudo, pretende-se ilustrar de que modo, na interface teórica, pode-se complexificar o tratamento da metáfora. Numa abordagem metateórica, desenharemos a metáfora numa perspectiva terceira, interdisciplinarmente construída, nos fundamentos da Neurociência e da Pragmática.

2. Sobre a natureza metateórica do processamento da metáfora:

Um dos problemas comuns, em se tratando da aproximação de fundamentos teóricos distintos, é o ajustamento metateórico na composição de estudos interdisciplinares.

Dois problemas são apresentados por Poeppel e Embick (2005), em decorrência de propostas dessa natureza. O primeiro é o problema da incompatibilidade granular, segundo o qual disciplinas de natureza distinta lidam com escopos de granularidade igualmente distinta. É o caso do diálogo que aqui se propõe, pois a Pragmática lida com os enunciados e os conceitos que estes suscitam, enquanto a Neurociência lida com regiões corticais e ativação de neurônios. O segundo, o da incomensurabilidade ontológica, aponta para a natureza dos objetos de investigação: se forem desenhados dentro de um campo teórico, assumem as propriedades dessa teoria, o que inviabiliza sua avaliação fora do escopo no qual foram concebidos. Para resolver esses problemas, a Metateoria das Interfaces (COSTA, 2007) indica uma solução viável: a proposição de objetos terceiros, multiformes e multivalentes, desenhados na aproximação de disciplinas e que, por essa razão, partilham propriedades comuns às disciplinas em diálogo.

Tracemos, então, as duas bases epistemológicas aqui assumidas.

As pesquisas com neuroimagem, apesar de relativamente recentes, se comparadas a uma tradição de estudos da linguagem natural, têm acrescentado novas possibilidades de verificação das hipóteses linguísticas. Em relação ao processamento da metáfora, por exemplo, há achados distintos, o que implica dificuldades na formulação de uma teoria da metáfora de base neurológica. Por essa complexa configuração, os achados com neuroimagem a respeito do processamento da metáfora apontam para diferenças anatômicas no recrutamento de regiões cerebrais tanto no hemisfério esquerdo (HE), quanto no hemisfério direito (HD).

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Reconhece-se, a despeito dessa diversidade, uma tese consensual acerca do processamento de enunciados metafóricos. Segundo Ferstl (2012, p. 79), há maior engajamento de correlatos neurais no HD, quando os indivíduos têm de dar sentido a um enunciado metafórico. Entretanto, há paradoxalmente evidências distintas em relação à participação do HD na compreensão de metáforas: se analisadas em sentenças simples ou em enunciados contextualmente complexos, os achados diferem tanto em termos de recrutamento de hemisférios, quanto em termos de regiões corticais recrutadas em cada hemisfério.

Uma das hipóteses comumente referenciadas nas pesquisas com neuroimagem é a *Dynamic spillover hypothesis* (JUST e VARMA, 2007; PRAT, MASON e JUST, 2011). A hipótese sustentada nesse caso é a de que regiões homólogas às da linguagem no HD são recrutadas em uma variedade de situações linguísticas, quando o esforço cognitivo é maior que os recursos disponíveis pelo HE. Segundo Prat, Mason e Just (2011), resíduos de ativação neuronal “transbordam” para regiões homólogas no HD, quando a compreensão não for alcançada pelo HE.

Essa dinâmica, segundo Just e Varma (2007, p.154), é justificada pelo princípio de que o pensamento é o produto da atividade de múltiplas áreas do cérebro que colaboram mutuamente em uma ampla rede cortical. Dessa ideia, decorre o pressuposto de que cada área cortical tem capacidade limitada de recursos, restringindo sua atividade e variando em função do esforço cognitivo.

Os estudos com neuroimagem que se fundamentarem nessa hipótese encontrarão achados particularmente associados às habilidades cognitivas individuais dos participantes, já que a compreensão de metáforas poderá variar dependendo da capacidade e da habilidade linguística de cada indivíduo e do esforço demandado pela tarefa de compreensão.

Nesse ponto, fundamentos da Pragmática, via Teoria da Relevância, podem ser assumidos, a fim de explicar esse processamento.

Especificamente em relação às metáforas, Sperber e Wilson (2008) e Wilson e Sperber (2012) atualizam o que já afirmavam no modelo *standard* (SPERBER e WILSON, 1986): diferentemente do que propunha Grice (1975), a metáfora não necessita de um tratamento teórico especial, pois a compreensão de um enunciado metafórico segue os mesmos caminhos inferenciais que qualquer outro enunciado. Essa atualização teórica,

II LINCOCG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

entretanto, se deu também a partir das discussões de uma pragmática lexical, desenvolvida por linguistas da relevância.

Carston (2002) e Wilson e Carston (2006; 2007; 2008) debruçaram-se sobre a composição dos conceitos lexicais presentes em enunciados metafóricos, a partir do paradigma da relevância. Para as autoras, o significado de um enunciado metafórico decorre de um ajuste conceitual entre os conceitos codificados, de informações contextuais e expectativas pragmáticas, a partir de estreitamento (*narrowing*) ou alargamento (*broadening*) de um conceito. Esse ajustamento conceitual é genuinamente inferencial e depende do princípio geral da relevância, que prevê baixo custo de processamento e alto benefício. Decorre dele a composição de conceitos *ad hoc* específicos a cada contexto linguístico (SPERBER e WILSON, 2008; WILSON e SPERBER, 2012; CARSTON, 2010a; 2010b; 2012; CARSTON e WEARING, 2011; 2015; WILSON e CARSTON, 2006; 2007; 2008; ROMERO e SORIA, 2014).

Seria, possível, então tratar de um objeto complexo como a metáfora sob fundamentos complexos?

Cremos que sim.

A Teoria da Relevância explica os achados com neuroimagem, ao explicitar como se dá a formação dos conceitos *ad hoc* específicos a cada contexto linguístico; os estudos com neuroimagem, em especial os que se baseiam na *dynamic spillover hypothesis*, por sua vez, descrevem detalhes anatômicos do processamento neurológico que corroboram os fundamentos da TR.

Tratada na interface metateórica, a metáfora pode ter suas propriedades complexas melhor escrutinadas pelas teorias em diálogo.

3. Considerações finais:

Do ponto de vista metateórico, ao desenharmos a metáfora na interface, por meio de relações interdisciplinares, como sugeridas pela Metateoria das Interfaces (COSTA, 2007), contribuímos para revisitar os fundamentos das disciplinas em diálogo, mas também, como está sendo proposto aqui, para desenhar novos paradigmas de tratamento epistemológico. Desse modo, complexificam-se a descrição e a explicação de um fenômeno linguístico desenhado na interface, e, ao mesmo tempo, dessa interface também se desenham outras reflexões teóricas e novos roteiros de análise que poderão servir de fundamentos tanto para a Linguística, como para a Neurociência.

Referências bibliográficas:

CARSTON, Robin. Metaphor, ad hoc concepts and word meaning. *UCL working papers in linguistic*, 14, p. 83-105, 2002.

_____. Lexical pragmatics, *ad hoc* concepts and metaphor: a Relevance Theory perspective. *Italian Journal of Linguistics*, v.22, n. 1, p. 153-180, 2010a.

_____. Metaphor: Ad Hoc Concepts, Literal Meaning and Mental Images. *Proceedings of the Aristotelian Society*, v. 110, n. 3, p. 295-321, 2010b.

_____. Word Meaning and Concept Expressed. *The Linguistic Review*, v. 29, n. 4, p. 607-623, 2012.

CARSTON, Robin; WEARING, Catherine. Metaphor, Hyperbole and Simile: A Pragmatic Approach. *Language and Cognition*, v. 3-2, p. 283-312, 2011.

_____. Hyperbolic language and its relation to metaphor and irony. *Journal of Pragmatics*, n. 79, p. 79-92, 2015.

COSTA, Jorge Campos da. The sciences of language: communication, cognition and computation. In: AUDY, Jorge L.; MOROSINI, Marília. *Inovação e Interdisciplinaridade na Universidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 345-360.

FERSTL, Evelyn C. The functional neuroanatomy of text comprehension: what's the story so far? In: SCHMALHOFER, Franz; PERFETTI, Charles A. *Higher Level Language in the Brain: Inference and Comprehension Processes*. London: Psychology Press, 2012, p. 53-102.

GRICE, Paul. Logic and conversation. In: COLE, Peter and MORGAN, Jerry. *Syntax and semantics*. v.3, Academic Press, 1975, 406 p. p. 41-58.

JUST, Marcel A.; VARMA, Sashank. The organization of thinking: What functional brain imaging reveals about the neuroarchitecture of complex cognition. *Cognitive, Affective & Behavioral Neuroscience*, v. 7, n. 3, p. 153-191, 2007.

POEPEL, David; EMBICK, David. Defining the relation between linguistics and neuroscience. In: CUTLER, A. (ed.) *Twenty-First Century Psycholinguistics: Four Cornerstones*. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2005, p. 103-118.

PRAT, Chantel S.; MASON, Robert A.; JUST, Marcel A. Individual differences in the neural basis of causal inferencing. *Brain and Language*, 116, p. 1-13, 2011.

ROMERO, Ether; SORIA, Belén. Relevance Theory and metaphor. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v.14, n.3, p. 489-509, set./dez. 2014.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. *Relevance: communication & cognition*. 2nd ed. Cambridge: Blackwell, 1986, 338p.

_____. A deflationary account of metaphors. In: GIBBS, R. (ed.) *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, 550 p. p. 84-105.

WILSON, Deidre; CARSTON, Robin. Metaphor, Relevance and the “Emergent Property” Issue. In: *Mind and Language*, 21 (3), p. 404–433, 2006.

_____. A Unitary Approach to Lexical Pragmatics: Relevance, Inference and Ad Hoc Concepts. In: BURTON-ROBERTS, N. (Ed.). *Pragmatics*. London: Palgrave, 2007, p. 230-260.

_____. Metaphor and the “Emergent Property” Problem: A Relevance-Theoretic Treatment. *The Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication*, v. 3. Kansas: New Praire Press, p. 1-40, 2008.

WILSON, Deidre; SPERBER, Dan. *Meaning and Relevance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, E-book.

“Um belo dia” em uma perspectiva da neurociência cognitiva

Michele Denise da Silva (UFG)

Este trabalho apresenta um estudo a respeito do processamento e aquisição da expressão “um belo dia” tendo como base o Modelo Declarativo Procedural (DP) proposto por Ullman (2013). Para isso se fez necessário, primeiramente, compreender como a língua e o cérebro estão interligados para depois entender como os sistemas de memória atuam na aquisição e no processamento da linguagem.

Em seguida, distinguimos os sistemas de memória tendo como marcador divisório principal o conteúdo e não o tempo. A escolha por esse marcador se deve ao fato deste trabalho ter como foco os sistemas de memória: declarativo e procedural. Sistemas que estão na memória de longo-prazo. Logo após, retomamos os conceitos dos sistemas de memória: declarativa e procedural porque o Modelo Teórico DP tem como premissa básica responder ao questionamento sobre a distinção léxico-gramática e comprovar que essa distinção está ligada a esses dois sistemas de memória distintos.

Para Ullman (2013) o léxico mental abarca todos os pares de som e significado, desde morfemas, palavras simples até frases idiomáticas e na gramática mental, estariam as regularidades, segundo o autor, são através das regras que ordenamos os elementos a nível de palavra ou de sintagma.

O embasamento teórico desse trabalho são os seguintes autores: Groot (2013), Mota; Zimmer (2005), Netto (2011), Ullman (2006, 2001, 2013), entre outros.

Como metodologia, fez-se uma leitura teórica desses autores, para depois aprofundar no Modelo DP e usá-lo como base para analisar o processamento e armazenamento da expressão “um belo dia”. O objetivo deste trabalho é refletir como o Modelo DP pode ser usado tendo como foco a L1, mais especificamente, refletir como a estrutura “um belo dia” e os seus usos polissêmicos são processados e armazenados pelos sistemas de memória: declarativo e procedural. Nossa pretensão não é solucionar os questionamentos levantados a respeito da ligação entre os usos de “um belo dia” e o Modelo DP, mas levar a uma reflexão sobre a aplicação desse modelo tendo como foco expressões complexas da L1.

Portanto, não tivemos a pretensão neste estudo de responder as perguntas feitas, mas de levar a uma reflexão que há não só na aquisição de segunda língua, mas na aquisição e processamento da primeira língua uma possível ação cooperativa ou competitiva dos dois sistemas: procedural e declarativo. Portanto, o nosso intuito foi

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

chamar a atenção para que haja mais estudos tendo como foco essas construções da língua materna e o Modelo DP.

Ao final da pesquisa podemos constatar, entre outros resultados, que a expressão “um belo dia”, apesar de ser um *chunk* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e ter funções procedurais, a expressão continua sendo processada no sistema de memória declarativa, pois conforme Ullman (2013) o léxico mental abarca desde um morfema até “estruturas linguísticas complexas cujos significados não podem ser derivados de forma transparente das suas partes”. Dessa maneira, “um belo dia” seria uma dessas estruturas linguísticas complexas, pois apesar de conseguir parcialmente recuperar o sentido, o falante não recupera mais todas as partes dessa estrutura, mas a interpreta como um todo, dando um novo sentido a ela.

Palavras-chave: Modelo Declarativo-Procedural; Sistemas de memória: declarativo procedural; “um belo dia”.

Referências bibliográficas:

GROOT, A. M. B. Bilingual memory. In: GROSJEAN, F.; LI, P. The psycholinguistics of bilingualism. Oxford: WileyBlackwell, 2013, p. 171-191

MOTA, M.; ZIMMER, M. C. Cognição e aprendizagem de L2: o que nos diz a pesquisa nos paradigmas simbólico e conexionista. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, volume 5, número 2. Jul/dez., 2005, p. 155-187 Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339829597008>>. Data de acesso: 18 de mar. 2016.

NETTO, T. M.; et al. Sistemas de memória: relação entre memória de trabalho e linguagem sob uma abordagem neuropsicolinguística. Revista Neuropsicologia Latinoamericana, volume 3, número 3. 2011. p. 34- 39. Disponível em: <http://neuropsicolatina.org/index.php/Neuropsicologia_Latinoamericana/article/viewFile/87/58>. Data de acesso: 23 de mar. 2016.

TRAUGOTT, E.C; TROUSDALE, G. Constructionalization and Constructional Changes. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ULLMAN, M. T. Language and the brain. In: CONNOR-LINTON, J.; FASOLD, R. W. (Eds.), An Introduction to Language and Linguistics. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 235-274, 2006.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

_____. Uma perspectiva da Neurociência Cognitiva na aquisição de segunda língua: o modelo Declarativo/Procedural. In: PERNA, C. B. L.; MOLSING, K. V. (orgs.). Tópicos em cognição, bilinguismo e pragmática. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2013. Não paginado.

_____. A neurocognitive perspective on language: the declarative-procedural model. Nature Reviews Neuroscience, volume 2. 2001. p. 717-726. Disponível em <<http://www.nature.com/nrn/journal/v2/n10/excsum/nrn1001-717a.html>>. Data de acesso: 15 de mar. 2016.

A construção de sentido pela pessoa com deficiência visual e sua percepção cognitiva em eventos audiodescritos

Saulo Cesar Paulino e Silva (USP-CNPq)

Recentemente, com o avanço das políticas públicas, as pessoas com alguma deficiência passaram a ter mais garantias de participação social, buscando-se, dessa forma, o pleno exercício de sua cidadania. Nessa perspectiva, as pessoas com deficiência visual, por exemplo, passaram a usufruir de bens culturais que, historicamente, foram pensados e produzidos para um público vidente. Nesse novo cenário, as ferramentas tecnológicas surgem como elemento muito importante que contribui para que essas pessoas possam participar ativamente no consumo desses bens. Uma dessas ferramentas é a audiodescrição, que possibilita à pessoa com deficiência visual receber o maior número de informações sobre determinado evento, fazendo com que uma obra de arte seja percebida de forma mais completa, de acordo com Motta e Romeu Filho (2006).

Para a coleta de dados, foi apresentado para os participantes, deste estudo, o curta metragem, audiodescrito, "Perfeito", de Maurício Bartok. Foram organizados dois grupos: um denominado controle, constituído de alunos videntes da Universidade de São Paulo e outro chamado focal, constituído por participantes deficientes visuais, indicados pela LARAMARA (Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual). Durante os encontros, tanto para o grupo de controle, quanto para o grupo focal, foi utilizada a técnica do protocolo verbal, que se caracteriza pelo registro em vídeo (ou áudio) das impressões relatadas em voz alta pelos participantes.

De acordo com Silva (2009), apud Ericsson e Simon (1987), o protocolo verbal é definido como uma técnica na qual o pesquisador passa um texto para o leitor, neste caso o curta audiodescrito, Perfeito, sem que ele tenha conhecimento prévio do conteúdo. O leitor faz a leitura em voz alta, deixando que o seu pensamento seja verbalizado a partir de suas impressões. O pesquisador registra o protocolo em áudio ou vídeo e posteriormente deverá analisar essas informações, objetivando identificar as estratégias do pensamento envolvidas no processo de leitura. Nessa perspectiva, ainda, de acordo com Zanotto (1997, p. 03), “o protocolo verbal em grupo é de fato uma prática sócio-cognitiva na qual os leitores em uma interação face-a-face partilham, negociam, constroem e avaliam as diferentes leituras”.

O estudo comparativo, ainda em fase de análise, entre os protocolos do grupo de controle e do grupo focal leva a inferir que a audiodescrição para o primeiro grupo (videntes) parece

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

não atender às necessidades de leitura dos participantes em alguns momentos, levando-se em conta que estes tiveram os seus olhos vendados e não puderam ter o auxílio da visão durante toda a exibição do curta. Ao que tudo indica, esses participantes, por não visualizarem as cenas, não conseguiram ativar satisfatoriamente as suas memórias visuais, conforme são definidas por Dijk, 1995, apenas com os inputs da audiodescrição, comprometendo, assim, a construção de sentido.

Por outro lado, os participantes do grupo focal (deficientes visuais) ressaltaram que com o auxílio da audiodescrição foi possível entender melhor a proposta temática do filme. Embora sejam ainda dados indiciais, é possível pressupor que os inputs proporcionados pela audiodescrição foram suficientes para a ativação das suas memórias, possibilitando a construção de sentido, ou seja, a sua interpretação.

Palavras-chave: Cognição; Audiodescrição, Deficiência visual

Referências bibliográficas:

DIJK, Teun A. Van. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: contexto, 1995.

MOTTA, Livia Maria de Mello e ROMEU FILHO, Paulo (org.). *Audiodescrição: transformando palavras em imagens*. Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/prodam/arquivos/>

Livro Audiodescricao.pdf Acesso em: 08 de dez. 2014.

PERFEITO. Direção Maurício Bartok. Rio de Janeiro. 03 minutos, 2009.

SILVA, Saulo Cesar da. *Percebido o ser: a construção de identidades sociais do aluno deficiente visual nas conversas sobre textos*. São Paulo: LCTE, 2009.

ZANOTTO, Mara Sophia. *A leitura como evento social para um enfoque humanístico do ensino de línguas*. Trabalho apresentado no XIX Congresso Mundial da FIPLV, Recife, 1997.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Análise do processamento de linguagem em indivíduo com malformação no hemisfério cerebral esquerdo: estudo de caso

Thaís Fernanda Amorim CASSIANO (CUA/UFMT)

A linguagem é uma capacidade unicamente humana que distingue os seres humanos dos animais. Segundo Bertoque (2014), a língua está relacionada à compreensão e à organização mental que o falante faz de seu contexto social, levando em consideração a estrutura cerebral e o meio social em que o indivíduo vive. Partindo disso, o objetivo deste trabalho é apresentar a análise desenvolvida sobre um estudo de caso, referente ao processo de linguagem de um adolescente, de 15 anos (que citaremos no trabalho por meio da sigla X15), o qual nasceu com malformação no hemisfério esquerdo do cérebro, onde se localizam a área de Broca e a área de Wernicke, responsáveis pela linguagem. A escolha do tema se estabeleceu, por meio do interesse na relação entre a linguagem e o cérebro, estudados nas aulas do Curso de Letras, referentes à Biolinguística. A análise se baseia no desenvolvimento da linguagem do adolescente, que reside no município de Aragarças, no Estado de Goiás (GO). X15 realiza seu tratamento com profissionais da saúde na cidade de Barra do Garças, localizada no Estado de Mato Grosso (MT), realiza também tratamento com o psiquiatra na cidade de Goiânia-GO que, por ser a capital de Goiás, possui mais recursos médicos e é mais próxima da cidade onde ele mora do que a capital de Mato Grosso. A coleta de dados foi realizada nas cidades de Barra do Garças-MT e Aragarças-GO. No período dos meses de julho de 2015 e fevereiro e março de 2016. Foram realizadas entrevistas com familiares, professores e profissionais da educação que cercam X15. A discussão da pesquisa perpassou as áreas da Neurociência, da Educação e da Linguística, sendo analisados os aspectos morfofisiológicos, psico-cognitivos e sociais da linguagem, fundamentando-se em Van de Graaff (2013), Almeida (2012), Bertoque (2015), Van Dijk (2012), Relvas (2012), Rosa (2010). Sabe-se que o cérebro apresenta maior acionamento em determinadas áreas, quando executa ações específicas. Isso não significa que apenas a área mais acionada está em atividade. Todo o cérebro “trabalha” durante o comando de ações, mas, neste trabalho, nos reportaremos às áreas mais acionadas. Assim, segundo Van de Graaff (2013), na maioria das pessoas, o hemisfério esquerdo controla habilidades analíticas e verbais, já o hemisfério direito é responsável pela parte artística e espacial, assim, verificamos como essa linguagem foi desenvolvida e que aspectos práticos foram usados. Do hemisfério esquerdo, destacamos às responsáveis pela linguagem: áreas de Wernicke e Broca (VAN DE GRAAF, 2002; MACHADO; 2006, RELVAS, 2012). No

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

cérebro de X15, a área de Wernicke, que viabiliza a maior parte desse processamento, também não está ativada. Portanto, neste estudo, buscamos responder as seguintes perguntas: 1) Como foi desenvolvida a linguagem em um cérebro com malformação na área responsável por esse processo? 2) Que métodos de ensino foram adotados para que X15 desenvolvesse a linguagem? A partir das perguntas apresentadas, foram levantadas duas hipóteses: (i) ocorre um processo de plasticidade, de modo que o cérebro desse adolescente foi remodelado, ativando outras áreas cerebrais para fazerem a mesma função; e (ii) essa ativação pode estar, diretamente, relacionada aos contextos comunicativos ao qual esse adolescente experiência em casa e na escola, possibilitando, mais uma vez, confirmar o caráter social da linguagem. A sistematização da análise considerou a seguinte ordem: (i) analisamos o ambiente familiar, por meio de entrevistas com familiares; (ii) analisamos os laudos médicos; e (iii) analisamos o ambiente escolar, por meio de entrevistas com professores e profissionais da educação, dentre eles, coordenador, diretor e professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e por meio da observação de aulas de Língua Portuguesa. Durante a apresentação da análise, esses três pontos foram correlacionados. Para Almeida (2012), a plasticidade cerebral é a capacidade que o cérebro possui em reformular as suas conexões em função das necessidades e dos fatores do meio ambiente. Portanto, nesse caso, outras áreas do cérebro foram ativadas para exercerem a função da linguagem, já que o hemisfério esquerdo desse adolescente foi quase todo afetado pela malformação. Além disso, consideramos as relações cognitivas, via semântica, que permitem o estabelecimento das relações de sentido para compreensão dos enunciados de uma maneira distinta, pois a área de Wernicke, que viabiliza a maior parte desse processamento, também não está ativada no hemisfério esquerdo. Por meio dessa pesquisa, confirmou-se que a linguagem baseia-se num aspecto social, pois, mesmo o adolescente possuindo uma malformação no hemisfério esquerdo, afetando as áreas que, na maioria das pessoas, são ativadas para o processamento da linguagem, X15 conseguiu desenvolver sua linguagem, devido a muitos estímulos como escolar, familiar e médico, sendo capaz de falar, compreender e interpretar os falantes e suas intenções comunicativas. Apesar de serem necessários exames e testes mais específicos para a devida comprovação da plasticidade neural, os dados indicam que X15 tem passado por processos de neuroplasticidade, como resultado dos vários estímulos recebidos. Este trabalho pode colaborar com pesquisas sobre a linguagem e o cérebro, porque trata da plasticidade cerebral (capacidade que o cérebro possui em reformular as suas conexões em função das necessidades e dos fatores do meio ambiente.); de discussões sobre a empatia no processo

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

de aquisição do conhecimento; e do ensino de Língua Portuguesa na escola, considerando às necessidades e dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave: Biolinguística; Plasticidade cerebral; Linguagem.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Geraldo Peçanha. Plasticidade cerebral e aprendizagem. In: CHAVES, Carolina Relvas... [et al.]; RELVAS, Marta Pires (org.). Que cérebro é esse que chegou a escola? As bases Neurocientíficas da aprendizagem. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012. p. 41-52.

BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. Aspectos biofisiológicos no processo funcional da linguagem. In.: RESENDE, Brisêida Dôgo; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; DE PAULA, Fraulein Vidigal; MÓDOLO, Marcelo; CAETANO, Sheila Cavalcante (orgs.). Linguagem e cognição: um diálogo interdisciplinar. Lecce / Rovato - Itália: Pensa MultiMedia Editore s.r.l., 2015.

MACHADO, Angelo B.M.; HAERTEL, Lúcia Machado. Neuroanatomia funcional. 3.ed. São Paulo: Atheneu, 2006.

ROSA, Maria Carlota. Introdução à (bio)linguística: linguagem e mente. São Paulo: Contexto, 2013.

VAN DE GRAAFF, Kent Marshall. Anatomia humana. [tradução da 6. ed. original e revisão científica Nader Wafae]. Barueri, SP: Manole, 2003.

VAN DIJK, Teun A. Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012.

Objetos digitais de aprendizagem em nível metacognitivo: uma metodologia ativa de ensino da leitura

Kári Lúcia Forneck (UNIVATES/PUCRS)

1 Introdução:

O trabalho na escola é focado, muitas vezes, em notações gramaticais, sendo a leitura deixada para um segundo plano. Para mudar esse cenário, o professor deve criar, desenvolver e executar práticas pedagógicas inovadoras voltadas para o desenvolvimento da compreensão leitora.

Pensando nisso, foram desenvolvidos objetos digitais de aprendizagem (ODAs), que têm o propósito de focar a aprendizagem de estratégias metacognitivas de leitura, as quais contribuem para a formação de um leitor autônomo e consciente dos processos de compreensão dos quais deve dar conta como leitor proficiente.

A fim de verificar a eficácia desses ODAs como metodologias ativas para o ensino da leitura, foram proporcionadas intervenções didáticas de modo a evidenciar a contribuição efetiva dos objetos nos processos de aprendizagem da inferenciação e na estruturação de uma metodologia ativa de ensino da leitura. Assume-se, portanto, que esses objetos podem ser entendidos como metodologias ativas de ensino, já que exigem uma postura ativa do estudante em relação ao seu aprendizado, favorecendo a promoção de sua autonomia.

2 Aporte teórico:

Ao considerar a perspectiva do aluno como o centro dos processos, está-se diante de metodologias ativas de ensino. Assumindo uma postura ativa no aprendizado, sendo levado a refletir e decidir sobre o que e como fazer para atingir os objetivos estabelecidos, o aluno exercita a autonomia.

Assim, entende-se que práticas pedagógicas norteadas por métodos ativos podem desenvolver a capacidade de análise dos alunos, uma vez que o novo conhecimento é construído autonomamente e ativamente pelo aluno, e não é aprendido mecanicamente (BERBEL, 2011).

Sob essa perspectiva, acredita-se que os ODAs seguem pressupostos de metodologias ativas, já que exigem uma postura ativa do aluno e desenvolvem sua autonomia diante do conhecimento que o cerca, embora não se enquadrem em nenhuma classificação comumente adotada nos referenciais que abordam essas questões.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Neste trabalho, explorou-se uma coletânea de dez ODAs, disponíveis no ROAU - Repositório de Objetos de Aprendizagem da Univates (www.univates.br/roau), desenvolvidos com apoio do *software Hot Potatoes*. Uma característica importante desses ODAs é a possibilidade de dar *feedback* ao estudante, auxiliando-o, através de pistas linguísticas, a tomar consciência dos processos cognitivos utilizados e da possível estratégia de inferência adotada durante a resolução da atividade (FORNECK et al., 2015). Esse *feedback* garante ainda mais autonomia na construção do conhecimento.

Para embasar conceitualmente a produção dos objetos, assumiu-se que a habilidade de inferência é uma capacidade cognitiva complexa, resultante da associação de dados linguísticos do texto, da situação comunicativa e dos conhecimentos prévios do leitor (FERSTL, 2012). Por fim, assumiu-se que as habilidades de inferência podem ser ensinadas e, portanto, aprendidas de forma consciente e autônoma (MORAIS, 2013).

A inserção dos ODAs como um modelo de metodologia ativa de ensino reside no fato de que os objetos foram desenvolvidos atentando à desautomatização do processo de compreensão, tornando o leitor responsável pelo próprio processo de produção de sentido, o que Kato (2007) denomina de estratégias metacognitivas de leitura. Para a autora, essa desautomatização da compreensão acontece quando o estudante toma consciência do objetivo da leitura e passa a monitorar sua atenção na leitura tendo em vista tal objetivo.

3 Procedimentos metodológicos:

Considerando o objetivo proposto para este estudo, realizou-se uma investigação de abordagem quantitativa. Os sujeitos deste estudo foram estudantes de duas turmas de 8º ano de uma escola particular de Lajeado/RS, totalizando 42 alunos.

Antes de proporcionar a interação com o material, foi aplicado um teste de leitura com o método *cloze*, validado por Pereira (2008) como um adequado método de avaliação de compreensão leitora. Após, foram organizadas duas sessões de interação com os ODAs, no Laboratório de Informática da escola e, por fim, uma nova testagem *cloze* foi aplicada, a fim de averiguar a evolução da aprendizagem da leitura.

O texto que serviu de suporte ao teste contava com 50 lacunas, inseridas a cada cinco palavras. O estudante deveria preencher as lacunas com a palavra que melhor se adequasse ao contexto, de acordo com sua percepção. Após a coleta, os dados foram tabulados em planilha *excel*, atribuindo a seguinte pontuação: preenchimento de acordo com a palavra original: 2 pontos; preenchimento com termo sinônimo: 1 ponto; erro ou em branco: 0 ponto. Ressalta-se que foram considerados sinônimos os termos que apareciam como tal em dois dicionários.

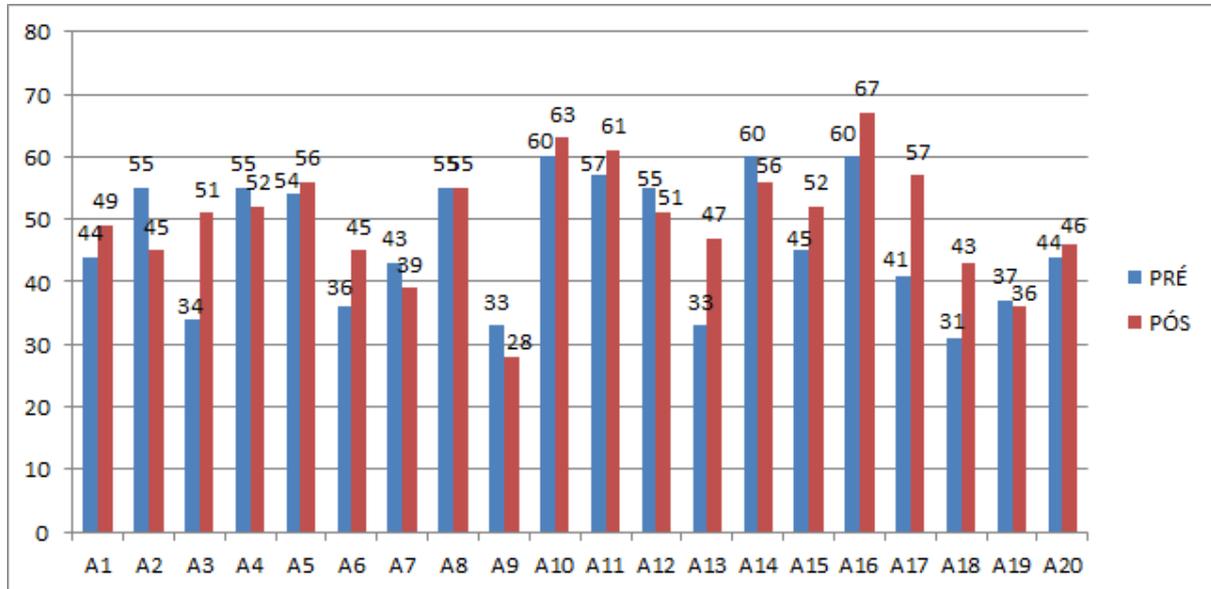
II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

4 Resultados e discussão:

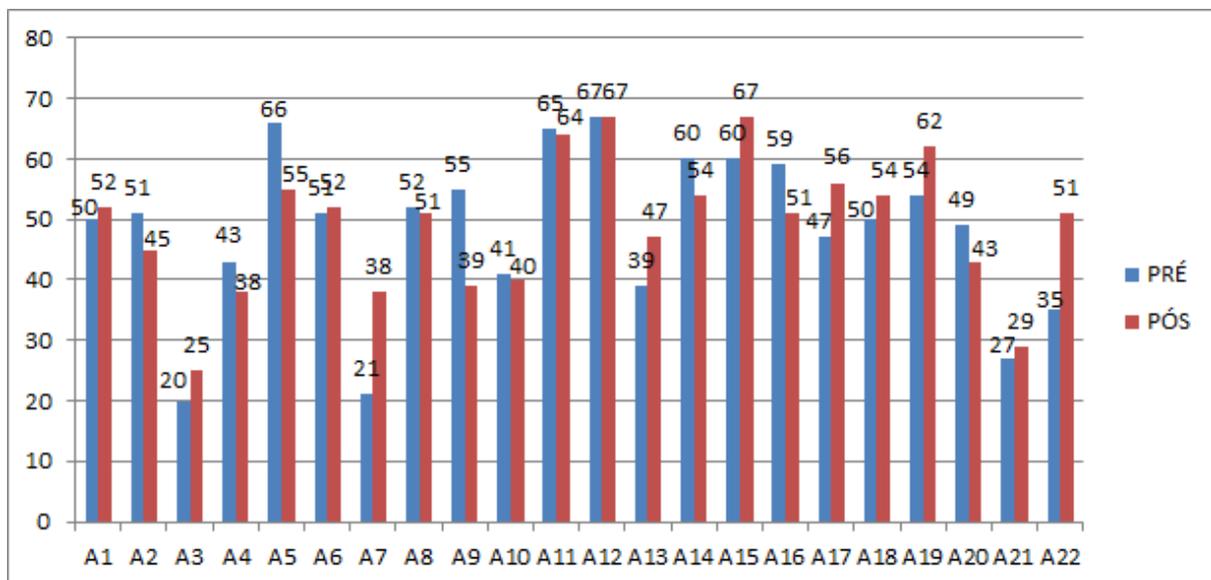
Os Gráficos 1 e 2 mostram os escores dos alunos das duas turmas nos testes.

Gráfico 1 - Resultados do Pré e do Pós-Teste (Turma 81)



Fonte: Autores, 2016.

Gráfico 2 - Resultados do Pré e do Pós-Teste (Turma 82)



Fonte: Autores, 2016.

Levando em consideração as duas turmas, o desempenho no nível de leitura inicial foi 1.994 pontos e final de 2.079 pontos, o que representa uma evolução de 85 pontos. Numa avaliação superficial, pode-se considerar essa evolução baixa, contudo,

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

considerando que foram realizadas apenas duas intervenções com os objetos, esse número é muito significativo.

A média das notas no pré-teste foi de 47,5 e no pós-teste foi de 49,5, o que mostra uma melhora dos índices de compreensão leitora após a interação com os ODAs em 4,2%. Comparando-se esses resultados aos obtidos por Pereira (2008) e Menegat (2007), podemos constatar que os sujeitos deste estudo atingiram uma média adequada aos padrões de testagem do método *cloze*. Mas acreditamos que, se tiverem mais contato com os objetos digitais de aprendizagem, poderão alcançar a pontuação média trazida por Pereira (2008), que é de 6,0.

Vale destacar também que o coeficiente de correlação do estudo foi de 0,75, evidenciando proximidade da nota do mesmo aluno no pré e no pós-teste, o que revela a segurança do teste aplicado. Em outras palavras, a segurança do teste poderia estar comprometida se houvesse disparidade nas notas do mesmo aluno.

Outro aspecto relevante é que a média representa notas baixas, indicando a deficiência em compreensão leitora dos estudantes e a fragilidade do trabalho realizado com a leitura, indicando o longo caminho a ser percorrido em se tratando do ensino e da aprendizagem de estratégias de leitura.

5 Considerações finais:

Os dados revelam que os ODAs, vistos sob a ótica das metodologias ativas de ensino, podem ter contribuído para a desautomatização do processo de compreensão leitora e, sobretudo, para o aprimoramento da habilidade de inferenciação. Isso se deve ao fato de os objetos darem um *feedback* aos estudantes, o que lhes proporciona uma reflexão sobre seus procedimentos de leitura, trazendo para o plano da consciência o processo de compreensão textual. Dessa forma, o estudante passa a atentar para o percurso de compreensão e para o modo como, cognitivamente, constrói a significação do texto.

Assim, reafirma-se a inserção dos ODAs em nível metacognitivo como uma nova perspectiva de metodologia ativa, que deve ser desenvolvida na escola, já que este estudo mostrou a sua contribuição para o aprimoramento da compreensão leitora dos alunos.

Palavras-chave: Compreensão leitora; Objetos digitais de aprendizagem; Metodologias ativas de ensino.

Referências bibliográficas:

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

- BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. *Semina: ciências sociais e humanas*, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
- FERSTL, Evelyn C. The functional neuroanatomy of text comprehension: what's the story so far? In: SCHMALHOFER, Franz; PERFETTI, Charles A. (EDS.). *Higher Level Language in the Brain: Inference and Comprehension Processes*. Psychology Press, 2012, p. 53-102.
- FORNECK, Kári Lúcia et al. *Um click na leitura: objetos virtuais de compreensão textual*. Lajeado: Ed. Univates, 2015, e-book.
- KATO, Mary A. *O aprendizado da leitura*. 6ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MORAIS, José. *Criar leitores para professores e educadores*. Barueri: Manole, 2013.
- MENEGAT, Luciana Arenhart. *Relação entre Compreensão Leitora e Aprendizagem Matemática: uma investigação com licenciandos em matemática*. 2007. 114 f. Dissertação (Mestrado acadêmico) - Programa de Pós- Graduação em Educação em Ciências e Matemática. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 12 jan. 2007. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=493>.
- Acesso em: 11 jan. 2016.
- PEREIRA, Vera Wannamacher. Compreensão leitora de alunos do ensino médio. *ReVEL*. v. 6, n. 11, ago. 2008. p. 1-15.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

O espaço conjunto de atenção e as estratégias pragmáticas empregadas para sua manutenção na linguagem infantil numa perspectiva cognitivo-funcional

Karina Viana Ciochi-Sassi (USP)

Este projeto visa examinar e descrever quais os mecanismos linguísticos e pragmáticos que crianças de quatro e cinco anos empregam para manipular a atenção de suas mães durante a cena de atenção conjunta – momento lúdico numa atividade de jogo e brincadeira. Embora partamos de um lugar teórico linguístico, avançaremos em direção a um campo de reflexão interdisciplinar em que argumentos entrincheirados nas diversas ciências jogam luzes sobre causas e efeitos da interação para a adaptação e a mudança da espécie no diz respeito à apropriação de mais um atributo distintor: a capacidade de criar espaços de atenção compartilhada como mote para aprender e se desenvolver. Para isso, a discussão temática está orientada pela perspectiva funcionalista de base cognitiva, razão pela qual foram selecionados autores da psicologia cognitiva, da biologia evolutiva, da arqueologia da mente e da linguística.

O fator biológico que predispõe o homem à linguagem não é totalmente responsável pela aquisição, pois a criança aprende culturalmente construções em funções comunicativas. Bates (apud Tomasello e Slobin, 2005) aponta a linguagem não como um objeto formal que pode ser usado de modo informal, mas que sua essência está no uso. Os símbolos linguísticos servem como ferramentas; suas formas servem às suas funções. A autora ainda argumenta que todas as línguas são compostas por itens lexicais, ordem de palavras, marcadores morfológicos e contornos de entonação que, ao selecionarem suas formas, funções particulares são expressas.

Essa expressão das funções ocorre por meio de mecanismos linguísticos que não se restringem somente à língua. Na verdade, muitas estratégias complexas resultam das condições pragmáticas da comunicação, ou seja, os seres humanos além de falar sobre eventos complexos e não isolados, assentam a cena referencial na cena de atenção conjunta que compartilham com o ouvinte (TOMASELLO, 2003). Dessa forma, o falante escolhe ativamente uma construção em detrimento de outra para atribuir melhor a função que pretende.

Nesse momento de interação, novos indivíduos apreendem as novas invenções e ainda aprimoram as antigas. Tomasello (2003) denomina essa característica exclusivamente humana ao *efeito catraca*, que é a capacidade humana de “não começar do zero”, sempre aproveitando experiências e invenções de gerações anteriores. Isso só é

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

possível porque os humanos veem seus co-específicos como serem intencionais iguais a si. Dessa forma, colocando-se no lugar do outro, entendendo que os outros compartilham das mesmas necessidades, desejos, sentimentos e intenções, o humano aprende com o outro humano compartilhando atenção sobre um objeto ou alguma experiência a ser dividida. Para o autor, a cena de atenção é tão importante que, somente por ela, é possível adquirir uma língua natural porque a criança aprende a participar de um formato interativo – que engloba forma de vida e cena de atenção conjunta.

Para o autor, essas cenas ocorrem quando uma criança enxerga o outro como ser intencional, divide sua atenção entre o adulto e o objeto, consegue monitorar a atenção do adulto para ela e, conseqüentemente, passa a se ver de fora e entende que os participantes dessa cena desempenham papéis que podem ser intercambiáveis. Desse modo, uma criança pode usar uma palavra nova para chamar a atenção do adulto, assim como ele acabou de fazer com ela. É preciso ressaltar, adicionalmente, que cenas de atenção conjunta ocorrem muito antes de a criança falar, sem mediações linguísticas e, justamente por isso, estão intimamente relacionadas às habilidades linguísticas.

Analisar o comportamento de uma criança e seu desenvolvimento linguístico é uma tarefa que demanda um preparo técnico necessário. Deve-se, pois, assumir um protocolo de ações em sintonia com os pressupostos teóricos, tais como uma cautelosa recolha de dados, contando, inclusive, com a possibilidade de controle de variáveis previsíveis, como, por exemplo, a recusa por parte da criança ou emprego de instrumentos mais corporais do que linguísticos.

Contudo, uma atitude tomada pela criança mais corporal do que linguística é um dado importante para esta pesquisa, uma vez que entendemos o desenvolvimento num *continuum* que parte de ações mais primitivas para ações mais elaboradas. Para Mithen (2002), a ontogenia recupera a filogenia. Segundo sua teoria, a mente é construída aos poucos como uma catedral. Por meio de procedimentos, poderemos observar as fases do desenvolvimento sugeridas pelo autor e que a criança está construindo sua mente como uma catedral. Ao analisarmos as reações das crianças diante da perda da atenção dos adultos, supomos que se sua reação inicial for choro, essa resposta é primária, pertinente aos primeiros momentos da vida. Mas crianças um pouco mais velhas, tendem a construir um espaço conjunto de atenção dialogando, negociando, pois essa maneira, já é mais elaborada e pode indicar uma catedral mais evoluída.

Para a elaboração dos momentos de gravação, selecionamos diferentes jogos e brincadeiras que estimulem as crianças de diversas formas: jogos de atenção, de

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

movimentos, de memória, e de competição. As crianças sempre são filmadas com suas mães, brincando com esses jogos já antes selecionados. A mãe é orientada a tirar seu foco de atenção no meio da interação, com um celular, por exemplo. Nesse momento, a criança busca chamar a atenção da mãe, empregando diversas estratégias corporais e linguísticas. Como nem todas as crianças foram filmadas, não há, por enquanto, resultados contundentes. Contudo, na data da apresentação, estaremos com os dados e a descrição dos mecanismos mais frequentemente empregados.

Referências bibliográficas:

MITHEN, S. *A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo: UNESP, 2002.

PAULA, F. V.; LEME, M. I. S. Aprendizagem implícita e explícita: uma visão integradora. *Psicologia em pesquisa*, UFJF, ano 04, n. 1, p. 15-23, janjun/2010.

SUTTON-SMITH, B. The spirit of play. In: Greta Fein, Mary Rivkin. *The young child at play*. Review of Research, vol. 4, 1986.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1999].

TOMASELLO, M.; SLOBIN, D. I. *Beyond nature-nurture: essays in honor of Elizabeth Bates*. Mahwah, N.J. : Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2005.

Histórias (re)partidas: a aquisição de língua herança no contexto do refúgio

Mariana Kuhlmann (Universidade de São Paulo)

De acordo com levantamento estatístico disponibilizado pelo CONARE (2015)⁴, do total de 8.400 pessoas na condição de refugiadas reconhecidas pelo governo brasileiro, 70,7% são homens e 29,3% são mulheres. Entre essas mulheres há mães que se deslocam grávidas ou com crianças ainda em tenra idade e meninas, tanto adolescentes quanto crianças, desacompanhadas. É preciso reconhecer que ainda faltam dados mais descritivos sobre o perfil dessas mulheres e sobre qual a situação em que elas se encontram na sociedade brasileira. No entanto, segundo relatório desenvolvido pela ACNUR (2011), essas mulheres, ao contrário dos homens que buscam refúgio, se encontram em uma situação de vulnerabilidade social pautada tanto pela condição de refugiadas, quanto por questões de violência de gênero. Nesse caso, aprender a língua portuguesa se torna um meio de sobrevivência. Considerando tais questões socioculturais, cabe indagar: que lugar ocupa a língua materna dessas mulheres no país de refúgio? Ou ainda, que lugar ocupa a língua materna dessas mulheres na criação de seus filhos? A atitude de manter e transmitir, ou não, para as próximas gerações todo o acervo cultural vinculado ao seu país de origem revela um importante aspecto do processo identitário em questão, conforme explanam Jennings-Winterle e Lima-Hernandes (2015). Isso porque, se há uma disposição em preservar esse legado, é possível depreender que ainda há um ligação que une o sujeito com o seu país de origem. Nesse caso, talvez haja até a intenção de retornar a ele. Já quando não se verifica essa disposição, depreende-se que ocorrem rupturas entre a identidade do sujeito refugiado e o seu país de origem. Para essa ocasião propomos um estudo que se atenha à discussão de como se dá a transmissão e aquisição de uma língua de herança no contexto do refúgio. Algumas questões centrais são de suma importância para atingir esse intento, a saber:

- (1) É possível verificar uma predisposição de mães e pais que se encontram refugiados em transmitir sua língua materna para as próximas gerações?;
- (2) Os filhos de pais que se encontram refugiados no Brasil podem ser considerados potenciais falantes de uma língua de herança?;
- (3) Caso sejam, como se dá a relação dessas crianças com a língua e cultura herança? (4) E por último, porém não menos importante, como podemos desenhar o processo cognitivo de

⁴ Comitê Nacional para Refugiados.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

aquisição de uma língua de herança em um contexto tão complexo e fundamentado por tensões e incertezas, como é o refúgio?

Em diferentes contextos migratórios, entre os quais o refúgio se insere, é possível identificar o padrão comportamental, pautado muitas vezes em crenças equivocadas, de que para viver bem em outro país é preciso se desenraizar totalmente de seu país de origem, de modo a abrir mão de seus costumes e de sua língua materna. Em outras palavras, no que concerne a questões familiares, é facilmente observável que muitos pais quando migram para outro país enclausuraram e atribuem pouco valor a seus costumes e língua maternos, impedindo que as outras gerações tenham acesso a essa importante herança cultural: "Quando os pais subestimam a própria herança cultural, abrem mão de uma parte única, exclusiva e constitucional que foi a própria relação afetiva com seus pais e familiares próximos e, com isso, privam seus filhos de encontros com a sua história ancestral" (BITTENS e JENNINGS-WINTERLE, 2015: 79). No entanto, hipotetizamos que por mais que a língua que vincula o sujeito a uma história que ele se nega a contar, seja por escolha própria, pautada na sua subjetividade, ou por questões práticas impostas pela sociedade, nunca é totalmente silenciada e repercute nas próximas gerações como um eco na forma de uma língua de herança. Por exemplo, subjacente à declaração de uma mãe, acolhida no Brasil na condição de refugiada e ciente da sua situação de vulnerabilidade social, que afirma que educa as suas crianças em língua portuguesa pode haver uma outra língua, reclusa no ambiente doméstico, que acalenta, repreende, faz adormecer e conduz essas crianças a um mundo ancestral distante de dores repreendidas, violências, estereótipos e preconceitos. Para responder às questões postuladas, discutiremos a conjuntura sociocultural do refúgio no Brasil, bem como as políticas linguísticas que amparam essa conjuntura. Por fim, apresentaremos três estudos de caso envolvendo 3 famílias que se encontram refugiadas no Brasil de modo a rastrear de que modo há, ou não, a aquisição e consequente transmissão de uma língua de herança no contexto do refúgio.

Palavras-chave: língua de herança, aquisição, refúgio.

Referências bibliográficas:

ACNUR. Declaração de Cartagena. Disponível em:

<http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_de_Cartagena.pdf?view=1>. Acesso em: 30 jun. 2015.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

BITTENS, Cássia.; JENNINGS-WINTERLE, Felicia. O começo do começo: a promoção do vínculo afetivo e o desenvolvimento emocional e cognitivo pela língua de herança. In: JENNINGS-WINTERLE, Felicia; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Português como Língua de Herança: a filosofia do começo, meio e fim. Nova Iorque: BeM, 2015, p. 58-83. CONARE. Refúgio no Brasil. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/justicagovbr/refugio-no-brasil-51820929>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

JENNINGS-WINTERLE, Felicia; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Português como Língua de Herança: a filosofia do começo, meio e fim. Nova Iorque: BeM, 2015.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Hipótese Sapir-Whorf e semântica cognitiva: a língua que o linguista descreve e o problema da categorização nas línguas

Adan Phelipe Cunha (FFLCH/USP)

Nesta comunicação, pretendemos debater alguns pontos controversos sobre o que vem sendo apresentado, costumeiramente, como “relativismo linguístico” e/ou “hipótese Sapir-Whorf”. A discussão aqui delineada se dá através da retomada do conceito de “categorização”, efetuado por via da releitura de algumas ideias dispersas nos trabalhos de Edward Sapir (Sapir 1921, Sapir 1949, Sapir 2008), junto à aproximação teórica com os trabalhos de Langacker (1997) e Marcuschi (2005), no âmbito da Linguística Cognitiva.

A discussão se inicia com base nos resultados coletados na investigação de mestrado “*A Emergência da Hipótese do Relativismo Linguístico em Edward Sapir (1884-1939)*” (Cunha, 2013), cujo objetivo central foi reconstruir alguns fatores, textuais e extratextuais, no processo de emergência de ideias relativistas nos trabalhos de Sapir, a partir de uma seleção de textos deste autor, e que foram denominadas pelas gerações posteriores a ele como “hipótese do Relativismo Linguístico” ou “hipótese Sapir-Whorf”. No processo de análise destas ideias, observou-se que apesar de seus nomes – Sapir e Whorf – estarem presentes no rótulo acima mencionado, trabalhos como Hill & Mannheim (1992) relembrar-nos que o emprego desta terminologia seja, de certa forma, enganoso, já que não existe nenhum trabalho em colaboração entre os autores em questão, muito menos um que verse especificamente sobre este tema. Outra circularidade bastante interessante, em relação às ideias classificadas como relativistas, tem sido o debate sobre a existência de muitas palavras para neve em Inuit (esquimó). Cabe notar que, desde a década de 1980, autores como Martin (1986) e Pullum (1991) venham tentando desconstruir esta exemplificação, demonstrando que não é isso o que está contido nos textos dos autores hoje classificados como relativistas. Seguramente, a questão das palavras para neve, bem como trabalhos sobre a tipologia de cores, nos léxicos das línguas, remete à questão da categorização linguística.

É interessante, neste ponto, refletir sobre o tratamento dicotômico dado às teorias linguísticas, que costumeiramente são classificadas como “universalistas vs. relativistas”, paradigmas abordados por muitos como irreconciliáveis, por serem ponderados antagonicamente. Alguns podem, então, inferir que as ideias de Sapir sejam, assim, incompatíveis com programas de investigação que visem entender a linguagem como um fenômeno universal nos seres humanos, já que o autor foi previamente classificado como

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

“relativista”. Ao inserir as ideias de Sapir em seu contexto histórico, retoma-se o fato de que sua geração de pensadores se preocupava, sobretudo, em disseminar o tratamento igualitário entre as diferentes línguas, povos e culturas, e também com o desenvolvimento de um método de documentação para as línguas ágrafas, em oposição aos trabalhos conduzidos pelos filólogos, no início do século XX. Por esta razão, estes pensadores, do grupo de Sapir, operavam com o conceito de linguagem inserido na cultura. Sem estudar suas línguas, não se poderia entender, plenamente, suas visões de mundo – estas simbólicas, e não literais.

A discussão teórica apresentada em Langacker (1997), e especialmente em Marcuschi (2005: 67), ao afirmar que “*a língua é um sistema simbólico, não um sistema ontológico nem classificatório*”, nos permitirá, deste modo, retomar a discussão da categorização enquanto “*o processo através do qual agrupamos entidades semelhantes*” (Ferrari, 2014: 31), tanto quanto nos fornecer parâmetros para a leitura e debate do, assim rotulado, “Sapir relativista”. Deste modo, nosso trabalho visa discutir a própria natureza do trabalho do linguista, e principalmente, do pesquisador que trabalha com Linguística Cognitiva. Nossa discussão indaga, portanto, se o relativismo linguístico, como expresso nos textos de Sapir, é inerente à tarefa do linguista – entender e explicar cientificamente o que é a linguagem, sem se deixar influenciar por suas próprias categorias linguísticas, ou se sua missão é apenas descrever diversas estruturas gramaticais presentes nas mais distintas línguas naturais. Se Sapir afirma que a língua influencia a “visão de mundo” de seus falantes, como inúmeras passagens em sua obra nos permitem inferir, o rastreamento de suas concepções sobre “língua”, “padrões linguísticos”, e “simbolismo” auxiliam-nos, justamente, a refinar sobre qual visão de mundo o autor parece se referir, ao conceituar e discutir a peculiaridade dos fenômenos da linguagem, e refletirmos sobre a questão das categorias presentes nos diferentes sistemas linguístico, objetivando, por fim, retomar pontos de convergência entre seus postulados teóricos e diversos preceitos da Linguística Cognitiva.

Palavras-chave: Relativismo Linguístico; Hipótese Sapir-Whorf; Categorização.

Referências bibliográficas:

CUNHA, A. P. (2013). *A emergência da hipótese do relativismo linguístico em Edward Sapir (1984-1939)*. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

- FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.
- HILL, J; MANNHEIM, B. (1992). Language and world view. *Annual Review of Anthropology*, Vol. 21, pp. 381-406.
- HOIJER, H. (ed.). (1954). *Language in culture: conference on the interrelations of language and other aspects of culture*. Chicago: The University of Chicago Press.
- JOSEPH, J. E. (1996). The immediate sources of the ‘Sapir-Whorf hypothesis’. *Historiographia linguistica* 23, pp. 365-404.
- KOERNER, K. (1995). The ‘Sapir-Whorf hypothesis’: a historic-bibliographical essay. *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- LANGACKER, R. W. (1997). The contextual basis of cognitive semantics. In: NUYTS, J.; PEDERSON, E. (eds.). *Language and conceptualization*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 229-252.
- MARTIN, L. (1986). “Eskimo words for snow”: a case study in the genesis and decay of an anthropological example. *American anthropologist* 88, 2 (Junho), 418-23.
- MARCUSCHI, L. A. (2005). A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (orgs). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF. pp. 49-77
- PULLUM, G. K. (1991). *The great eskimo vocabulary hoax and other irreverent essays on the study of language*. Chicago: The University of Chicago Press.
- SAPIR, E. (1921). *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt & Brace Co.
- SAPIR, E. (1949). *Selected writings in language, culture and personality*. Edit. por David Mandelbaum. Berkeley: University of California Press.
- SAPIR, E. (2008). *The collected works of Edward Sapir. 1. General linguistics*. Edit. por Pierre Swigers. Berlin: Walter de Gruyter.
- WHORF, B. L. (1956 [1939]). *Language, thought and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Edit. por John B. Carroll. Cambridge, MA: MIT Press.

A compreensão leitora em textos multimodais impressos e digitais: uma proposta metodológica.

Liliane Carvalho Félix Cavalcante (UFPB)

O presente artigo, que se projeta a luz das ciências cognitivas, evidencia uma proposta metodológica para o estudo da compreensão leitora disparada por elementos multimodais presentes em textos impressos e digitais. A proposta parte do pressuposto de que, na leitura, as várias atividades cognitivas integradas que culminam na faculdade humana de compreender algo são motivadas por fatores multimodais que se apresentam tanto em textos impressos quanto nos digitais e que esses efeitos são favorecedores da compreensão. Para isso, discutimos a relação da dinâmica das atividades cognitivas que subsidiam o trabalho de elaboração de Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) a partir de leituras de textos didáticos. Essa investigação foi realizada através de experimentos e instrumentos nos quais observamos a ocorrência de estratégias cognitivas por meio do uso do método hipotético-dedutivo. Objetivamos em panorama geral: analisar a compreensão leitora em textos em suportes impressos e digitais com características diferenciadas de multimodalidade. Especificamente objetivamos: investigar o processamento da compreensão leitora em textos multimodais impressos com maiores e menores índices de multimodalidade; analisar o processo de compreensão de leitura em textos multimodais suportados por computador; proceder à investigação do processo de construção de MCI relativos aos conceitos apresentados nos textos experimentais; analisar as estratégias cognitivas empregadas no processo de compreensão leitora. O estudo que se configura como uma análise a partir de uma pesquisa já concluída tem o intuito de demonstrar o caminho metodológico eleito para observar o fenômeno da compreensão leitora. Os participantes do experimento são alunos do curso técnico em informática na modalidade médio-integrado da primeira e da segunda série do curso de Informática do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins *Campus* Palmas. O experimento se constituiu de textos multimodais em duas formas: hipertextos digitais no suporte eletrônico e impressos, ambos com características de ensino. Os textos são adaptações de livros utilizados como base na componente curricular: Técnicas e projetos de sistemas, ofertada na terceira série do curso mencionado. Nos textos postos em interação na pesquisa, a autora controlou o índice de multimodalidade presente no texto com o intuito de observar a interferência desse fator nas estratégias cognitivas empregadas pelos estudantes. Utilizamos como material de avaliação do fenômeno os resultados dos

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

instrumentos empregados, os chamamos de MCI *qualis* (os modelos cognitivos idealizados desenvolvidos pelos alunos) que foram comparados aos MCI *expert* que são as expectativas ou os protótipos do autor do livro texto. Os instrumentos utilizados foram questionários e testes de resolução de problemas aplicados após a leitura dos textos. Para consolidar o estudo, buscamos sustentação teórica nas teorias: Modelos Cognitivos Idealizados, de Lakoff (1987), Categorias Conceituais, de Lakoff e Johnson (1980), Espaços Mentais, de Fauconnier e Sweetser (1996), Redes de Integração Conceitual, de Fauconnier e Turner (2002); nos estudos de leitura, de Kleiman (2004), e processamento de leitura, de Kato (2007). Como resultado, apontamos que a o caminho metodológico aqui proposto nos leva a crer que a elaboração de MCI's durante uma ação de compreensão leitora está condicionada a presença e atuação de estratégias cognitivas que se projetam segundo os elementos textuais multimodais.

Palavras-chave: Estratégias Cognitivas; Método; Compreensão.

Referências bibliográficas:

DESCARDECI, M. A. A. de S. Ler o mundo: um olhar através da semiótica social. ETD – Educação Temática Digital, v. 3, n. 2, p. 19-26, Campinas: Unicamp, jun. 2002.

FAUCCONIER, G. Mappings in thought and language. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____; SWEETSER, E. Spaces, worlds and grammar. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

_____; TURNER, M. The way we think: conceptual bending and the

KATO, M. O aprendizado da leitura. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KLEIMAN, A. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, I. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LAKOFF, G. Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____; JOHNSON, M. Metáforas da vida cotidiana. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

II LINCOCG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 4, n. 1, p. 79-112, 2001.

TENUTA, A. M. Uma breve apresentação das teorias dos espaços mentais e da mesclagem. In: HERMOND, A. B.; ESPÍRITO SANTO, R. S. do; CAVALCANTE, S. M. S. (Org.). *Linguagem e cognição: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar*. Belo Horizonte: PUC-MINAS, 2010. p. 85-103.

Reflexões acerca da pesquisa empírica experimental em sujeitos portadores de Alzheimer

Mábia Nunes Toscano (UFPB/CAPES)

No âmbito dos estudos das Ciências Cognitivas muito tem sido discutido no que se refere ao estudo da linguagem em sujeitos portadores de patologias que comprometem a sua capacidade de produção e compreensão. Nesse enquadre, as pesquisas que investigam, precisamente, as relações entre a linguagem e a doença de Alzheimer têm assumido papel de destaque no contexto brasileiro (NOGUCHI 1997; CRUZ, 2008; BEILKER, 2009; TEÓFILO, 2012; TOSCANO, 2013; GONÇALVES, 2014; MORAES, 2015; entre outros). Perspectivas teóricas e metodológicas diversas são empregadas no intuito de esclarecer os diferentes questionamentos que se impõem na investigação dessa temática. No geral, a pesquisa empírica é amplamente empregada, seja através dos métodos etnográficos ou experimentais. Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a estabelecer uma reflexão sobre a pesquisa experimental na investigação da linguagem em sujeitos com Alzheimer. De acordo com Becker (2007), as pesquisas que possuem uma metodologia de análise do funcionamento da linguagem pautadas na introspecção e na intuição do linguista têm oferecido *insights* interessantes e detalhados sobre a interação entre linguagem, mente e corpo. Esses apontamentos servem como fonte para elaboração de hipóteses experimentais sobre o funcionamento do inconsciente cognitivo. Becker inicialmente destaca alguns problemas que se impõem a pesquisas baseadas na intuição e introspecção, no entanto, o autor não invalida os achados resultantes dessa escolha metodológica, mas aponta para a importância de tomá-los como base para a elaboração de métodos experimentais objetivos que permitam um aprofundamento nas questões já elucidadas. O autor ainda destaca a importância do método experimental no intuito de fornecer respostas mais robustas e confiáveis para os problemas que envolvem o funcionamento da linguagem humana. A elaboração de um experimento exige um cuidado minucioso do pesquisador para que o teste construído alcance seus objetivos. Quando se trata de uma pesquisa que envolve sujeitos em situação de vulnerabilidade, que é o caso da população com Alzheimer, a atenção na preparação do experimento é ainda mais cautelosa, pois a eficiência do teste depende, também, de fatores externos diversos tais quais: a permissão para o acesso aos informantes; a observação capacidades cognitivas que devem estar preservadas para a participação nos testes; a disposição dos sujeitos para a participação; a capacidade dos informantes de manipulação dos equipamentos utilizados na pesquisa, entre outros fatores.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

A qualidade do teste está não só na possibilidade de o seu formato oferecer os dados necessários para o objetivo da análise, mas na sua acessibilidade para o público em questão. Por isso é preciso que o pesquisador conheça o máximo possível as características da doença de modo que possa prever alguns problemas que deve encontrar durante o trabalho e ter a possibilidade de contorná-los. Para exemplificar essas questões, apresentaremos algumas reflexões provenientes da pesquisa de mestrado empreendida entre os anos de 2011 e 2013 denominada *Inferências conceituais em idosos com e sem Alzheimer* defendida na Universidade Federal da Paraíba. Comentaremos inicialmente os aspectos éticos envolvidos na pesquisa com sujeitos vulneráveis, destacando algumas leis nacionais e locais para a realização da mesma. Em seguida trataremos da discussão sobre os critérios para o diagnóstico da DA e as relações entre essas diretrizes para as pesquisas sobre a compreensão de linguagem. Por fim, apresentaremos o software *Qualtrics* como uma ferramenta útil na pesquisa e de fácil acesso, apresentando como exemplo e teste realizado na pesquisa de mestrado supracitada.

Palavras-chave: Alzheimer, metodologia, pesquisa empírica.

Referências bibliográficas:

- BEILKER, Hudson Marcel Bracher. Linguagem e memória na doença de Alzheimer: contribuições da neurolinguística para a avaliação de linguagem. Dissertação de Mestrado: UNICAMP, 2009.
- CRUZ, Fernanda Miranda da. Linguagem, Interação e Cognição na doença de Alzheimer. Tese de Doutorado: UNICAMP, 2008
- GIBBS, Raymond W. Why cognitive linguists should care more about empirical methods. *Methods in cognitive linguistics*, p. 2-18, 2007.
- GONÇALVES, Marinésio Joventino. Compreensão do humor por sujeitos com doença de Alzheimer em estágio inicial. Dissertação de Mestrado: UFPB, 2014.
- MORAES, Berla Moreira. Compreensão da Imagética Convencional em Sentenças Gramaticais por pessoas com Alzheimer. Tese de Doutorado: UFPB, 2015.
- NOGUCHI, Milika Satake. A Linguagem na Doença de Alzheimer: reflexões sobre um modelo de funcionamento linguístico-cognitivo. Dissertação de Mestrado: UNICAMP, 1997.
- TEÓFILO, Anna Mayra. Linguagem e cognição em portadores de Alzheimer: uma abordagem sociocognitiva. Dissertação de Mestrado: UFPB, 2012.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

TOSCANO, Mária Nunes. Inferências Conceituais em Idosos com e sem Alzheimer.

Dissertação de Mestrado: UFPB, 2013.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Aportes teórico-metodológicos para uma Sociolinguística Cognitiva

Maria Rilda Alves da Silva Martins (UFT)

Daniel Marra da Silva (IFTO/UFT)

Propõe-se neste trabalho traçar um panorama dos principais pressupostos teóricos e metodológicos utilizados nas pesquisas orientadas na perspectiva da Sociolinguística Cognitiva, através das teorizações de três linguistas, Augusto Soares da Silva (2009), Francisco Moreno Fernández (2012) e Andrea Pizarro Pedraza (2014). A partir desses estudos, pretende-se apresentar o surgimento dessa área emergente de estudos linguísticos, seus objetivos, conceitos e metodologias.

Buscar-se-á mostrar as razões da necessidade da Sociolinguística Cognitiva dentro do paradigma da Linguística Cognitiva e suas contribuições para o estudo da variação e mudança linguísticas propostas por Soares da Silva (2009). Por se tratar de uma proposta relativamente recente no âmbito dos estudos linguísticos (a primeira obra só foi publicada em 2008 nos Estados Unidos), a emergente área vem aos poucos se ampliando. No Brasil, essa área ainda está em caráter introdutório, carecendo de publicações que facilitem a tarefa dos pesquisadores interessados pelo assunto.

Assim, este trabalho visa a discutir os conceitos básicos para uma Sociolinguística Cognitiva, a fim de contribuir com as pesquisas linguísticas no cenário nacional. Sob o novo viés teórico, os estudos linguísticos, fundamentados pela Sociolinguística Cognitiva, objetivam entender e explicar a língua de uma posição cognitivista, o que significa entender o linguístico e o social como realidades analisadas a partir da cognição humana (MORENO FERNÁNDEZ, 2012).

Para a realização do presente estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica nas obras: *Sociolinguística Cognitiva: proposiciones, escólios y debates*, de Francisco Moreno Fernández (2012), *A Sociolinguística Cognitiva: razões e escopo de uma nova área de investigação linguística*, de Augusto Soares da Silva (2009) e *Tabú y eufemismo en la ciudad de Madrid Estudio sociolinguístico-cognitivo de los conceptos sexuales*, de Andrea Pizarro Pedraza (2014). A partir desse levantamento teórico, evidenciamos os conceitos fundamentais para uma Sociolinguística Cognitiva, bem como seus pressupostos teórico-metodológicos.

Os estudos sobre variação e mudança linguísticas ganharam mais um aparato teórico e metodológico a partir do surgimento da Sociolinguística Cognitiva. Esta nova corrente teórica analisa o processo de variação levando em consideração a parte cognitiva,

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

semântica e social que seja compatível com a disciplina, suas teorias e seus métodos. Na complementaridade teórica da emergente disciplina, fica evidente a proposta integradora: ao incluir na natureza social do estudo da variação um aparato cognitivo que faz mediação entre o mundo e a categorização.

Portanto, apresentamos os conceitos fundamentais da Sociolinguística Cognitiva propostos por Moreno Fernández (2012). Esse campo tem como base as seguintes teorias: Linguística Cognitiva, que trata da percepção, do protótipo, do esquema, das categorias, da frequência e uso; e teorias da interação comunicativa, que trata da acomodação comunicativa e das atitudes linguísticas; teorias da variação e da mudança linguística, que aborda a variação e a eleição/escolha; sociologia dinâmica da situação, que compreende o contexto, a rede, a interação comunicativa, o discurso e o ato.

Palavras-Chave: Sociolinguística Variacionista; Sociolinguística Cognitiva; Variação Linguística.

Referências bibliográficas:

DIJK, Teun A. van. 2012. Discurso e contexto. Uma abordagem sociocognitiva. Trad.: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto.

GEERAERTS, Dirk. Lectal variation and empirical data in Cognitive Linguistics. In Francisco J. Ruiz de Mendoza & Sandra Peña Cervel (eds.) Cognitive Linguistics. Internal Dynamics and Interdisciplinary Interactions. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005.

FERRARI, Lilian. Introdução à Linguística Cognitiva. São Paulo: Contexto, 2011.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Sociolinguística cognitiva. Propositiones, escolios y debates. Iberoamericana/Vervuert, 2012.

SOARES DA SILVA, Augusto. Integrando a variação social a métodos quantitativos na investigação sobre a linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e português brasileiro. In: Revista de Estudos da Linguagem, 2008, v. 16 (1): 49-81.

_____. A Sociolinguística Cognitiva: razões e escopo de uma nova área de investigação linguística. IN: Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos, 2009, v. 13 – 1, 2009, p. 191 -212.

_____. Palavras, significados e conceitos. O significado lexical na mente, na cultura e na sociedade. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e Cognição, 2010, nº 44, p. 27 a 53.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

PEDRAZA, Andrea Pizarro (Tese): Tabú y eufemismo en la ciudad de Madrid Estudio sociolingüístico-cognitivo de los conceptos sexuales. Madrid, 2014.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

A anáfora em textos argumentativos: um estudo de caso com acadêmicos ingressantes

Maria Sheyla Gama Sousa (Centro Universitário Luterano de Santarém – CEULS)

Poliana Felix de Souza (Centro Universitário Luterano de Santarém – CEULS)

O presente trabalho objetiva identificar os mecanismos da progressão de textos argumentativos importantes à articulação textual, notadamente os anafóricos e os articuladores. O estudo embasa-se nos construtos teóricos de Koch (2002, 2003, 2004), Koch, Morato e Bentes (2005), Marcuschi (2005), Mondada (2003), Cavalcante (2003), no que se refere mais concretamente o uso fundamental de anáforas para desenvolvimento coerente e sequencial de um texto argumentativo, uma vez que a anáfora se porta como uma ligação de continuidade coesiva de um termo e seu antecedente ou procedente do texto, podendo ser gramatical ou lexical ou ainda exofórica. Os objetivos do estudo estão centrados em identificar fatores facilitadores da progressão textual argumentativa cooperando para o domínio dos mecanismos de progressão textual pelos acadêmicos, com vistas a validar propostas didáticas que focam os mecanismos de progressão textual em tipo argumentativo. O processo de textualização apresenta em sua formação o contexto em que é produzido, uma organização referencial determinada e é elaborado de acordo com as regras de composição do gênero. Desta forma, a utilização destas condições de linguagem pode propiciar a estrutura coesa e coerente de textos. A textualização é construída através dos mecanismos articulados à progressão do conteúdo temático. Tais mecanismos, quando explícitos, são de mecanismos são de referenciação ou de conexão. Os referentes, instrumentos que concretizam a coesão referencial, são caracterizados como elementos de discurso ou de textualização da realidade, sofrendo alterações e transformações em decorrência da exposição das ideias. Assim, a manifestação de aspectos linguísticos e sua relação com o mundo referenciado nos textos nos remete à dimensão gramatical dos mesmos. Os anafóricos, os articuladores e os verbos, por exemplo, são predominantemente usados, o que sugere que as ideias/argumentos estão no âmbito universal, sua eficácia e sua amplitude sugerem “verdades” textuais. A metodologia do presente estudo envolve passos que incluem a revisão teórica, seguida de elaboração de testes estruturados a partir de autores citados, para posterior identificação do transcurso metodológico. O estudo terá uma *abordagem quali-quantitativa*, visto que seu intento é verificar as estratégias didáticas mais adequadas ao domínio dos referidos elementos coesivos. Para isso, teremos como instrumento de coleta de dados, a aplicação dos testes estratégicos que visam a constatar as reações dos alunos quanto ao modelo didático aplicado. Também serão aplicados

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

questionários com questões fechadas ou de múltiplas escolhas, bem como questões discursivas abertas que permitem ao entrevistador captar a perspectiva dos participantes. Os resultados serão analisados estatisticamente e apresentadas em forma de gráficos, interpretados a partir do marco teórico adotado. As metas estabelecidas no projeto estão direcionadas à construção de propostas didáticas e apresentação de relatório final.

Palavras-chave: Anáfora; Textualização; Articuladores.

Referências bibliográficas:

CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.) Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. Coleção Clássicos da Linguística.

KOCH, Ingedore Villaça. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. Introdução à linguística textual. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I.V.; MORATO, M. E.; BENTES, A.C. (Org.) Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2005. p. 8-10

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore. Linguística textual: introdução. São Paulo: Cortez, 1983.

FÁVERO, Leonor Lopes. Coesão e coerência textuais. 11. ed. São Paulo. Ática, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (Org.). Produção de sentido: estudos transdisciplinares. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Anáfora indireta: o barco e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). Referenciação e discurso. São Paulo: Editora Contexto, 2005

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: RODRIGUES, B; CIULLA, A. (Orgs.) Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. Coleção Clássicos da Linguística.

O processamento de estruturas coordenadas em PB

Michele Monteiro de Souza (NEALP/UFJF)

Maria Cristina Name (NEALP/UFJF/CNPq)

Estruturas coordenadas têm sido alvo de debate na literatura [1], especialmente, no que se refere à assimetria/simetria em termos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Em consonância com uma concepção minimalista de derivação sintática, estruturas coordenadas são assimétricas, ainda que suas partes (sentenças, sintagmas) tenham o mesmo status sintático [2]. Em termos semânticos, o conector/a conjunção *e* reforça a ideia de simetria entre as partes, ainda que, pragmaticamente, possa ser interpretado em relações assimétricas de temporalidade (*João tomou café e foi trabalhar*) ou de causa/consequência (*João perdeu a hora e saiu sem tomar café*), por exemplo. Visando contribuir para essa discussão, nosso estudo investiga em que medida propriedades prosódicas poderiam refletir relações de (as)simetria de estruturas coordenadas. Assumimos que informações de natureza sintática, semântica e intencional são expressas prosodicamente [3, 4], de modo que possam ser identificadas e interpretadas durante o processamento linguístico. Especificamente, nossos objetivos são avaliar (1) se relações (as)simétricas entre estruturas coordenadas são marcadas prosodicamente no PB e, sendo marcadas, (2) se essas marcas prosódicas são percebidas por falantes/ouvintes nativos do PB em tarefa de compreensão. Para isso, elegemos sentenças temporariamente ambíguas apresentando NPs coordenados (NP1 e NP2 e NP3): A-*O juiz intima João e Pedro e Lucas aguardam o resultado final*; B-*O juiz intima João e Pedro e Lucas aguarda o resultado final*. Em A, temos [NP1] e [NP2 e NP3], sendo o locus da coordenação das sentenças entre NP1 e NP2; em B, o locus acontece entre NP2 e NP3 ([NP1 e NP2] e NP3). Duas atividades foram conduzidas. A primeira analisou as características prosódicas da leitura de pares de sentenças, como A/B, por uma falante nativa do PB. A análise revelou que os pares de sentenças gravados possuíam como característica entoacional o acento tonal H+L*, seguido de tom fronteira H% e pausa no IP (Sintagma Entoacional) intermediário, localizado sempre após [NP1], nas sentenças como em A ([O juiz intima João]_{IP} [e Pedro e Lucas aguardam o resultado final]_{IP}), ou após [NP2], nas sentenças semelhantes ao exemplo B ([O juiz intima João e Pedro]_{IP} [e Lucas aguarda o resultado final]_{IP}). Em todas as sentenças, os IPs finais apresentavam acento tonal e tom fronteira H+L* L%, típicos da posição final de declarativas neutras em PB. Em seguida, realizamos um experimento de compreensão, utilizando a técnica de comparação sentença-figura, associada ao recurso de manipulação

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

de atenção [5]. Pares de figuras destacando sujeito simples (uma personagem, sentenças tipo B) ou composto (duas personagens, sentenças tipo A) eram apresentados imediatamente após um quadradinho aparecer na tela do computador no mesmo lado da figura incongruente à resposta esperada. As mesmas sentenças utilizadas na primeira atividade experimental fizeram parte desse experimento. Para verificar se a pista prosódica seria suficiente para a resolução da ambiguidade temporal, mascaramos com um ruído a marca morfofonológica de número nos verbos de cada sentença, baseados na técnica de restauração de fonemas [6]. Desse modo, cada par de sentença difere apenas no seu contorno prosódico, mas linearmente apresentam a mesma estrutura: A. [O juiz intima João]IP [e Pedro e Lucas aguarda o resultado final]IP. B. [O juiz intima João e Pedro]IP [e Lucas aguarda o resultado final]IP. Nesta tarefa, foram testados 20 participantes, com o objetivo de verificar se o contorno entoacional de IP seria suficientemente robusto para levá-los a identificar a estrutura sintática subjacente ao enunciado, apesar da interferência visual desviando sua atenção. A variável independente selecionada foi *tipo de sujeito (simples/composto)*, e as variáveis dependentes foram número de *escolhas-alvo* e *tempo de reação (TR)*. A taxa de escolhas-alvo foi acima de 61% dos ensaios, e a análise dos dados revelou uma diferença significativa na comparação entre o TR médio das escolhas congruentes e das incongruentes na condição *Sujeito Simples* ($t=2,39$, $p=0,027$), além de um efeito próximo do nível de significância na comparação entre o TR médio das respostas congruentes e das incongruentes na condição *Sujeito Composto* ($t=1,93$, $p=0,06$). Tomados em conjunto, os resultados sugerem que as características entoacionais distintas do IP intermediário e do IP final parecem refletir uma assimetria entre as estruturas coordenadas e que tais propriedades são reconhecidas e interpretadas de acordo com a intenção do falante.

Palavras-chave: Prosódia; Estruturas coordenadas; Processamento de sentenças

Referências bibliográficas:

- CARSTON, R.; BLAKEMORE, D. Introduction to coordination: syntax, semantics and pragmatics. *Lingua*, 115, p. 353–358 (Editorial, Special Issue), 2005.
- CORMACK, A.; SMITH, N. “What is Coordination?” *Lingua*, 115, p. 395–418, 2005.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- WILSON, D.; WHARTON, T. Relevance and prosody. *Journal of Pragmatics*, 38, 1559–1579, 2006.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

RODRIGUES, V. M. A interação entre informações linguística e visual na compreensão da linguagem. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

WARREN, R. M. Perceptual restoration of missing speech sounds. *Science*, v. 167, p. 392-393, 1970.

Dando uma olhada em complexos verbo-nominais: uso e percepção sob uma abordagem construcional

Pâmela Fagundes Travassos (UFRJ / Bolsista CNPq)

O trabalho consiste numa apresentação de uma pesquisa em curso no Projeto PREDICAR (Formação e expressão de predicados complexos: estabilidade, variação e mudança construcional) acerca do funcionamento de construções com verbo-suporte *DAR* o qual opera sobre elementos não-verbais do tipo X-(a/i)da, X-adela, X-(a/i)dinha ou X-inho(a). Exemplos: *dar uma olhadazinha, dar uma espiadela, dar uma escapada, dar um risinho, dar uma convencida, dar uma fugidinha, dar uma piscadela, dar uma crescidinha, dar uma arrumadinha, dar caminhadas, dar um medinho, dar uma olhadinha, dar uma fugida, dar uma ajudinha*. Este trabalho visa a apresentar os resultados preliminares dessa pesquisa. Tenciona-se: (i) descrever características de forma e de significado/função dessas construções com verbo-suporte, levando em conta tanto o cotexto linguístico, como o contexto semântico, discursivo, pragmático e/ou cognitivo; e (ii) descrever o modo pelo qual os brasileiros percebem (se percebem) a aspectualidade, modalidade e/ou outros valores no emprego desses predicadores complexos com verbo-suporte *DAR*. O embasamento teórico consiste, principalmente, de conceitos e orientações da Linguística Funcional-Cognitiva e da Gramática das Construções sobre processos de mudança linguística (construcionalização ou mudança construcional, segundo Traugott e Trousdale (2013), produtividade, composicionalidade e esquematicidade, padrões construcionais (pareamentos de forma-função/significado) (GOLDBERG, 2006 e 2016) e variação (sob uma perspectiva Sociofuncionalista). Os dados da experiência (uso), retirados do domínio jornalístico, foram organizados segundo metodologia de pesquisa experimental de percepção dos usos, atitude e avaliação subjetiva (FASOLD, 1987; GONZALEZ-MARQUEZ, 2006) para que, assim, fosse observado o comportamento dos usuários do Português do Brasil quanto a esses complexos verbo-nominais. Os resultados mostraram que tanto o contexto semântico, discursivo, pragmático e/ou cognitivo, quanto o cotexto linguístico e os espaços sociocomunicativos de interação implicam diferentes possibilidades de sentido. Além disso, os padrões construcionais com verbo-suporte, para além de indicarem aspecto não-durativo, indicam modalidade/(inter)subjetividade e outros valores; alguns constructos revelam-se em competição e outros podem revelar indícios de mudança construcional (mudança que afeta traços da construção, seja no nível da forma,

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

seja no nível da função). Outras referências da pesquisa são Brinton e Akimoto (1999), e Vendler (1967).

Palavras-chave: Linguística Funcional-Cognitiva; Gramática de Construções; Pesquisa Experimental

Referências bibliográficas:

BRINTON, L. J.; AKIMOTO, M. (eds.) Collocational and idiomatic aspects of composite predicates in the history of English. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins. Publishing Company, 1999. Studies in Language Companion Series, 47.

FASOLD, R. The sociolinguistics of society. v. 1. New York, USA: B. Blackwell, 1987.

GOLDBERG, A. Constructions at work: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. Compositionality. In N. Riemer (ed.) Semantics Handbook. Routledge, 2016.

GONZALEZ-MARQUEZ, M et al. Methods in cognitive linguistics. Amsterdam, John Benjamins, 2006.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. Construcionalization and construction changes. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

VENDLER, Z. Linguistics in philosophy. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

A construção do sentido de transformação em “A moça tecelã”, de Marina Colassanti

Túlio de Santana Batista (UFRJ)

Este trabalho tem como objetivo discutir o papel do *framing* e da metáfora conceptual na construção do sentido de TRANSFORMAÇÃO, no conto “A moça tecelã”, de Marina Colassanti. Nesse sentido, analisamos como indexadores linguísticos contribuem para a ativação e o acionamento de *frames* que configuram os domínios de projeção metafórica. Para isso, recorreremos à noção de *frames*, de Duque (2015), de *framing*, de Lakoff (2008) e de Metáfora Primária, de Grady (1997). Por meio de um procedimento de identificação de metáforas proposto por Cameron (2007), observamos se os significados indexados por determinados itens lexicais eram metafóricos ou não. Tal procedimento nos ajudou a ancorar os *frames* ativados ao longo da narrativa em mapeamentos metafóricos relacionados ao conceito de TRANSFORMAÇÃO. A análise dos *frames*, por sua vez, nos possibilitou verificar o modo como indexadores linguísticos, salientes na narrativa, ativam e acionam referentes e eventos. Partimos da divisão do conto em blocos baseados em *frames* descritores de eventos (DUQUE, 2015). Em seguida, identificamos o *frame* conceptual básico de cada bloco e caracterizamos o conjunto reticulado de itens lexicais e de mapeamentos metafóricos. Verificamos que, no conto, o sentido de TRANSFORMAÇÃO é garantido por domínios repletos de mudanças físicas de objetos, personagens e cenários, constituindo a metáfora principal TRANSFORMAÇÃO PSICOLÓGICA É MUDANÇA FÍSICA e de seus mapeamentos mais específicos, como EMOÇÃO É COR, por exemplo. Além dos deslocamentos espaciais e temporais, são fomentadas construções de contraste (DUQUE, 2010) que favorecem a formação de antonímias, como “teceu um marido” (CRIAR) x “o nada subiu-lhe o corpo” (DESCRIAR), “casa pequena” (ACOLHIMENTO) x casa melhor (SOLIDÃO). Esses contrastes e oposições, construídos pelos mapeamentos metafóricos, contribuem para revelar as contradições internas da protagonista. Dessa forma, o *frame* moral construído pela projeção metafórica CRIAR É TECER (e por seus mapeamentos metafóricos decorrentes) conecta o conceito de TRANSFORMAÇÃO às ações voluntárias da protagonista, ou seja, é a mulher que tece seu próprio destino.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; Semântica da Simulação; *Frames*.

Referências bibliográficas:

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

CAMERON, L. Patterns of metaphor use in reconciliation talk. *Discourse and Society*, V.18, n. 2, 2007. p. 197-222.

COLASSANTI, M. A moça tecelã. In: *doze reis e a moça no labirinto do vento*. Rio de Janeiro: Global Editora, 2000. Disponível em: http://www.releituras.com/i_ana_mcolasanti.asp Acesso em: 16 maio 2015.

DUQUE, P. H. Construções de contraste nos jornais de Natal: as relações antonímicas. In: XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2010, Rio de Janeiro. Caderno de Resumos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. v. 14. p. 132-133.

DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 39, p. 25-48, 2015.

GRADY, J. E. Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes. Tese PhD. University of California at Berkley, Department of Linguistics, Berkley, 1997.

LAKOFF, George. *The Political Mind: Why You Can't Understand 21st-Century Politics with an 18th-Century Brain*. New York: Viking, 2008.

Multifuncionalidade e intersubjetividade em construções com o marcador discursivo “então”

Ana Paula Gonçalves Durço (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Buscamos, neste trabalho, apresentar um estudo sobre a multifuncionalidade e a intersubjetividade do marcador discursivo “então” no português brasileiro. Para isso, partimos dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos de Martelotta (2011), Furtado da Cunha e Cezario (2013) e Oliveira e Rosário (2015), que conjuga princípios da Linguística Funcional norte-americana aos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001) no âmbito da Linguística Cognitiva. Seguindo essa perspectiva de estudo, baseamo-nos na abordagem da língua como uma rede de construções organizadas hierarquicamente, cuja unidade básica é a construção, identificada pelo pareamento de forma-função, segundo a qual um novo par representa um novo nó na rede, constituindo o processo denominado construcionalização (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Traugott (2003) afirma que a mudança é um fenômeno gradiente e variável que se realiza por pequenas mudanças (*minimal steps*), as quais envolvem as reanálises do par forma-sentido. Assim sendo, no momento da interação comunicativa, os falantes, buscando a mútua inteligibilidade, utilizam recursos presentes na própria língua que lhes permitam se expressarem e interpretarem o que está sendo dito, o que muitas vezes acarretaria pequenas mudanças nos construtos a partir de implicaturas conversacionais e inferências sugeridas. Segundo Cunha Lacerda e Oliveira (2015, p.54), diretamente relacionada a esse mecanismo da reanálise, estaria a (inter)subjetivização “envolvendo uma reanálise dos significados pragmáticos que surgem no contexto de negociação de sentido entre falante e interlocutor”. Traugott (1995) utiliza o termo subjetivização (no sentido amplo) para se referir ao processo semântico-pragmático através do qual significados se tornam cada vez mais baseados na crença e na atitude do falante em relação ao que está sendo dito no momento da interação. Ela segue afirmando ser a subjetivização um fenômeno gradiente, através do qual formas e construções que, a princípio, expressam significados concretos, lexicais e objetivos se tornam, a partir da repetição em determinados contextos, cada vez mais abstratos, pragmáticos, interpessoais e baseados na crença do falante. Nessa perspectiva, Traugott propõe o seguinte cline de unidirecionalidade: [-subjetivo] > [+ subjetivo]. Já em um trabalho mais recente, Traugott (2010) passa a utilizar o termo (inter)subjetivização e propõe o cline [não/- subjetivo] >

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

[subjetivo] > [intersubjetivo]. Acrescenta-se aqui a preocupação do falante/escritor com a imagem (*self*) do ouvinte/leitor, tanto num sentido epistêmico quanto num sentido mais social (relacionado à proteção da face e à identidade) (DAVIDSE *et al.*, 2010). O presente trabalho objetiva, pois, apresentar uma proposta de análise das construções com o marcador discursivo “então” tendo em vista um cline de intersubjetividade. E, para a realização da análise qualitativa em questão, foi utilizado um *corpus* sincrônico, representativo da modalidade oral e constituído por cinco horas gravadas de programas de entrevistas disponibilizados na internet. De acordo com o que verificamos nos dados, o marcador discursivo “então” estaria sendo utilizado multifuncionalmente, tanto em contexto [-subjetivo] quanto em contexto [+intersubjetivo], havendo um contínuo no uso daquele para este. Os resultados da pesquisa apontam o uso [-subjetivo] quando relacionado apenas à função de sequenciador de tópico, enquanto o uso [+intersubjetivo] estaria ligado a uma função argumentativa. Seguindo esse contínuo proposto, observamos, ainda, que a forma parece se estabelecer em função do sentido (BYBEE & FLEISHMAN, 1995), isto é, à medida que se caminha para um crescente aumento no nível de intersubjetividade, há uma perda de material linguístico emitido pelo falante, uma vez que o próprio interlocutor é capaz de inferir a conclusão desejada por ele.

Palavras-chave: Marcador discursivo “então”. Construção. Intersubjetividade.

Referências bibliográficas:

BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (Eds.) *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da.; OLIVEIRA, N. F. de. Abordagem construcionista da gramaticalização: perspectivas e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015.

DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. Introduction. In: _____ (Orgs.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: CUP, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: OUP, 2006.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015

TRAUGOTT, E. C. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (Eds.) *Subjectivity and Subjectivization: Linguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University press, 1995.

_____. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlim/New York: De Gruyter Mouton, 2010.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. G. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

A Hipótese da Convergência Ablativo-Genitivo: Motivação Cognitiva e Implicações para a Rede Semântica do Genitivo em Português

Jorge Luiz Ferreira Lisboa Júnior (GESP/NEMP/UFRJ)

Sabe-se que estudos em semasiologia no âmbito da semântica diacrônica têm evidenciado o papel central da cognição na estruturação regular da mudança semântica, como também de complexos polissêmicos.

Assim demonstram importantes estudos na área como a polissemia da preposição “*over*” no inglês (LAKOFF, 1987); a evolução semântica do verbo “deixar” em português (SOARES DA SILVA, 2006); a gramaticalização de elementos de orientação dêitica a partir de elementos que designam partes de corpo (HEINE, 1997); derivas semânticas de preposições latinas e do romeno (VIARO, 1994), rotas históricas de evolução de verbos de percepção a partir de vocabulário referente ao toque ou manipulação física (SWEETSER, 1990).

Entre todos os estudos mencionados há a relevância crucial da estrutura conceptual humana na evolução sistemática dos significados, seja pela motivação crucial de experiências corporificadas (como os esquemas imagéticos), seja pela capacidade de “*cross-spaces mapping*”, em que projeções metafóricas, metonímicas e mesclagens conceptuais atuam na concretização das extensões semânticas.

Nossa proposta segue no sentido de elaborar uma rede semântica para o genitivo (sintagmas-de em função de marcador de caso) em português com base no modelo da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2008; TUGGY, 2006) e da Multidimensionalidade Semântica (SOARES DA SILVA, 2006). Nosso interesse central é buscar a coerência interna entre os conceitos de posse, parte-todo, especificação e origem etc. na rede semântica.

Contemporaneamente, semanticistas que estudam redes polissêmicas e tentam elucidar sobre a organização mental dos conceitos acionados por palavras ou expressões linguísticas plurissignificativas têm lançado mão de métodos quantitativos e qualitativos rigorosos (GLYNN & ROBSON, 2014).

A rede semântica, em nosso caso, dado as motivações históricas de uso, deverá ser considerada quanto ao devir da evolução ou da reconstrução semântica (TRAUGOTT, 1986) e não apenas quanto à excitação de mapeamentos conceptuais no plano sincrônico.

A conjugação entre fatores sincrônicos e diacrônicos justifica-se devido ao fato de que “(a) só a abordagem diacrônica permite, em certos casos, esclarecer a coexistência de

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

significados aparentemente não relacionados; (b) a polissemia define-se por significados diferentes, mas relacionados, ou parcialmente sobrepostos” (BROCARD, 2007, p. 06).

Por isso, consideraremos perfis etimológicos; aspectos lexicográficos; a comparação do inventário de funções de caso genitivo em outras línguas como o grego, o latim, o inglês e o francês, além das próprias restrições de mapeamento cognitivo ou de transferência cognitiva entre domínios da experiência.

Metodologicamente optamos pelo levantamento de aspectos lexicográficos em dicionários de abrangência, Gramáticas Latinas, Gramáticas de História da Língua; textos de grandes escritores clássicos e amostras de dados provenientes de fontes como o PHPB (Projeto para História do Português Brasileiro).

Desejamos alcançar, assim, certa generalização entre grupos de significados sincrônicos em “*tensão homonímica*” (SOARES DA SILVA, 2006) e seu paralelismo no desenvolvimento histórico para explicar uma polissemia genética (HEINE, 1997; SWEETSER, 1990).

Desse modo, um aspecto crucial da análise será avaliar a hipótese do Sincretismo de Casos (MEILLET, 1982; BARÐDAL & KULIKOV, 2009, LURAGHI, 2003, NIKIFORIDOU, 1991) para verificar a procedência histórica da relação entre ablativo e genitivo.

Argumentaremos que tal relação ecológica que possibilitaria a co-indexação de duas dimensões semânticas de Caso na rede polissêmica (CÂMARA JR, 1976; TARALLO, 1990; LURAGHI, 2003) deva-se ao fenômeno cognitivo da *Mesclagem Conceptual* (FAUCONNIER & TURNER, 2002; FAUCONNIER & TURNER, 2008), que também atuaria como processo lexicogênico.

Palavras-Chave: Linguística Cognitiva; Semântica; Genitivo

Referências bibliográficas:

BROCARD, M. T. – *Polissemia e mudança linguística*. In: Correia, Clara Nunes (org.) – Cadernos WGT. Lisboa: CLUNL, 5-11. 2008. Disponível em:

http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/cadernos/tb_pol.pdf

BARÐDAL, J. & KULIKOV, L. *Case in Decline*. In Oxford Handbook of Case. Eds. Andrej Malchukov and Andrew Spencer. Oxford: Oxford University Press. 2009.

CÂMARA Jr., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4ª. ed., Rio de Janeiro: Padrão. 1976

II LINCOC

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The Way We Think: Conceptual Blending and The Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- _____. *Rethinking metaphor*. In: Raymond W. Gibbs, Jr. (ed), *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought* (53-66). Cambridge: Cambridge University Press. 2008.
- GLYNN, D. & ROBINSON, J. (eds). *Polysemy and Synonymy. Corpus methods and applications in Cognitive Semantics*. Amsterdam: John Benjamins. 2014.
- HEINE, B. *Cognitive Foundations of Grammar*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1997.
- LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987
- LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar. A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LURAGHI, S. *On the Meaning of Prepositions and Cases. A Study of the Expression of Semantic Roles in Ancient Greek*. Amsterdam/Philadelphia, Benjamins, 2003.
- MEILLET, A. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1982.
- NIKIFORIDOU, K. *The meanings of the genitive: A case study in semantic structure and semantic change*. *Cognitive Linguistics* 2: 149–205. 1991.
- SILVA, A. S. *O mundo dos sentidos: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almeida. 2006
- SWEETSER, E. C. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. (Cambridge Studies in Linguistics, 54). Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TARALLO, F. *Tempos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1990.
- TRAUGOTT, E. C. *From Polysemy to Internal Semantic Reconstruction*. Berkeley Linguistics Society (BLS) 12.539-550. 1986.
- TUGGY, D. *Ambiguity, polysemy and vagueness*. In: GEERAERTS, Dirk (org.). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.
- VIARO, M. *Das Preposições Latinas às do Português e do Romeno: derivações semânticas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 1994.

O desenvolvimento de construções avaliativas com “super”, “hiper” e “mega”: uma abordagem linguística centrada no uso

Lauriê Ferreira Martins (Universidade Federal de Juiz de Fora)

O presente trabalho tem como objetivo geral abordar a convencionalização e a generalização de uso das construções avaliativas com “super”, “hiper” e “mega”, em língua portuguesa, a partir de uma abordagem construcional da mudança – processo denominado por Traugott e Trousdale (2013) como “construcionalização gramatical”. Para tanto, nos apropriamos dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), nos termos de Bybee (2010), Martelotta (2011) e Traugott e Trousdale (2013). Partindo da ideia de construção proposta pela Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001), a LFCU entende a língua como uma rede taxonômica de pareamentos forma-função, os quais se organizam de maneira hierárquica e correlacionada. Desse modo, cada pareamento forma-função, ou construção, é entendido como sendo representante de um nó na rede. Segundo Bybee (2010), trajetórias de construcionalização gramatical devem ser identificadas em exemplares mais prototípicos que representam uma determinada categoria. Sendo assim, em nossa investigação acerca do desenvolvimento de construções essencialmente avaliativas com “super”, “hiper” e “mega”, assumimos, assim como Traugott (2008), a perspectiva da abordagem construcional, que capta quatro níveis distintos de esquematicidade: macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto. Nosso objetivo específico é, portanto, identificar e analisar os diferentes padrões construcionais que envolvem as construções avaliativas em estudo, os quais estariam relacionados em torno de um esquema abstrato comum. Em outras palavras, nos interessa analisar desde a mudança linguística processada através de pequenos passos, em que novos padrões construcionais emergem e se convencionalizam na língua, a padrões mais esquemáticos de organização das construções avaliativas com “super”, “hiper” e “mega”. Neste trabalho, adotamos como metodologia de pesquisa as análises qualitativa e quantitativa dos dados, a fim de compreender como as novas construções emergem nas interações comunicativas, tornam-se frequentes e regularizam-se na língua. Foi composto, para a análise dos dados, um *corpus* original, que compreende amostras representativas do português brasileiro. Tal *corpus* escrito, constituído por textos disponíveis na Internet, retirados de *blogs*, de revistas como “Quem” e “Criativa” e de revistas como “Veja” e “Isto é”, recobre três diferentes sincronias e está distribuído em três diferentes níveis de formalidade. Os resultados, ainda preliminares,

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

sugerem que, em direção a uma crescente intersubjetivização – codificação da atenção do locutor com a imagem ou o *self* do interlocutor –, a generalização de uso das construções avaliativas com “super”, “hiper” e “mega” sugere um *continuum* de crescente avaliação e de decréscimo de intensificação, como verificamos nas seguintes ocorrências: “O pincel de pó é **super** denso.” > “E olhem só que **super** novidade!” > “Eu **super** recomendo esse livro”. Verificamos, ainda, que, embora “super”, “hiper” e “mega” tenham passado de uma forma gramatical presa (funcionando como prefixo, como em “Nos **super**mercados já é Páscoa.”) a uma forma dependente (exercendo a função de advérbio, cujo escopo é um adjetivo) e a uma forma lexical livre (funcionando como adjetivo ou como modalizador epistêmico, cujos escopos são, respectivamente, um substantivo e um verbo) –, envolvendo, desse modo, aumento de escopo estrutural e de liberdade sintática –, é possível se observar, ainda, a articulação de características fundamentais à abordagem da construcionalização gramatical, tais como o aumento em esquematicidade e em produtividade e o decréscimo em composicionalidade (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Palavras-chave: Rede construcional; construções avaliativas; “super”, “hiper” e “mega”.

Referências bibliográficas:

- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*.. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CROFT, William. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- GODBERG, Adele. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- _____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: The Oxford University Press, 2006.
- MARTELOTTA, Mário E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

_____.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*.

Oxford: Oxford University Press, 2013.

Desenvolvimento do complexo oracional subjetivo para a instanciação do posicionamento do falante em uma abordagem construcional da mudança

Marcela Zambolim de Moura (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Este trabalho assume pressupostos teórico-metodológicos da abordagem construcional da mudança para a análise de fenômenos linguísticos (cf. TRAUGOTT, 2008; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), que parte da ideia de construção proposta pela Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001). Essa nova tendência é denominada, no Brasil, de Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) (MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA & CEZÁRIO, 2013; OLIVEIRA & ROSÁRIO, 2015). Nessa perspectiva, a língua é regulada não só por fatores cognitivos como também sócio comunicativos e se desenvolve e se organiza através de uma rede taxonômica, composta por níveis de construções, relacionadas por similaridades e diferenças (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT, 2008b): o nível mais esquemático e, portanto, geral, denomina-se macroconstrução; o nível menos esquemático, caracterizado por similaridades entre as construções, denomina-se mesoconstrução; e, o nível mais basilar, constituído pelas especificidades das construções, denomina-se microconstrução. A construção é formada pelo pareamento entre função e forma, que é materialmente realizada pelo construto. Nesta pesquisa, investigamos, sob a perspectiva construcional da mudança, o complexo oracional subjetivo, formado por oração matriz, composta por verbo *ser* e predicativo, e por oração encaixada que funciona sintaticamente como sujeito dessa oração matriz. Analisamos a organização e o desenvolvimento do complexo oracional do tipo [matriz (ser + predicativo) + encaixada subjetiva], a fim de observar a função que desempenha na língua portuguesa e a forma instanciada para tal função. Especificamente, objetivamos identificar instanciações do complexo oracional subjetivo a partir de níveis construcionais esquemáticos propostos por Traugott (2008b) e Traugott e Trousdale (2013), descrever os padrões do complexo oracional subjetivo e propor uma rede esquemática para o complexo oracional. Para tanto, trabalhamos com ocorrências do século XIII ao século XXI, em um estudo sincrônico, com comprovação diacrônica. Os *corpora* utilizados são: “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”, projeto “NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”, projeto “CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval” e projeto “Tycho Brahe”. A análise empreendida neste estudo se baseia, primordialmente, na metodologia qualitativa, porém também se

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

utiliza do levantamento da frequência de uso. Trabalhamos com essas metodologias a fim de: a) descrever diferentes usos do complexo oracional subjetivo do tipo [matriz (ser + predicativo) + encaixada subjetiva]; b) compreender o contexto em que cada construção ocorre; c) identificar as construções em cada nível esquemático; d) discutir conceitos que podem emergir dos dados (SCHIFFRIN, 1987; BRYMAN, 1998); e) e, ainda, atestar a frequência token e a produtividade type para auxiliar na compreensão dos estágios do processo de mudança. Para a investigação qualitativa e quantitativa desse objeto, pontuamos as seguintes questões: (i) os dados diacrônicos e sincrônicos apresentam semelhanças morfossintáticas e funcionais?; (ii) os usos diacrônicos comprovam o pareamento dos usos sincrônicos em relação ao relevo (ou ausência de) do posicionamento do falante?; (iii) há uma esquematicidade regular para o complexo oracional subjetivo que promove a inovação da língua?; (iv) as instanciações mais recentes do complexo oracional subjetivo estão no bojo da mesma configuração esquemática das instâncias prototípicas do complexo oracional subjetivo? As análises sinalizam, até o momento, que: a) os usos de sincronias pretéritas compartilham semelhanças funcionais e formais com usos da sincronia atual; b) na sincronia atual há usos funcionais e formais não observados em sincronias pretéritas; c) usos atuais inovam a esquematicidade do complexo oracional subjetivo; d) em relação à função, o complexo oracional subjetivo instancia o *posicionamento do falante*; e) em um nível construcional menos esquemático, o complexo oracional subjetivo instancia posicionamento modalizador ou avaliativo; f) o falante opta ainda por dar relevo ou não ao seu posicionamento, o que é observado na posição da oração matriz em relação à oração encaixada subjetiva; g) o falante modaliza seu discurso orientando seu posicionamento para o próprio discurso ou para o interlocutor; h) o falante avalia a partir de aspectos internos a ele, como emoção, estado psicológico, ou externos, como apreciação e julgamento da realidade; i) as instanciações investigadas sugerem um *continuum* crescente de (inter)subjetividade.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso; abordagem construcional da mudança; complexo oracional subjetivo.

Referências bibliográficas

BRYMAN, A. Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. In: MAY, T. & WILLIAMS, M. (eds.). *Knowing the social world*. Philadelphia: Open University Press, 1998.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.

GODBERG, Adele. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: The Oxford University Press, 2006.

MARTELOTTA, Mário E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English". In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008a.

_____. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R. & KEMPSON, R. (eds.) *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications, 2008b.

_____.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Transitivização de *sumir* e *desaparecer* no português brasileiro: um caso de construcionalização lexical

Monclar Guimarães Lopes (UFF)

O objetivo deste trabalho é o de descrever o processo de transitivização dos verbos *sumir* e *desaparecer* no português brasileiro. Tais verbos, a despeito de serem tradicionalmente formas inacusativas – isto é, verbos intransitivos a cujos sujeitos atribui-se um termo de papel paciente –, podem apresentar-se em construções transitivas em nossa sincronia, haja vista que passam a instanciar uma nova construção: [S_{agt} V.COM OBJ_{afetado}]. Abaixo, seguem dois exemplos extraídos do *Corpus do Português*:

- (1) Já está criada. Uma coisa ele pode dormir tranquilo: não vou fazer o que ele ou os assessores dele fizeram. Não vou **sumir com** documento de projeto.

- (2) O TJ não tem interesse em **desaparecer com** um cidadão como esse, pelo contrário.

Em (1) e (2), observam-se instanciações das duas microconstruções de estrutura argumental em análise, nas quais se prevê tanto um argumento externo no papel de agente quanto um argumento interno no papel de afetado. Em seus empregos mais primitivos, *sumir* e *desaparecer* instanciam a construção inacusativa: [S_{pac} V].

Com base na *Teoria da Construcionalização*, de Traugott e Trousdale (2013), assume-se que o processo de transitivização em estudo seja um caso de construcionalização lexical, na medida em que tanto o entricheiramento do verbo e da preposição quanto a perda de composicionalidade acarretam uma FORMA_{NOVA}-SENTIDO_{NOVO}, cujo resultado representa uma nova aquisição para o inventário lexical.

Nas duas microconstruções, a preposição *com* encontra-se com seu sentido esmaecido – em que não se recupera sua noção básica de *associação* – e passa a operar conjuntamente com o verbo para a expressão de um novo sentido de valor resultativo, que poderia ser parafraseado pela seguinte construção com o verbo *fazer*: *alguém faz algo desaparecer/sumir*.

Defende-se que tal processo de construcionalização tenha sido cognitivamente motivado. Nessa perspectiva, haveria contextos atípicos (DIEWALD, 2002) que promoveriam uma inferência sugerida. Numa frase como “O casal desapareceu com o

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

pálio”, por exemplo, é tanto possível entendê-la como *o casal e o pálio desapareceram* quanto *o casal fez o pálio desaparecer*. Neste último caso, a nova interpretação resulta numa construção transitiva – em um novo nó na rede construcional –, que se tornou bastante produtiva na língua, haja vista o aumento na frequência de uso nas ocorrências dessas microconstruções no final do século XX e início do XXI.

Paralelamente a essa defesa, assume-se que a inferência sugerida seja motivada pela tendência de o sujeito sintático apresentar uma propriedade de causação. Segundo Langacker (2008), o sujeito sintático tende a ser lexicalizado pelo termo mais proeminente da cadeia de ações. Por cadeia de ações, compreende-se um arquétipo da gramática cognitiva, o qual esquematiza o processo de transferência de forças de um participante para o outro. Como ilustração, podemos tomar como exemplos as frases “Pedro abriu a porta com a chave”, “A chave abriu a porta” e “A porta abriu”. Nos três casos, o não perfilamento do elemento mais proeminente da cadeia de ações (Pedro → chave → porta) favorece a lexicalização do participante seguinte como sujeito sintático. Ou seja, se *Pedro*, *chave* e *porta* encontram-se lexicalizados, *Pedro* tende à posição de sujeito; se *chave* e *porta*, *chave* assumirá essa posição e, por fim, se só a *porta* é perfilada, ela tende a ser o sujeito sintático.

Sob essa ótica, acredita-se que a instanciação das microconstruções transitivas SUMIR.COM e DESAPARECER.COM seja favorecida pelo perfilamento de participantes com propriedades de causação juntos aos participantes de papel paciente. Em nosso *corpus*, por exemplo, observamos um grande número de ocorrências em que o sujeito sintático da construção transitiva poderia ocupar a função de adjunto adverbial (em sintagma preposicionado) da construção inacusativa, por exemplo: a) *a troca da marca utilizada costuma desaparecer com a coceira* (transitiva); b) *a coceira costuma desaparecer com a troca da marca utilizada*.

Como metodologia de pesquisa, fez-se análise quantitativa e qualitativa de dados a partir do século XIV, extraídos do *Corpus do Português*. Observou-se que as construções transitivas de *sumir* e *desaparecer* surgem nos registros escritos a partir do século XIX (mais especificamente, a primeira no século XIX e a segunda no século XX). Durante a análise, separaram-se os contextos de mudança linguística nos parâmetros de Diewald (2002). Constatou-se que as ocorrências da construção de *sumir*, além de mais frequentes, revelam mais contextos atípicos que as de *desaparecer*. Isso mostra que a primeira, além de mais antiga na língua, pode ter promovido à construcionalização da segunda através de um processo analógico, isto é, uma vez formado um sub-esquema de padrão V.COM na

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

constructicon, “a regra” tornou-se produtiva, admitindo novos elementos e promovendo novas microconstruções.

Palavras-chave: transativização; construcionalização lexical; linguística funcional centrada no uso.

Referências bibliográficas:

DIEWALD, Gabriele. “A model of relevant types of contexts in grammaticalization”, in: Ilse Wischer & Gabriele Diewald (edição). *New reflections on grammaticalization*, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 103-120.

LANGACKER, Ronald. *Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.

LOPES, Monclar Guimarães (2015). *Transitivização de desaparecer em perspectiva cognitivo-funcional*. Tese de doutorado. UFF.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graemme. *Constructionalization and constructional changes*. New York: Oxford University Press, 2014.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Fonologia cognitiva e uso linguístico: os róticos de africanos francófonos e anglófonos

Davidson Martins Viana Alves (UFF/CNPq/UFRJ)

Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa “AQUISIÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DE LÍNGUAS NÃO MATERNAS E ENSINO DE PRONÚNCIA”, que é coordenado pela professora doutora associada IV Mônica Nobre, da Faculdade de Letras/UFRJ. Objetiva-se analisar dados da produção oral de francófonos e anglófonos de português como língua estrangeira, sob o continuum fonética-fonologia, primeiramente visando à caracterização acústica e, posteriormente, às múltiplas representações fonológicas dos sons que pertencem ao inventário sonoro da interfonologia. Especificamente, investiga-se a realização dos róticos, dentre eles estão as consoantes tepe alveolar, fricativa uvular/velar e retroflexa, que estão em competição e concorrência com outros itens que ocupam a mesma posição silábica na língua materna dos referidos participantes desta pesquisa. Metodologicamente, este trabalho apoia-se em ferramentas de tecnologia de fala, como o software utilizado para análise e síntese de fala - PRAAT, versão 5.4.08, de Paul Boersma & David Weenink, em questionários contendo: informações dos informantes como dados relacionados às suas experiências na aprendizagem e ao uso da língua não materna, em testes de produção de fala e em escalas qualitativas e quantitativas das frequências de tipo e de ocorrência dos itens linguísticos a serem analisados. Ademais, vale ressaltar que a discussão sobre as noções aferidas ao vocábulo “marca”, desde o ponto de vista biológico-anatômico ao viés político-cultural é bastante importante para este trabalho. Investiga-se, especificamente, a noção de marca linguística, que é construída socioculturalmente e produzida a partir de práticas sociodiscursivas de inclusão e exclusão social por meio das múltiplas representações da linguagem. A apresentação basear-se-á nos pressupostos teóricos de (1) Bybee (1994, 2001a) e Pierrehumbert (2001a), que apresentam, para a fonologia, em uma perspectiva cognitivo-funcional, os modelos baseados no uso, e que tratam a linguagem como um sistema variável e remoldado continuamente pelo uso e pela experiência dos falantes, que, de acordo com propósitos cognitivos e comunicativos, estão em interação até involuntariamente nos atos de perceber e produzir linguagem; (2) Almeida Filho (1993, 2009), que investiga o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, os conceitos de interlíngua e transferência linguística entre línguas “próximas” tipologicamente. Deste modo, mesmo que o professor de português para estrangeiros ensine como o nativo e como o aprendiz proficiente em português como língua estrangeira

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

produzem os segmentos e suprasegmentos fônicos componentes do sistema linguístico e, ainda, todas as regras de “bom uso” e de “boa pronúncia” da língua-alvo em questão, verifica-se que o falante ideal, a pronúncia ideal e tudo o que for idealizado são impossíveis de existir e de ser produzidos efetivamente. A impossibilidade dessa produção constitui-se pelo fato de o falante-aprendiz ter características próprias e uma identidade fluida e “camaleônica”, que por serem tão mescladas pelas múltiplas representações de pronúncias, passam a constituir-se de, também, múltiplas identidades, um constructo sígnico e imagético multifacetado. Nesta perspectiva, como resultado qualitativo preliminar, verifica-se que os dados analisados apontam para a ratificação de alguns pressupostos dos modelos de uso, como (1) a frequência de ocorrência exerce impacto sobre o uso e este promove a alteração imediata das representações, que são dinâmicas, e (2) a natureza simbólica e não-autônoma da gramática evidencia que construtos cognitivos interfonológicos não desempenham apenas funções fonético-fonológicas associadas a estruturas linguísticas pré-existentes na L1 (língua fonte) ou na L2 (língua alvo), mas integram e moldam a própria arquitetura de sua gramática.

Palavras-chave: português como língua estrangeira; interfonologia; africanos anglófonos e francófonos.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. (org.). *Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas*. Campinas: Pontes Editores, 1993.

_____. *O Ensino de Português como Língua Não-Materna: Concepções e Contextos de Ensino*. Museu da Língua Portuguesa/Estação da Luz, 2009.

Disponível em: http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_4.pdf. Acesso em: 22 de maio de 2015.

BYBEE, Joan. A view of phonology from a cognitive and functional perspective.

Cognitive Linguistics, Mouton de Gruyter, Berlin/New York, v. 5, n. 4, 1994, p. 285-305.

_____. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001a.

Disponível em: <https://arkitekturadellenguaje.files.wordpress.com/2012/07/phonology-and-language-use.pdf>. Acesso em: 18 maio 2015.

PIERREHUMBERT, Janet. “Exemplar dynamics: Word frequency, lenition, and contrast”.

In BYBEE, J. & HOPPER, P. (eds.) *Frequency effects and the emergence of lexical structure*. John Benjamins, Amsterdam. 2001a. p. 137-157. Disponível em:

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

http://faculty.wcas.northwestern.edu/~jbp/publications/exemplar_dynamics.pdf.

Acesso em: 18 maio 2015.

A construção de movimento-causado no português brasileiro

Fernanda da Silva Ribeiro (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

O presente trabalho centra-se na Construção de Movimento-Causado (doravante CMC), cujo estudo se insere nas pesquisas em Gramática de Construções, dentro do arcabouço teórico da Linguística Cognitiva. Na obra *Constructions: a construction grammar approach to argument structure* (1995), Adele Goldberg define a CMC estruturalmente como [SUJ [V OBJ OBL]], em que V designa um verbo não estativo, e OBL, abreviatura de “oblíquo”, denota um sintagma preposicional direcional. Semanticamente, a CMC é entendida como “X causa Y a mover-se para Z”: o sujeito (X), cujo papel temático é o de agente, é responsável pelo deslocamento do objeto (Y) para determinada direção (Z) por intermédio de uma ação verbal. Exemplos da CMC apresentados pela autora incluem: *Joe kicked the dog into the bathroom* e *Pat loaded hay onto the truck*. Além desses exemplos, que contêm verbos reconhecidos na literatura como transitivos, a CMC da língua inglesa comporta, em sua sintaxe, verbos prototipicamente intransitivos, como mostram outros exemplos de Goldberg (1995): *They laughed the poor guy out of the room* e *Frank sneezed the tissue off the table*. A leitura de movimento-causado é possível, uma vez que o ambiente construcional fornece aos verbos *laugh* e *sneeze* um OBJ e um OBL. Tais papéis argumentais são, portanto, definidos pela construção como um todo, ao contrário dos papéis participantes, os quais consistem nos argumentos verbais. Além disso, a CMC está vinculada a uma rede de laços polissêmicos, consoante o Princípio da Motivação Maximizada, havendo, pois, diferentes leituras semânticas da construção dentro de uma mesma estrutura sintática: a) “X causa Y a mover-se para Z”; b) “Condições de satisfação fazem X causar Y a mover-se para Z”; c) “X permite Y a mover-se para Z”; d) “X impede Y de mover-se para Z” e e) “X ajuda Y a mover-se para Z”. Além dos vínculos polissêmicos, as Redes Construcionais também preveem a CMC dentro de uma rede que envolve laços metafóricos com a Construção Ditransitiva e a Construção Resultativa, por exemplo. O objetivo deste trabalho é mostrar como a CMC proposta por Goldberg (1995) pode ser descrita sob a ótica do Português Brasileiro. O fato de não existirem, ainda, trabalhos que discutam tal construção de estrutura argumental de modo aprofundado dentro da língua justifica o presente estudo. A pesquisa, que se encontra em seu estágio inicial, conta com o Corpus Brasileiro do Linguatca (<http://www.linguatca.pt/aceso/corpus.php?corpus=CBRAS>), o qual contém, aproximadamente, um bilhão de palavras. A partir de uma busca aleatória de exemplos da

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

CMC do Português no Corpus Brasileiro, encontrou-se uma quantidade considerável de ocorrências as quais não evidenciaram a presença de verbo intransitivo recebendo papel argumental da construção, o que já era previsto, levando-se em consideração o fato de algumas línguas serem mais tolerantes à presença de determinados itens lexicais em construções específicas do que outras (PEREK & HILPERT, 2014; CROFT, 2004). A análise preliminar dos dados indicou que, embora atendam à estrutura sintática postulada por Goldberg (1995), as CMC em português parecem ser construídas em termos de uma rede construcional instanciada preferencialmente por laços metafóricos (ex.: *Nazismo leva polêmica a festival de Roterdã*). Desse modo, com esta pesquisa, pretende-se mostrar o comportamento da CMC no Português do Brasil, abrindo, assim, outras possibilidades de estudo na área.

Palavras-chave: Construção de Movimento-Causado; Metáfora; Português Brasileiro.

Referências bibliográficas:

CROFT, W.; CRUISE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

LAKOFF, G. e JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Educ, 2002.

PEREK, F.; HILPERT, M. *Constructional tolerance: cross-linguistic differences in the acceptability of non-conventional uses of constructions*. In: *Constructions and Frames*. John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 266-304.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

A relação de semelhança no PB à luz da GCBU

Heloise V. G. Thompson (Doutoranda - UFRJ)

A noção de semelhança pode ser expressa de diversas formas na língua portuguesa. No que diz respeito à semelhança por igualdade, nota-se que, de maneira geral, muitas de suas formas evocam um mesmo padrão abstrato. Em outras palavras, pode-se afirmar que a relação de semelhança no Português do Brasil (PB) dá-se nos moldes de construções similares quanto à forma e conteúdo semântico que veiculam. Veja alguns exemplos:

- Aí.. como é que [**minha família é... mais ou menos como eu.**] (Rodrigues, 2013)
- Madrugadão: [**A que ele tinha era tipo essa**], sente só, saca o peso. (Thompson, 2013)
- D. Alice: Eu gosto dela, ela tem um astral pra cima.

Seu Álvaro: Se você gosta é porque tem vontade de [**ser igual a ela**]. (Tota, 2013)

No exemplo (1), há uma construção de semelhança em que o item *como* liga e reforça a relação de comparação entre um sintagma oracional (“Minha família é mais ou menos”) e um sintagma nominal (“eu”). O exemplo dois apresenta o item *tipo* unindo o período “A que ele tinha era” e o pronome “essa”, ressaltando a relação de semelhança partilhada por eles. No exemplo 3, tem-se o item *igual (a)* conectando o sintagma verbal “ser” ao sintagma nominal “ela”. É possível notar que os três exemplos apresentam dois elementos em cotejo ligados por um item determinado. Mais ainda, os elementos cotejados podem ser de diferentes naturezas (oracionais e não-oracionais). Com base nisso, pode-se chegar a uma estrutura básica para as construções de semelhança de igualdade, uma construção abstrata, que seria: X + item que estabelece semlhança + Y.

Acredita-se que as diferentes instanciações para as construções de semelhança se relacionam entre si dentro de uma rede de elementos categorizantes, formando uma família de construções de semelhança. Na linha desse pensamento, o presente trabalho tem como objetivos: (a) mapear os possíveis padrões formais das construções de semelhança com *tipo e igual* no PB e (b) verificar se há diferença quanto à produtividade dessas construções.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Este trabalho utiliza como suporte teórico os preceitos da Gramática das Construções Baseada no Uso (GCBU), encontrados em estudos como os de BYBEE (2013), DIESSEL (2015), GOLDBERG (1995) e ZESCHEL (2010). Assim, parte-se do princípio de que a gramática de uma língua constitui-se de uma rede dinâmica de unidades que se encontram interligadas por meio de diferentes relações categorizantes. Tais unidades são chamadas de construções, que se constituem de qualquer pareamento convencional de forma e significado.

Para a presente pesquisa, foram analisadas 354 ocorrências, retiradas do *Corpus Oral Brasileiro*, disponível no site www.linguateca.com. Das 354 ocorrências, 235 apresentavam o item *tipo* e 119, o item *igual*. No entanto, das 235 ocorrências com *tipo*, apenas 20 apresentavam-se em construções de semelhança. Das 119 ocorrências com *igual*, apenas 35 envolviam construções de semelhança.

Ao fim da pesquisa, foram encontrados dois padrões de instanciações para as construções de semelhança com *tipo* e cinco padrões para as construções com *igual*. Estas se mostraram mais produtivas, apresentando caráter mais esquemático.

Referências bibliográficas:

- BYBEE, J. Usage-based theory and exemplar representation of constructions. In.: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University Press, 2013.
- DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In.: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. *Handbook of cognitive linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.
- RODRIGUES, V. V. A expressão da comparação de igualdade em Português. In.: RODRIGUES, V. V. (org.) *Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. 158 p.
- THOMPSON, H. V. G. *Do léxico à gramática: diferentes usos de tipo*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.
- TOTA, F. O. *De modificador a conector: um estudo sincrônico de igual*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2013.
- ZESCHEL, A. Exemplars and analogy: semantic extensions in constructional networks. In.: GLYNN, D.; FISCHER, K. (Eds.). *Quantitative methods in cognitive semantics: corpus-driven approaches*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010.

“pense numa cachorraçada doida”: Construções Morfológicas e Quantificação na LP

Igor de Oliveira Costa (IFNMG)

Este trabalho analisa um nóculo da grande rede de Construções Quantificadoras Mórnicas do Português (CQM) – [X_N-Sfx.Quant.] –, reconhecidas como estratégias morfológicas de evocação da noção de grande quantidade, tal como ilustrado nos exemplos a seguir:

- (1) Para onde vai essa **dinheirada** toda?
- (2) A **mosquitarada** tá indo pra cima sem dó!
- (3) Você é muito criança, vê se cresce e tira essas **bonecaçada**.

O estudo serve de estofa a um objeto teórico mais amplo, qual seja a proposição de um trato construcionista da morfologia derivacional (MIRANDA, 2013; RHODES, 1992). A Gramática das Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006; BOAS, 2013), entendida como um Modelo Baseado no Uso (BYBEE, 2010), fornece o aparato teórico central a esta pesquisa. Da premissa sociocognitivista que reivindica a centralidade da experiência na constituição da linguagem deriva outro fundamento crucial à sustentação das análises, qual seja a proposição de convergência entre o escopo teórico construcionista e a Semântica de Frames (FILLMORE, 2009[1982], 1985; RUPENHOFER et al., 2010). Dado o relevo do uso no modelo teórico-analítico eleito, acolhe-se, em termos metodológicos, uma Linguística Cognitiva baseada em *corpus* (FILLMORE, 2008[1992]; MCENERY, XIAO E TONO, 2006), o que implica o uso de *corpora* eletrônicos e ferramentas computacionais na análise dos dados.

As construções, instituídas pelo esquema imagético COLEÇÃO (CLAUSNER E CROFT, 1999; JOHNSON, 1987), são caracterizadas, em termos formais, pela fusão de um núcleo quantificável – um nome contável (exemplos 2 e 3) ou massivo (exemplo 3) – a um sufixo quantificador (nos casos estudados, {-ada}, {-arada} e {-aiada}) e, em termos semânticos, pela evocação do frame Quantidade. Assim, nos exemplos, os sufixos {-ada}, {-arada} e {-aiada}, fundidos, respectivamente, a “dinheiro”, “mosquito” e “boneca”, sugerem a ideia de grande quantidade desses elementos. Tais construções ainda evocam uma avaliação da cena cognitiva através da evocação do frame Desejabilidade. Assim,

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

além de quantificar o elemento X, tais construções indicam se a grande quantidade de X é positiva (desejável) ou negativa (indesejada). Nos exemplos, todas as instâncias das Construções Quantificadoras Mórficas apontam para uma avaliação negativa da cena. No que diz respeito aos seus usos, as CQM apresentam-se como estratégias de quantificação e avaliação pertinentes a gêneros mais distensos da Língua Portuguesa.

As análises apontam, ainda, para a consistência de um trato construcionista para a morfologia derivacional, bem como para a riqueza linguística e cognitiva dos padrões construcionais investigados, e ilustram como a morfologia comprime cenas complexas em pequenos enunciados.

Palavras-chave: Gramática das Construções. Morfologia Derivacional. Construções Quantificadoras do Português.

Referências bibliográficas:

BOAS, H. C. Cognitive Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p.233-252.

BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CLAUSNER, T. C.; CROFT, W. Domains and image schemas. *Cognitive Linguistics* v. 10, n. 1, p. 01-31, 1999.

FILLMORE, C. “Corpus Linguistics” or “Computer-aided Armchair Linguistics”. In FONTENELLE, T. *Practical Lexicography*. Oxford: Oxford University Press, 2008[1992]. p. 105-122.

_____. Semântica de Frames. Trad. Galeno Fae da Silva. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 25, p.25-54, 2009[1982].

_____. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semântica* v. 6, n. 2, p. 222-254, 1985.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Construction: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

JOHNSON, M. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

McENERY, T. R.; XIAO, R.; TONO, Y. Corpus Linguistics: The basics. In _____. *Corpus-Based Language Studies: An advanced resource book*. London/New York: Routledge, 2006. p. 03-11.

MIRANDA, N. S. *Construções Superlativas Morfológicas do Português*. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2013.

RHODES, R. A. What is a morpheme? A View from Construction Grammar. In *Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society* (General Session and Parasession on The Place of Morphology in a Grammar), n. 08. Proceedings... Berkeley: University of California, 1992. p. 409-423.

RUPPENHOFER, J. *et al. FrameNet II: Extended Theory and Practice*. Sep., 14th, 2010 version. 2010. Disponível em: <<http://framenet.icsi.berkeley.edu/>> Acesso em: 20 out. 2010.

Esquema de formação de palavras neoclássicas: uma proposta de análise para os compostos neoclássicos.

Neide Higino da Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

O objetivo deste trabalho é analisar a estrutura morfológica de construções constituídas por radicais neoclássicos, a fim de identificar características que possam estabelecer relações entre palavras complexas que, em princípio, apresentam-se como distintas, em função dos diferentes elementos que as constituem (*micróbio, agrologia, autografo, autódromo, cachorródromo*). No entanto, essas composições apresentam um grau de semelhança relacional que influencia a categorização dessas construções, analisadas a partir do *continuum* composição-derivação, como proposto por Bauer (2005), Kastovsky (2009), Gonçalves (2011b) e Gonçalves e Andrade (2012). Considera-se uma rede de associações estruturais, de acordo com Bybee (2010).

O *corpus* analisado é formado de verbetes do *Dicionário Eletrônico Houaiss*, do *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa* e de informações recolhidas por meio da *Internet*, sobretudo a ferramenta eletrônica de busca *Google*. As duas primeiras fontes serviram como recurso para observar formas já consagradas na língua; a última, por sua vez, funcionou para verificar novas formações. Observou-se a origem dos diferentes elementos que constituem os compostos e as características comuns, mais especificamente, a vogal fronteira entre as bases dessas construções.

As formações neoclássicas prototípicas apresentam, na base à esquerda, uma vogal final *-o-* ou *-i-* remanescente de um marcador composicional do grego ou do latim, respectivamente, como visto em *autógrafo* e *vinicultura*, e, conseqüentemente, estão ligadas a essa base. Villalva e Silvestre (2014) destacam que *-o-* é a vogal *default* nas construções.

Já as formações híbridas, isto é, constituídas por elementos do vernáculo e por elementos clássicos possuem um comportamento variado: a) em construções em que a base à esquerda é um elemento neoclássico e a base à direita é um elemento do vernáculo, a vogal aparece adjungida ao primeiro elemento, como em *agroexportador, homoafetivo*; contudo, quando o primeiro elemento pertence ao vernáculo e o segundo é um elemento neoclássico, a vogal pode migrar para base à direita, criando construções do tipo *X-ógrafo* e *X-ólogo*, de acordo com Rodinini (2004), e *X-ódromo*, conforme Pires (2014). Em algumas composições, em que as duas bases fazem parte do vernáculo, há a ocorrência dessa vogal fronteira, a exemplo de *dento-bucal, buco-maxilar, linguodental*, que não se

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

relaciona nem com o primeiro, nem com o segundo elemento, mas caracteriza estruturalmente esses adjetivos compostos.

À luz de Mattoso Camara (1977), Li Ching (1973), Monteiro (1998), Kehdi (1999), Villalva (1994), Caetano (2010), Gonçalves (2011b), e Villalva e Silvestre (2014) e das gramáticas latina e grega, examinamos a vogal fronteira entre os compostos neoclássicos, elemento estrutural, que mantém uma rede associativa (Bybee 2010) entre palavras distintas (*ecofonia, automóvel, agromoda, público-privado, linguodental*). Partimos da hipótese de que as vogais fronteiras, associadas às situações de uso (domínio técnico-científico), seriam um ponto comum entre as diferentes construções, gerando um esquema ou uma construção mais geral, por meio do qual novos dados são criados.

Palavras-chave: compostos neoclássicos; rede associativa, esquema de formação de palavras neoclássicas.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

A conceptualização das expressões de futuro mais recorrentes no Português

Brasileiro (PB)

Robson Borges Rua (UFF/ CAPES)

A discussão em torno do tempo na linguagem é algo que parece estar distante de se chegar a um consenso. Certamente, uma das questões que mais contribui para esta falta de consenso é o procedimento teórico-metodológico adotado para a realização de pesquisas que se debruçam em torno desta temática. Langacker (1991), já chamara a atenção para a forma como se atribui o tratamento ao tempo, em relação à linguagem. Para o autor, é preciso levar esta discussão mais a sério, a fim de verificar se a noção de passado e presente não passam de afirmações ingênuas. Este trabalho não tem a intenção de apresentar resultados expressivos que possam desconsiderar pesquisas já realizadas em torno do tempo na linguagem, mas sim, de contribuir para o panorama dos estudos linguísticos, por meio de resultados que, de certo modo, são consequências de escolhas de percursos teórico-metodológicos. Para tal, realizou-se um recorte acerca do tempo, focalizando a atenção para o campo da futuridade no Português Brasileiro (PB), a ter como objeto de investigação as três formas de expressão mais recorrente nesse idioma: *presente do indicativo*, *futuro simples* e *futuro perifrástico*. Logo, objetiva-se identificar possíveis nuances de significados que possam existir entre essas três formas de expressão, ao serem selecionadas por um conceptualizador. Com o intuito de fazer uso de um arcabouço teórico que pudesse auxiliar na investigação sobre o fenômeno da futuridade, por meio das três formas de expressão de futuro em estudo, recorreu-se ao aporte da Linguística Cognitiva, na esteira de Geeraerts (2006), Geeraerts e Cuyckens (2007), Fillmore (2006) e Ferrari (2014). Além disso, discorreu-se sobre os estudos de Langacker (1991, 2008), os quais, respectivamente abordam questões relacionadas ao modelo do momento evolucionário, que por sua vez apresenta dois tipos de realidade: potencial e projetada; e à noção de *construal*, que é a construção do significado linguístico a partir da perspectivação de um conceptualizador. Assim, constituiu-se um banco de dados composto por manchetes e lides de cinco jornais eletrônicos do país: Jornal Liberal (PA), A Tarde.com (BA), Diário da Manhã (GO), Jornal do Brasil (RJ) e Zero Hora (RS). Foram coletadas 343 ocorrências das três formas de expressão de futuro no período de junho do ano de 2015 a junho do ano de 2016. Para fins de análise, adotou-se três parâmetros: *atividade programada*, *especificador circunstancial* e *certeza epistêmica*, com a finalidade de identificar (i) em qual forma de expressão de futuro o conceptualizador apresenta maior grau de certeza epistêmica em

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

relação à publicação de uma matéria jornalística; (ii) se a presença do especificador circunstancial no entorno discursivo das formas de expressão de futuro é um fator relevante para configurara a atividade como programada e, por fim (iii) verificar a frequência de uso das formas de expressão de futuro em estudo. Os resultados parciais da pesquisa demonstram que em relação ao parâmetro da certeza epistêmica, a forma presente do indicativo é mais selecionada pelo conceptualizador, com um registro percentual de 96%. Isso implica afirmar que quando o conceptualizador apresenta maior grau de certeza acerca de uma informação, ele faz mais uso do presente do indicativo, seguido do especificador circunstancial, para produzir uma matéria em que o evento esteja relacionado ao tempo futuro. Porém, não se deve entender que o futuro simples e o futuro perifrástico são formas destituídas do parâmetro de certeza por parte do conceptualizador, pois estas formas apenas apresentaram um percentual inferior ao do presente do indicativo. A saber, futuro simples 66% e futuro perifrástico 57%. Outro resultado expressivo acerca desta pesquisa consiste na verificação da frequência de uso das formas de expressão em estudo. Das 343 ocorrências, 59% são formas de futuro simples, 24% de futuro perifrástico e 17% de presente do indicativo. Tal resultado deve-se dar em função da natureza do material coletado para análise, em que a modalidade priorizada foi a escrita. Por outro lado, não se descarta a possibilidade de se chegar a outros resultados, caso a modalidade do material coletado seja a oral.

Palavras-chave: Português Brasileiro; Futuridade; Conceptualizador.

Referências bibliográficas:

- GEERAERTS, D. Introduction: A rough guide to Cognitive Linguistics. In: GEERAERTS, D. (Org.). *Cognitive Linguistics: Basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
- _____, CUYCKENS, H. Introducing cognitive linguistics. In: GEERAERTS, H. CUYCKENS (Orgs.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. – São Paulo: Contexto, 2014.
- FILLMORE, C. Frame semantics. Introduction: A rough guide to Cognitive Linguistics. In: GEERAERTS, D. (Org.). *Cognitive Linguistics: Basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

LANGACKER, R. The Auxiliary: Grounding. In: *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. II: Descriptive applications. Stanford, California: Stanford University Press, 1991.

_____. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

A Morfologia Construcional aplicada à Flexão do Português Brasileiro

Wallace Bezerra de Carvalho (Estudante de Graduação da Faculdade de Letras, Bolsista CNPq)

Carlos Alexandre Victorio Gonçalves (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Este trabalho tem como objetivo principal aplicar os postulados da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010) a construções flexionais, tanto verbais quanto nominais, do português brasileiro (doravante PB), fornecendo, com isso, argumentos que evidenciem e sustentem, empiricamente, a teoria das construções gramaticais como forma de organização da linguagem. Para tanto, nos baseamos em uma perspectiva direcionada à Gramática de Construções aplicada à morfologia, inaugurada por Booij (2005), tendo como sua obra de referência Booij (2010), obra essa sob o mesmo nome da teoria proposta: Morfologia Construcional. Alocamos esse trabalho, também, sob o viés da Linguística Cognitiva, já que nossas referências também estão sob essa perspectiva, e, ao decorrer de nossa discussão, abordamos aspectos defendidos pela literatura dessa área no que está relacionado com o papel da cognição, especialmente o uso de memória, na utilização das línguas humanas.

De maneira a sustentar nossa análise, abordamos questões em flexão nominal e flexão verbal, apropriando-se de questões da linguística centrada no uso, utilizando dados relatados na literatura de produções reais de falantes, dados comumente estigmatizados no português brasileiro, neologismos, entre outros. Com isso, apresentamos, sempre, propostas de esquemas para as construções trabalhadas. No que concerne a flexão nominal, focamos na análise de dados do plural de nomes do PB, um esquema para o plural regular é apresentado, além de subesquemas para casos mais marcados. Logo em seguida, analisamos dados de plurais metafônicos, mais uma vez providenciando argumentos para a utilização da memória na manutenção de construções gramaticais. Por conseguinte, casos de *pluralia tantum* e plurais metafônicos são analisados, de maneira a evidenciar, mais uma vez, as propriedades das construções e o papel da memória humana no que concerne o uso da linguagem. Após analisarmos casos de flexão nominal, passamos a casos de flexão verbal, utilizando, à vista disso, paradigmas verbais, de modo que, nessa direção, evidenciamos a hipótese das relações paradigmáticas de Booij (2010). Tendo em vista paradigmas verbais, focalizamos, então, em casos da chamada alomorfa morfologicamente condicionada, em verbos das 3 conjugações do PB no Pretérito Imperfeito do modo Indicativo. Com o intuito de embasar

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

nossa análise, utilizamos tanto verbos já bem estabelecidos na língua, assim como verbos de entrada recente, os neologismos. Ademais, voltamos nossa atenção para perífrases verbais e sua relação com indicações flexionais da língua, para isso, usamos como exemplo formações com o verbo 'ir' em posição presa em construções, tendo outra semântica que não seu significado quando utilizado como verbo pleno, quando utilizado como forma livre.

Finalmente, percebemos, como conclusão desse trabalho, respondendo positivamente a nossos objetivos primários, percebemos que dados do PB fornecem evidência para os pressupostos da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010) e ajudam a tornar seus argumentos ainda mais fortes, concordando com previsões e comportamentos gramaticais descritos pela teoria, assim como tornar evidente a relação existem entre níveis da linguagem, apesar do foco dessa pesquisa ter sido flexão, outro postulado da Morfologia Construcional. Outrossim, acabamos por concordar com pressupostos da Linguística Cognitiva (FERRARI, 2011) no que concerne o uso de memória e cognição humana no que se refere a reconhecimento de padrões.

Referências bibliográficas:

ARCHANGELI, D.; PULLEYBLANK, D. Harmony, In: DE LACY, P. (ed.), *The Cambridge Handbook of Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 353-378, 2007.

BASÍLIO, M. *Formação e classe de palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BISOL, L. O diminutivo e suas demandas. *D.E.L.T.A.*, 26:1, pp. 59-85. 2010.

BOOIJ, G. Construction-dependent morphology. *Lingue e linguaggio*, v. 4, n. 2, p. 163-178, 2005.

BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOOIJ, G.. *Construction Morphology*. (2015) In: HIPPISEY, A.; STUMP, G. T..(eds.), *The Cambridge Handbook of Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, (no prelo).

BOOIJ, G. Morphology in construction grammar. In: *The Oxford Handbook of Construction Grammar*, p. 255-273, 2013.

CASTRO, I. *Curso de história da língua portuguesa*. Universidade Aberta. Lisboa, 1991.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. Editora Contexto. Rio de Janeiro, 2011.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

TEYSSIER, P.. História da Língua Portuguesa. Tradução de Celso Cunha. Martins Fontes. São Paulo, 2014.

WALSH, L. Representing Laterals. In Beckman, J.N (ed) Proceedings of the North-East Linguistics Society 25,v.1.GLSA.Amherst MA,1995.

A alternância entre pronomes possessivos de 3ª pessoa: uma abordagem experimental

Dailane Moreira Guedes (FL/UFRJ)

A pesquisa no presente espaço apresentada tem como objetivo analisar a atribuição de notas concedidas por participantes expostos a sentenças que possuem em sua composição pronomes possessivos de 3ª pessoa (*seu* e *dele*)⁵ com referente possuidor de traço *genérico* ou *específico* e *animado* ou *inanimado*. O intuito é realizar uma avaliação psicolinguística (DERWING; ALMEIDA, 2005; TRAXLER, 2012; KENENY, 2015; MAIA, 2015) sobre quais são as impressões dos falantes de Língua Portuguesa acerca da referência anafórica concretizada em construções nas quais esses possessivos aparecem.

Em trabalho anterior de Guedes (2014), cuja temática também se debruçava sobre a alternância dos pronomes possessivos de 3ª pessoa, foi realizada uma análise sociolinguística das ocorrências de *seu* e *dele* em um *corpus* de fala da região de Copacabana. Tendo como ponto de partida diferentes hipóteses postuladas na literatura sobre o tema, quais são as de *substituição de formas* (CERQUEIRA, 1996), *especialização de formas* (MÜLLER, 1996) e *exclusão de formas* (PERINI, 1985), buscou-se avaliar qual a situação atual da alternância entre *seu* e *dele* por meio de uma amostra de fala carioca.

Os resultados iniciais, obtidos mediante uma análise estatístico-computacional no programa *Goldvarb X*, apontaram que o possessivo simples *seu* parece ser preferido em contextos nos quais o referente possuidor apresenta traços [+ genérico] e/ou [+ inanimado], enquanto o possessivo perifrástico *dele*, em contramão, tem uso condicionado pela presença dos traços [+ específico] e/ou [+ animado] do possuidor. As hipóteses de *substituição de formas* e *exclusão de formas*, a partir desses resultados, não foram confirmadas na amostra, visto que os números referentes a fatores cruciais para confirmar a hipótese de substituição, como a faixa etária, não apresentaram relevância, e a hipótese de exclusão de formas, que considera que *seu* já não é mais um pronome possessivo de 3ª pessoa, foi refutada por haver na amostra um número considerável de ocorrências de *seu* nesse contexto de uso. Tal configuração, portanto, aponta para um caso de alternância de formas que parece estar se encaminhando para um processo de *especialização de formas*, aparentemente condicionada pelos traços semânticos do referente possuidor.

⁵ As formas *seu* e *dele* foram escolhidas como representativas para pronomes possessivos de 3ª pessoa por uma questão de praticidade e espaço. As formas referentes às flexões de gênero e número (*seus*, *sua(s)*/*deles*, *dela(s)*), contudo, também são devidamente consideradas no trabalho.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Com base em tais resultados preliminares, aos quais se busca confirmar, o objetivo vigente é dar andamento a um estudo experimental sobre a alternância entre *seu* e *dele*, agora com aparato em métodos psicolinguísticos, que podem trazer para o tema novas impressões.

A metodologia do projeto consiste em submeter um número determinado de participantes a uma tarefa experimental *offline* que tem como propósito observar qual a avaliação dos falantes acerca de sentenças em que os pronomes possessivos *seu* e *dele* estarão acompanhados por possuidores com os traços semânticos de maior e menor animacidade/inanimacidade e especificidade/generecidade. Com uma escala *Likert* que vai de 1 a 5, em que 1 (um) é a nota mais baixa, indicando que o falante considerou a construção inaceitável, e a mais alta 5 (cinco), que sinaliza a total aceitabilidade do falante, será averiguado o comportamento receptivo dos participantes a respeito das sentenças do teste. Em meio às sentenças em que estão presentes os itens experimentais (os pronomes possessivos *seu* e *dele*), estão também sentenças com distratores, que funcionam no experimento como uma forma de o participante não perceber o que está sendo de fato controlado, a fim de não afetar os resultados obtidos. A variável dependente do experimento é a *nota atribuída pelo participante à sentença*, enquanto as variáveis independentes são a) o tipo de pronome possessivo de 3ª pessoa (*seu* ou *dele*), b) a *natureza do possuidor*, que pode ser [+ genérico] ou [+ específico] e, por fim, c) a *animacidade do possuidor*, que pode ser [+ animado] ou [+ inanimado].

As previsões feitas acerca dos resultados são as de que os falantes atribuem menores notas às sentenças em que o pronome possessivo *seu* tem referente possuidor de caráter [+específico] e/ou [+animado], reservando as melhores notas às sentenças em que esse mesmo pronome tem como referente um possuidor de traços [+ genérico] e/ou [+ inanimado]. No que tange ao pronome possessivo *dele*, as melhores notas são dadas às sentenças em que o referente possuidor tem traço [+ específico] e/ou [+ genérico], enquanto as mais baixas são conferidas às sentenças de possuidor [+ genérico] e/ou [+ específico]. A hipótese a ser confirmada é se a alternância entre *seu* e *dele* de fato configura uma *especialização de formas*, como apontaram os resultados que serviram de ponto de partida para esta pesquisa.

Espera-se, com este experimento atualmente em andamento, contribuir para os estudos acerca do quadro pronominal brasileiro, mais especificamente no que tange ao uso dos pronomes possessivos. A abordagem experimental cede espaço para uma análise que

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

coloca a capacidade cognitiva do falante em foco, dando margens para interpretações que somam aos estudos sobre o conhecimento linguístico de falantes da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: pronome possessivo; terceira pessoa; psicolinguística

Referências bibliográficas:

CERQUEIRA, Vicente Cruz. *A sintaxe do possessivo no português brasileiro*. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, 1996.

DERWING, B. L.; ALMEIDA, R. G. De. *Métodos experimentais em linguística*. In: MAIA, M.; FINGER, I. (Eds.) *Processamento da Linguagem*. Pelotas, Educat, 2005. p. 401-442.

GUEDES, Dailane M. *Possessivos simples e perifrásticos no português brasileiro: investigando a 3ª pessoa*. (Trabalho de conclusão de curso) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

KATO, Mary A. *A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini*. DELTA, São Paulo, n. 1-2. pp. 107-120, 1985.

KENEDY, Eduardo. *Psicolinguística na descrição gramatical (versão completa)*. In: MAIA, M. *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 1-21.

LEITÃO, Márcio Martins. *O que é Processamento Anafórico?* In: MAIA, M. *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 45-58.

MAIA, Marcus. *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. Marcus Maia (org). São Paulo: Contexto, 2015. 208 p.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. MÜLLER, Ana Lúcia. *As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas?* DELTA, São Paulo, n. 1, pp. 125-152, 1996.

PERINI, Mário Alberto. *O surgimento do sistema de possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional*. DELTA, São Paulo, n. 1-2. pp. 1-15, 1985.

SILVA, Giselle M. O. *Variação no sistema possessivo da terceira pessoa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

TRAXLER, M. *Reference*. Introduction to Psycholinguistics. Understanding Language Science. 2012. p. 264-288.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013. 258 p.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

WEINREICH, Uriel. LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. *Directions for historical linguistics*. University of Texas Press. 1968.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

***We, you* ou *they*: processos cognitivos na escolha de pronomes pessoais**

Helen de Andrade Abreu (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Bolsista da CAPES – Proc. nº BEX 6928/15-3)

Em nosso trabalho anterior (Andrade e Ferrari, 2013), estabelecemos diferentes usos para os termos dêiticos *we* e *you* do inglês, e demonstramos que cada um desses usos é criado através de processos específicos de *blending* (Mesclagem Conceptual, daqui em diante) (Fauconnier 1994, 1997 e Fauconnier e Turner 2002), formando uma categoria radial (Rosch 1973, Lakoff 1987). O uso prototípico de cada um dos termos dêiticos forma o centro da categoria, enquanto o uso genérico de cada um desses termos ocupa a posição mais distante dentro da categoria radial.

Os objetivos da atual pesquisa são: a) aprofundar a investigação dos diferentes tipos de *we* e de *you*, incluindo o pronome *they*, explicando como o processo de *conceptual integration* (Integração Conceptual) (Lakoff, a ser publicado) ocorre na criação da categoria radial de cada um dos pronomes; b) investigar os diferentes níveis de Subjetividade/Intersubjetividade no usos dos três pronomes em sua forma genérica; c) investigar os processos cognitivos envolvidos na escolha dos pronomes *we*, *you* ou *they* por parte do falante.

Tomamos por embasamento teórico os pressupostos da Linguística Cognitiva, utilizando a Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1994, 1997) e as noções de Modelo Cognitivo Idealizado de Lakoff (1987) e categoria radial de Rosch (1973) e de Lakoff (1987). Em especial, utilizamos os conceitos de Subjetividade/Intersubjetividade de Langacker (1990) e de Integração Conceptual de Lakoff (a ser publicado).

Partimos de investigações prévias do *you* genérico, conforme investigado por alguns autores como Bolinger (1979) e Lansing (1989) e, através de uma abordagem cognitivista, Talmy (1988), Rubba (1996) e Marmaridou (2000). Partimos, ainda, de investigações mais recentes dentro da abordagem cognitivista, como Ferreira e Ferrari (2006), Anunciação e Ferrari (2009), Fontes e Ferrari (2010), sobre o português, e Ferrari (2014), sobre o português e o inglês. Esses autores, no entanto, não contrastaram os usos do *you*, *we* e *they* genéricos. Nossa investigação procura aprofundar o assunto, e demonstrar que existem estratégias cognitivas envolvidas na escolha entre os usos desses três pronomes genéricos.

A análise do presente trabalho baseia-se em corpus falado e escrito, retirado do COCA (*Corpus of Contemporary American English*), utilizando dados do inglês americano, de um período entre os anos de 2000 e 2015.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Nossos resultados até o momento demonstram que a) os processos de Integração Conceptual são responsáveis pela criação de cada tipo de uso de *we*, *you* e *they*, estando por trás da polissemia e, portanto, da criação da Categoria Radial de cada um dos três termos; b) *we*, *you* e *they* genéricos apresentam diferentes graus de Subjetividade/Intersubjetividade; c) a escolha entre *we*, *you* ou *they* genéricos resulta de diferentes estratégias de enquadramento da aproximação entre falante e ouvinte com relação ao evento descrito.

Os resultados encontrados poderão contribuir para uma compreensão integrada de processos cognitivos e estratégias comunicativas, que têm sido tratados de forma independente na literatura especializada.

Palavras-chave: dêixis; Integração Conceptual; Subjetividade

Referências bibliográficas:

- ANDRADE, H. e FERRARI, L. Aspectos genéricos da dêixis: o caso dos pronomes “you” e “we” em inglês. In: *Revista Philologus*, ano 19, nº 55, Rio de Janeiro: CIEFIL, jan./abr. 2013 – suplemento.
- ANUNCIACÃO, J. e FERRARI, L. “Quando eu não sou eu”; mesclagem conceptual em dêiticos de 1ª pessoa. In: FERRARI, L. (org.) *Espaços Mentais e Construções Gramaticais: do uso lingüístico à tecnologia*. Rio de Janeiro: Imprinta, pp. 20-40, 2009.
- BOLINGER, Dwight. To Catch a Metaphor: *You* As Norm. *American Speech* 54: 194-209. 1979.
- DAVIES, Mark. (2008-) *The Corpus of Contemporary American English: 520 million words, 1990-present*. Available online at <http://corpus.byu.edu/coca/>.
- FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, G. *Mappings in Thoughts and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, G. TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, L. *Blending, subjectivity and deixis: evidence from English and Brazilian Portuguese*. In Selected Papers from UK-Cognitive Linguistic Conference 4. London: UK-Cognitive Linguistics Association, 2014.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

FERRARI, L. e SWEETSER, E. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In *Viewpoint in language: a multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. 177-197.

FERREIRA, J. S. e FERRARI, L. V. Mesclagem, polissemia e dêixis. In: *Revista Linguística*, UFRJ, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 39-68, junho, 2006.

FONTES, V. M. e FERRARI, L. V. Dêixis e mesclagem: a expressão pronominalizada “a gente” como categoria radial. In: *Revista Linguística*, UFRJ, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 44-63, dezembro, 2010.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. *How brains think*. (in preparation)

LANSING, Jeff. *Impersonal you*. Manuscript, University of California, San Diego. 1989.

MARMARIDOU, S.S.A. *Pragmatic Meaning and Cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000.

ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In T.E Moore (ed), *Cognitive development and the acquisition of language*. NY: Academic Press, 1973.

RUBBA, J. Alternate grounds in the interpretation of deitic expressions. In: *Spaces, worlds & grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1996. p. 227-261.

SCAMPARINI, J. e FERRARI, L. Mesclagem, polissemia e dêixis. In: *Revista Linguística*, UFRJ, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 39-68, junho de 2006.

TALMY, L. The relation of grammar to cognition. In Brygida Rudzka-Ostyn, ed., *Topics in Cognitive Linguistics*, 165-205. Amsterdam: John Benjamins. 1988.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Dêiticos de Lugar e Esquemas Imagéticos em Amostras de Fala do Português

Brasileiro

Rachel Maria Campos Menezes de Moraes (UFF)

Neste trabalho, analisam-se os dêiticos de lugar em três amostras de fala do Projeto Peul (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) da UFRJ com o objetivo de estudar a relação existente entre os dêiticos de lugar e os esquemas imagéticos. Como arcabouço teórico utilizam-se estudos em linguística cognitiva e em dêixis, destacando-se Langacker (2002), (2006), Fonseca (1996) e Duque (2015). A Linguística Cognitiva pode ser compreendida como uma abordagem perspectivada da linguagem que se relaciona à experiência humana. De acordo com esta abordagem perspectivada como meio de conhecimento, as unidades e estruturas da linguagem são estudadas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, assim como da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual. A dêixis, fenômeno estudado neste trabalho, é compreendida, segundo Fonseca (1996), como um termo relacionado ao gesto de apontar, gesto este que pressupõe uma situação de comunicação face a face e uma intencionalidade significativa comum a dois sujeitos, situando-se a meio caminho do dizer. Os dêiticos são analisados em consonância com os esquemas imagéticos. Os esquemas imagéticos podem ser compreendidos como frames muito simples e muito básicos, envolvidos em relações espaciais básicas. São ainda considerados como estruturas abstratas e genéricas, que advém de experiências sensorio-motoras, facultadas pelas características da espécie humana. As imagens esquemáticas, que são de natureza sinestésica, dizem respeito a diversas atividades do ser humano no espaço (orientação, movimento, forma, equilíbrio, entre outras). Os dados analisados foram coletados de três amostras de fala do projeto Peul: a primeira representativa da faixa etária de 18 a 30 anos; a segunda, da faixa etária de 30 a 50 anos; e a terceira, da faixa etária acima de 50 anos. A análise desenvolve-se quantitativamente em termos percentuais, e qualitativamente, buscando-se relacionar as ocorrências de dêiticos de lugar a esquemas imagéticos. O trabalho busca confirmar a hipótese de que alguns dêiticos se relacionam preferencialmente a alguns esquemas imagéticos específicos. Os resultados encontrados confirmam a hipótese postulada, uma vez que 98,4% das ocorrências do dêitico “aí”, 91,3% do dêitico “ali”, 66,5% do dêitico lá e 65,1% do dêitico “aqui” relacionam-se ao esquema imagético de centro-periferia. Os resultados concernentes ao dêitico “Cá”, no entanto, são bem diferentes. Suas ocorrências, na maioria

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

dos casos 76,9%, referem-se ao esquema trajetória. Assim sendo, objetiva-se apresentar e discutir os resultados encontrados na análise dos dados, buscando justificar a relação evidenciada entre os dêiticos de lugar e os esquemas imagéticos a eles relacionados.

Palavras-chave: Dêiticos; Esquemas Imagéticos; Sociolinguística Cognitiva.

Referências bibliográficas:

- DUQUE, Paulo H. Discurso e Cognição: Uma Abordagem Baseada em Frames. Revista da Anpoll, Florianópolis, n. 39, p. 25-48, jul./ago. 2015. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/902>. Acesso em: 18 de abril de 2016.
- FONSECA, Fernanda I. Dêixis e Pragmática Linguística. In: FARIA, I. H. et al. Introdução à Linguística Geral e Portuguesa. Lisboa: Caminhos, 1996, p. 437-445. Disponível em: <http://area.dgidc.min-edu.pt/GramaTICa/deixisirene5.html>. Acesso em: 12 de fev. de 2012.
- LANGACKER, R. W. Deixis and Subjectivity. [S.l.: s.n.], 2002.
- LANGACKER, Ronald, W. Cognitive Linguistics: basic readings. Moton Degruyter: Berlin; New York, 2006.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Conceptualização da contrariedade em interação face a face: usos do *mas*(cláusula) como construtor de espaços epistêmicos e conversacionais

Sandra Pereira Bernardo (UERJ)

Naira de Almeida Velozo (UERJ)

Neste trabalho, inserido na temática “Cognição e usos linguísticos”, analisam-se, qualitativamente, ocorrências da construção *mas*(cláusula) na primeira sessão de um caso de mediação desenvolvido em paralelo a um processo de regulamentação de visitas. Tal sessão ocorreu no dia 29 de maio de 2007, na Vara de Família do Fórum de uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. No processo, contemplava-se a possibilidade de o pai, o requerente, encontrar-se com os filhos com mais frequência, não apenas a cada quinze dias, durante os finais de semana, conforme fora estabelecido. A gravação da sessão totalizou 45 minutos de conversa, os quais foram transcritos de acordo com os procedimentos da Análise da Conversa Etnometodológica (AC) e com as convenções de transcrição desenvolvidas por Gail Jefferson, estabelecidas em Sacks, Schegloff e Jefferson (2003[1974]). Segundo Sweetser (1991), o conector *but* relaciona segmentos que contrastam entre si ou colidem em nível epistêmico, referente ao mundo mental dos interlocutores, ou conversacional, relacionado aos atos de fala. Dessa forma, objetiva-se apresentar uma proposta semântico-cognitiva de descrição do conector *mas*(cláusula) como construtor de espaços mentais epistêmicos e conversacionais que atuam no gerenciamento da conversa, com base, sobretudo, nos estudos da linguagem como um Modelo Baseado no Uso (TOMASELLO, 2003a[1999]), na Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1997), e nos conceitos de *frame* (FILLMORE, 1982) e *modelos cognitivos idealizados* (LAKOFF, 1987). Partiu-se da hipótese de que o conector opera em diferentes níveis discursivo-cognitivos, gerenciando espaços mentais ativados explicita ou implicitamente e modelos cognitivos idealizados (MCIs) ao longo da interação, o que se difere, por exemplo, da perspectiva da Semântica Argumentativa (OLIVEIRA, 2001), para a qual o conector negaria um implícito do primeiro membro coordenado. Os resultados da pesquisa corroboram as hipóteses, uma vez que o conector *mas* relaciona, indiferentemente, espaços explícitos, implícitos e espaços explícitos a implícitos, sejam os últimos ativados por pressuposição ou implicatura. Constatou-se ainda que a contrariedade epistêmica sinalizada pelo uso do conector pode ocorrer em relação às bases de conhecimento que apoiam os espaços mentais, como *frames* e MCIs, ou em relação ao tipo de espaço construído, por exemplo, quando o conector relaciona um espaço de

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

representação e um espaço de asserção, manifestada como realidade; e que a contrariedade em nível conversacional é ativada na tentativa de invalidar um encaminhamento discursivo, o que causa interrupção na formação da rede acerca de um tópico ou subtópico e força um redirecionamento por parte do interlocutor. Por vezes, a contrariedade em nível conversacional é ativada com o propósito de ajustar o foco dos interlocutores para um mesmo MCI ou elemento de MCI que apoia a rede construída anteriormente ao uso do *mas*. Espera-se, com este trabalho, refletir sobre o papel da construção *mas(cláusula)* no gerenciamento da conversa e dos estados mentais e intencionais dos participantes dessa, a partir da proposta de descrição dos espaços mentais ativados pela construção, e colaborar com a investigação acerca de como os sentidos são construídos, desconstruídos e reconstruídos no encadeamento discursivo, por meio de implícitos ou de pistas linguísticas.

Palavras-chave: Conceptualização da contrariedade. Usos de *mas(cláusula)*. Espaços Mentais. MCIs.

Referências bibliográficas:

- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FILLMORE, C. Frame semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing, 1982. pp. 111-137.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- OLIVEIRA, Helênio. *Descrição do Português à Luz da Linguística do Texto*. UFRJ/ Faculdade de Letras, 2001.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. *Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa*. Tradução Maria Clara Castellões de Oliveira e Paulo Cortes Gago. *Revista Veredas de Estudos Linguísticos*, v. 7, n. 1 e 2, p. 11-43.
- SWEETSER, E.. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- TOMASELLO, Michael. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- VELOZO, Naira A. *Usos de mas+cláusula no gerenciamento da conversa: uma proposta de descrição semântico-cognitiva*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas/Língua

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

Por uma abordagem experimental das formas de tratamento no Português Brasileiro: em cena, os clíticos de 2ª pessoa

Thiago Laurentino de Oliveira (UFRJ/CNPq)

Neste trabalho, investigam-se as formas pronominais átonas de referência à 2ª pessoa do singular (2SG) na posição de objeto, referidas na literatura linguística como clíticos. Especificamente, deseja-se observar o comportamento das formas clíticas *te*, *lhe* e *o/a*, que, no Português do Brasil (doravante, PB), constituem variantes clíticas de 2SG (*Você_i sabe que eu te_i amo* vs. *Você_i sabe que eu lhe_i amo* vs. *Você_i sabe que eu o_{i/a}_i amo*). Diversos estudos, baseados em análise de *corpora* sincrônicos e diacrônicos (cf. OLIVEIRA, 2014; SOUZA, 2014), têm evidenciado que, mesmo após a difusão do *você* no sistema pronominal do PB, o clítico mais produtivo continua sendo o *te*, ou seja, o clítico originalmente vinculado ao paradigma do pronome *tu*. Isso porque, conforme argumentam Brito (2001) e Lopes & Marcotulio (em preparação), os clíticos *o/a* e *lhe* também podem referir-se à 3SG. Em alguns contextos, a ambivalência dessas formas gera, inclusive, ambiguidade referencial, visto que elas não possuem o traço de 2SG e dependem de um elemento antecedente que apresente esse traço.

Diante desse quadro, objetiva-se investigar, segundo uma abordagem experimental, a percepção de falantes do PB em relação aos clíticos de 2SG. Para tanto, construiu-se um teste de julgamento de aceitabilidade (cf. DERWING & DE ALMEIDA, 2005; SCH6UTZE & SPROUSE, 2013) em que os clíticos apareciam na legenda de fragmentos de cenas de filmes e seriados estrangeiros. A tarefa dos participantes do teste era assistir às cenas legendadas e avaliar, dentro de uma escala numérica de 1 a 5, quão adequadas eram as legendas sinalizadas na cor vermelha em relação à situação reproduzida na cena. Além dos clíticos de 2SG, controlou-se também a variável independente “tipo de interação”, a fim de verificar se a natureza situacional das cenas exerceria algum efeito sobre a percepção dos participantes. Adotou-se a metodologia da psicolinguística para investigação de fenômenos gramaticais (cf. KENEDY, 2015) em consonância com os pressupostos teóricos da Linguística Cognitivo-funcional, com especial atenção para aqueles que discutem processos de gramaticalização (BYBEE, 2010; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Por hipótese, argumenta-se que a alta produtividade do *te* frente aos demais clíticos favoreceu a cristalização da construção TE+VERBO; como consequência, o *te* estaria perdendo traços categoriais de clítico e convertendo-se em um afixóide flexional especializado na marcação de 2SG. Os resultados experimentais preliminares têm

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

sustentado essa hipótese, visto que a aceitabilidade dos participantes em relação ao *te* é significativamente superior à aceitabilidade dos clíticos *lhe* e *o/a*, independentemente do tipo de interação representado nas cenas experimentais.

Palavras-chave: clíticos; julgamento de aceitabilidade; gramaticalização

Referências bibliográficas:

BRITO, O. R. M. de. “*Faça o mundo te ouvir*”. *A uniformidade de tratamento na história do português brasileiro*. Dissertação de Mestrado em Letras, Estudos da Linguagem. Londrina: UEL. 2001.

BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

DERWING, B. L. & DE ALMEIDA, R. G. “Métodos experimentais em Linguística”. In: MAIA, M.; FINGER, I. (Eds.). *Processamento da Linguagem*. Pelotas: Educat, 2005, p. 401-442.

KENEDY, E. Psicolinguística na descrição gramatical. In: MAIA, M. (Org.). *Psicolinguística, psicolinguísticas*. Rio de Janeiro: Contexto, 2015, p.143-156.

LOPES, C. R. dos S.; MARCOTULIO, L. L. (Em preparação). On address pronouns in the history of Brazilian Portuguese.

OLIVEIRA, T. L. de. *Entre o Linguístico e o Social: Complementos Dativos de 2ª pessoa em Cartas Cariocas (1880-1980)*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Faculdade de Letras/UFRJ, 2014.

SCHÜTZE, C. T.; SPROUSE, J. Judgement data. In: PODESVA R.; DEVYANI; SHARMA (Eds.). *Research methods in linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2013, p. 27-50.

SOUZA, C. D. de. *Eu te amo, eu lhe adoro, eu quero você: a variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980)*. Dissertação (Letras (Letras Vernáculas))/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

O aspecto verbal e sua representação na gramática mental

Gláucia do Carmo Xavier (IFMG)

Este trabalho é o resultado da tese de doutorado que teve como objetivo compreender como está representada a categoria aspecto na gramática mental de falantes nativos do português brasileiro. Para tal, buscou verificar relações existentes entre aspecto e tempo, além de compreender melhor aspecto lexical/semântico, determinado pelos complementos verbais predicados pelos verbos e por determinados advérbios. O marco teórico utilizado foi a Teoria Gerativa, em especial, o Programa Minimalista e seus pressupostos. Autores como Arad (2006), Verkuyl (2003), Comrie (1976), Vendler (1967) e Smith (1997) foram referências para o estudo do aspecto. Para a categoria tempo, Reichenbach (1975), Bull (1968), Côroa (2005) e Hornstein (1993) foram autores importantes. Para a pesquisa, o aspecto foi dividido em aspecto gramatical e aspecto semântico ou lexical. O aspecto gramatical apresenta marcas morfológicas e pode ser concebido como aspecto perfectivo (ação acabada) ou aspecto imperfectivo (ação em curso). Já o aspecto semântico/lexical pode ser entendido como aspecto télico (quando a ação tende a um fim) ou aspecto atélico (quando a ação não tende a terminar). A metodologia utilizada apresenta abordagens qualitativas e quantitativas. A partir de concepções teóricas gerativistas, foram selecionados e classificados diálogos de falantes do português (NURC- Projeto da Norma Urbana Oral Culta), observando-se as categorias aspecto lexical/semântico, aspecto gramatical, tempo, existência e natureza do advérbio; além de argumentos externos e internos dos verbos. Houve cruzamento desses dados com o auxílio do programa Varbrul e o Teste X². Os resultados estatísticos obtidos foram interpretados à luz do Minimalismo. O que se observou é que o aspecto não é uma categoria que pode ser definida de forma isolada pelo verbo, portanto não se trata de um estudo do aspecto verbal, mas de um estudo do aspecto de toda a sentença, em que a interface sintaxe-semântica precisa ser levada em conta. Viu-se que o aspecto e o tempo são cindidos na gramática mental e que advérbio e complemento são elementos determinantes do aspecto lexical/semântico. Verificou-se que os verbos intransitivos têm relação direta com aspecto lexical/semântico e que os verbos inergativos apresentam mais ligação com situações atélicas, como sugerem algumas teorias. Já os verbos inacusativos também ocorrem mais em situações atélicas do que télicas, o que contradiz grande parte da literatura. Viu-se que uma das justificativas dessa contradição é o fato de os verbos de ligação serem considerados intransitivos inacusativos, uma vez que eles não são predicadores, portanto não selecionam argumentos externos.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Com base no estudo empreendido, este trabalho chega à conclusão de que o aspecto é representado na Sintaxe em dois sintagmas específicos para o aspecto gramatical: um, acima de SV, definidor de aspecto gramatical de verbos plenos e outro, acima de SAux, definidor de aspecto gramatical de verbos auxiliares. Sobre o aspecto lexical/semântico, esta tese sugere que ele possa ser representado pelo nóculo Sv, também chamado aqui de AspOR, uma vez que apresenta um originador, dando à sentença um aspecto atélico e também representado pelo nóculo SV, chamado aqui também de AspEM, por apresentar medidores de ações verbais, delimitando situações e evidenciando telicidade à sentença.

Palavras-chave: Aspecto; Teoria Gerativa; Tempo.

Referências bibliográficas:

- ARAD, Maya. Psych-notes. UCL Working Papers in Linguistics 10. 1998.
- ARAD, Maya. A minimalist view of the syntax-lexical semantics interface. UCL Working Papers in Linguistics 8.1996.
- BINNICK, Robert I. Time and the Verb: A Guide to tense & Aspect. New York: Oxford University Press, 1991.
- BULL, William. Time, Tense and the Verb: a study in theoretical and applied linguistics, with particular attention Spanish. Los Angeles: University of California Press, 1968.
- CANÇADO, Márcia. Manual de semântica: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- CANÇADO, Márcia. Hierarquia Semântica: uma proposta para o PB. Revista Letras, Curitiba, v.61, p. 17-43, 2003.
- CHOMSKY, Noam. Language and problems of knowledge. Cambridge: MIT Press, 1988.
- CHOMSKY, Noam. The minimalist program. Cambridge: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, Noam. Minimalism Inquiries: the framework. Ms., 1998.
- COMRIE, Bernard. Aspect. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COMRIE, Bernard. Tense. 8.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CIRIACO, Larissa; CANÇADO, Márcia. Inacusatividade e inergatividade do PB. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, v.46, n.2, p. 207-225, jul/dez. 2004.
- CINQUE, Guglielmo. Adverbs and functional heads: a cross-linguistics perspective. New York: Oxford University Press, 1999.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

GUY, G. R. & A. ZILLES: Sociolinguística Quantitativa: Instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KENEDY, Eduardo. Curso básico de linguística gerativa. São Paulo: Contexto, 2013.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcelos. Novo Manual de Sintaxe. São Paulo: Contexto, 2013.

REICHENBACH, Hans. Elements of symbolic logic. New York: Dover, 1975.

SMITH, Carlota. The parameter of aspect. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1997.

SMITH, Carlota; PERKINS, Ellavina; FERNALD, Theodore. Time in Navajo: Direct and Indirect Interpretation. Chicago: The University of Chocago Press, 2007.

VENDLER, Zeno. Verb and Times. Linguistics in Philosophy. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, Henk J. Aspectual Composition: Surveying the Ingredients. Utrecht Institute of Linguistics OTS. P. 201-2019. 2003.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. O aspecto do auxiliar. Revista de Estudos Linguísticos. Belo Horizonte, v.14, n.2, p.55-75, jul./dez.2006.

Análise do processamento de sintagmas preposicionados ambíguos em português brasileiro

Juliana Benevides de Almeida (UFF – Bolsista FAPERJ)

Na subárea de processamento frasal pretende-se investigar o status psicolinguístico do acesso e da integração de diferentes tipos de informações cognitivas durante o processamento automático de frases com ambiguidade estrutural em língua portuguesa. O fenômeno morfossintático a ser analisado durante a pesquisa é a ambiguidade decorrente da possibilidade de aposição do sintagma preposicionado com sintagma nominal ou com sintagma verbal. Na condução do projeto, serão empregados dois paradigmas experimentais on-line: a leitura segmentada automonitorada e o rastreamento ocular e um paradigma experimental off-line a partir de questionário de papel. A aferição on-line observa o comportamento durante o processamento, é dizer, de maneira mais reflexa e automática. Já a aferição off-line observa após o processamento, ou seja, os resultados são posteriores ao processamento, de modo mais consciente e reflexivo.

Uma das frases utilizadas experimentalmente e comumente utilizada em manuais de linguística foi: *João recebeu uma foto de Petrópolis*. No exemplo citado há, pelo menos, duas possibilidades de interpretação, visto que o sintagma preposicionado – *de Petrópolis* – torna-se ambíguo mediante as possibilidades de aposição. A frase em questão trata-se de uma ambiguidade permanente que será desambiguizada pelo contexto, pois (i) *de Petrópolis* pode ser analisado unicamente pelo viés sintático e por isso um adjunto adnominal de lugar que se relaciona ao SV – sintagma verbal – *recebeu* ou (ii) se relaciona com o SN – sintagma nominal – *foto*.

À luz da Teoria Garden-Path ou Teoria do Labirinto (TGP) proposta por Frazier & Fodor (1978) propõe-se um processamento com atuação serial e com encapsulamento sintático. O processamento serial prediz que o parser trace inicialmente às cegas um caminho unicamente sintático para que em um segundo momento possa acessar informações de cunho não estrutural e que favorecem a interpretação. Desta forma, a escolha realizada é sempre pela com menor número de nós sintáticos, ou seja, pela estrutura mais simples. Logo, o sintagma preposicionado *de Petrópolis* seria apostado ao elemento anterior *uma foto*, construindo o sentido de que a foto era do lugar em questão.

Outra possível interpretação é sustentada por modelos paralelos que, diferente do serial, advoga um processamento com acesso a informações de cunho estrutural e não estrutural, lidando então com todas as possíveis análises potenciais até o momento da

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

desambiguação. Neste sentido, para desambiguar frases como a do exemplo, informações semânticas, prosódicas, pragmáticas entre outras estariam disponíveis. O modelo da Teoria de Satisfação de Condições é um exemplo de modelo paralelo, visto que advoga que as informações assumem pesos representativos e que desta forma são escolhidos de acordo com a plausibilidade e frequência de um termo. Em suma, assume-se que o parser seja capaz de associar diferentes tipos de informações (semânticas, prosódicas, sintáticas) ao mesmo tempo e de forma interativa. De acordo com esta teoria, o parser seria capaz de escolher uma interpretação preferencial a partir de informações além da sintaxe.

Há ainda os modelos que sustentam um processamento serial e interativo assim como a Teoria da Dependência da Localidade proposta por Gibson (2001). Nestes casos, prevê-se uma atuação do parser com ampliação das informações levadas ao parser, por isso o caráter interativo. Desta forma, prevê que informações além da sintaxe – informações não estruturais – são acessadas desde o primeiro momento, porém o parser escolhe um caminho a seguir em decorrência da restrição de memória do aporte cognitivo mental humano.

O recurso à experimentação tem o objetivo reunir evidências empíricas que constituam respostas para as seguintes questões: (1) de que maneira, se alguma, a frequência de uso de determinado item lexical pode afetar as decisões reflexas do parser (o processador sintático mental) na resolução de ambiguidades sintáticas; (2) de que maneira, se alguma, o parser pode ser sensível a informações discursivas, presentes no contexto linguístico disponível, na forma de frases contíguas, para identificar de imediato a análise sintática contextualmente mais adequada para sintagmas e/ou orações com ambiguidade temporária. Subjacente à busca de respostas para (1) e (2) encontra-se um dos problemas mais relevantes na agenda de pesquisa da psicolinguística contemporânea: a definição do curso temporal do acesso e da integração de informações cognitivas de natureza estrutural e não estrutural na computação mental de frases. Objetiva-se, com a conjugação das variáveis independentes, estrutura sintática, frequência, contexto discursivo e plausibilidade, obter medidas comportamentais que permitam o confronto explícito entre as previsões derivadas de modelos teóricos modularistas (cf. FRAZIER & FODOR, 1978), conexionistas (cf. McDONALD et al., 1994) e interativistas (cf. GIBSON, 2011). Esse confronto diz respeito à caracterização do tipo de informação que pode ser computado imediatamente no processamento reflexo de frases. Para a psicolinguística, é importante investigar se a natureza modular da arquitetura da linguagem humana (cf. FODOR, 1983; CHOMSKY, 1995) reproduz-se também nos sistemas de desempenho linguístico.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Palavras-chave: psicolinguística; processamento frasal; ambiguidade

II LINGCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Idiomaticidade, frequência e contexto discursivo no processamento de expressões idiomáticas do PB

Mercedes Marcilese (NEALP/UFJF)

Sara Barreto (NEALP/UFJF)

Ágata Avelar (NEALP/UFJF)

De acordo com a visão tradicional/pragmática [1-2], a linguagem literal é processada de forma automática e a interpretação dos enunciados é “desencadeada” diretamente pelos estímulos linguísticos. Diferentemente, o processamento da linguagem figurada aconteceria apenas quando uma interpretação literal não fizesse sentido num determinado contexto. Nessa perspectiva, usos não-literais – tais como metáforas, metonímias, expressões idiomáticas, etc. – são mais complexos e derivados da linguagem literal. A distinção entre literal e figurado nessa abordagem pode ser sintetizada a partir dos seguintes pares de propriedades: (i) convencional/não-convencional; (ii) independente vs. dependente de contexto; (iii) derivado vs. não derivado das entradas lexicais; (iv) relativo ao domínio da semântica vs. relacionado ao domínio da pragmática [3]. Expressões idiomáticas costumam ser caracterizadas como combinações fixas e não-composicionais nas quais o sentido não constitui uma função da soma das partes e que, geralmente, apresentam uma interpretação figurada. No entanto, o grau de decomponibilidade das expressões é variável [4] e a caracterização das mesmas em termos dos pares de propriedades mencionados anteriormente pode se mostrar pouco adequada quando consideramos aspectos relativos ao processamento *online* de sentenças contendo esse tipo de estruturas [5]. Enquanto certas expressões são decomponíveis em algum nível – já que é possível identificar a contribuição de cada uma das suas partes na construção do sentido figurado – outras não permitem esse tipo de análise. Comparemos, por exemplo as expressões *balançar o esqueleto* e *pintar o sete*. Na primeira o verbo remete à ideia de movimento, enquanto o complemento diz respeito à entidade que sofre o movimento; a partir da combinação desses elementos chegamos a um sentido bastante próximo do idiomático. Na segunda, temos um exemplo de não-composicionalidade no qual cada uma das partes não parece contribuir de forma individual para obtermos o sentido figurado. Assim, expressões idiomáticas podem ser classificadas num *continuum* ou espectro de idiomaticidade das mais transparentes para as mais opacas. Vale ressaltar que, nas expressões opacas, frequentemente é possível identificar referências culturais fundamentais para a compreensão das mesmas. O presente trabalho visa a explorar o papel do grau de

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

idiomaticidade na compreensão de expressões idiomáticas no PB e a possível interação entre esse fator e outras duas variáveis: o contexto discursivo em que a expressão aparece e a frequência ou convencionalidade da expressão. Foi conduzido um experimento de leitura automonitorada a partir de uma tarefa de labirinto (*maze task*) na qual são apresentados na tela do computador pares de opções que podem ou não dar sequência a uma frase; o participante deve escolher – apertando uma tecla específica do teclado – qual dos segmentos apresentados se integra com o que foi previamente lido até construir uma frase completa (Ex. Entre colchetes os pares de segmentos para leitura/escolha que aparecem em cada tela: [A calvície/ -----] [do Seu Joaquim/ da antiga casa] [foram despejados/ era iminente] [ele precisava passar/ nós queríamos viajar] [todas as janelas do prédio/ muito protetor solar na cabeça] [nunca saímos da cidade/ não lhe paravam de cair] [**as folhas/ as telhas**] [continuamente/ -----]. O tempo de leitura e a escolha de cada segmento são gravados para posterior análise. Na fase de preparação dos estímulos para a tarefa de labirinto, foram conduzidas duas tarefas normativas com o objetivo de pré-avaliar as expressões idiomáticas inicialmente escolhidas: 39 falantes nativos de PB realizaram uma tarefa de *cloze* (completando o último segmento de uma frase contendo uma expressão idiomática) e uma tarefa de paráfrase (fornecendo uma breve definição para cada uma das expressões apresentadas). As expressões testadas no experimento de leitura foram selecionadas a partir dos resultados obtidos nessas duas tarefas. Foram avaliadas expressões formadas de acordo com uma das seguintes estruturas: V+DP/PP/NP (Ex. *Quebrar o gelo/ Dormir de touca/ Dar zebra*). As expressões foram agrupadas de acordo com seu grau de idiomaticidade e de convencionalidade em quatro condições experimentais: transparentes-frequentes, transparentes-raras, opacas-frequentes e opacas-raras. As expressões selecionadas foram inseridas em enunciados que forneciam um contexto mais ou menos explícito/informativo (Ex. Contexto mais informativo: *A calvície de Seu Joaquim era iminente, ele precisava passar muito protetor solar na cabeça: não lhe paravam de cair as telhas continuamente* – Contexto menos informativo: *O Joaquim tinha trinta anos e precisava passar muito protetor solar na cabeça: não lhe paravam de cair as telhas continuamente*). As variáveis independentes foram, portanto, *idiomaticidade* (expressões transparentes/opacas), *frequência* (expressões frequentes/raras) e *contexto discursivo* (mais/menos informativo). A terceira variável foi tomada como fator grupal, i.e. cada grupo foi exposto a um único tipo de *contexto*. O tempo de leitura do segmento crítico (complemento do verbo) e o número de escolhas do alvo foram as variáveis dependentes. Inicialmente, participaram 30 voluntários, estudantes universitários de cursos diversos

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

(idade média: 21,5 – *range* 17-36 anos). A análise do tempo de reação revelou um efeito principal de *frequência*, com tempos menores para as expressões frequentes ($F(1,28)=46.9$ $p=0.000$). Foi obtido ainda um efeito principal de *idiomaticidade*, com médias significativamente menores para as expressões transparentes ($F(1,28)=10.6$ $p=0.003$). O número de respostas-alvo registrou os mesmos efeitos principais e revelou um efeito de interação entre *contexto* e *idiomaticidade* próximo do nível de significância ($F(1,28)=3.32$ $p=0.07$) com o maior número de respostas-alvo na condição de contexto informativo com expressões transparentes. Em conjunto, os resultados obtidos até então se mostram compatíveis com a hipótese de que o processamento de expressões idiomáticas é influenciado por fatores diversos que envolvem tanto características intrínsecas da própria expressão (como o grau de idiomaticidade), quanto o nível de familiaridade do falante com a mesma e o contexto discursivo no qual a expressão aparece.

Palavras-chave: processamento linguístico; idiomaticidade; contexto; frequência.

Referências bibliográficas:

- GRICE, H. P. (1975). Logic and conversation. In: P. Cole & J. L. Morgan (eds), *Syntax and semantics: Vol. 3. Speech acts* (pp. 41–58). New York: Academic Press.
- SEARLE, J. (1993 [1979]). Metaphor. In: A. Ortony (ed.), *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BÖRJESSON, K. (2011). The Notions of Literal and Non-literal Meaning in Semantics and Pragmatics. PhD Thesis, Universitat Leipzig.
- GIBBS, R.W. et al. (1989) How to kick the bucket and not decompose: Analyzability and idiom processing. *J. Mem. Lang.* 28, 576–593.
- CACCIARI, C. AND TABOSSI, P. (1988) The comprehension of idioms. *J. Mem. Lang.* 27, 668–683.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Teletandem: estratégias sociocognitivas relacionadas aos mal-entendidos e suas implicações para o processamento de texto multimodal em PLA/PLE

Nívia Maria Assunção Costa (PPGL/UnB)

O presente estudo, com base em projeto de tese de doutorado de cunho quantitativo e qualitativo, tem como objetivo principal investigar como o processamento de texto multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) se manifesta em situações de letramentos em teletandem (TELLES, 2009; TELLES; FERREIRA, 2011), por meio do mapeamento dos tipos de estratégias sociocognitivas (VYGOTSKY, 1978; BAKHTIN, 1986, 1990; OXFORD, 1990; VAN DIJK, 1983, 2012, 2013, entre outros) que 10 aprendizes de Português como Língua Adicional/Língua Estrangeira (PLA/PLE), da Universidade de Georgetown (EUA), utilizam para compreender os mal-entendidos ao interagirem virtualmente com 10 parceiros brasileiros, estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG).

Para isso, é relevante para a presente discussão, o enquadramento/alinhamento dos participantes deste estudo acerca de mal-entendido, pois, segundo enfatizam Van Dijk (1983, 2012, 2013), Cavalcante (2013, 2016) e Marcuschi (2008), a amplitude dos sentidos textuais pressupõe experiências de vida dos atores sociais, bem como influência de contextos sociointeracionais e (inter)culturais em suas práticas linguísticas. Consequentemente, isso implica dizer que os atores sociais estão situados no mesmo enquadramento/posicionamento de compreensão leitora a partir do momento que há a percepção de qual sentido textual esses interagentes sociais estão negociando (GUMPERZ, 1998; GOOFMAN, 1998; TANNEN; WALLAT, 1998).

Adicionalmente, quando falamos sobre o mapeamento dos tipos de estratégia sociocognitiva para o processamento da informação verbal e não verbal, estamos falando não apenas de estratégia cognitiva, mas também de estratégia metacognitiva e sociocultural. Dessa forma, o presente estudo corrobora não somente a visão de um andamento coletivo de Vygotsky (1987), com base na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), como também um *input* instrucional (COHEN, 1990; 1998; ELLIS, 2001; CHAMOT, 2005; GRAHAM; MACARO, 2008) para uma visão de construção de conhecimento promovido pelos níveis de consciência dos aprendizes (SCHMIDT, 1990; LEOW, 1997) quando esses aprendizes são levados a notar conscientemente os tipos de estratégias sociocognitivas para a melhora do desempenho linguístico. Isso implica dizer que as condições maiores de processamento linguístico, propiciadas não apenas pela

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

aprendizagem, como também pelo uso real das estratégias sociocognitivas, podem possibilitar melhoras no desempenho linguístico dos aprendizes de PLA/PLE em teletandem frente aos mal-entendidos.

De posse dessas informações, esta pesquisa apresenta para dois grupos distintos, quais sejam, controle (5 participantes com instrução implícita) e experimental (5 participantes com instrução explícita) o seguinte *design* metodológico: (1) pré-teste; (2) tratamento das estratégias sociocognitivas, pelo tipo de instrução, isto é, por meio de curso de PLA/PLE, explícita e implicitamente, sobre o uso das estratégias sociocognitivas com duração de 15 dias para estudantes da Universidade de Georgetown; (3) pós-teste imediato, logo após o *input* instrucional; (4) teste posterior; e, por fim, (5) pós-teste tardio.

Esperamos que os resultados deste estudo mostrem o mapeamento dos tipos de estratégia sociocognitiva mais usados pelos participantes, bem como os potenciais efeitos dessas estratégias em relação aos níveis de consciência dos interagentes. Espera-se ainda mostrar a importância do uso real dessas estratégias em contexto de letramentos em teletandem. Enfim, são muitas as possibilidades dos resultados e, sem dúvidas, o interesse do presente estudo em investigá-las se dará pela realização das análises discursivas de cunho quantitativo e qualitativo sobre as estratégias sociocognitivas; daí, justifica-se, então, a relevância dessa investigação em PLA/PLE.

Palavras-chave: estratégias sociocognitivas; teletandem em PLA/PLE; processamento de texto multimodal.

Referências bibliográficas:

- BAKHTIN, M. O discurso no romance. Tradução de Aurora F. Bernardini et al. In.: BAKHTIN, M. Questões de literatura e estética. São Paulo: Hucitec, 1990.
- _____. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.
- CAVALCANTE, M. M. Os sentidos do texto. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- _____.; LIMA, S. M. C. de. (Orgs.). Referenciação: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013.
- CHAMOT, A. U. Language learning strategy instruction: current issues and research. *Annual Review of Applied Linguistics* 25, p. 112-130, 2005.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

COHEN, A. D. Strategies and processes in test taking and SLA. In.: BACHMAN, L. F.; COHEN, A. D. (Eds.). Interfaces between second language acquisition and language testing research. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 90-111.

_____. Language learning: insights for learners, teachers, and researchers. New York: Newbury House/Harper and Row, 1990.

ELLIS, R. Investigating form-focused instruction. *Language Learning*, 51, p. 1-46, 2001.

GOFFMAN, E. Footing. Tradução de Beatriz Fontana. In.: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, p. 70-97, 1998.

GRAHAM, S.; MACARO, E. Strategy Instruction in Listening for Lower-Intermediate Learners of French Language Learning, 58(4): 747-783, 2008.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. Tradução de José Luiz Meurer e Viviane Heberle. In.: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, p. 98-119, 1998.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Reading images: the grammar of visual design. London; New York: Routledge, 2006.

LEOW, R. P. Attention, awareness, and foreign language behavior. *Language Learning*, v. 47, n. 3, p. 467-505, 1997.

MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OXFORD, R. L. Language learning strategies: what every teacher should know. Boston: Heinle and Heinle, 1990.

SCHMIDT, R. The role of consciousness in second language learning. *Applied Linguistics*. v.11, 129-158, 1990.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. Tradução de Parmênio Camurça Citó. In.: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso, p. 120-141, Porto Alegre: AGE, 1998.

TELLES, J. A.; FERREIRA, M. J. Teletandem: Possibilidades, dificuldades e abrangência de um projeto de comunicação on-line de PLE. *Revista Horizontes em Linguística Aplicada*, 9(2), p. 1-20, 2011.

TELLES, J. A. Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para o ensino de línguas estrangeiras no século XXI. Campinas: Pontos Editores, 2009.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

VAN DIJK, T. A. Cognição, discurso e interação. Apresentação e organização de Ingedore Villaça Koch. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012.

_____; KINTSCH, W. Strategies of discourse comprehension. Nova York: Academic Press, 1983.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Metáforas Multimodais em Anúncios Publicitários Impressos

Adriano Dias de Andrade (Universidade Federal de Pernambuco)

Centro Universitário do Vale do Ipojuca – DeVry Brasil

A metáfora tem sido estudada na tradição ocidental há, pelo menos, dois mil anos. É a partir de Aristóteles que as discussões em torno do tema ganharam popularidade e se diversificaram na história do pensamento ocidental. No rastro do empreendimento da Retórica Clássica e mesmo da Retórica Moderna, a metáfora tem sido estudada como elemento linguístico de comparação entre imagens mentais, ou, para colocar de outra maneira, como uma comparação entre termos. Certamente, tal definição é generalizadora e não abarca as inúmeras pesquisas e as muitas concepções sobre o fenômeno. Todavia, esse conceito parece abranger uma noção genérica que correu os séculos e alcançou, inclusive, as salas de aula do ensino contemporâneo de línguas no Brasil. A perspectiva retórica da metáfora revela uma visão de língua como expressão do pensamento e limita o seu uso a discursos especiais e com finalidades artísticas ou poéticas.

A metáfora compreendida do ponto de vista da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980) é um fenômeno muito mais de pensamento do que de ações ou palavras. Isso significa que o pensamento é metafórico e que parte significativa das nossas ações e das nossas palavras é realizada através de esquemas metafóricos. Essa teoria rejeita a noção de metáfora como fenômeno apenas linguístico ou como uma comparação implícita. Para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é a compreensão de um fenômeno em termos de outro, de um domínio cognitivo em termos de outro. Então, quando usamos uma expressão como *A relação naufragou*, estamos entendendo o conceito RELAÇÃO AFETIVA em termos do conceito VIAGEM, ou, em outras palavras, estamos usando o domínio-fonte VIAGEM para entender o domínio-alvo RELAÇÃO AFETIVA. O domínio-fonte é aquele em que nos baseamos para o entendimento do alvo. As associações entre os domínios são permitidas através das relações que temos com o mundo e do nosso corpo com o meio que nos cerca, por isso, dizemos que as metáforas são corporificadas, pois surgem através do nosso desenvolvimento social e das nossas projeções sensório-motrices de domínios concretos para domínios abstratos.

Os estudos sobre a metáfora, a partir da Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980), continuam sendo bastante fecundos, todavia, conforme explica Forceville (1996, 2008 e 2009), a maior parte desses estudos se restringe à análise conceptual das metáforas a partir da sua realização verbal. Num mundo cada vez mais visual, no qual as

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

diferentes semioses estão em constante interação, tornam-se indispensáveis outros olhares que investiguem os fenômenos linguísticos na sua interação com outras linguagens.

Este trabalho investigou, de modo geral, como as metáforas multimodais se instanciaram a partir da relação texto verbal – imagem. Além disso, examinou, pontualmente, os seguintes aspectos: (i) as categorias de domínios-fonte que foram agenciadas para a elaboração das metáforas, com o intuito de verificar os modelos cognitivo-culturais que a esfera publicitária fomentou para a conceptualização dos objetos anunciados e (ii) a relação dos mapeamentos (entre os domínios fonte e alvo) com as modalidades verbal e visual, a fim de compreender se essas articulações promoviam regularidades. Para tanto, partiu-se da contribuição da Linguística Sociocognitiva, que encara a linguagem enquanto atividade de conceptualização e concebe a metáfora como elemento do pensamento, das linguagens e das ações (LAKOFF e JOHNSON, 1980 e 1999; LAKOFF, 1987 e 2008).

O *corpus* da pesquisa foi recolhido a partir do acompanhamento, no período de julho de 2013 a junho de 2014, das cinco revistas mensais com maior tiragem nacional: Claudia, Nova Escola, Quatro Rodas, Seleções Reader's Digest e Superinteressante. Esses títulos foram lidos com o objetivo de verificar a realização multimodal de metáforas. Adotamos as sugestões metodológicas propostas por Schmitt (2005), que têm como objetivo congrega fatores subjetivos e procedimentos metodológicos na análise de metáforas e tenta reconstruir modelos de pensamento, de linguagem e de ação. Ao final da coleta, o corpus foi composto por 30 (trinta) anúncios.

As análises mostraram a realização de metáforas multimodais de quatro categorias diferentes: (i) *alvo multimodal é fonte visual*, (ii) *alvo verbal é fonte multimodal*, (iii) *alvo verbal é fonte visual* e (iv) *alvo multimodal é fonte multimodal*. Essas instanciações cumprem funções cognitivo-discursivas distintas no discurso publicitário. Além disso, os achados evidenciaram a realização de metáforas convencionais (VIDA É VIAGEM, por exemplo) e, também, de metáforas episódicas (processador [de celular] é corredor, por exemplo). Essas realizações não parecem ser aleatórias, mas cumprem, assim como as categorias descritas, propósitos definidos nos textos analisados. As categorias propostas possibilitam a reflexão acerca dos mapeamentos metafóricos e das modalidades que envolvem a sua realização e o seu uso no discurso publicitário.

Constatou-se, também, que a metáfora atuou nos textos investigados como argumento publicitário. Isso revela a centralidade da metáfora para a argumentação na esfera publicitária.

Palavras-chave: Metáfora; Imagem; Anúncio Publicitário Impresso.

Referências bibliográficas:

FORCEVILLE, Charles. Pictorial runes in Tintin and the Picaros. *Journal of Pragmatics*, 43, 2011, 875-890.

_____. Metaphor in pictures and multimodal representations. In: GIBBS, R. W. (Ed.). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 462-482.

_____. The identification of target and source in pictorial metaphors. *Journal of Pragmatics*, 34, 2002, 1-14.

_____. *Pictorial Metaphor in Advertising*. London/New York: Routledge, 1996.

FORCEVILLE, Charles; URIUS-APARISI, Eduardo (orgs.). *Multimodal Metaphor*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003 [1980].

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado das Letras / Educ, 2002 [1980].

_____. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____. *Philosophy in the Flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George. The Neural Theory of Metaphor. In: GIBBS, Raymond. *The Metaphor Handbook*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

_____. The contemporary theory of metaphor. In: Ortony, A (ed). *Metaphor and Thought*. New York: Cambridge University Press, 1993.

_____. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

SCHMITT, Rudolf. Systematic Metaphor Analysis as a Method of Qualitative Research. *The Qualitative Report*, vol.10, n. 2. Junho de 2005, p. 358 – 394. In: <http://www.nova.edu/ssss/QR/QR10-2/schmitt.pdf>.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Cognição e ensino de Línguas: aplicando os estudos linguísticos e cognitivos para o trabalho com a escrita

Ana Lúcia Farias da Silva (UFRRJ)

O artigo apresenta uma reflexão sobre o ensino da escrita na escola pública, ao longo de algumas décadas, analisando diferentes posicionamentos teóricos de alguns autores que com contribuições relevantes no campo das Ciências Cognitivas e Linguística Aplicada ao ensino de línguas, promoveram avanços pedagógicos consideráveis nos estudos da escrita promovida nas escolas. Sabe-se que estudos atuais no campo das Ciências Cognitivas muito têm colaborado para o ensino da escrita, ao demonstrarem que o fator *aprendizado e cognição individual* estão associados a um enquadramento pelo contexto e práticas sociocomunicativas, diferentemente de antigas perspectivas que tradicionalmente viam o sujeito aprendiz como um sujeito cognoscente individual e isolado. Segundo Sinha (1999), as subjetividades dos alunos aprendizes no contexto da sala de aula, devem ser levadas ao centro do cenário educacional. Segundo Moita Lopes (1996), uma das principais tarefas da Linguística Aplicada ao ensino de línguas é o de estabelecer o diálogo entre as teorias da linguagem e os aparatos conceituais sobre o que é o aprendizado e o que é a construção dos significados realizada pelas pessoas situadas (alunos aprendizes) em contextos sócio-comunicativos específicos. Sendo assim, as relações entre cognição e ensino se desenvolvem cada vez mais sob essa perspectiva que traz para o centro da aprendizagem linguística o aluno, e abre caminhos para proporcionar aprendizado a quem busca a escola. Também Moita Lopes (1996), em estudos da área de Linguística Aplicada defende que os alunos produzem semioses dentro e fora de sala de aula e o professor atento a isto, ao valorizar as identidades situadas desses alunos, promove uma aprendizagem do ensino da leitura e, conseqüentemente, da escrita de maneira mais abrangente, pois os leva a refletir sobre os vários aspectos que envolvem o processo do ato de escrever. A perspectiva de compreensão do texto a partir do estudo de gêneros nos PCN também é analisada, assim como o tratamento dado à escrita nos manuais didáticos adotados pelas escolas, o foco cognitivo para o desenvolvimento das habilidades do aluno aprendiz frente ao texto, a promoção do letramento na escola, no que tange à produção escrita dos alunos. Então, o presente artigo busca refletir, através dos estudos realizados também no campo da Didática e Estudos de Letramento, uma proposta de trabalho com a escrita, através de sua didatização, numa abordagem mais sistematizada, isto é, a escrita subentendida como um processo e não apenas como um produto, de forma mais proficiente, a partir do estudo de

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

um dos aspectos essenciais do ato de escrever, neste caso, o plano semântico, associado às reflexões linguístico-discursivas promovidas pelas atividades contidas na sequência didática, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento de habilidades que visem a um letramento do aluno. Na sequência didática apresentada ao final do artigo, aborda-se uma forma de trabalho que visa a colaborar com o ensino de língua portuguesa em sala de aula, a partir do estudo de um dos aspectos da escrita, neste caso, o semântico, associado ao plano formal/informal da linguagem escrita. Enfim, a proposta que segue focaliza a escrita produzida através de atividades de reescrita, por vezes através da retextualização, numa sequência didática que contemple o uso do discurso, intencionando à adequação ao grau de formalidade de um texto, exigido por determinado gênero.

Palavras-chave: ensino de línguas; escrita; cognição; sequência didática.

O gerenciamento metalinguístico como componente do letramento linguístico acadêmico

Fabiana Esteves Neves (IFRJ)

Nesta apresentação, pretende-se relatar a pesquisa construída em tese defendida em 2015. Tendo como foco a leitura e a escrita acadêmica no Ensino Superior, a pesquisa parte de dificuldades específicas enfrentadas por estudantes e professoras/es universitárias/os: das queixas sobre os textos produzidos à falta de uma orientação realmente efetiva para a produção, os diversos problemas acabam por desvelar consequências das lacunas no ensino de língua em nível Fundamental e Médio, além de inadequações em torno da concepção de leitura/escrita no próprio contexto universitário. Em uma perspectiva cognitiva e metacognitiva, a qual privilegia o enfoque da *pessoa* que (meta)cogniza (GERHARDT, 2013), esta pesquisa parte dos gêneros textuais *artigo teórico* e *par pergunta-resposta* para investigar e descrever o perfil de letramento linguístico acadêmico de estudantes universitárias/os. Dentre os objetivos, está o de pormenorizar o que se está chamando de *cognição escolar definicional*, por meio da qual é privilegiada a apresentação apenas de conceitos, em respostas a questões discursivas que requerem a relação entre conceitos e fenômenos – portanto, que demandam a atuação de uma cognição relacional (GENTNER e LOEWENSTEIN, 2002). A partir desse conceito, propõe-se o delineamento do quadro teórico acerca do *letramento linguístico acadêmico*: o fundamento desta investigação é o arcabouço conceitual proposto por Ravid & Tolchinsky (2002), de base psicolinguística, segundo o qual o letramento linguístico é um aspecto do conhecimento linguístico específico da escrita, configurado tanto pelo (re)conhecimento de uma diversidade de recursos de linguagem quanto pelo acesso consciente a esses recursos (o aspecto meta), para utilizá-los conforme convier. Essa consciência metacognitiva se especifica no conhecimento metalinguístico, que consiste, segundo Gombert (1992), no monitoramento e planejamento intencionais das estratégias pessoais de processamento linguístico na compreensão e na produção de textos. Completam o quadro teórico os quatro níveis de leitura de Applegate e cols. (2002) – literal, inferencial baixo, inferencial alto e inferencial global – e a proposta de ações com a escrita (BRITTON e COLS., 1975; NEWELL, 2006): reportar, sumarizar, analisar e teorizar. Quanto à metodologia, foram aplicados dois roteiros de leitura sobre um artigo acadêmico teórico a turmas da disciplina Teoria das Relações Internacionais I, do 3º período de Relações Internacionais de um centro universitário privado em Niterói, RJ. Pretendeu-se, com esses roteiros: detectar os níveis de leitura atingidos; compreender e

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

contextualizar a percepção das/os estudantes acerca das ações com a escrita na organização do texto acadêmico; compará-la às características do letramento linguístico acadêmico aqui propostas. Verificou-se que o nível de leitura 4, inferencial global, é o menos contemplado, e que as ações mais reconhecidas são reportar e sumarizar, por meio das quais as/os estudantes também constroem suas respostas. Por isso, é frequente a ocorrência de interpretações fragmentadas e pouco abrangentes, assim como de conceituações e descrições apenas, nas quais falta a percepção do caráter analítico-teórico do artigo lido. Identificou-se que essa dificuldade resulta da pouca familiaridade das/os estudantes com as estratégias metacognitivas e metalinguísticas inerentes às atividades com a leitura e a escrita, estratégias que o ensino escolar, em geral, não explora. Pretende-se, assim, chamar atenção para a importância de fundamentar as propostas de ensino da escrita acadêmica no conhecimento sobre a forma como as pessoas (meta)cognizam quando leem e escrevem no contexto universitário.

Palavras-chave: Letramento Linguístico Acadêmico; Metacognição; Conhecimento Metalinguístico.

Referências bibliográficas:

APPLEGATE, M. D., QUINN, K. B., APPLEGATE, A. J. Levels of thinking required by comprehension questions in informal reading inventories. *The reading teacher*, v.56, n. 2, pp.174-180, 2002.

BRITTON, J. e cols. *The development of writing abilities (11-18)*. Londres: Macmillan Education, 1975.

GENTNER, D.; LOEWESTEIN, J. Relational language and relational thought. In: AMSEL, E.; BYRNES, J. P. *Language, literacy and cognitive development*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

GERHARDT, A. F. L. M. As identidades situadas, os documentos curriculares e os caminhos abertos para o ensino de Língua Portuguesa no Brasil. In: _____; AMORIM, M. A.; CARVALHO, A. M. (orgs.). *Linguística aplicada e ensino: língua e literatura*. Campinas: SP: Pontes Editores, 2013.

GOMBERT, J. E. *Metalinguistic development*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

NEVES, Fabiana Esteves. Letramento linguístico acadêmico de estudantes universitárias/os: gerenciamento metalinguístico na leitura e na escrita. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

NEWELL, George E. Writing to Learn. How alternative theories of school writing account for student performance. In: MACARTHUR, Charles A.; GRAHAM, Steve; FITZGERALD, Jill. Handbook of writing research. Nova York: The Guilford Press, 2006.

RAVID, D.; TOLCHINSKY, L. Developing linguistic literacy: a comprehensive model. *Journal of Child Language*, 29, p. 417-447, 2002.

Rikud Vira-Lata: um título da metáfora do corpo em um trabalho de dança

Fernando Davidovitsch (UFS)

Rikud Vira-Lata (*rikud* significa dança, em hebraico) foi o título definido para nomear uma investigação artística em dança, de autoria própria, que, a partir de uma abordagem autobiográfica, colocava em questão a identidade de um corpo judeu brasileiro/brasileiro judeu na contemporaneidade. A partir do pensamento desenvolvido por Lakoff e Johnson (2002), entende-se que ao proferir determinados enunciados, produz-se muitas vezes metáforas que se constroem por processos de pensamentos estruturados por um sistema conceptual. O sistema conceptual estrutura a nossa forma de percepção das coisas, a forma como nos relacionamos com o mundo e com os outros e como nos comunicamos. Ele se estrutura a partir da experiência do indivíduo com o seu ambiente de convivência. Metáfora está entendida aqui como algo que se constrói a partir de uma ação cognitiva e o presente estudo compreende que agimos, assim, através de procedimentos metafóricos do corpo (RENGEL, 2007). O título da obra artística, o enunciado *Rikud Vira-Lata*, traz, então, uma metáfora, cuja elaboração se deu a partir do procedimento metafórico do corpo. Este estudo propõe abordar como o corpo-frase “*Rikud Vira-Lata*”, constituiu-se a partir das informações trazidas pelo corpo-performer do artista.

Palavras-chave: *Rikud Vira-Lata*; metáfora; procedimento metafórico.

Referências bibliográficas:

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Educ, 2002. Tradução: Mara Sophia Zanotto.

RENGEL, Lenira. *Corponectividade: comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação*. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007a.

A relevância do estudo da Anáfora para a produção textual

Michele Cristine Silva de Sousa (UERJ)

Nas aulas de Produção textual os professores têm encontrado muitos desafios, dentre eles, podemos citar a falta de coesão referencial nas produções textuais. Esse fator fez com que surgisse o interesse por uma intervenção pedagógica que contemplasse esse estudo, a fim de dirimir tais recursos linguísticos de repetição usados pelos alunos. Por isso, foi necessário antes de iniciar a sequência didática (atividades planejadas para ensinar um conteúdo) com a turma, trabalhar a parte teórica da Referenciação, dando ênfase às estratégias anafóricas presentes no discurso, assim como, atividades objetivas.

Compreendemos que o processo de Referenciação é relevante para a produção/compreensão de textos, pois os referentes apontam para diversas posições, dentre as quais: o papel na organização da informação; a atuação na manutenção da continuidade e progressão do tópico do discurso. Esse processo se constitui como uma ação, com propósito de referenciar objetos do mundo, preocupando-se em apresentar uma elaboração dos eventos descritos no texto. Por esse motivo, o processo de interação está constantemente sendo adaptado, como forma de suprir alguma necessidade proveniente do processo interacional, ou seja, estamos sempre recategorizando os objetos do mundo, adaptando-os ao discurso. Assim, o sujeito tem artifícios para construir um texto coeso, através dos processos de Referenciação, incluindo a anáfora direta, indireta, nominal/encapsuladora/rotuladora, pronominal, associativa e elipse. Dentre os tipos anafóricos, essa sequência abordou o estudo da anáfora, presentes cada vez mais nos exames externos da rede regular de ensino, como o Enem.

Os textos dos itens prezaram pela diversidade de gêneros, proporcionando ao aluno perceber que a Referenciação deve estar presente em qualquer tipo de texto, seja uma crônica ou uma música, por exemplo, garantindo coesão entre os termos. Esse caráter coesivo dos elementos referenciais deve ser ressaltado na primeira aula, para fins de conceituação e concretização da sua aprendizagem. O público-alvo escolhido para a sequência didática compreendeu o 9º ano do Ensino Fundamental, etapa final do 2º segmento e momento culminante para o ingresso no Ensino Médio. Objetivamos proporcionar aos alunos um contato mais efetivo com as estratégias referenciais através dos itens. Abordamos, para tanto, a temática à luz da obra de KOCH e ELIAS (2008) *Ler e compreender: os sentidos do texto e Ler e escrever: estratégias de produção textual*, em que as autoras discorrem sobre o processo de referenciação e escrita, respectivamente; e de

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

MARCUSCHI que na obra *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* aborda a parte teórica da coesão. Assim, observamos nas aulas (após a aplicação da sequência) que os alunos escreveram um texto dissertativo-argumentativo com poucas repetições, com utilização de elipse, nominalização, pronomes, entre outros, o que mostra que a sequência sobre Referenciação auxiliou no aprimoramento das produções textuais. Desta forma, o estudo de Referenciação deve ocorrer através de atividades que privilegiem a sua aplicabilidade e significação.

Palavras-chave: Anáfora; Referenciação; Sequência didática.

Conceptualizações metafóricas sobre a expressão “Golpe” em discursos de Dilma

Rousseff: uma análise sociocognitiva-discursiva de sua dimensão argumentativa

Nathália Luiz de Freitas

A metaforicidade e a argumentatividade são propriedades inerentes à linguagem humana. Enquanto esta é constitutiva dos processos metafóricos, aquela não é apenas uma estratégia que visa à persuasão, mas, um princípio sociocognitivamente argumentativo que se manifesta na língua. Compreendemos a metaforicidade com base em pressupostos da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) bem como em elementos de abordagens discursivas da metáfora (CAMERON, 2003; STEEN, 2006; VEREZA, 2010), e a argumentatividade a partir do arcabouço teórico da Teoria da Argumentação na Língua (DUCROT, 1987; 1989), perspectivas passíveis de serem associadas, haja vista a potencial complementariedade explicativa que exibem quando tomadas em conjunto. Nossa concepção assinala o caráter conceptual e linguístico do fenômeno metafórico (MOURA, 2005) e a inscrição da argumentação na língua (DUCROT, 1987), de modo que partimos de uma perspectiva sociocognitiva que pressupõe a articulação entre cognição e discurso como ferramenta conceitual para a compreensão do papel da metáfora na linguagem em uso (VEREZA, 2013), especialmente em sua dimensão argumentativa. Assim, de paradigma qualitativo, este trabalho tem como objetivo investigar a dimensão argumentativa da metaforicidade textualmente tecida a partir do termo “golpe” em excertos de três discursos proferidos por Dilma Rousseff em três diferentes situações durante o período de seu afastamento da presidência da república. Tal empreendimento parte do pressuposto da concatenação dos planos de sentido estável e episódico (STEEN, 2006) e considera a interconstituição indissociável da língua como sistema e função e da linguagem como cognição e ação em atuação no discurso. Os procedimentos metodológicos empregados abrangem: i) a seleção do *corpus*; ii) a transcrição do *corpus*; iii) a identificação das potenciais construções metafóricas; iv) o reconhecimento e a classificação das metáforas conceptuais subjacentes às metáforas linguísticas (LAKOFF; JOHNSON, 1980); v) a identificação e a análise das metáforas situadas que, interrelacionadas, constituem os nichos metafóricos (VEREZA, 2007; 2010); vi) a verificação dos contextos (VAN DIJK, 2012) de ocorrência das expressões metafóricas; vii) a associação entre os nichos metafóricos e seus contextos de produção; e viii) a análise da dinâmica argumentativa referente ao uso das metáforas identificadas no *corpus*. Os dados analisados evidenciam que as instruções argumentativas presentes nas metáforas, as

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

quais reúnem tanto marcas linguísticas das construções metafóricas em análise, quanto índices linguísticos de figuratividade, orientam o interlocutor à interpretação figurativa dos enunciados. Essa orientação, que vai da língua à cognição, possibilita ao interlocutor mobilizar as metáforas conceptuais subjacentes às metáforas linguísticas através da articulação entre os domínios fonte e os domínios alvo daquelas. Assim, é possível que o interlocutor conceptualize as formas linguísticas argumentativamente direcionadas em seus sentidos figurativos, realizando as restrições necessárias quanto aos traços dos domínios fonte de cada metáfora conceptual, no qual haverá a saliência de outros, para a construção sociocognitiva do domínio alvo que resulta na metáfora linguística, explicitada por seu veículo. Ao serem salientados determinados traços em detrimento de outros, o domínio fonte *golpe*, nos diferentes excertos, vai sendo construído, assumindo uma denotação específica na construção metafórica dos enunciados postos em cena na enunciação. Nossas análises evidenciam que a argumentatividade constitui os processos metafóricos e que a metaforicidade, longe de ser apenas ser uma estratégia, consiste em um construto sociocognitivamente argumentativo que se manifesta na língua.

Palavras-chave: Metáfora; discurso político; sociocognição.

Referências bibliográficas:

- CAMERON, L. Metaphor in educational discourse. London: Continuum,
- VAN DIJK, T.A. *Discurso e Contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.
- DUCROT, O. O dizer e o dito. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- DUCROT, O. Argumentação e ‘topoi’ argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (Org.). *História e Sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press: 1980.
- MOURA, H. M. M. Metáfora: das palavras aos conceitos. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 40, n. 139, p. 20-50. 2005.
- STEEN, G. *Understanding metaphor in literature: an empirical approach*. London: Longman, 1994.
- VEREZA, S. C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. Cadernos de Letras da UFF, n. 41, p. 199-212, 2010.

VEREZA, S. C. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. Cadernos de Estudos Linguísticos, n. 1, v. 55, p. 109-25, 2013.

Conscientização articulatória na assimilação das vogais médias do português brasileiro para hispano-falantes

Fabricio Marvilla Fraga de Mesquita (UFRRJ (Brasil)/ UDEP (Peru))

O presente trabalho tem como fundamento o estudo da assimilação das vogais médias do português brasileiro por alunos hispano-falantes, tomando por base as dificuldades provenientes da própria língua do aprendiz, neste caso, a ausência dos fonemas em estudo na língua espanhola. Cabe a esta pesquisa em específico observar a diferença fonético-fonológica e como isso se relaciona com a dificuldade do aluno hispano-falante na assimilação da língua, especificamente na produção das vogais médias, bem como analisar a facilidade ou dificuldade do aluno hispano-falante conhecedor de outra língua além da materna.

A especificidade do tema em estudo exigiu que se fizesse um recorte que garantisse ao pesquisador a observação adequada dos dados. Assim, levou-se em consideração a assimilação da língua considerando a produção fonética em que se note a importância da produção dos fonemas de maneira adequada, ainda que não necessariamente idêntica à do nativo. Insta-se recordar que o objetivo não é a produção oral idêntica à que produz o nativo do idioma português, mas sim uma produção em que se identifique a diferença entre as distintas vogais e que isso facilite a comunicação do aprendiz, gerando comunicação efetiva sem erros de interpretação devido a pronúncia.

Tal estudo foi orientado pela análise contrastiva, usando-se como base a conscientização articulatória da produção das vogais, seus benefícios e dificuldades. Desta forma, o aluno recebia a informação referente às palavras e fonemas em um contexto comunicativo em que se percebia de forma sutil em um primeiro momento a diferença de significados e de usos de palavras que possuíam os fonemas em estudo e como prejudicaria a comunicação deles caso utilizassem de maneira equivocada um no lugar do outro, dessa maneira ressaltando a importância dos fonemas em estudo.

O objetivo do trabalho é avaliar a análise contrastiva usada no ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE), especificamente o aluno hispano-falante para obter a conscientização articulatória e o nível de aprendizagem do aluno hispano-falante quando se utiliza a análise contrastiva com esse fim. Caracteriza-se desta forma por um estudo de

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

caso, na comparação entre alunos hispano-falantes sem conhecimento e contato algum com o idioma português, mas com conhecimento de outras línguas em diferentes níveis. Neste sentido, determinar se o conhecimento de línguas diferentes da materna e com quadros fonéticos tão diferentes influenciam na obtenção do conhecimento da língua estudada, nesse caso o português.

Os sujeitos de pesquisa são um jovem e duas crianças, o jovem com conhecimento do idioma inglês e vivência em país de fala inglesa e as duas crianças com o conhecimento do idioma quéchua transmitido e ensinado por seus pais, esses falantes nativos do idioma quéchua. Faz-se necessário observar que são dois momentos em relação ao aprendizado dos fonemas: a tomada de conhecimento da importância da pronúncia e do elemento diferenciador dos fonemas presentes em palavras similares e as pronúncias adequadas desses fonemas para demonstrar essa diferença de significados entre as palavras. O resultado demonstra uma ligeira vantagem do aluno adulto e com conhecimento de inglês em relação aos alunos de menor idade que só conhecem o quéchua. Esses dados demonstram a efetividade da análise contrastiva em conjunto com a conscientização articulatória.

Palavras-chave: Fonética; português como língua estrangeira; ensino de português.

Referências bibliográficas:

BAZZAN, Maristela Andréa Teichmann. As vogais médias na interfonologia português – espanhol. Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2005.

BRITO, Ana Maria. LHOSE, Birger. OLIVEIRA NETO, Godofredo de. AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Comparativa: Houaiss: Quatro Línguas Românicas: português, espanhol, italiano e francês*. São Paulo. Publifolha, 2010.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CARVALHO, Ana (no prelo), Português para falantes de espanhol: perspectivas de um campo de pesquisa. Campinas: Editora Pontes, 2004.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís, Fonética e Fonologia do Português Brasileiro: Roteiro de estudos e guia de exercícios, 10 ed., São Paulo: Contexto, 2013.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís ; YEHIA, HaniCamille. Sonoridade em Artes, Saúde e Tecnologia. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2009. Disponível em <<http://fonologia.org>>. Acesso em: 15 de nov. 2013.

DUBOIS, Jeanet *al.* Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix, 1999.

CASTRO, Ivo et Ad. História da Língua Portuguesa. 2000. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp>> Acesso em: 10 dez. 2013

ECHEVERRÍA ECHEVERRÍA, Susana. A gramática normativa do português no estudo das línguas afins: o imperativo em português e espanhol, Universidade de Taubaté Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2002. Disponível em: <http://www.unitau.br/scripts/prppg/.../agramaticanormativa-N2_2002.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2013.

GARRIDO, J. M.; MACHUCA, M. J.; DE LA MOTA, C. Prácticas de fonética. Lengua española I. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 1998.

LADO, Robert. Linguistics across cultures: Applied linguistics for language teachers, Michigan: University of Michigan Press, 1957.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Aprendizagem de Português como Língua Adicional e o uso da metáfora

Luciane Corrêa Ferreira (UFMG)

Catarina Flister (UFMG)

Gostaria de discutir alguns conceitos-chave que podem auxiliar linguistas aplicados, linguistas cognitivos e, especialmente, pesquisadores da metáfora a investigar o discurso sobre a experiência de aprendizagem de língua estrangeira, tal como o conceito de metáforas sistemáticas (Cameron, 2010) e sua relação com metáforas conceituais (Lakoff & Johnson, 1980). Metáforas sistemáticas são metáforas utilizadas na interação por um participante do grupo focal que são retomadas ao longo da interação sobre um mesmo tópico discursivo. Tais metáforas são co-construídas na interação e tem um componente dialógico. Metáforas conceituais são metáforas motivadas por um mapeamento metafórico e que partem do pensamento para se manifestarem espontaneamente na linguagem. A tese que se propõe aqui é que os dois tipos de metáforas estão imbricados, i.e. a metáfora sistemática tem uma motivação cognitiva e a metáfora conceitual é motivada pelo discurso. Pretende-se apresentar evidências que corroborem tal tese. Para alcançar nosso objetivo, vamos analisar dados sobre a experiência de aprendizagem de Português Língua Adicional (PLA). Analisaremos a presença de metáforas sistemáticas como *APRENDER É TRABALHO DURO* (Oliveira/Ferreira, 2015; Ferreira 2016) e *APRENDER É PULAR BARREIRAS*, entrelaçadas com as metáforas conceituais como *EDUCAÇÃO É VIAGEM* (Elliot, 1984), *CULTURA É UM CONTÊINER* e *DIFICULDADES SÃO PESO*. Queremos, também, focar a metodologia empregada na coleta de dados com grupos focais e nas metáforas que emergem sistematicamente na interação entre aprendizes de PLA ao falar sobre suas expectativas, emoções e crenças relacionadas à aprendizagem de línguas estrangeiras. Também será discutido o papel desempenhado pelo contexto como ‘gatilho’ de metáfora. Gostaria de argumentar que estas são evidências fortes de uma conexão entre metáforas sistemáticas e metáforas cognitivas.

Referências bibliográficas:

Cameron Lynne; Marslen Robert, (2010) *Metaphor analysis: research practice in Applied Linguistics, Social Sciences and the Humanities*. London: Equinox.

Elliott, R.K. (1984) Metaphor, Imagination and conceptions of Education. In: Taylor, William (Ed.). *Metaphors of Education*. London: Heinemann Educational Books, p. 38-53.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Ferreira, Luciane C. (2016) How Brazilian Students Conceptualize the Experience of Learning German for Academic Purposes. *Pandaemonium Germanicum*, Vol. 19, nº 28 (*to be published in Sept*), 2016. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issues&pid=1982-8837&lng=en&nrm=iso

Lakoff, G.; Johnson, M. (1980) *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980. [Tradução para o português: *Metáforas da vida cotidiana*; coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto - Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo, 2002]

Oliveira, Desirée; Ferreira, Luciane C. (2015) Metáforas de aprendizagem: um estudo sobre a aprendizagem de português como língua adicional. Anais do V Congresso Internacional da Metáfora na Linguagem e no Pensamento. Pp. 270-285. Acesso em

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Operações linguístico-cognitivas e o processo de aquisição da enunciação escrita

Suelen Érica Costa da Silva (PUC-MG/CEFETMG/Bolsista Capes)

A escolha do tema desta comunicação – a aquisição da enunciação escrita – é movida pelo interesse tanto pessoal como científico de compreendermos, a partir de um viés crítico bem como científico, os “erros” produzidos pelos falantes em fase de aquisição da enunciação escrita como manifestações de operações linguístico-cognitivas. Essas operações, provenientes das várias dimensões da linguagem – fônica, morfossintática, semântica, textual e discursiva – são necessárias para construção do texto, objeto construído no processo das relações interacionais, um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais de um sujeito de e da linguagem. Embora o número de pesquisas acerca do processo de aquisição da enunciação escrita seja grande e significativo, um breve percurso pela literatura em questão indicou que a maioria dos pesquisadores priorizam o confronto entre sistema fonológico/sistema ortográfico e suas implicações, a fim de esclarecer os problemas no processo de transferência da forma sonora da fala à forma gráfica da escrita. Destarte, a partir das reflexões levantadas reconhecemos que há um número pouco expressivo de pesquisas que façam o exame da produção textual do falante – adulto ou criança – a fim de exceder análises restritas ao nível microtextual e ao quadro teórico da Fonologia. A maior parte dos estudos ficam restritos a análises sobre o processo de transferência da forma sonora da fala para forma gráfica da escrita, ou de forma teórica, das relações entre fonemas/grafemas ou, ainda, buscam identificar o processo de construção do sistema ortográfico pela criança a partir de frases ou palavras isoladas, desconsiderando a dimensão textual. Além disso, são poucas as pesquisas que articulam saberes provenientes das várias áreas da Linguística –Linguística Textual, Linguística da Enunciação, Sociolinguística – às teorias do Letramento, da Linguística Cognitiva e da Semiótica Cognitiva, por exemplo, para apreensão das operações linguístico-cognitivas necessárias para produção de texto/sentido. Assim, a partir da articulação de contribuições teóricas advindas da Linguística Textual, da Linguística da Enunciação, da Linguística Cognitiva, da Sociolinguística, e da Semiótica Cognitiva, propomos como objetivo geral desta proposta de comunicação, fruto de uma pesquisa de Doutorado em andamento, analisar, descrever e interpretar as operações linguístico-cognitivas realizadas pelo falante para representar (na) sua escrita, o sujeito que enuncia, o interlocutor, a finalidade da interação, o tempo bem como o espaço da enunciação. Nossa hipótese central é a de que os chamados “erros” produzidos pelos

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

falantes são manifestações de operações linguísticas provenientes das várias dimensões da linguagem e que marcam a trajetória do aprendiz em sua inserção na escrita convencional. Assim, diante de dados concretos coletados – textos produzidos por diferentes informantes, em momentos determinados do desenvolvimento escolar consideramos relevante aliar a análise qualitativa, especialmente o Paradigma Indiciário de Investigação, à análise quantitativa. Essa associação irá contribuir para validarmos, estatisticamente e numericamente, as operações linguísticas das várias dimensões da linguagem – a ortográfica, a fonológica, a morfofonológica, a lexical, a semântica e a textual – materializadas nos textos produzidos pelos falantes da pesquisa. Logo, o método quantitativo atrelado ao qualitativo nos concederá certa autoridade para fazer inferências a respeito das operações linguísticas realizadas pelo falante para representar, na (sua) escrita, o sujeito que enuncia, o interlocutor, a finalidade da interação, o tempo como também o espaço da enunciação. Além de apontar para um entrelaçamento entre a oralidade e a escrita, compreendidas como um *continuum*, como práticas sociais, as operações linguísticas evidenciam um modo heterogêneo de enunciação escrito. Essas operações linguístico-cognitivas heterogêneas são evidências do trabalho cognitivo, criativo e constitutivo de um falante, sujeito empírico que, ao produzir uma atividade de linguagem compartilhada com seu(s) coespecífico(s) é capaz: (i) de identificar-se; (ii) de identificar o *outro* como diferente de si; (iii) de compartilhar a atenção com o *outro* sobre um objeto; (iv) de engajar-se em um comportamento de atenção conjunta com o *outro* e perceber que esse *outro* compartilha a atenção com ele (o falante) sobre um objeto; (v) de agir e também identificar intenções comunicativas; (vi) de ter expectativas em relação ao comportamento do *outro*; (vii) de compreender que a representação de mundo do *outro* pode ser diferente da sua. Além das operações de consciência e de atenção compartilhada, o falante realiza, por meio de operações linguísticas, a operação de integração conceitual. Como resultados parciais podemos dizer que operações linguístico-cognitivas de hipossegmentação, de hipersegmentação, de hipercorreção, de ditongação, de integração conceitual, de consciência e de atenção compartilhada são realizadas pelo falante para representar na (sua) escrita o sujeito que enuncia, o interlocutor, a finalidade da interação, o tempo bem como o espaço da enunciação.

Palavras-chave: Operações linguístico-cognitivas; Aquisição da escrita; Enunciação escrita.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Referências bibliográficas:

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. *Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita*. In: *Anais do II Encontro Nacional sobre Aquisição da linguagem*. PUCRS: CEAAL. 1992.
- ABAURRE, FIAD, MAYRINK-SABINSON & GERALDI, 1994. *Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual*. *Trab.Ling.Apl.*, Campinas, (25):5-23, Jan./Jun. 1995.
- ALVARENGA, Daniel; NICOLAU, Eunice; SOARES, Magda Becker; OLIVEIRA, Marco Antônio de; NASCIMENTO, Milton. *Da forma sonora da fala à forma sonora da escrita: uma análise linguística do processo de alfabetização*. *Caderno de Estudos Linguísticos*; Campinas, (16): 5-30; jan/jun. 1989.
- FAUCONNIER, Gilles, TURNER, Mark. *The way think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FRANCHI, C. Linguagem – Atividade constitutiva. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 22.1992. p. 9-39. 5.
- GUINZBURG, C. Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário. In: Carlo Guinzburg. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia de Letras, 1989.p.143-180. 6.
- MARCHETTI, Giorgio. *Consciousness, attention and meaning*. New York: Nova Science, 2010.
- MENDENHALL, W; BEAVER, R. *Introduction to Probability and Statistics*. Duxbury Press, 1994.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. Conhecimento Linguístico e apropriação do Sistema de escrita. In: *Caderno do Formador*. CEALE/FAE/UFMG. Belo Horizonte, 2005.
- ZLATEV, Jordan. The co-evolution of intersubjectivity and bodily mimesis. In.: ZLATEV, Jordan, RACINE, TIMOTHY, P., SINHA, Chris and ITKONEN, Esa (eds.). *The Shared Mind: Perspectives on intersubjectivity*. 2008

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Zonas arritmo-semânticas: abordagem estatística da repetição lexical

Dany Thomaz GONÇALVES (USP/SME-RJ), Ana Cristina JORGE, Lívia Carolina Baenas BARIZON (USP), Mônica SOARES (USP); Naharan PURCINO (UNICSUL/CAPES), Pâmela Teixeira RIBEIRO (USP), Waldemar FERREIRA NETTO (USP/CNPq)

Este trabalho foi motivado inicialmente pela proposta de Guiraud (1954) sobre zonas arritmo-semânticas e posteriormente pelo desejo de estabelecer critérios para a aplicação dessa proposta. Consideramos a divisão lexical proposta em sua obra *Les Caractères Statistiques du Vocabulaire*. Segundo ele, é possível estabelecer no léxico certo número de zonas definidas pela frequência das palavras, o que refletiria suas características semânticas (p. 62). O autor divide o léxico em dois grupos primários: de um lado, palavras de estrutura, palavras gramaticais ou semanticamente vazias, em torno de uma centena, constituindo metade das palavras do discurso; e de outro, palavras de significação, ou palavras fortes, que, por sua vez dividem-se em três grupos: palavras-tema, palavras de base e palavras de caracterização. As palavras-tema constituem aproximadamente 9% e se encontram praticamente em todas as frases, sendo, segundo o autor, impossível exprimir as ideias do discurso sem empregá-las. Seriam as palavras em torno das quais o discurso se organiza. As palavras de base constituem aproximadamente 40% do vocabulário e são a substância do discurso. As palavras de caracterização constituem 5% das palavras de significação. Elas têm uma forte restrição de sentido e são muito precisas. Guiraud chama a esses três grupos de zonas arritmo-semânticas.

A luz da estilística estrutural (RIFFATERRE, 1973), a ocorrência, ou a repetição será um importante método para se observar traços expressivos ou a construção do estilo de um autor, época ou texto. Está presente nos diferentes gêneros textuais, sendo um dos procedimentos básicos da língua. Segundo ela, é um dos elementos fundamentais na construção de sentido na prosa e na poesia, ocorrendo em vários níveis linguísticos. Micheletti (1997) salienta que esses níveis funcionam para a construção discursiva, e é possível observá-los separadamente.

Esta pesquisa objetiva a percepção lexical decorrente da repetição. Para tanto, fizemos uma adaptação da proposta de zonas arritmo-semânticas, com critérios estatísticos baseados na normalidade das ocorrências (MULLER, 1977; 1973; LEVIN, 1985; LEVINE et alii, 2000). Realizaram-se dois testes, tomando como estímulo textos orais: um dissertativo e um narrativo. Os sujeitos ouviram os textos e, em seguida, responderam a um

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

questionário contendo três categorias de palavras selecionadas do texto: palavras com somente uma ocorrência, com ocorrências dentro da média e com ocorrências acima da média.

A aplicação foi feita em duas etapas. Na primeira, 50 sujeitos — 18 adolescentes (14 anos), 27 adultos e 5 idosos (acima de 65) — responderam quanto às palavras do texto dissertativo; na segunda, 54 sujeitos — 18 adolescentes (14 anos), 31 adultos e 5 idosos (acima de 65) — responderam quanto às palavras do texto narrativo. Para o texto dissertativo, os sujeitos deviam responder se ouviram 6 palavras-alvo de cada categoria, para narrativo, se ouviram 4 palavras-alvo de cada categoria. A diferença no número de palavras-alvo decorreu do tamanho de cada texto em número de palavras lexicais. O total de palavras esperado era o que vai a seguir:

Tabela 1: Total de palavras-alvo, por categoria quantitativa, do texto dissertativo

	Adol.	Adulto	Idoso
tema	108	162	30
base	108	162	30
caract	108	162	30

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 2: Total de palavras-alvo, por categoria quantitativa, do texto narrativo

	Adol.	Adulto	Idoso
tema	72	124	20
base	72	124	20
caract	72	124	20

Fonte: Dados da pesquisa

Embora o total de acertos esperados fosse de 100% para cada categoria, nossa expectativa era de que haveria decréscimo das palavras-tema para as palavras de base e finalmente para as palavras de caracterização, conforme a proposta de Guiraud (1954).

Tabela 3: Total de acertos palavras-alvo, por categoria quantitativa, do texto dissertativo

	Adol.	Adulto	Idoso
tema	101	132	15
base	29	78	10
caract	47	69	6

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 4: Total de acertos palavras-alvo, por categoria quantitativa, do texto narrativo

	Adol.	Adulto	Idoso
tema	56	105	10
base	28	63	11
caract	28	45	3

Fonte: Dados da pesquisa

A comparação das tabelas de palavras-alvo com as de acertos (Tabelas de 1 a 4) apresentaram diferenças significativas especialmente para o texto dissertativo. O teste de aderência obteve os valores: $\chi^2 = 365$ e $P < 0,05$, para o texto dissertativo, e $\chi^2 = 218$ e $P > 0,05$, para o narrativo; mostrando que as categorias quantitativas não se adéquam à possibilidade de 100% de acerto. Os resultados confirmaram, para ambos os textos, essa tendência decrescente, (cf. Tabela 3 e Tabela 4), exceto para sujeitos adolescentes, cuja variação quantitativa entre palavras de base e palavras de caracterização não é decrescente. O teste *t* de amostras pareadas mostrou que a diferença entre palavras-tema e palavras de caracterização é significativa: $t = 6,85$ e $P < 0,05$, para o texto dissertativo, e $t = 10,25$ e $P < 0,05$, para o texto narrativo. A comparação entre as categorias de palavras de base, com as palavras-tema e com as palavras de caracterização, não apontou diferenças significativas. Isso leva à interpretação de tratar-se de uma categoria intermediária, corroborando a hipótese da tendência decrescente de Guiraud.

A comparação entre os sujeitos mostrou diferenças estatísticas somente entre adultos e idosos em textos narrativos ($t = 4,77$ e $p < 0,05$), especialmente quanto aos baixos valores de acerto. O teste *z* comparando os acertos das palavras tema levam ao valor ideal de 100%, isto é, somente o grupo dos idosos não variou dentro da margem de segurança, com $P < 0,001$. Esse dado mostra que, embora as categorias quantitativas definidas tenham previsibilidade bastante boa, não podem ser utilizadas sem considerar as características do sujeito.

Palavras-chave: Zonas arritmo-semânticas; estatística; léxico.

Referências bibliográficas:

- LEVINE, David M. et al. Estatística: teoria e aplicações. Rio de Janeiro: LTC, 2000.
- LEVIN, Jack. Estatística aplicada a ciências humanas. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1985.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

MULLER, Charles. Principes et méthodes de statistique lexicale. Paris: Hachette, 1977.

MULLER, Charles. Estadística lingüística. Madrid: Gredos, 1973.

MICHELETTI, Guaraciaba. Repetição e significado Poético. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n.1, p. 151-164, 1997.

GUIRAUD, Pierre. Les caractères statistiques du vocabulaire. Paris: PUF, 1954.

RIFFATERRE, Michael. Estilística Estrutural. São Paulo: Cultrix, 1973.

Um estudo da metáfora conceptual RAZÃO É VOZ: três dimensões, cinco passos e instanciações construcionais

Flávia Saboya da Luz Rosa

Em estudos recentes, atentamos para a correspondência semântica entre muitas expressões convencionalizadas no português brasileiro, tais como “quem cala consente”, “morder a língua”, “calar a boca de alguém”, “ficar sem palavras”, “não ter o que dizer”, “deixar alguém de boca aberta”, entre outras. Percebendo que estas poderiam apontar para uma relação, compartilhada socialmente, entre a aptidão de avaliar algo com bom senso e o ato de manifestar-se oralmente, propusemo-nos a investigar uma possível representação sociocognitiva que licencie esse padrão observado na língua em uso. Neste trabalho, portanto, pretendemos apresentar a hipótese de que há uma metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 2002), por nós definida, até o momento, como RAZÃO É VOZ, que não só motiva a criação e a convencionalização de expressões conforme as supracitadas como também possibilita realizações não linguísticas a ela vinculadas, de acordo com os postulados de Kövecses (2006). Propomos, ainda, que a figura de pensamento mencionada licencia ou favorece o uso de construções interruptivo-argumentativas - objeto central de nossa pesquisa de doutorado -, formadas por verbos (V), nomes (N), interjeições (I), entre outros, seguidos de pronome locativo (Loc). Essas construções, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), exercem função pragmática de marcador discursivo, de modo que o falante interrompe o turno de seu interlocutor para introduzir um argumento que, em geral, considera mais correto ou mais verdadeiro que o dele. Por essa razão, admitimos, também, que a metáfora RAZÃO É VOZ possa exercer o papel de uma espécie de motivação conceptual para as escolhas lexicais na formação das construções interruptivo-argumentativas, como espera aí/lá; escuta aqui; desculpa aí/lá; calma aí/lá e alto lá. A partir desse entendimento, apresentamos, neste trabalho em especial, um olhar voltado para a fundamentação teórico-metodológica e análise de dados de cunho cognitivo-funcional, com base, entre outras, na teoria de Steen (2011). Segundo este autor, a metáfora pode ser associada a uma abordagem multinível - dimensão linguística, dimensão conceptual e dimensão comunicativa – para o processamento da psicologia do discurso de dois modos: comportamental e formal. Com foco neste segundo modo, apresentamos como exemplar a análise de um dado em que aparece uma das expressões acima mencionadas: “calar a boca de alguém”; tal avaliação está baseada nos cinco passos, apresentados por Steen, separados para os distintos formatos de

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

representação da metáfora no discurso. Assim, mostramos de que modo uma enunciação metafórica pode ser analisada como uma possível parte do texto de superfície, do texto base, do modelo de situação e do modelo de contexto. Adotando a ideia original do método dos cinco passos, criamos uma associação entre as formas linguísticas da metáfora nos textos do *corpus* e as estruturas conceptuais da metáfora, exploradas na linguística cognitiva na forma de metáfora conceptual. Ao apreciar as demais expressões do *corpus* em seus respectivos contextos, entendemos que estas podem ser instanciações da metáfora conceptual Razão É Voz, o que aponta para a ideologia, compartilhada socialmente, de que a voz é um recurso destinado aos detentores da razão e, de modo contrário, aqueles que não apresentam discernimento para avaliar com correção, bom senso e verdade devem ser silenciados.

Palavras-chave: metáfora conceptual; construção; marcador discursivo.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Espaço, tempo e finalidade: uma análise com base na semântica de *frames* e na teoria de esquemas imagéticos

Melina Souza (UFF)

Este trabalho propõe uma discussão inicial acerca da relação entre espaço, tempo e finalidade, com base na semântica de *frames* (FILMORE, 2006; DUQUE, 2015) e na Teoria de Esquemas Imagéticos (JOHNSON, 1987; GIBBS, COLSTON, 2006). Segundo Johnson (1987, p. 29-30, tradução nossa) os esquemas imagéticos são estruturas dinâmicas “por meio das quais organizamos nossa experiência de maneira que possamos compreendê-la.” Formadas por meio da percepção sensório-motora de nossas experiências mais primitivas – e, basicamente, espaciais –, essas estruturas são acionadas para que possamos compreender domínios mais abstratos com base em domínios mais concretos. Apesar de constituírem um pequeno grupo de relações esquemáticas, os esquemas imagéticos são a base para a compreensão de significados mais abstratos, podendo estruturar incontáveis percepções, imagens e eventos. Dessa forma, têm como característica fundamental a flexibilidade, ou seja, “podem assumir um número qualquer de instanciações específicas em contextos variados” (op. cit., p. 30, tradução nossa). Esse aspecto multifacetado se deve ao fato de a estrutura interna de um único esquema poder ser entendida metaforicamente. Dividindo o processo de construção de sentido em duas fases – análise construcional e resolução contextual –, Duque (2015, p. 27) considera os esquemas imagéticos – doravante, esquemas-I – como *frames* simples que, interligados, derivam em *frames* complexos. Esses *frames* simples ou esquemas-I contêm poucos papéis relacionados entre si, denotando relações espaciais básicas. Buscamos, portanto, neste trabalho, caracterizar o *frame* de finalidade como um *frame* descritor de evento cuja representação mais esquemática tem como base o esquema imagético de trajetória. Tal esquema se caracteriza por apresentar um corpo (agente) que, ao movimentar-se, passa por pontos intermediários (ações) que condicionam alcance de uma meta (a realização de um evento), como demonstra o seguinte exemplo: “Oposição cria ‘força-tarefa’ para conseguir votos pró-impeachment” (G1, 29 mar. 2016). Paralelamente, com base em Langacker (1991), demonstramos que a finalidade se encontra em um ponto qualquer do futuro, cujo caráter hipotético não garante ao observador acesso à realidade conhecida pelo conceptualizador e, muitas vezes, nem o próprio conceptualizador tem acesso a essa realidade, dependendo de seu posicionamento em relação à ação a ser realizada para alcançar a meta. A fim de representar os domínios cognitivos em termos dos quais os

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

significados são caracterizados como pertencentes à realidade, irrealidade ou realidade desconhecida, Langacker (op. cit.) propõe uma sequência de modelos cognitivos idealizados – modelo epistêmico básico, modelo epistêmico elaborado e modelo da linha do tempo – que, como afirma o autor, podem representar “aspectos indissociáveis de uma única e elaborada concepção” (op. cit. 242). Ao associarmos, portanto, o modelo da linha do tempo ao modelo epistêmico elaborado, ambos propostos por Langacker, devemos também associar o futuro à não realidade, pois este não é conhecido e, dessa forma, só podemos a ele fazer referência por meio de afirmações probabilísticas. Podemos afirmar, portanto, que o *frame* de finalidade, por perfilar eventos que, hipoteticamente, ocorrerão no futuro, coloca-os na região da não realidade. Considerando que o esquema-I de trajetória é acionado no processo de decodificação da relação de deslocamento metafórico presente no evento de finalidade e que os pontos intermediários desse processo são ações ou processos que condicionam a possível realização do evento, entendemos que a condição é uma circunstância *sina qua non* para ocorrência do *frame* de finalidade, ou seja, é uma etapa do “caminho percorrido” no esquema imagético. Por outro lado, o esquema-I de trajetória nos mostra um deslocamento em direção a uma meta futura, ou seja, a um marco, o que não pode ser determinado no *frame* de finalidade. Dessa forma, neste trabalho, pretendemos destrinchar o *frame* de finalidade – por meio da análise de manchetes de jornais *on-line* –, de modo a demonstrar que esse *frame* deriva do esquema imagético de finalidade, com a particularidade de não apresentar um marco, ou seja, um ponto final definido.

Palavras-chave: Semântica de *frames*; esquemas imagéticos; finalidade.

Referências bibliográficas:

- DUQUE, Paulo Henrique. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em *frames*. *Revista da Anpoll*, n. 39. Florianópolis, jul./ago. 2015. p. 25-48.
- FILMORE, Charles J. *Frame semantics*. In: GEERAERTS, Dirk. *Cognitive linguistics: basic readings*. Cognitive Linguistics Research, n. 34. Berlin/New York: Moutont de Gruyter, 2006. cap. 10.
- GIBBS, Raymond W.; COLSTON, Herbert L. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. In: GEERAERTS, Dirk. *Cognitive linguistics: basic readings*. Cognitive Linguistics Research, n. 34. Berlin/New York: Moutont de Gruyter, 2006. cap. 7. California: Stanford University Press, 1991.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1987.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

LANGACKER, Ronald W. Foundations of cognitive grammar. v. 2. Descriptive application.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Análise em inícios de textos argumentativos: um estudo cognitivo

Renata Barbosa Vicente (Universidade Federal Rural de Pernambuco)

Esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar construções linguísticas mais frequentes usadas para marcar a introdução de um texto dissertativo-argumentativo, pela perspectiva da Gramaticalização e da Cognição. Teoricamente, fundamentamos esta pesquisa nos estudos sobre Cognição, a partir de Tomasello (2003) Del Nero (1997) e Damásio (2011), sobre Gramaticalização Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Bybee (2010) e sobre Texto Koch (2002). Todo o material analisado teve tratamento quantitativo e qualitativo.

Nesta pesquisa discorreremos sobre os encaminhamentos metodológicos, em que registraremos o modo como as amostras foram reunidas e como foram analisadas. Para isso usamos o corpus de redações de vestibular da FUVEST (Fundação para o vestibular – USP), produzidas entre os períodos de 2004 e 2011. Esse material conta com uma amostragem de 200 redações por ano, organizado nas 100 melhores e 100 piores, com base em critérios da banca examinadora. Faremos uma apresentação da proposta temática, a fim de observar se o tema não influencia o escrevente durante o nosso objeto de análise. Explanaremos a forma de apreensão dos padrões de uso introdutórios. Com essa tarefa, teremos condições de cotejar usos e apresentar as estratégias adotadas para referendá-los.

Com base na análise dos dados do recorte da introdução textual, chegou-se à determinação de que a categoria espaço é a categoria cognitiva mais frequente na defesa de uma tese e difere da categoria lugar. Foi possível, assim, constatar que espaço, embora em vários contextos seja utilizado como sinônimo de lugar, sob o ponto de vista linguístico-cognitivo lugar tem caráter mais concreto, por determinar localização física, enquanto espaço situa-se mais à direita do *continuum* das categorias cognitivas propostas por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), após a categoria tempo, apontando para maior grau de abstração. Também foi possível identificar 7 padrões funcionais que marcam a introdução textual.

Consideramos relevante compreender os processos cognitivos que envolvem o processamento da linguagem na mente humana. Para isso, estabelecemos um diálogo entre cognição e linguagem. Esse diálogo não é, como se poderia supor, no entanto, inédito. Mesmo as áreas da neurociências, da psiquiatria e da psicologia têm reconhecido na linguagem um objeto eficiente para alcançar processos mentais. Isso nos permitirá recorrer a vozes de autores como Del Nero (1997) e Damásio (2011), dentre outros. Damásio, por

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

exemplo, defende a ideia de que processamentos mentais remetem a camadas evolutivas da mente. Seus resultados permitem identificar camadas de self (protossself, self central e de self autobiográfico) aliados à complexidade de operações que o indivíduo passa a ter competência de realizar conscientemente. Pudemos evidenciar que o processamento cognitivo para a produção textual envolve vários fatores mentais como o *protossself* (condição básica ao indivíduo), *self central* (todo o conhecimento adquirido) e self autobiográfico (a forma de externalizar o conhecimento adquirido em texto escrito). Destacamos também, a forma como o candidato começa uma dissertação, procurando criar um espaço conjunto de atenção, que é resultado de todos esses *selves* trabalhando juntos para a (inter)subjetividade materializada via categorias cognitivas.

Palavras-chave: Gramaticalização; Padrões Funcionais; Categoria Linguística; Cognição; Redação.

Referências bibliográficas:

- BYBEE, Joan. Language, usage and cognition. Cambridge: University Press, 2010.
- DAMÁSIO, António R. E o cérebro criou o homem; tradução Laura Teixeira Motta _ São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [2009].
- DEL NERO, H. S. O Sítio da Mente: Pensamento, Emoção e Vontade no Cérebro Humano. São Paulo. Editora Collegium Cognition, 1997.
- KOCH, I. V. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002.
- TOMASELLO, M. Origens culturais da aquisição do conhecimento humano. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Perspectivas metodológicas no estudo da metáfora

Solange Vereza (UFF)

O paradigma cognitivista, introduzido por Lakoff e Johnson (1980), ao deslocar o lócus da metáfora da linguagem para o pensamento (VEREZA, 2010), resultou em uma verdadeira revolução na pesquisa em torno desse fenômeno. A metáfora conceptual, conceito chave desse novo paradigma, passou a ser o foco de muitos estudos que abordavam a linguagem metafórica apenas como evidência, ou instanciação, da metáfora cognitiva subjacente, a qual motivaria ou “licenciaria” as expressões metafóricas encontradas na linguagem. Do ponto de vista metodológico, caberia ao analista postular a metáfora conceptual que motivaria e/ou proveria coerência semântica a essas expressões figuradas. Por outro lado, com base em uma abordagem mais dedutiva, passou a ser prática comum, nessa área de investigação, iniciar uma pesquisa com uma metáfora conceptual já postulada e, a partir desta, buscar evidências ou marcas linguísticas que, de alguma forma, pudessem corroborar a metáfora conceptual proposta. Lakoff e Johnson (ibid.), em sua obra seminal, seguem esse procedimento. Logo no primeiro capítulo, os autores propõem a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, que é seguida de exemplos linguísticos, como “ele *atacou* meus argumentos”, “saia da *defensiva*”, “fui *bombardeada* no debate”, entre outros, que comprovariam a existência cognitiva da metáfora conceptual em questão. No decorrer do livro, outras metáforas são propostas (TEMPO É DINHEIRO, A VIDA É UMA VIAGEM, por exemplo), inclusive as do tipo orientacional (MAIS É PARA CIMA), sendo todas igualmente acompanhadas por exemplos de evidências linguísticas por elas licenciadas. A circularidade desse procedimento analítico e o fato de os exemplos não serem retirados de corpora autênticos, mas sim “inventados”, foram questionados por vários teóricos (DEIGNAN, 2005). A partir dessa problematização, grande parte dos estudos em metáfora passou a se apoiar, empiricamente, em ocorrências reais de linguagem em uso, principalmente em corpora eletrônicos (SARDINHA, 2011). Assim, exemplos autênticos passam a fazer parte de importantes pesquisas, muitas vezes revelando usos inesperados e até contraintuitivos de metáforas, servindo, em alguns casos, como fontes de reavaliação da própria teoria. Uma recente tendência, no entanto, vem ampliando ainda mais o objeto de investigação no campo da metáfora, enfocando não apenas marcas linguísticas específicas e, de certa forma, isoladas, mas também o funcionamento da metáfora em contextos discursivos mais abrangentes. A tentativa de ressaltar o aspecto sociodiscursivo nos estudos cognitivos confere clara legitimidade ao conceito de *sociocognição*, que não

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

separa as noções de mente, contexto social e linguagem. Essa tendência, que tem sido chamada “virada cognitivo-discursivo” (SEMINO, 2008; CAMERON & MASLEY, 2010), ao propor articular as dimensões conceptual e sociodiscursiva da metáfora, amplia o seu escopo analítico, resultando no surgimento de novos conceitos e, principalmente, unidades de análise que possam dar conta, de uma maneira mais sistemática, de um objeto epistemologicamente mais complexo. Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo, além de discutir, em maior detalhamento, as questões aqui já levantadas, explorar esses novos conceitos/unidades: *metáfora sistemática* (CAMERON, 2010), *metaforema* (CAMERON e DEIGNAN, 2006), *nicho metafórico*, *metáfora situada* (VEREZA, 2010, 2013) e *metaforicidade* (DIENSBACH, 2015), como também suas implicações teóricas e aplicações analíticas. Alguns exemplos de análise da metáfora em diferentes gêneros ilustrarão essas novas abordagens, seu potencial investigativo e alguns de seus impasses metodológicos.

Palavras-chave: metáfora; discurso; unidades de análise

Referências bibliográficas:

- CAMERON, L & DEIGNAN, A. The Emergence of Metaphor in Discourse. *Applied Linguistics* n.27(4), 2006, pp. 671- 690.
- CAMERON, L. & MASLEN, R. (Orgs.) *Metaphor Analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities*. London: Equinox, 2010.
- DEIGNAN, A. *Metaphor and corpus linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- DIENSBACH, D. *Metaforicidade como um aspecto do gênero*. Comunicação apresentada no V CMLP, UFMG, 2015.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1980.
- SARDINHA, T, B. Metáfora e linguística de corpus. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. vol.11 no.2, 2011.
- SEMINO, E. *Metaphor in Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- VEREZA, S. C. Metáfora e argumentação: uma abordagem discursiva. *In: Linguagem e Discurso* , v. 7, n. 3 2007. pp. 487 – 506.
- _____. O Lócus da Metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 41, 2010. pp. 199 - 212.
- _____. ; MOURA, H. & ESPÍNDOLA, L. Metáfora e contexto: entre o instável

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

e o estável. *Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 17, 2013, pp. 1-14.

Contrafactualidade em postagens humorísticas do twitter: uma análise preliminar

Thayssa Taranto Ramírez (Universidade Federal Fluminense)

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar como o raciocínio contrafactual é utilizado na produção de humor em postagens do Twitter.

Criado em 2006 para ser utilizado como uma ferramenta de comunicação interna da empresa Odeo (RECUERO, 2009), o Twitter seria logo disponibilizado para todos os internautas. Inicialmente, ficou restrito a poucas comunidades ligadas à tecnologia digital; num segundo momento, passou a ser utilizado por celebridades e seus seguidores e, em seguida, começou a popularizar-se entre os mais diferentes segmentos sociais, inclusive com uma abordagem mais humorística (LEMOS E SANTAELLA, 2010; FERREIRA E SALES, 2013).

Por tratar-se de uma ferramenta que permite atualizações rápidas e curtas (o usuário possui apenas 140 caracteres para expressar uma ideia), é classificado como *microblog*. Diferentemente do Facebook e do Orkut, em que os vínculos sociais costumam ser extensões da “vida real”, o Twitter utiliza o sistema de seguidores e seguidos, o que propicia uma alteração constante nas relações entre usuários. Os laços sociais são criados não com foco na pessoa, mas na qualidade e no tipo de conteúdo por ela veiculado, fazendo surgir grupos de interesse que interagem abertamente e em tempo real (LEMOS E SANTAELLA, 2010). Por conta disso, a visibilidade na rede social parece estar diretamente vinculada à popularidade do usuário, a qual se revela tanto pelo número de seguidores quanto pela quantidade de *retweets* (isto é, compartilhamento de suas postagens), e é nesse sentido que o humor desempenha papel fundamental.

Entre os mecanismos cognitivos mais empregados pelos usuários dessa rede social visando à geração do humor estão os trocadilhos, a ironia, a polissemia, o *frame-shifting*, a metáfora, a metonímia e o pensamento contrafactual. Com relação a este último, caracteriza-se, segundo Fauconnier e Turner (2002), pela combinação de elementos aparentemente incompatíveis, em que as oposições são ativadas em vez de suprimidas, gerando um efeito de sentido que é possibilitado pelas diferenças entre os resultados propostos pelos cenários real e imaginário.

De acordo com Atardo (1994), as teorias do humor têm sido tradicionalmente divididas em três grandes grupos, sendo uma delas as chamadas “teorias da incongruência” (ou bissociação). Segundo Raskin (1985), uma das formas de produzir humor é através do choque entre dois planos de conteúdo opostos ou incompatíveis, os chamados *scripts*, que

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

costumam envolver categorias binárias essenciais para a vida humana, tais como real x irreal, verdadeiro x falso, bem x mal, vida x morte, etc.

Como objeto de nosso estudo, selecionamos algumas postagens publicadas inicialmente no Twitter e posteriormente, na página “Ajudar o povo de humanas a fazer miçanga”, tendo sido extraídas desta última. Para cada postagem (sentença) selecionada, analisaremos seu conteúdo com base na teoria da mesclagem conceitual (FAUCONNIER E TURNER, 2002), operação mental a partir da qual se estabelece uma projeção parcial entre dois espaços ou domínios fonte (*inputs*), que licenciada por um espaço genérico, produz uma estrutura amalgamada denominada mescla.

Segundo Fauconnier (1997), a contrafactualidade seria um tipo específico de mescla, uma expressão do raciocínio analógico, porém fundada na desanalogia, o que demanda uma espécie de reanálise. Na sentença "Minha sogra deve ter abortado meu namorado", o cenário real é o de uma pessoa que não obteve sucesso em sua busca por um relacionamento amoroso; já o cenário imaginário é o de uma pessoa sentimentalmente bem-sucedida. Na mesclagem de natureza contrafactual, o feto que teria sido supostamente abortado cresceu e se tornou o namorado do (a) falante, ou seja, o "namorado" da mescla é, ao mesmo tempo, o feto abortado e um adulto. Fora da mescla, a sentença acima não faria o menor sentido, pois o nascimento é condição *sine qua non* para que se possa atribuir funções e/ou qualidades a um indivíduo.

Em suma, o raciocínio contrafactual aparece como umas das operações cognitivas mais empregadas na produção do humor pelos usuários do Twitter, estimulando o compartilhamento de suas postagens em outros espaços da *internet* (redes sociais, *blogs*, páginas de notícias ou de entretenimento, etc.) e, conseqüentemente, o aumento de sua visibilidade na rede.

Palavras-chave: humor; mesclagem; contrafactualidade.

Referências bibliográficas:

ATTARDO, Salvatore. *Linguistic Theories of Humor*. New York: Mouton De Gruyter, 1994.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*, New York, Basic Books, 2002.

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

FERREIRA, Larissa; SALES, Judy. *A evolução do humor grotesco no twitter*, uma análise do perfil Dilma Bolada. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1045-1.pdf (Acesso em 15 ago. 2016)

RASKIN, Victor. *Semantic Mechanisms of Humor*. Dordrecht: D. Reidel, 1985.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Breve análise das expressões do futebol sob a ótica das mudanças semânticas

Ana Carolina Mrad de Moura Valente (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Com a intensificação do interesse em estudos sobre a atuação das metáforas nas línguas, o que antes era chamado de linguagem literal passa a perder espaço para a linguagem metafórica, já que essa também tem papel importante na estruturação da linguagem cotidiana, como tem sido reconhecido recentemente. Assim, conforme Lakoff e Johnson (2002), compreendemos o mundo por meio de metáforas e as acessamos diariamente em usos textuais diversos sem nem ao menos nos darmos conta de sua utilização.

Levando em consideração que o futebol é o esporte mais popular no Brasil, pretendemos fazer uma análise das metáforas estruturadas em expressões características do contexto futebolístico. Como este é um assunto que está sempre em voga nas conversas do povo e é também um campo de significação usado para caracterizar o povo brasileiro com base em um dos seus interesses conferindo-lhe a alcunha de “amante do futebol”, nosso tema central será a maneira como as pessoas fazem uso dessas expressões e de que forma as transpõem para o cotidiano além-futebol. Dessa forma, pretendemos, com este trabalho, demonstrar como essas expressões foram adquirindo espaço na linguagem cotidiana ao longo do tempo, levando em consideração os mais diversos contextos de utilização.

Podemos citar, por exemplo, a expressão “dar (um) balão”, que não só faz parte do contexto futebolístico como também é utilizada em outros contextos.

(1) “Um vendedor de balões chegou a me parar e me dar um balão de graça, dizendo: 'Você merece tudo'. É fácil ficar famosa num país que só tem um canal de televisão”.

(2) Ex.: O Jogador deveria dar um balão bem para cima, chutando a bola num ângulo de 77° em relação à horizontal.

(3) Receita para dar um balão no regime sem deixar pistas: Bolo de caneca.

(4) Todo homem dá "balão" na namorada ou esposa?

Todo homem engana a namorada ou esposa de vez em quando pra viajar ou farrear com os amigos? Isso é comum? E por que fazem isso?

Observando os exemplos, podemos perceber que as inúmeras concretizações desta expressão o que ajudam a corroborar a nossa hipótese de que a língua é estruturada a partir

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

dos contextos de uso e dos conhecimentos do falante levando expressões mais prototípicas a terem os mais variados sentidos.

Como metodologia, utilizamos os sites de pesquisa do *Google* a fim de verificar se esse fenômeno ocorria mesmo nos mais variados contextos. Para tanto, coletamos dados de sites específicos – voltados ao contexto do futebol – e outros que abordavam os mais diversos assuntos. Vale ressaltar que tal busca foi feita a partir de uma consulta prévia de uma das obras de Feijó (2010) que fez um levantamento das expressões características do contexto do futebol. Com isso, buscamos comprovar a nossa tese de que, com o passar do tempo e o envolvimento deste esporte na vida do brasileiro, essas expressões antes tidas como características apenas deste contexto, passaram a ser utilizadas em outros.

Como aporte teórico fizemos uso da Linguística Cognitiva e da Gramática das Construções levando em consideração o conceito de língua trabalhado por essas correntes. Segundo a LC, a representação do mundo pelo homem é feita a partir de experiências corpóreas que são efetivadas por meio de habilidades cognitivas, como a metáfora e a metonímia. Para essa linha de investigação, esses dois recursos deixam de exercer a função de meros recursos literários e retóricos, figuras de linguagem, e passam a ser vistos como mecanismos cognitivos de compreensão da linguagem e apreensão da realidade em que o homem se insere, representando o modo de pensar e agir dos falantes. Assim como a LC, a Gramática das Construções (mantendo com a primeira uma estreita relação) também tem por base o conhecimento de mundo e as experiências do usuário da língua. A Gramática das Construções, por sua vez, é uma teoria que tem como foco a competência linguística do falante que se supõe alcançar a partir das estruturas linguísticas e dos processos cognitivos associados a estas competências. Tem por base o conceito de construção gramatical, cuja definição se baseia na correspondência entre forma e significado.

Levando em consideração os preceitos do aporte teórico utilizados, pudemos comprovar a hipótese de que os significados não são fixos. A partir da análise inicial dos dados, pudemos perceber que nossa hipótese inicial de que tais expressões ocorreriam na língua em diferentes contextos e com uma grande frequência se comprovou, mostrando-nos que, para se analisar a língua verdadeiramente, é essencial que se levem em consideração os contextos de uso e a dinamicidade característica da língua.

Assim, ao fazer o levantamento dos dados, já pudemos notar que esse fenômeno de espraiamento semântico acontece muito mais do que se imagina e que os falantes da língua são muito rápidos e eficientes quando o objetivo é se comunicar. Nesse sentido, pudemos perceber que, quando o foco é a comunicação, os falantes fazem uso dos mais diferentes

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

padrões construcionais da língua e das mais diversas significações para atribuir o sentido que desejam. Dessa forma, com o futebol não seria diferente. Se pensarmos que o povo brasileiro é muito conectado a esse esporte, não seria utópico imaginar que a linguagem cotidiana também poderia ser estruturada a partir de vocábulos característicos deste contexto.

Palavras-chave: mudança semântica, linguagem do futebol, linguística

Referências bibliográficas:

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASSEB-GALVÃO et alii. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

FEIJÓ, L. C. S. *Futebol falado e a sua dramática linguagem figurada*. Balneário Camboriú, 2010.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford, 2006.

LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things: What categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____ & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras, 2002 [1980].

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VIEIRA, M. dos S. M. *Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português*. In: SOLETRAS – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ, n. 28, 99-125, 2014.

Construções de Foco do Galego: Construcionalização e Mudança Construcional

André Felipe Cunha Vieira

Este trabalho de doutoramento, ainda em curso e parte do projeto “Galego e Português Brasileiro: História, Variação e Mudança” sediado na Universidade Federal Fluminense (Brasil) e Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), investiga quatro construções focais que figuram entre várias estratégias de foco da língua galega: Pseudo-Clivada Invertida, Pseudo-Clivada, Canônica e Foco Ser. Adoto uma perspectiva Construcional Diacrônica dentro dos Modelos Baseados no Uso, e analiso as mudanças à luz do modelo de Construcionalização e Mudança Construcional de Traugott e Trousdale (2013).

A importância desta investigação dá-se em duas frentes: a primeira diz respeito à lacuna que existe nos estudos em galego em relação às análises construcionais bem como em relação às clivadas de modo geral; e a segunda diz respeito à importância crucial de um estudo diacrônico amplo no galego, o qual lança luz sobre questões importantes relevantes aos estudos em português.

Abaixo, apresento exemplos em português de cada uma das construções:

(1) Pseudo-Clivadas Invertidas:

Ele é quem estuda o Galego.

[[[SN₁] SER REL] V SN₂] ↔ [X_{focal} estudar Z]]

(2) Pseudo-Clivada:

É ele quem estuda o Galego.

[[SER [SN₁] REL] V SN₂] ↔ [X_{focal} estudar Z]]

(3) Canônica:

É ele que estuda o Galego.

[[SER [SN₁] QUE] V SN₂] ↔ [X_{focal} estudar Z]]

(4) Ser Que:

Ele é que estuda o Galego.

[[[SN₁] SER QUE] V SN₂] ↔ [X_{focal} estudar Z]]

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Trata-se de construções complexas e altamente esquemáticas, segundo a classificação de Noël (2007), em acordo com (Goldberg 2003:220; Croft e Cruse 2004:248).

Os objetivos do trabalho são:

- 1° - Mapear as construções Clivada Canônica, Ser Que, Pseudo-clivada Invertida e Pseudo-Clivada no Galego desde o século XIII até o século XX (até 1980).
- 2° - Identificar os tipos de foco encontrados em cada uma das construções.
- 3° - Identificar se há preferência na clivagem dos diferentes elementos frasais em relação a cada uma das construções.
- 4° - Analisar possíveis casos de construcionalização e mudança construcional que possam ter ocorrido nestas construções ao longo do período acima indicado.

O conceito de foco utilizado nesta análise é aquele defendido por Halliday (1967):

O foco de informação é um tipo de ênfase, graças ao qual o falante sinaliza a parte (que pode ser o todo) da mensagem como aquela que ele deseja que seja interpretada como informativa. O que é focal é “informação nova”; ela pode ter sido previamente mencionada, embora, frequentemente, não seja o caso; nova no sentido de que o falante a apresenta como se não fosse recuperável do discurso precedente.

Utilizo neste trabalho dois *corpora* informatizados, cronologicamente complementários, ambos desenvolvidos no Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela.

Para referências medievais empreguei o Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega (TMILG), que abrange uns 16000 textos e documentos anteriores a 1600. Para referências modernas e contemporâneas utilizei o Tesouro Informatizado da Língua Galega (TILG), que contém mais de 26 milhões de palavras correspondentes a textos galegos escritos, produzidos desde 1600 à atualidade.

Os dados foram classificados e codificados em catorze grupos de fatores, sendo eles: Construção, Século, Tipo de Foco, Elemento Oracional Focalizado, Tipo de Verbo, Tamanho do Elemento Focalizado, Animacidade, *Status* Informacional, Relevância Tópica, Tempo Verbal da Cópula, Tempo Verbal do Predicado, Aspecto Verbal do Predicado, Tipo Textual e Gênero Textual. As codificações foram então contabilizadas com o auxílio do pacote de programas GoldVarb X e analisadas quantitativamente e qualitativamente.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Os resultados mostram que as construções Pseudo-Clivadas Invertidas e Foco Ser já estavam presentes no galego do Século XIII e sugerem que sua emergência tenha acontecido em séculos anteriores. As construções Pseudo-Clivada e Canônica surgem a partir do século XVIII, no que defendemos ser um caso de construcionalização que segue o esquema: Pseudo-Clivada Invertida → Pseudo-Clivada → Canônica. Os resultados não nos permitem afirmar uma relação de herança entre a Pseudo-Clivada Invertida e a Ser Que dado que ambas aparecem no século XIII. Por outro lado, não temos nenhuma evidência que impossibilite a sugestão de que essa herança tenha relação com os séculos anteriores, uma vez que não há documentação dos séculos VIII (estabelecimento do romance galego) ao XII. Contudo, os resultados indicam uma possível explicação para os resultados obtidos em um experimento de *priming* apresentado em Cunha Vieira et. al. (2016) sobre o português do Brasil, no qual as construções Ser Que apresentaram um efeito focalizador mais baixo (se comparado às demais construções analisadas), muito semelhante ao obtido em construção não clivadas. Foi sugerido que a construção Ser Que está perdendo gradativamente seu efeito focal devido à mudança de seu carácter marcado, essencial para esse efeito. Ainda que este trabalho não ateste essa hipótese (não era seu objetivo), a presença da construção na aurora do galego, língua que originou o português, e seu comportamento nos séculos seguintes corroboram essa proposta, conforme os resultados apresentados neste trabalho.

Palavras-chave: construcionalização e mudança construcional; estruturas clivadas e de foco; galego

Referências bibliográficas:

CUNHA VIEIRA, A. F. et. al. • “Complexidade Cognitiva em Construções de Foco do PB – um experimento de priming” IN.: BRAGA, M. L. & MAIA, M. (ed.) *Representação, função e processamento do Foco*, ReVEL V.13, edição especial n.10, p. 265-281, 2016.

CROFT, W. & CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

GOLDBERG, A. E. ”Constructions: A new theoretical approach to language”. *Trends in Cognitive Sciences* 7: 219–224, 2003

HALLIDAY, M. A. K. *Intonation and Grammar in British English*. The Hague: Mouton, 1967.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

NOËL, D.: “Diachronic construction grammar and grammaticalization theory”.

Functions of Language 14 (V.II): 177–202, 2007.

TMILG = Varela Barreiro, Xavier (dir.) (2004-): Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega.

[<http://ilg.usc.es/tmilg>]. [22/09/2015 – 31/07/2016]

TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G.: *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Santamarina, Antón (coord.): Tesouro informatizado da lingua galega. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega. <<http://ilg.usc.es/TILG/>> [Consultado: 22/09/2015 – 31/07/2016]

Construção relacional com *ficar*, *tornar-se* e *virar*

Bruna Gois Pavão Ferreira (UFRJ)

Esta comunicação tem por objetivo realizar uma análise da construção gramatical relacional com os verbos *ficar*, *tornar-se* e *virar* indicando algum tipo de mudança de estado no Português Brasileiro escrito, no âmbito da Gramática de Construções Baseada no Uso (BYBEE, 2010, 2013; CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2013; dentre outros). Nota-se que há poucos estudos sobre a construção com verbos relacionais, conhecidos como verbos de ligação na tradição gramatical, que costuma descrevê-los como vazios de significado, destacando apenas que funcionam como elo entre o sujeito e seu predicativo, além de indicar uma lista fechada de verbos que podem apresentar tal funcionalidade. Este trabalho, por sua vez, busca mostrar que esse tipo de construção pode apresentar diversas nuances de significado, como a mudança de estado, que pode se realizar de diferentes formas, com pequenas alterações aspectuais e/ou de significado a depender do verbo compatibilizado à construção. A abordagem construcional foi escolhida para nortear esta pesquisa por apresentar um modelo de gramática como rede de construções, considerando a construção gramatical como unidade básica da língua, constituindo um pareamento de forma e significado, e por levar em consideração a frequência de uso na constituição e generalização das formas gramaticais, relacionando-as em redes construcionais, organizadas com base nas semelhanças de família. Para tanto, recorreu-se aos *corpora* do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), em impressos do Rio de Janeiro (cartas de leitores e cartas de redatores/editoriais) e Linguateca (*corpus* brasileiro AC/DC: artigos, teses, dissertações, revistas, jornais, contos, crônicas etc.), a fim de identificar se houve mudanças linguísticas significativas no padrão da construção relacional de mudança de estado com os verbos em estudo. Leva-se em conta, também, se o grau de formalidade (registro) influencia a escolha por um dos três verbos para compor a construção relacional de mudança de estado, dentre outros fatores, como o tipo de sujeito (animado ou não animado). Com base na frequência, busca-se identificar o padrão construcional mais utilizado nos séculos XIX e XX e em dados mais atuais, e analisar a configuração morfossintática da construção relacional, suas instâncias de uso e seus níveis esquemáticos. As hipóteses, com base em alguns resultados, são: (i) *virar* apresenta um uso mais informal e mais moderno, pois não aparece no *corpus* PHPB nos séculos XIX e XX em construção relacional de mudança de estado, além de se ligar, preferencialmente, a predicativos sob a forma de sintagma nominal, indicando uma mudança de estado mais gradual; (ii) *tornar-se*

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

apresenta um uso mais formal e mais antigo, ligando-se, geralmente, a sintagmas nominais, indicando também uma mudança de estado mais gradual; (iii) *ficar* apresenta um uso mais geral e mais comum, ligando-se mais a sintagmas adjetivais, indicando uma mudança de estado mais abrupta. Desse modo, verifica-se que as construções com *tornar-se* e *virar* são bastante semelhantes, diferenciando-se, especialmente, quanto ao grau de formalidade, uma vez que a construção com *tornar-se* é mais utilizada em contextos formais e com *virar*, em contextos informais. Por outro lado, a construção com *ficar* parece ser mais geral, sendo utilizada em ambos os contextos.

Palavras-chave: Gramática de Construções Baseada no Uso; construção relacional; mudança de estado.

O papel funcional-cognitivo em construções correlativas aditivas: uma perspectiva funcionalista

Marcello Ribeiro (USP-UNINOVE)

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar um processo altamente complexo do ponto de vista cognitivo: pares correlativos são mobilizados para construir uma argumentação sofisticada com a intenção de convencer o outro que lê o texto. Ocorre que o caminho para isso é bem diferente daquele prescrito nas gramáticas normativas.

Por si só, o reconhecimento desse fato a torna interessante, pois este tema pressupõe lidar com a bagagem cognitiva do interlocutor, antecipando uma informação sabidamente conhecida pelo outro. Ao mesmo tempo, cria um espaço de interlocução disparado somente num momento em que esse outro concorda com a primeira informação.

O *corpus* analisado foi o das redações da Fuvest, entre os anos de 2004 a 2010, em que os pares correlatos, tanto considerados normatizados como aqueles considerados diferentes, estão presentes na bagagem cognitiva herdada historicamente na sociedade.

O comportamento linguístico-pragmático que integra o conjunto das porções informativas correlatas empregadas nessas redações vestibulares, momento em que a pressão pela normatividade é bem grande, mas escreventes habilidosos se utilizam dos pares que fogem ao que se espera e surpreendem o leitor com escolhas criativas que, porém, não rompem com o processamento cognitivo esperado.

São bases para o desenvolvimento desta pesquisa os pressupostos teóricos da linguística funcionalista. Nesse modelo, concebe-se a língua como um fenômeno maleável que pode ser moldado de acordo com a situação real em interações sociais.

Um conjunto de assunções funcionalistas servirá de aporte para nossas investigações (Halliday, 1973, 1985), o qual defende a ideia de que as formas da língua são meios para um fim, não um fim em si mesmas, em que o falante faz suas escolhas e as seleciona simultaneamente de acordo com suas necessidades, com o auxílio da gramática, faz suas opções a partir de componentes sintático, semântico e pragmático (Dik, 1997; Givón, 1984) e que, susceptível às pressões de uso.

Nessa concepção, a gramaticalização traz uma mudança linguística por meio da qual alguns elementos de conteúdo lexical se desenvolvem, no decorrer do tempo, se tornam elementos gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais, por um fluxo de atenção e um ponto de vista, o qual determina a sequência de combinações lexicais discursivo-pragmáticas a fim de, intencionalmente,

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

atender a propósitos comunicacionais: “estrutura da língua reflete a estrutura da experiência” (Croft, 1991), em que existe uma proximidade icônica entre a combinação de formas linguísticas extensas ou complexas com as de natureza conceptual.

A linguagem como um instrumento processual adaptativo e sociocognitivo, em que homens, por meio de convenções sociais, conseguem criar e recriar símbolos e construções linguísticas, a partir da criação de outras, já existentes é um indício de que língua, e transformação e uso são elementos-chave para compreensão do funcionalismo da língua; e para isso nossa tese tem Tomasello (2003) como teórico que subsidiará nossos apontamentos e análises.

Assumimos a postura teórica cognitivista, que entende a linguagem atrelada à cognição como um conjunto de sistemas conectados, que envolve a linguagem e nossas percepções experienciais de ver o mundo, por meio dos sentimentos e informações socioculturais que carregamos durante a vida. Nesse sentido, a gramática não pode ser vista como um conjunto de regras fixas, independentes do conteúdo que veiculam aquilo que desejamos expressar, mas sim um conjunto de itens lexicais que se combinam e recombina a partir das estratégias interativas ligadas a um redimensionamento de sentido, forma e função, a fim de atender ao que o falante pensa, suas crenças, atitudes, valores, persuasão e negociação.

Para compor essa pesquisa, analisaremos com critérios linguístico-pragmáticos o comportamento dos pares aditivos, presentes entre as construções correlativas: *Não só... mas principalmente / Não só... mas sim/ Não apenas... mas principalmente / Além de não... nem/ Além de... ainda*

Para isso recorreremos ao banco de dados de redações elaboradas pelos candidatos da Fuvest (Fundação para o Vestibular de São Paulo). São 700 redações de sete vestibulares distintos, no período de 2004 a 2010, as 100 melhores de cada exame, escolhidas pela banca examinadora.

Também é importante salientar que foram disponibilizados 700 textos, também de 2004 a 2010, considerados piores, de acordo com os critérios da banca, porque são textos que apresentam problemas como: falta de coerência, de coesão, de clareza entre as ideias, apontamentos argumentativos calcados no senso comum, que não acrescentam informações que possam levar o leitor a outros posicionamentos, e também a problemas recorrentes de norma culta.

O falante, ao combinar e recombina itens lexicais, movido por um pragmatismo instado no fluxo informacional, e passa a redesenhá-los, por meio de marcas linguístico-

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

discursivas intencionais, é porque tem a capacidade de adaptar, ajustar, acomodar, enfim, flexibilizar material linguístico antigo por outro novo e, assim, o acomoda de acordo com as pressões a que é submetido.

Com isso, tendo como foco atender às especificidades do leitor, parece que o autor utilizou-se dos pares correlatos para enobrecer e aumentar a elasticidade de suas discussões.

Palavras-chave: Funcionalismo; correlação; cognição

Referências bibliográficas:

CROFT, William. B. Toward a social cognitive linguistics. New directions in cognitive linguistics, ed. Vyvyan Evans and Stéphanie Pourcel, 395-420. Amsterdam: John Benjamins. 1991

DIK, Simon C. The theory of functional grammar. 2^a ed. By K. HENGEVEED. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

GIVÓN, T. Syntax a functional-typological introduction. Vol. 1. Amsterdam: Benjamins, 1984.

HALLIDAY, M. A. K.. *The Functional Basis of Language*. In: B. BERNSTEIN. (ed.) Class, Codes and Control. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1973.

TOMASELLO, M. Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Quantidade como ponte para a intersubjetividade.

Maria Célia Lima-Hernandes (USP/CNPq/FAPESP)

Jussara Abraçado (UFF)

Nilza Barrozo Dias (UFF)

Há poucos estudos sobre os qualificadores sob a ótica da cognição. Há alguns no campo da gramaticalização, mas, no caso dos que pretendemos descrever aqui, não podemos propriamente falar em gramaticalização, tampouco em lexicalização. Trata-se da mudança por reanálise (processo cognitivo que impacta a língua drasticamente) que conduz verbos no particípio presente para a categoria de qualificadores (adjetivos). Lembremo-nos de que no português os adjetivos primitivos constituem-se com duas reservas históricas: as que vieram pela boca do povo e as que entraram no período renascentista (usos considerados eruditos, mais presos à escrita). A grande massa de adjetivos portugueses advém de particípios passados e, no posto subsequente, os que advieram de particípios presentes. Sabemos desde Labov (2001) que os indivíduos mudam a língua em qualquer momento e não apenas na fase de aquisição de linguagem. Dessa forma, contribuem para a avanço do sistema qualificador de sua língua mesmo na vida adulta (LIMA-HERNANDES, 2011). Nesse sentido, os adjetivos são incorporados em vários subsistemas geração a geração em suas diatópias. Isso significa dizer que conhecer os usos em diatopia continua sendo importante para apreender o modo como as pessoas associam atributos aos objetos, pessoas e eventos. Dado que o espectro de qualificadores revela-se bastante amplo, estabelecemos um recorte sobre os adjetivos derivados a partir da agregação sufixal *-ente*, na origem um sufixo verbal de particípio presente, mas que não pode ser generalizado nessa derivação. Muitos desses adjetivos, no entanto, em sincronia, não permitem resgatar nenhum tipo de verbo, o que, salvo engano, o afasta de ser uma categoria de verbal. Fizemos um estudo desses adjetivos por meio do *corpus* NURC do Rio de Janeiro, Bahia, Santa Catarina, Ceará, Pernambuco e São Paulo. Intuíamos, então, que haveria preferências cotidianas entre falantes cultos, ainda não suficientemente estudadas. Ao mesmo tempo, alimentávamos a hipótese, com base nos conhecimentos sobre o papel das frequências *type* e *token*, de que qualificadores poderiam desenvolver funções mais intersubjetivas, já que a função avaliativa tende a apresentar características e propriedades em sua inerência ao ser qualificado, mas essa atitude nada mais objetivaria do que convencer sobre a verdade da perspectiva assumida. Recortamos, posteriormente, a amostra na cidade de São Paulo, onde já havíamos recolhido amostras do século XXI, numa metodologia de recontato/tendência (Lima-Hernandes & Vicente, 2012). Feita a análise dado a dado, chegamos a frequências *token* altíssimas em dois tipos de adjetivos: o avaliativo *importante* e um outro adjetivo de caráter mais psicológico, *interessante*. Essa análise permitiu que discutíssemos o papel da frequência de uso como motor

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

imperioso na evolução das línguas, justamente porque está na base dessa capacidade matemática a analogia (os números, finitos em suas unidades, ganham dimensão infinita nas combinações) e a reanálise (os números combinados não são enxergados em suas unidades, mas em suas construções combinatórias). Esse processamento matemático, portanto, guarda paralelo com os fenômenos da linguagem, mas são as quantidades as pistas para que se reconheça a possibilidade de que novas funções estejam em uso.

Referências bibliográficas:

LABOV, William. *Principles of Linguistic change*. Volume II: Social Factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia; VICENTE, Renata Barbosa. *A língua portuguesa falada em São Paulo – amostra da variedade culta do século XXI*. São Paulo: Editora da FFLCH/USP, 2012.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Linguagem, indivíduo, sociedade: Cara, tipo assim, fala sério!* São Paulo: Edusp, 2011.

“Eu super hiper amei o look romântico assim!”: o ambiente discursivo da construção prefixal de modificação de grau

Anna Carolina Ferreira Carrara

O presente trabalho pertence ao macroprojeto “Construções Superlativas Morfológicas do Português” (MIRANDA, 2011) vinculado à linha de pesquisa Linguística e Cognição do PPG Linguística-UFJF e à FrameNet Brasil (<http://www.framenetbr.ufjf.br/>), em sua linha Frames e Construções. O objetivo é descrever, organizar em tipos e explicar uma rede de construções superlativas postas à margem das descrições da gramática e do léxico do Português (MIRANDA, 2010). O estudo de tal rede encontra eco na visão filosófica da Hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2004), em que a cultura do excesso favorece o aparecimento de uma visão hiperbólica sobre as coisas do mundo, materializadas, dentre outras coisas, em expressões linguísticas superlativas. O objeto aqui descrito é a Construção Prefixal de Modificação de Grau (CPMG), um dos nódulos dessa rede de construções superlativas mórficas, constituída pelos prefixos (super-, ultra-, hiper-, mega-arqui-, maxi-, macro-, mini- e micro-) e exemplificada por ocorrências como (1) As modelos da Alessa entram com o cabelo **hiper volumoso** no Fashion Rio. Será tendência?; (2) Eu estava numa festa da minha prima. Me sentindo **super!**; (3) Eu **mega curti** o look dela na festa...incrível! Para descrevê-la, os pressupostos teóricos centrais assumidos foram a Gramática das Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006; BOAS, 2013) como um Modelo Baseado no Uso (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 1985, 2006, 2008, 2010; LANGACKER, 1987; CROFT; CRUSE, 2004), em um diálogo com a Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1977, 1982, 2008, dentre outros) e com modelos de formalização do *Constructicon* (FILLMORE, et. al., 2012). A escolha metodológica, ditada pelo compromisso com a empiria, recai em uma análise baseada em *corpus* (GONZALEZ-MARQUEZ et al., 2007), o que implica o uso de *corpora* eletrônicos tratados (*Corpus do Português e Floresta Sintática*) e, neste caso, de ferramentas computacionais (concordanciador eletrônico Web Concordancer Beta). Outro parâmetro analítico decorrente é a consideração da sensibilidade dos dados à frequência de tipos/*types* e à frequência de ocorrência/*tokens* - ligadas respectivamente à produtividade e convencionalização. Nesse viés, este trabalho ilustra a virada metodológica promovida pelos estudos sociocognitivistas e construcionistas da gramática e do léxico e desvela a relevância posta no uso e na diversidade linguística. Os resultados da análise da

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Construção Prefixal de Modificação de Grau, a partir de um *corpus* específico formado por 1.821 ocorrências, apontam para dois subpadrões da CPMG: (1) a CPMG Substantiva que, por sua vez, se subdivide em CPMG Substantiva de Tamanho, evocadora do *frame* Posição_em_uma_escala_superlativa_de_tamanho e a CPMG Substantiva Polissêmica, evocadora do *frame* Posição_entidade _em_uma_escala_superlativa; (2) a CPMG Predicadora, evocadora do *frame* Intensificação. No que toca, em especial, aos processos de significação, nossas análises mostraram o caráter generalista da semântica dos prefixos modificadores de grau estudados - posição em uma escala superlativa, de modo geral, para super-, hiper-mega-, ultra- e arqui-; e uma escala superlativa de tamanho, para maxi-macro-, mini- e micro-. No que se refere aos eixos temáticos, 13 (treze) foram as delimitações mais significativas no *corpus* específico montado a partir das três fontes: Moda e Beleza; Economia; Arte e Cultura; Tecnologia; Política - que representam 79% das ocorrências, o que corresponde a 1.445 ocorrências. Os outros 9 (nove) eixos temáticos - Religião; Serviços e Produtos; Esporte; Viagens; Culinária; Problemas sociais e ecológicos; Medicina; Educação - somam 376 ocorrências (21% do total). Sustenta-se, a partir dos resultados auferidos, a relevância de uma interface entre Morfologia e Gramática das Construções (RHODES, 1992; BOOIJ, 2010).

Palavras-chave: Gramática das Construções; Construção Prefixal de Modificação de Grau; Ambiente Discursivo.

Referências bibliográficas:

BASÍLIO, M. Teoria Lexical. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. Formação e classes de palavras no português do Brasil. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

BOAS, H. Cognitive Construction Grammar. In: TROUSDALE, G.; HOFFMANN, T. (eds.). The Oxford Handbook of Construction Grammar. Oxford: Oxford University Press, 2013.

BOOIJ, G. Construction Morphology. Language and Linguistics Compass, p.1-13, University of Leiden, 2010.

BYBEE, J. Morphology – a study of the relation between meaning and form. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

_____. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, 82, p. 711-733, 2006.

_____. Usage-based grammar and second language acquisition. In: ROBINSON, P.; ELLIS, N. (eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition*, p. 216-236, New York and London: Routledge, 2008.

_____. Usage-based perspective on language. In: BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge University Press, 2010.

CARMO, C. B. da S. A configuração da rede de construções dos agentivos denominais x-ista: uma abordagem sociocognitivista. 2005. 119f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras – Linguística) – ICHL. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

CARRARA, A. C. F. As Construções Superlativas Causais Nominais do Português – uma abordagem construcionista. 2010. Juiz de Fora: UFJF, 2010. 150f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTI, R. F. Um estudo sobre alguns prefixos de origem latina numa abordagem gerativa. 1980. 262f. Dissertação de Mestrado (Departamento de Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC. Rio de Janeiro, 1980.

COSTA, I. O. A Construção Superlativa de Expressão Corporal: uma abordagem construcionista. 2010. 142f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The Way We Think: Conceptual Blending and The Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FILLMORE, C. J. The case for case. In *Universals in Linguistic Theory*, Emmon Bach and Richard Harms (eds.), 1-90. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1968.

_____. An alternative to checklist theories of meaning. *Proceedings of the first annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 123-131, 1975.

_____. The case for case reopened. In *Syntax and Semantics 8: Grammatical Relations*, Peter Cole and Jerry Sadock, (eds.), 59-82. New York: Academic Press, 1977a.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

_____. Topics in lexical semantics. In *Current Issues in Linguistic Theory*, Roger W. Cole (ed.), 76-138. Bloomington: Indiana University Press, 1977b.

_____. Frame semantics. In *Linguistics in the morning calm*. Seoul, South Korea: Hanshin, 111-137, Publishing Co., 1982.

_____. Frames and the semantics of understanding. In *Quaderni di Semantica*: 222-254, 1985.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomatic in grammatical constructions. *Language*, 64(3), p. 501-538, 1988.

FILLMORE, C. J.; KAY, P. *Construction Grammar*. Berkeley: Manuscript, University of California, 1995.

FILLMORE, C. J.; JOHNSON, C. R.; PETRUCK, M. R. L. Background to FrameNet. In *International Journal of Lexicography*, v. 16, n. 3, p. 235-250, 2003.

FILLMORE, C. J.; LEE-GOLDMAN, R. R.; RHODES, R. The FrameNet Construction. In: BOAS, H.; SAG, I. (eds.). *Sign-Based Construction Grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2012.

GOLDBERG, A. *Construction: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, C. A. Morfopragmática da intensificação prefixal em português. *Revista de Letras*, n.º. 24, v. 1/2, p. 43-50, jan/dez. 2002.

_____. A função indexical das formações x-íssimo, x-érrimo e x-ésimo no português do Brasil. *Veredas*, v. 5, n.º. 2, p. 47-59, 2003.

_____. *Iniciação aos estudos morfológicos – flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.

GRIES, S. T.; DIVJAK, D. Behavioral profiles: a corpus-based approach to cognitive semantic analysis. In: EVANS, V.; POURCEL, S. (eds.). *New directions in Cognitive Linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, p. 57-75, 2009.

ISRAEL, M. Minimizers, maximizes and the rhetoric of scalar reasoning. *Journal of Semantics* 18, p. 297-331, 2001.

_____. The pragmatics of polarity. In: HORN; WARD (eds.). *Handbook of Pragmatics*, p. 701-723, University of Maryland: Blackwell, 2004.

LAROCA, M. N. de C. *Manual de Morfologia do Português*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2011.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

LAKOFF, G. The Invariance Hypothesis: is abstract reason based on Image-schemas? *Cognitive Linguistics* 1 (1), p. 39-74, 1990.

_____. *Woman, Fire and Dangerous Things*. Chicago: University of Chicago Press: 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras, 1980 [2002].

_____. *Philosophy in The Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

MACHADO, P. M. A Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo -íssimo: um caso de desencontro/mismatch morfológico. 2011. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

MIRANDA, N. S. Agentivos deverbais e denominais: um estudo da produtividade lexical. 1980. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980. 108f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras – Linguística) – ICHL. Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.

_____. Gramaticalização e Gramática das Construções – algumas convergências. Um estudo de caso: as Construções Negativas Superlativas de IPN. Relatório Acadêmico de Pós-doutoramento apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 108f. São Paulo, dezembro de 2008.

MOURA NEVES, M. H. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PERINI, M. A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PETRUCK, M. R. L. Frame Semantics. In: Jef Verschueren, Jan-Ola Åstman, Jan Blommaert, Chris Bulcan (eds.). *Handbook of Pragmatics*. Philadelphia: John Benjamins, 1996.

PIRES, G. S. O desenvolvimento da Plataforma FrameNet Brasil: descrição de algumas Unidades Lexicais dos frames Fechamento e Movimento_Corporal. Dissertação de Mestrado. 2010. 249f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2010.

RHODES, R. A. What is a Morpheme? A view from Construction Grammar. *Proceedings of the Eighteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society: General Session and Parasession on The Place of Morphology in a Grammar*, p. 409-423, 1992.

RIBEIRO, T. S. A internet e as novas construções com o prefixo super-. *Palimpsesto – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*. v. 5, ano 5, p. 136-152. Rio

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

- de Janeiro: 2006. Disponível em: http://www.uerj.br/institutodeletras/palimpsesto/num5/estudos/estudos5_internet.htm.
- ROSA, M. C. A Formação de Aumentativos em Português. 1983. Universidade Federal do Rio de Janeiro: UFRJ, 1983. 85f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras – Linguística) – ICHL. Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.
- _____. Introdução à Morfologia. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- RUPPENHOFER, J. et al. FrameNet II: Extended theory and practice. 2010. Disponível em: <https://framenet2.icsi.berkeley.edu/docs/r1.5/book.pdf>.
- SALOMÃO, M. M. M. Tudo certo como dois e dois são cinco – todas as construções de uma língua. In: Miranda, N. S.; Salomão, M. M. M.; (Orgs.). Construções do Português do Brasil – da gramática ao discurso. 01 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, v. 1, p. 33-74, 2009.
- SAMPAIO, T. F. O uso metafórico do léxico da Morte. 2007. Juiz de Fora: UFJF, 2007. 167f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.
- _____. A família de construções de argumento cindido no português do Brasil. 2010. Juiz de Fora: UFJF, 2010. 151f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- SANTOS, R. E. *Forte que nem touro, alto que nem torre, livre que nem passarinho – a configuração de uma construção hiperbólica do Português. Tese de Doutorado, 2012. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora: 2013.*
- SARDINHA, T. B. Linguística de Corpus. Barueri, SP: Manole, 2004.
- TOMASELLO, M. Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [2003].
- _____. Constructing a grammar: a usage-based theory of language acquisition. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- TORRENT, T. T. A Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo: Uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais. 2009. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. 182f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- TURUNEN, V. J. A reversão da relevância: aspectos semânticos e pragmáticos de formações diminutivas no português do Brasil. 2009. 194f. Tese de Doutorado

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

(Departamento de Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC. Rio de Janeiro, 2009.

A semiprodutividade da construção de complementação sentencial: como falantes evitam supergeneralização?

Dayanne de Oliveira Silva (UFRJ)

Diogo Oliveira R. Pinheiro (UFRJ)

A Construção de Complementação Sentencial (CCS), altamente produtiva no português brasileiro, tem a forma VERBO + SINTAGMA ORACIONAL INTRODUZIDO POR COMPLEMENTIZADOR “QUE” e a restrição semântica geral de poder ser instanciada apenas por verbos que aceitam, como complemento, proposições - representações conceituais de situações, eventos, estados de coisas, etc., sendo reconhecíveis pela possibilidade de ser verdadeiras ou falsas (LAMBRECHT, 1994). Assim, verbos como *falar*, *contar* e *avisar* podem instanciar a CCS, como mostram exemplos: *Ele **falou** que a culpa foi do primo; Me **contaram** que ela saiu sem autorização; **Avisei** que a aula acabou.*

Verbos como *criticar*, *detalhar* e *elogiar*, no entanto, apesar de semanticamente compatíveis com complementos proposicionais, parecem menos que perfeitamente aceitáveis nessa construção, como sugerem exemplos como os seguintes: *??Ele **criticou** que o jogo não foi bom ??Ela **elogiou** que a festa foi ótima; ??Me **detalharam** que ele estava com fome.* Em uma busca nos corpora Nilc/São Carlos (32.461.815 palavras) e Corpus Brasileiro (989.012.584 palavras) – que gerou, para o comando solicitado, uma amostra de cinco mil dados - do Projeto AC/DC, disponível em <http://www.linguateca.pt/ACDC/>, não foram encontradas instâncias da CCS com tais verbos e com alguns outros que admitem proposições como complemento.

Partindo dessas observações, o presente estudo busca, sob a luz da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 2006; 2013; BYBEE, 2010; 2013), caracterizar o conhecimento do falante do português brasileiro sobre a CCS, de modo a explicar como ele é capaz de descartar instâncias mal formadas dessa construção. Sugerimos que uma explicação para essa semiprodutividade envolve dois tipos de conhecimento: o gramatical e o estatístico.

Especificamente, foram levantadas três hipóteses: (i) usamos na CCS verbos pertencentes a determinadas classes semânticas (conhecimento gramatical); (ii) usamos na CCS verbos que frequentemente experienciamos empregados nela (conhecimento estatístico – enraizamento, ou “entrenchment”); (iii) usamos na CCS verbos que não são frequentemente utilizados em uma construção funcionalmente equivalente (conhecimento estatístico – bloqueio, ou “preemption”).

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Para a pertinência dessas hipóteses, foi desenvolvido um experimento de produção induzida cuja variável dependente é o índice de respostas com emprego da CCS, em oposição a outras molduras sintáticas, e cujas variáveis independentes controladas são: classe semântica do verbo (verbos de anúncio *versus* verbos de crítica) e frequência do verbo na CCS (nula *versus* não-nula). Durante o experimento, que se encontra em fase de aplicação, participantes devem assistir a uma sequência de vídeos curtos e, ao final de cada um, responder a uma pergunta interpretativa (por exemplo, *O que a homem criticou?*). Para estarem aptos a responder às perguntas referentes a verbos com frequência nula, isto é, inventados, assistirão a mais de um vídeo pertinente a cada um desses verbos, a fim de compreenderem sua semântica pelo contexto. Poderão, ainda, ter acesso a um glossário para a apreensão do seu significado.

A partir das hipóteses explicitadas, as seguintes previsões foram feitas: (i) verbos de anúncio terão maior incidência de respostas com a CCS do que verbos de crítica; (ii) verbos de anúncio com frequência não-nula terão maior incidência de respostas com a CCS do que verbos de anúncio com frequência nula; e (iii) verbos de crítica com frequência nula terão maior incidência de respostas com a CCS do que verbos de crítica com frequência não-nula.

Palavras-chave: Construção de Complementação Sentencial; Gramática de Construções Baseada no Uso; Semiprodutividade.

Referências bibliográficas:

BOYD, J. K.; GOLDBERG, A. E. *Learning what not to say: The role of statistical preemption and categorization in a-adjective production*. *Language* vol. 87, n. 1, p. 1-29, 2010.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: University Press, 2010.

_____. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (Eds). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford. New York: Oxford University

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions: a new theoretical approach to language*. *Trends in Cognitive Sciences* vol.7 nº.5 , 2003, p. 219-224.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions: a new theoretical approach to language*. *Trends in Cognitive Sciences* vol.7 n°.5 , 2003, p. 219-224.

_____. *Constructions at Work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press., 2006.

_____. Constructionist approaches. In: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (Eds). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford. New York: Oxford University Press, 2013, p. 15-31.

LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form: topic, focus and the mental representation of referents*. Cambridge: University Press, 1994.

PINKER, S. *Learnability and cognition: the acquisition of argument structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

AMBRIDGE B; BIDGOOD A; TWOMEY KE; PINE JM; ROWLAND CF; FREUDENTHAL D. Preemption versus Entrenchment: Towards a Construction-General Solution to the Problem of the Retreat from Verb Argument Structure Overgeneralization, 2015. PLoS ONE 10(4): e0123723. doi:10.1371/journal.pone.0123723

Leitura e cognição: A leitura integrativa e o ensino de leitura em espanhol no ensino fundamental

Diego da Silva Vargas

Tradicionalmente, os estudos em leitura têm apresentado, quase sempre em uma linha temporal, três visões sobre como se dá o processamento da informação pelo sujeito leitor: a hipótese top-down, a hipótese bottom-up e a hipótese interativa, que foi definida posteriormente às duas anteriores, quando percebeu-se que elas isoladamente não conseguem representar completamente o processo de construção de significados pelo sujeito leitor no ato de sua leitura. Assim, articulando as duas anteriores, passou-se a se defender a existência de um processamento interativo, de forma que a compreensão de um texto se daria por meio da interação entre o conhecimento prévio do leitor e o texto (Kato, 1990; Kleiman, 2010).

A partir da perspectiva cognitivista que estamos buscando construir, derivada da articulação desses pressupostos a estudos mais recentes da Linguística Cognitiva, acreditamos que a hipótese interativa não seja suficiente, uma vez que simplifica excessivamente os processos cognitivos envolvidos na leitura; dificulta, assim, as possibilidades de intervenção que a nossa proposta aplicada ao ensino busca desenvolver; e vem sendo utilizada por diferentes correntes teóricas, escondendo diferenças substanciais entre elas.

Assim, buscamos construir uma visão específica a qual estamos denominando de integrativa, que enxerga a leitura como um processo (ou como a integração de processos) e não como um produto resultado da extração de significados do texto pelo leitor, entendendo que o significado é visto como construído *on line* e *real time*, ou seja, no momento da interação, de forma negociada e ajustada.

Com base em uma primeira geração de estudos sobre cognição e leitura, sabemos que uma primeira identificação da informação visual se dá na memória de trabalho, que, por ter uma capacidade de tempo e espaço reduzida, armazena a informação até que seja construído um significado para ela. Construído o significado, ele é enviado para a memória semântica, onde se armazena. Postula-se também, nesses estudos, a existência de uma memória intermediária, na qual se focalizam as partes do conhecimento geral do leitor necessárias para o entendimento de novas informações. Nela, parte da informação velha, o conhecimento prévio, é focalizada e a informação nova é introduzida para a construção de novos significados (Kato, 1990; Kleiman, 2010).

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Com base, então, em pressupostos mais recentes da Linguística Cognitiva, observamos que, segundo Duque (2015), os nossos saberes acumulados se estruturam e são acionados inconscientemente através de padrões cognitivos denominados de frames. Duque (2015) afirma que os frames são essenciais para a construção de sentidos, uma vez que constroem e orientam nosso modo de pensar e de compreender o mundo, podendo ser acionados através de três estratégias: a seleção lexical, o arranjo gramatical de uma determinada sentença e/ou o mapeamento metafórico. Segundo Duque (2014), eles seriam constituídos por um conjunto de slots que descrevem os atributos dos objetos em diferentes contextos, correspondentes a determinados valores padrão para uma dada circunstância.

Ao aplicar tal noção ao ensino de leitura, Botelho (2015) define que, o conhecimento prévio atua, na leitura, através da ativação de slots e, a partir da percepção dos frames apresentados no texto, do preenchimento de slots vazios, para que o leitor construa cenários mais completos sobre o que lê. Entretanto, dentro de uma visão que reconhece os movimentos ascendente e descendente como contribuindo de igual maneira para a construção de significados, sabemos que apenas a ativação dos frames não é suficiente. É preciso que eles se articulem, nesse duplo movimento, às informações que o texto traz. Para isso, postulamos que o leitor se utilize de um processo cognitivo denominado de integração conceptual (Fauconnier e Turner, 2002), que permite a articulação de diferentes domínios já existentes para a formação de novos significados.

Assim, ao longo de uma leitura, ocorreriam sucessivos processos de integração conceptual entre a informação visual e o conhecimento prévio do leitor, o que permite a formação de novos significados que, por sua vez, passam a compor também sua memória semântica. Segundo Fauconnier e Turner (2002), a integração conceptual seria a base do raciocínio humano, e poderia ser definida como um processo de projeção interdominial, do qual participam dois ou mais domínios, que funcionam como inputs para que, por meio da projeção seletiva, obtenha-se um terceiro espaço - o espaço-mescla, que herda estruturas parciais dos inputs, mas tem uma estrutura própria.

Dessa forma, podemos entender a leitura como o resultado de sucessivas integrações conceptuais entre o conhecimento prévio (organizado em frames) e a informação nova recebida do texto (que ativa os frames do conhecimento prévio e é também selecionada em função dos frames já construídos pelo leitor), estando o resultado dessa interação nos sucessivos espaços-mescla que se formam para a construção do todo conceptualizado. Para que a leitura seja de qualidade, é preciso, então, que as partes relevantes dos dois inputs

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

sejam selecionadas e integradas na memória intermediária do leitor, de forma que o leitor possa de fato integrar-se ao texto e que, desse processo, novos saberes se formem.

Com base nessa visão, buscamos, então, analisar o trabalho desenvolvido com a leitura por livros didáticos de língua espanhola, na medida em que buscamos entender os processos cognitivos desenvolvidos por alunos em interação com suas atividades de leitura e avaliar em que medida as propostas postas neles reconhecem, validam e buscam desenvolver tais processos.

Palavras-chave: leitura, cognição, livro didático

Referências bibliográficas:

BOTELHO, P. F. *Conhecimento prévio e atividades escolares de leitura – uma abordagem cognitiva e metacognitiva*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado em Letras (Letras Vernáculas). UFRJ / FL, 248p.

DUQUE, P. H. 2015. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. *Revista da Anpoll*, 1 (39): 25-48.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. 2002. *The way we think*. New York, Basic Books.

KATO, M. A. 1990. *A aprendizagem da Leitura*. São Paulo: Martins Fontes.

KLEIMAN, A. 2010. *Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*. Campinas, SP: Pontes.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Intersubjetividade e polissemia construcional: o caso da construção “Bem que X” do português brasileiro

Joabe da Silva de Souza (UFRJ)

Diogo Pinheiro (UFRJ)

Embora os estudos linguísticos pautados sobre os modelos de Gramática de Construções venham passando, no Brasil, por recente popularização e expansão, algumas das construções mais peculiares do nosso idioma ainda carecem de descrição acadêmica formal. Tal fator pode ser atribuído à chegada tardia dos fundamentos teóricos construcionistas às mãos dos pesquisadores brasileiros, que, atentando para indagações metodológicas mais recentes, acabaram por “pular” a fase de estudo dos usos linguísticos idiomáticos (intangíveis ao modelo gerativista) ocorrida no âmbito da linguística estadunidense. O presente trabalho, procurando colaborar para o suprimento desta carência, se propõe a descrever as propriedades semânticas e pragmáticas associadas à construção “Bem que X” do português brasileiro (como, por exemplo, em *Bem que a gente podia comer aquele pacote de biscoitos de chocolate*). Para esse objetivo, emprega-se o modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU; cf. CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006; 2013; BYBEE, 2010; 2013), segundo o qual a totalidade do conhecimento linguístico pode ser compreendida como um inventário estruturado de unidades simbólicas. Recorreu-se à análise de 720 dados extraídos dos *corpora* virtuais Nilc/São Carlos e Corpus Brasileiro, disponíveis pelo Projeto AC/DC no *website* LINGUATECA (<http://www.linguateca.pt>). A análise quantitativa e qualitativa dos dados permitiu o desenvolvimento e formulação de quatro hipóteses. Em primeiro lugar, postulase que a construção “Bem que X” seja uma construção de intersubjetividade (VERHAGEN, 2007) cuja função primordial é a asserção da posição do falante em relação a uma proposição pressuposta compartilhada entre os interlocutores. Define-se, dessa maneira, que sua função possui, em suma, caráter pragmático. Em segundo lugar, sugere-se que tal construção é polissêmica, uma vez que pode desempenhar duas subfunções distintas: (i) refutar uma proposição pressuposta compartilhada entre os interlocutores e (ii) confirmar uma proposição pressuposta compartilhada entre os interlocutores. Em terceiro lugar, assume-se que, dentre as instâncias vinculadas à subfunção (i), é possível a distinção entre aquelas que são mais subjetivas, uma vez que excluem o falante do escopo da predicação, e aquelas mais objetivas, em que o falante faz parte também do escopo da predicação (LANGACKER, 1991). Por fim, sugere-se a existência de uma correlação entre

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

determinados usos e predicadores verbais específicos. À luz dos fundamentos teóricos da Gramática de Construções Baseada no Uso, as diferentes instâncias de “Bem que X” podem, assim, ser formalizadas em termos de uma rede construcional taxonômica com quatro níveis diferentes de esquematicidade. O primeiro deles, mais abstrato, especifica simples e unicamente a ideia de posicionamento do falante em relação a uma proposição pressuposta. O segundo nível faz a distinção entre o tipo de posicionamento veiculado (refutação ou confirmação). O terceiro nível, por sua vez, distingue as duas instâncias vinculadas ao posicionamento de refutação (mais objetivo e mais subjetivo). O quarto nível, menos abstrato, distingue, por fim, *types* formados através de itens verbais específicos, como, por exemplo, “Bem que + tentar” e “Bem que + poder”.

Palavras-chave: Construção “Bem que”; Construções de intersubjetividade; Gramática de Construções Baseada no Uso.

Integração conceptual em nomes populares dados aos órgãos sexuais e a sua relação com o tabu

Patrícia Oliveira de Freitas (UERJ)

Com base nos pressupostos basilares da Linguística Cognitiva, esta análise qualitativa visa ao estudo da integração conceptual (ou mesclagem) que subjaz à nomenclatura popular e metafórica dada aos órgãos sexuais do corpo humano, tendo como delimitação o pênis e a vulva. O ponto de partida para esta pesquisa deve-se a diversas listas disponibilizadas na internet que expõem uma quantidade superior a 500 designações às partes erógenas do corpo humano, nomeando não apenas os órgãos circunscritos neste trabalho, mas também aqueles concernentes ao ânus, aos testículos e aos seios. Inicialmente, tivemos o embate de situar o cenário no qual os nomes pudessem ser utilizados, uma vez que tais listas se tratavam de um rol de palavras soltas, separadas por órgão. Para o quadro teórico desta pesquisa, a Linguística Cognitiva, as circunstâncias nas quais um determinado nome se insere tende a revelar, com mais especificidade, o significado do objeto de análise, sendo esse significado decorrente da língua em uso, figurando, assim, uma abordagem holística de pesquisa. Nesse prisma, parte-se do pressuposto de que o significado linguístico emerge das experiências corpóreas do falante a partir da constante interação com o meio em que ele vive, tornando evidente a relação intrínseca entre linguagem, corpo e mundo. Portanto, a nosso ver, tornou-se imprescindível haver um contexto em que esses nomes fossem utilizados, de modo a estabelecer uma transposição das listas capturadas da internet para uma situação de uso dentro de um cenário específico e contextual. Após a decisão pela utilização dos nomes em uma conjuntura particular, nossa preocupação foi escolher qual material utilizar, levando-se em conta o tabuísmo envolvido na criação dessa nomenclatura popular e metafórica, em que, em muitos casos, as palavras possivelmente seriam vistas como inapropriadas e inauditas, uma vez que são adversas aos padrões convencionados de uso linguístico. Dentre as possibilidades aventadas, as palavras poderiam estar em *sites* e *blogs* de pornografia ou de conteúdo adulto, sendo utilizadas em contos eróticos, quadrinhos, charges e piadas. Diversas palavras extraídas das listas foram encontradas em quase todos esses sítios, bem como nos referidos gêneros textuais, por meio da ferramenta de rastreio *Google*. Porém, a resolução pela utilização de piadas para compor o corpus de análise ocorreu por conta dos aspectos criativos da mente humana na formação e no entendimento de uma piada, já evidenciados pelas principais teorias nas quais esta análise se sustenta, que são as teorias da Metáfora Conceptual (LAKOFF E JOHNSON [1980];

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

KOVECSES, [2010]) e da Integração Conceptual (FAUCONNIER e TURNER, [2002]). Ademais, existem inúmeros casos em que não há a menção direta à terminologia oficial, fazendo com que o leitor infira, pelo processamento de domínios cognitivos, que a referência seja a um nome popular dado ao referido órgão. Este fato revela que a motivação para este estudo, eclodida nas listas supracitadas, não foi um palpite em vão. A designação popular a esses nomes, ainda que de forma listada, é feita em grande parte via motivações metafóricas. Além disso, as piadas demandam de um determinado gatilho de rotinas cognitivas para que possa haver o seu entendimento efetivo. Quando essas palavras são inseridas em outro contexto, como, por exemplo, no das piadas, ocorre o acionamento desses gatilhos esquemáticos com vistas à construção de significado. Tendo isso em vista, pretende-se demonstrar o processo de mesclagem conceptual envolvido na criação dos vocábulos selecionados quando inseridos em piadas de cunho sexual, enfatizando quais mecanismos da mesclagem são utilizados para a conceptualização das palavras que são tabus.

Palavras-chave: Integração Conceptual; Órgãos sexuais; Tabuísmo.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Cognição social e sua relação com a variação linguística: uma revisão integrativa

Taís Bopp da Silva (Universidade Federal de Pelotas)

OBJETIVOS. O objetivo geral deste estudo é investigar a possibilidade de se postular bases cognitivas para o fenômeno da variação linguística. Concebemos, aqui, a variação linguística como um produto da necessidade humana de expressar suas intencionalidades e operar sobre o meio tendo em vista a diversidade de contextos em que os eventos linguísticos ocorrem. Salientamos que nosso foco de interesse não recai sobre a variação na comunidade linguística (objeto da Sociolinguística Quantitativa), mas sobre a variação intrafalante. Assim, nosso campo de interesse é a capacidade do indivíduo de alternar seu modo de falar quando busca ajustar seu comportamento dentro de diferentes contextos. Interessa-nos, portanto, o aspecto interacional da linguagem. Partimos do pressuposto de que à interação verbal subjaz uma intencionalidade comunicativa (Tomasello, 2005). Nesse sentido, o falante, para obter sucesso no seu ato comunicativo, deve ter conhecimento, primeiramente, das próprias intenções, bem como precisa ser hábil em fazer a leitura dos pensamentos, das disposições e do lugar social do seu interlocutor. Tal conhecimento constitui um tipo de cognição, conhecida na literatura como cognição social. Considerando, portanto, que cada falante é detentor de um repertório linguístico múltiplo, do qual seleciona variantes de acordo com o contexto social, é possível hipotetizar que a habilidade de utilizar regras variáveis esteja relacionada a uma sofisticada cognição social. Como objetivo específico nesta etapa do trabalho, buscamos levar a cabo uma revisão integrativa da literatura sobre (a) cognição social, (b) intencionalidade e (c) linguagem e interação. Supomos que encontraremos achados que iluminarão nossa hipótese central e que poderão fundamentar um futuro estudo empírico relacionando repertórios linguísticos variáveis e cognição social.

EMBASAMENTO TEÓRICO. De acordo com Flavell, Miller e Miller (1999, p. 145), a cognição social “toma os humanos e seus afazeres como sujeitos: ela significa a cognição sobre as pessoas e suas ações. (...) A cognição social lida com o mundo estritamente social, não com os mundos físico e lógico-matemático, embora todos os três obviamente tenham marcas do engenho humano”. De uma perspectiva neurobiológica, Butman e Allegri (2001, p. 275) apontam que a cognição social é o que permite animais humanos e não-humanos interpretar os signos sociais adequadamente de modo a responder de modo apropriado as demandas do meio. Os referidos autores indicam a amígdala, o córtex pré-frontal ventromedial, a ínsula e o córtex somatossensorial direito como as estruturas

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

anatômicas envolvidas nesse processo. No tocante à linguagem, Tomasello (2005) aponta que a criança desenvolve um comportamento intencionalmente comunicativo antes da aquisição da fala, por volta do primeiro ano de vida. Tal comportamento envolve o compartilhamento da atenção em torno de um objeto com uma ou mais pessoas. Nesse sentido, conforme Tonietto et al. (2011, p. 253), “a atenção compartilhada permitiria, então, o planejamento e a coordenação da ação, dirigindo e regulando o comportamento infantil”. Essa atenção compartilhada é que está na raiz da capacidade de percepção de que o interlocutor tem intenções próprias. Perceber isso representa um avanço importante para a modulação e adequação dos atos comunicativos.

METODOLOGIA. Com a finalidade de aprofundarmos o conceito de cognição social e de investigar na literatura linguística achados que permitam relacionar variação linguística a componentes cognitivos, procederemos a uma revisão integrativa. Esse método de revisão da literatura permite uma síntese de conhecimento produzido em uma determinada área, através de critérios rigorosos e predefinidos de seleção de material bibliográfico. Nas palavras de Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 103), a revisão integrativa “é a mais ampla abordagem metodológica referente a revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado”. Para nossa busca, serão utilizadas bases textuais (como o Portal de Periódicos CAPES), bibliotecas digitais, bem como bancos de teses e dissertações. Fontes manuais, como livros e periódicos também serão consultadas. A busca será feita a partir das palavras-chave *cognição social*, *intencionalidade* e *linguagem e interação*. Como critérios de inclusão, selecionaremos artigos que retratem a temática, publicados em língua portuguesa e língua inglesa, sem restrição de data, visto que o progresso epistemológico dos conceitos investigados pode nos trazer achados importantes. A síntese dos resultados encontrados será apresentada em forma de tabelas, para posterior análise.

RESULTADOS. O trabalho encontra-se em fase inicial. Até o presente momento, elencamos 02 artigos, 02 livros e 01 monografia sobre *intencionalidade*; 05 artigos e 02 livros sobre *cognição social*. Sobre *linguagem e interação*, tema com o qual temos maior familiaridade, ainda não iniciamos a busca. Foi realizada uma primeira leitura do material com a finalidade de selecionar textos que passarão pela leitura crítica, da qual extrairemos os dados e informações importantes para o nosso estudo.

Palavras-chave: cognição social; intencionalidade; linguagem e interação

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Referências bibliográficas:

BUTMAN, J.; ALLEGRI, R. F. A cognição social e o córtex cerebral. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 14, n. 2, p. 275-279, 2001.

FLAVELL, J. H.; MILLER, P. H.; MILLER, S. A. *Desenvolvimento cognitivo*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, v.8, n.1 (Pt 1), 102-106, 2010.

TOMASELLO, M. *Constructing a language: A usage based theory of language acquisition*. Harvard, MA: Harvard University Press, 2005.

TONIETTO, L.; WAGNER, G. P.; TRENTINI, C. M.; SPERB, T. M.; PARENTE, M. A. M. P. Interfaces entre funções executivas, linguagem e intencionalidade. *Paideia*, v. 21, n. 49, 247-255, 2011.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Os dêiticos locativos *lá* e *ali* e as coordenadas espaciais em português brasileiro

Alexandre Batista da Silva (UFRJ)

Uma abordagem cognitivista dos dêiticos *lá* e *ali* no português brasileiro falado demanda a determinação de categorias não consideradas no tratamento tradicional desses itens linguísticos. Considerá-los advérbios de lugar que expressam a ideia de *mais distante* e *menos distante*, como normalmente estão registrados nos compêndios gramaticais brasileiros, obliteram a complexidade dos processos cognitivos arrolados na conceptualização do espaço em português brasileiro. Além disso, tal abordagem ainda dificulta a percepção dos fatores pragmáticos que possivelmente estão na motivação da escolha de um ou de outro locativo, fatores especialmente importantes para esta investigação.

Este trabalho se propõe a investigar as coordenadas espaciais instruídas pelos dêiticos *lá* e *ali* no português brasileiro. O objetivo principal é a descrição dos usos não fóricos desses locativos, em textos orais, para determinar as operações cognitivas na conceptualização do espaço a eles associada. Para efetivar a investigação, combinamos a teoria dos Esquemas Imagéticos (Johnson 1987 e Lakoff 1987, 1990) e Gramática Cognitiva de Langacker (1987, 1990, 1991). Os chamados esquemas imagéticos (image schemas) correspondem a um dos construtos teóricos mais originais da Linguística Cognitiva, pois correspondem à premissa de que grande parte do nosso conhecimento estruturado por padrões dinâmicos, não-proposicionais e imagéticos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objetos e de interações perceptivas. A Gramática Cognitiva, por sua vez, permite o tratamento desses padrões como entidades simbólicas significativas que simbolizam um conteúdo conceptual.

O *corpora* da pesquisa é multimodal, pois corresponde à transcrição das ocorrências verbais do uso dos locativos *lá* e *ali*, no programa Big Brother Brasil 10 e 15 exibidos na Rede Globo de Televisão, e das condições pragmáticas que envolvem tais usos. Para analisar os dados, recorreremos à associação de dois recursos metodológicos: a análise qualitativa de dados reais de língua falada colhidos nas gravações e a testes empíricos que possam demonstrar as motivações da escolha de um ou outro dêitico por falantes do português brasileiro. Como se trata de um estudo ainda em andamento, as primeiras análises mostram que a distinção fundamental dos dois dêiticos em termos de critérios como *imediatamente acessível* ou *não-imediatamente acessível* ou *visível* e *não-*

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

vísivel não têm se demonstrado suficientes para a descrição das motivações que fundamentam as escolhas do falante no concernente ao uso do *lá* e do *ali*.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; Conceptualização de espaço; Dêiticos.

Referências bibliográficas:

AGUIAR, M.T. Niterói: UFF. Padrões Funcionais no uso de Pronomes Locativos: Uma abordagem construcional. Dissertação de mestrado em Língua Portuguesa, 2010

BATORÉO, H. 2000. Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

BRAGA, M.L. e PAIVA, M.C. 2003. Do advérbio ao clítico é isso aí. IN:

JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University Press, 1987.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University Press, 1987.

_____, "The Invariance Hypothesis: is abstract reason based on image-schemas?", *Cognitive Linguistics* I-1, pp. 39-74.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Vol 1. Stanford: Stanford University Press, 1987

_____. Subjetification. *Cognitive linguistics*, Nijmegen, v. 1, n.1, p.5-37, 1990.

_____. *Foundations of cognitive grammar: descriptive application*. Vol 2. Stanford: University Press, 1991a.

_____. *Concept, Image, and Symbol: The Cognitive Basis of Grammar*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1991b.

RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (org). Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, (p. 206-212).

OLIVEIRA, M. R. 2007. Ordenação de advérbios locativos no português escrito: uma abordagem histórica – Relatório final de pesquisa - CNPq.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

A conclusão em textos dissertativos-argumentativos: método de análise

Cristina Lopomo Defendi (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo)

Esta comunicação tem como objetivo demonstrar a proposta de análise das estratégias envolvidas nos processos de elaboração de textos dissertativos com vistas a evidenciar que construções empregadas para marcar a conclusão de textos dissertativo-argumentativos respondem, pela ótica da Gramaticalização e da Cognição, a mecanismos cognitivos. Teoricamente, fundamento a pesquisa nos estudos de Cognição, a partir de Tomasello (2003) e Bybee (2010), de Gramaticalização, com Traugott e Dasher (2005), Traugott (2008), Lehmann (1985, 2002 e 2011) e de Texto, com Halliday (1973), Halliday e Hasan (1976) e Koch (2002). Todo o material analisado teve tratamento quantitativo e qualitativo.

Como meu interesse é voltado para a mudança linguística de marcadores de conclusão, o texto dissertativo-argumentativo foi considerado como um lugar propício à identificação de usos inovadores e também de usos influenciados pela normatividade, e por isso compusemos um *corpus* com 500 redações de vestibulares da FUVEST, de 2007 a 2011, consideradas as melhores pela banca corretora. Após análise da parte textual equivalente à conclusão, identifiquei quatro formas básicas de uso de uma marca gramatical ou lexical para esse fim: fecho de raciocínio lógico, retomada, finalização e sinalização de conclusão. A construção mais frequente utilizada para concluir o texto (o *portanto*, com 33,2% de frequência de uso nas melhores redações, segundo critérios da banca avaliadora da FUVEST) foi estudada levando-se em conta etimologia, estatuto categorial nos dicionários e uma análise diacrônica para estabelecer padrões funcionais e valores semânticos. Foi possível, assim, constatar que o *portanto* encontra-se em vários níveis de gramaticalização, a depender da categoria analisada, sendo que o estágio mais avançado de gramaticalização é como marcador de conclusão textual. Também é possível afirmar que, cognitivamente, o uso do *portanto* revela intencionalidade e atenção conjunta do escrevente com seu leitor.

Como desdobramento e visando acrescentar informações às análises realizadas, compus um material de controle com 500 redações da FUVEST (dos mesmos anos) que não alcançaram boa nota; 188 redações escolares elaboradas por alunos do ensino médio de escolas públicas estadual e federal; 100 textos argumentativos de circulação em jornais. Por meio desse recurso, realizei comparações entre estratégias adotadas pelo redator e o

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

processo cognitivo. Além disso, procurando estabelecer de que maneira o modelo textual é prescrito aos alunos, analisei materiais didáticos de Língua Portuguesa do ensino médio (livros didáticos, manuais e livros específicos de redação) e os dados obtidos com um questionário aplicado a professores que lecionam Língua Portuguesa a alunos do Ensino Médio.

A metodologia adotada, junto ao corpus e ao *material* de controle produzidos, propiciou a demonstração de uma construção mais produtiva como marca de conclusão textual (portanto), além de franquear que essa porção textual revela o grau de maturidade intelectual e o índice de autoria. Também que o vestibulando, com a intencionalidade de produzir seu melhor texto e em um momento de atenção conjunta a seu avaliador, pode fazer uso de marcas que remetam a partes textuais específicas e esperadas com escolhas cognitivas e (inter)subjetivas que são realizadas pelo escritor.

Palavras-chave: Gramaticalização; Texto dissertativo-argumentativo; Cognição.

Referências bibliográficas:

BYBEE, Joan. Language, usage and cognition. New York: Cambridge University Press, 2010.

DEFENDI, C. L. “Portanto, conclui-se que”: processos de conclusão em textos argumentativos. 2013. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-06052013-104720/>>.

HALLIDAY, M.A.K. As bases funcionais da linguagem (1973). In: DASCAL, Marcelo (org.) Fundamentos metodológicos da Linguística (vol.1) São Paulo: Global, 1978.pp. 125-161

HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, Ruqaiya. Cohesion in English. London: Longman, 1976.

KOCH, Ingedore Villaça. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002.

LEHMANN, Christian. Gramática funcional. In: PERES DE OLIVEIRA, Taísa e ROSA FRANCISCO DE SOUZA, Edson (eds) Funcionalismo: princípios, metas e métodos. Atas do I Simpósio Internacional de Linguística Funcional. Revista Guavira Letras, Três Lagoas, 2011. Disponível em: http://www.christianlehmann.eu/publ/gramatica_funcional.pdf

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

LEHMANN, Christian. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. 1985. Disponível em http://christianlehmann.eu/publ/syn_dia.pdf

LEHMANN, Christian. Thoughts on grammaticalization. (2ªed. revisada). 2002. Disponível em <http://www.db-thueringen.de/servlets/DerivateServlet-/Derivate-2058/ASSidUE09.pdf>

RESENDE, B.D., LIMA-HERNANDES, M.C., PAULA, F., MODOLO, M. e CAETANO, S. Linguagem e Cognição – um diálogo interdisciplinar. 1ª ed. Lecce, Pensa Multimedia Ed., 2015.

TOMASELLO, Michael. Origens culturais da aquisição do conhecimento humano. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs e DASHER, Richard B. Regularity in semantic change. Cambridge: Cambridge University Press, 2005

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. “All that he endeavoured to prove was...”: On the emergence of grammatical constructions in dialogual and dialogic contexts. In: COOPER, Robin e KEMPSON, Ruth (eds). Language in flux: Dialogue coordination, language variation, change and evolution. London: Kings College Publications, 2008. Disponível em: <http://www.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottCooperKempson.pdf>

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Marcas de preconceitos e estigmas em provérbios em tema ‘ciganos’: uma análise funcionalista e cognitiva

Lídia Spaziani (USP- UNINOVE)

A linguagem, sob um prisma social, reúne as formas primordiais para a convivência, propiciando o estreitamento dos laços comunicativos entre os membros da sociedade. Essa aproximação identifica-os com determinados grupos sociais e os separa de outros. Toda a malha social desses grupos, no entanto, se comporta de forma particular, marcando peculiaridades identificáveis na enunciação de seus membros (MARTELOTTA, 2011) e no conteúdo a ser expresso.

Desse modo, o processo de comunicação, desde a aquisição de hábitos e costumes até a valorização de comportamentos sociolinguísticos, vai se tornando particular. Essas manifestações, por sua vez, possibilitam que o linguista observe não somente a codificação mais superficial, derivada de aspectos fonéticos, prosódicos e gramaticais, mas ainda discursivo-pragmáticos em seu trabalho de campo, descrevendo e analisando a expressão e suas evidências a partir do processo interativo.

É preciso considerar, assim, que cada um dos membros funciona como ponte de comunicação para que todos os indivíduos possam ser peças integrantes desse entrelaçamento social. Em última instância, é o grupo social, por meio da linguagem, o responsável pelo compartilhamento de conceitos que são ressignificados em transferências metafóricas continuamente. Isso pressupõe a atuação de processos de incorporação metonímica os quais conduzem os integrantes do grupo a perceber, pensar e agir no mundo em perspectivas subjetivas e intersubjetivas, muitas vezes indistinguíveis na percepção do interlocutor (KÖVECSES, 2002).

O grupo social eleito para analisar um dos fenômenos de produção oral é o grupo dos ciganos e, como objeto linguístico, o provérbio, por ser uma forma de organização das ideias avaliativas formuladas por um grupo majoritário, incidindo ou não sobre um grupo social restrito em direitos e minoritário em tamanho de população.

Esta pesquisa assume esse recorte como norteador da busca de dados e da análise sobre um grupo social que, muitas vezes mais do que imaginamos, se mantém marcado como aquém da sociedade dominante, e a justificativa para isso é: (i) estar fora dos padrões sociais de convívio com o grupo que dita as normas; (ii) estar fora da sociedade que tem maior força política; e (iii) ser identificado como um grupo fechado, de acesso restrito e de hábitos nômades, em contraposição ao grupo majoritário.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Para efetivar este estudo, passamos a rastrear construções referidas a ciganos, a partir do que recolhemos como expressões vinculadas a algum tipo de estigmatização. O *corpus* foi constituído a partir de amostras extraídas de Twitters (tuíteres) e literaturas de análise do povo cigano (RAMANUSH, 2010).

Os provérbios são analisados como termos sequenciados na cadeia sintática que denunciam a estigmatização do termo *cigano*, por mecanismos metonímicos e pela reanálise que manifesta traços de polaridade negativa avizinados ao termo *cigano*, o que propicia um efeito metonímico de transferência semântica e consequente incorporação.

Como viés metodológico, a análise de provérbios com base nos pressupostos linguísticos no princípio de Iconicidade, Givón (1984) e Lima-Hernandes (2010); Dik (1978), e os de aportes cognitivos apresentados por Kövecses (2002, 2005) e Bernardo (2011) e Ferrari (2011).

O enfoque está na iconicidade como a organização lógica manifesta na mudança do provérbio, numa distorção da ideia original, como exemplo, a modificação de algumas palavras para que o provérbio apresente uma variação de sentido, mas mantém a construção original, já socialmente compartilhada, como marca polaridade negativa.

A ação da sociedade majoritária em relação à minoria cigana se mostra impregnada de preconceitos que são visualizados e avalizados na modificação de provérbio com uso de conceptualização metafórica mesclada à iconicidade.

Palavras-chave: (não) cigano; iconicidade; cognição.

Referências bibliográficas:

- BERNARDO, Sandra. Radialidade das construções de movimento causado presumido Olha só, aqui, ali, lá. In: Cadernos do CNLF v.XIII, n. 04, 2009. Disponível em: **Revista Escrita**. Rua Marquês de São Vicente, 225 Gávea/RJ: BrasilAno, 2011. Número 13. ISSN disponível em <http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/radialidade_das_construcoes_de_movimento_sandra.pdf>. Acesso em: 09-04-2016.
- DIK, C. S. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht-Holland/ Cinnaminson-U.S.A.: Foris Publications, 1978.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GIVÓN, Talmy (ed) *Syntax and semantics*, v. 12, Discourse and Syntax. New York: Academic Press, 1984.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford and New York: Oxford University Press, 2002.

KÖVECSES, Z. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge, 2005.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia & CASSEB GALVÃO, Vânia. Gramaticalização e ensino. In: *Introdução à Gramaticalização*. GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite *et alii*. São Paulo: Parábola, 2007.

MARTELOTTA, M.E. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2011.

RAMANUSH, Nicolas. *Palavras Ciganas, vocabulário e gramática Romani-Sinte*. Editora própria, 2010.

O status informacional do referente nos planos discursivos na organização do conhecimento em bases de dados científicos brasileiras

Ludmila dos S. Guimarães (CCH/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

A proposta deste trabalho é identificar a partir do viés funcionalista aspectos específicos da estrutura de textos científicos sobre o HIV em bases de dados nacionais. Para tanto constituiu-se foco inicial da pesquisa, a identificação do estatuto informacional do referente e a análise, em bases de dados científicos brasileiras, de artigos sobre o HIV aplicando as categorias *backgrounding* e *foregrounding* nos planos discursivos. Procurou-se identificar o estatuto informacional, informação dada-velha e informação nova, na construção textual observando a análise de componentes linguísticos nas orações que compõem os resumos. A amostra da pesquisa compreendeu a descrição de funções e a análise de 09 componentes linguísticos selecionados em uma amostra acadêmica aleatória de 06 resumos de artigos científicos de 06 periódicos nacionais - Ciência da Saúde Coletiva, Psicologia: Teoria e Pesquisa, Cadernos de Saúde Pública, Revista da Saúde Pública, Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia, Revista da Escola de Enfermagem, cobertura de 2005 a 2014. A seleção dos resumos para investigação se deu em função da necessidade de observar a construção oracional nesta parte tão significativa do artigo científico, que é elaborada pelo autor com o objetivo de indicar os pontos principais de pesquisa - figura.

Buscou-se observar por meio de um tratamento dos aspectos formais no nível sintático da oração (CROFT, 2009), o comportamento das categorias funcionais de transitividade do verbo e afixos na ordenação linear dos elementos oracionais nos resumos científicos com respectiva indicação de frequência de uso. O *corpus* analisado permitiu uma investigação preliminar e exploratória da perspectiva teórica e aplicada do fenômeno investigado a partir do funcionalismo linguístico e da linguística funcional centrada no uso no campo de tratamento de resumos de artigos científicos. A formulação da pergunta de pesquisa que motivou e norteou o estudo foi a seguinte: como pesquisadores no campo da AIDS/HIV empregam os elementos linguísticos, especificamente do nível sintático, nos resumos dos artigos científicos?

As categorias de análise selecionadas, conforme as definições, indicam pontos de contato importantes para o estudo da relação agente-paciente na estrutura textual, sem ignorar o seu entorno. Cada qual, transitividade e afixos, de uma perspectiva distinta, permitem a indicação de novas ideias, novas ocorrências morfológicas ou gramaticais e,

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

portanto, para a identificação da iconicidade em um texto.

Seguindo o percurso do estudo, realizou-se a decomposição de cada resumo do artigo em orações e efetuou-se a indicação de cada elemento sintático por oração, o cálculo percentual de cada categoria por oração e o total de ocorrência dos elementos sintáticos no conjunto de orações que compõem o resumo de cada artigo⁶.

Para a análise quantitativa os verbos foram analisados segundo: verbos - verbo transitivo direto (vtd), verbo transitivo direto e indireto (vtdi), verbo transitivo indireto (vti), verbo intransitivo (vi) e infinitivo; e os afixos – prefixo, sufixo, parassintética.

Com base na análise da categoria funcional verbo, houve predominância do verbo transitivo direto nas orações dos 06 resumos seguida do verbo no infinitivo em 04 resumos.

No artigo 1, Entrevista com os familiares: um instrumento fundamental no planejamento da revelação diagnóstica do HIV/Aids para crianças e adolescentes, resumo decomposto em 05 orações, houve a mesma frequência de ocorrência do verbo transitivo direto (30%) e verbo infinitivo (30%), seguida de verbo transitivo indireto (20%) e mesma frequência de ocorrência de verbo intransitivo e verbo transitivo direto e indireto (10%). No artigo 2, Gestação e HIV: Preditores da Adesão ao Tratamento no Contexto do Pré-natal, resumo decomposto em 07 orações, houve predominância do verbo transitivo direto (76,9%), seguida de verbo infinitivo (0%), e mesma frequência de ocorrência para verbo intransitivo (7,6%), verbo transitivo indireto (7,6%), verbo transitivo direto e indireto (7,6%). No artigo 3, Caracterização epidemiológica dos casos de ADS em pessoas com 60 anos ou mais, Pernambuco, Brasil, 1998 a 2008, houve predominância de derivação sufixal (78%), seguida de derivação prefixal (22%) e derivação parassintética (0%). No artigo 4, O direito   prevenção e os desafios da redução da vulnerabilidade ao HIV no Brasil, houve predominância da derivação sufixal (75%), seguida de derivação prefixal (17%) e derivação parassintética (8%). No artigo 5, Alterações metabólicas da síndrome lipodistr fica do HIV, houve predominância sufixal (76%), seguida de derivação prefixal (24%) e derivação parassintética (0%). No artigo 6, A representação do portador do vírus da imunodeficiência humana sobre o tratamento com os anti-retrovirais, resumo composto de 04 frases, houve predominância da frequência de ocorrência de verbo transitivo direto

⁶ Artigo 1- Entrevista com os familiares: um instrumento fundamental no planejamento da revelação diagnóstica do HIV/Aids para crianç as e adolescentes. Periódico Ciência da Saúde Coletiva, 2012. Artigo 2 – Gestação e HIV: preditores da adesão ao tratamento no contexto do pré-natal. Periódico Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2014. Artigo 3 – Caracterização epidemiológica dos casos de Aids em pessoas com 60 anos ou mais, Pernambuco, Brasil, 1998 a 2008. Periódico Caderno de Saúde Pública, 2013. Artigo 4 – O direito   prevenção e os desafios da redução da vulnerabilidade ao HIV no Brasil. Periódico revista da Saúde Publica, 2006. Artigo 5 – Alterações metabólicas da Síndrome Lipodistr fica do HIV. Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia, 2005. Artigo 6 – A representação do portador do vírus da imunodeficiência humana. Periódico: Revista da Escola de Enfermagem da USP, 2008.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

(45,5%), seguida de verbo infinitivo (36,4%), verbo transitivo direto e indireto (0%) e mesma frequência de ocorrência de verbo intransitivo (9,1%) e verbo transitivo indireto (9,1%).

A pesquisa permitiu concluir que o traço de perfectividade é o mais marcante e se mostrou a variável mais pertinente na pesquisa para que se conclua que há uma correlação importante entre grau alto de transitividade e grau alto de informatividade (nos termos de x e y), a despeito do fato de os resumos serem escritos, na sua maioria, em presente atemporal.

É possível formular a hipótese acima com base na incidência de perfectividade nos resultados encontrados nas análises de ocorrências verbais. A ocorrência da perfectividade incidiu diretamente nos trechos relativos aos resultados. Os critérios aplicados para identificar o maior grau de transitividade nos resumos permitiram identificá-lo e relacioná-lo ao alto grau de iconicidade nos resumos, ou seja, como variáveis eles se correlacionaram proporcionalmente.

Porém, o estudo não se dedicou a demonstrar a correlação do grau de definitude e especificidade com o grau de iconicidade nas estruturas analisadas, apesar de haver indicações teóricas importantes que apontam para essa relação.

Foi possível corroborar, a partir da aplicação da categoria funcional predicação verbal na análise, a ideia de que a organização do fluxo de informação segue um fluxo de atenção linguístico, por exemplo, na evidência da relação complemento-verbo e sua posição mais à esquerda na oração.

Também foi possível relacionar o fluxo da informação com a organização dos mecanismos linguísticos, especificamente, pela relação agente-complemento e a sua relação com a iconicidade.

Há ocorrência de integração entre sintaxe e semântica apontada pela intervenção do estatuto informacional dos constituintes verbais e afixos na oração, conforme evidenciado nas análises efetuadas.

Seria necessária a investigação das causas das oscilações dos percentuais das demais ocorrências verbais nas orações, excetuando-se o verbo transitivo direto.

Entretanto, apesar da relação entre o grau de iconicidade e o grau de informatividade de um texto há também relação destes com o grau de relevância e marcação dos conteúdos e proposições, e com os aspectos de definitude e especificidade, que serão investigados em outra etapa da pesquisa.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Referências bibliográficas:

BERLINCK, Rosane de Andrade. Nem tudo que é posposto é novo: estatuto informacional do SN e posição do sujeito em português. ALFA, São Paulo, UNESP, v.41, n.esp., p.57-78, 1997.

CEZARIO, Maria Maura, CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martellota. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2013.

COSTA, Jorge Campos da. A relevância da pragmática na pragmática da relevância. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da, OLIVEIRA, Mariangela Rios, MARTELLOTA, Mario Eduardo. Linguística Funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro: D&A/FAPERJ, 2003.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da, TAVARES, M.A. Linguística funcional e ensino de gramática. In: CUNHA, M. A. F.; TAVARES, M.A. (org). Funcionalismo e ensino de gramática. Natal: EDUFRN, 2007. p.13-52.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Compreendendo a gramática (Talmy Givón). Natal: EDUFRN, 2011.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da, SOUZA, Maria Medianeira de. Transitividade e seus contextos de uso. São Paulo: Cortez, 2011. v.2.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da (org). A gramática da oração: diferentes olhares. Natal: EDUFRN, 2015.

_____, LACERDA, Patrícia Fabiane A. da Cunha. Da gramaticalização à construcionalização: conceitos básicos. In: III Simpósio Internacional de Linguística Funcional, Rio de Janeiro, UFF, 25 a 28 de agosto de 2015.

GARCÍA VELASCO, Daniel. Lexical competence and functional discourse grammar. ALFA, São Paulo, UNESP, v.51, n.2, p. 165-187, 2007.

GIVÓN, T. Markedness as meta-iconicity: distributional and cognitive correlates of syntactic structure. In: *Functionalism and grammar*. Amsterdam: Benjamins, 1995.p.25-69.

HOPPER, P.J. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, T. (Ed.) *Syntax and semantics, Vol. 12: Discourse and Syntax*. New York: Academic Press, 1979. p.213-41.

GORSKI, Edair Maria, LEHMKHUL, Izete. Efeitos da definitude/especificidade do estatuto informacional sobre o SN-Sujeito: algumas considerações. In: HORA, Demerval, COLLISCHONN, Gisela (org). Teoria lingüística: fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

MARQUES, Priscilla Mouta. Estudo diacrônico da ordenação do sujeito em relação ao verbo no português. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2012. 154p. Tese de doutorado.

MARTELLOTA, Mário Eduardo (org.). Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2009.

_____, VOTRE, Sebastião Josué, CEZARIO, Maria Maura. Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996.

Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico**. Brasília, v.3, n.1, 2014.

In:http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2014/56677/boletim_2014_final_pdf_15565.pdf Acesso em 21/11/2015.

MOLLICA, Maria Cecília, GONZALES, Marcos (org.). Linguística e ciência da informação: diálogos possíveis. Curitiba: Appris, 2011.

MOLLICA, Maria Cecília (org.). Linguagem em contextos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

OLIVEIRA, Mariangela Rios. Iconicidade e produtividade dos processos de repetição. *Anais do II Congresso Nacional da Abralín, UFSC, 2000.*

OLIVEIRA, Mariangela Rios de, ROSÁRIO, Ivo da Costa do (org.). Linguística centrada no uso: teoria e método. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de, VOTRE, Sebastião Josué. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. *Matraga, Rio de Janeiro, v.16, n.24, p.97-114, jan.-jun., 2009.*

OLIVEIRA, Mariangela Rios de, CEZARIO, Maria Maura. PCN à luz do funcionalismo linguístico. *Linguagem & Ensino, UCPel, v.10, n.1, p.87-108, jan./jun.2007.*

OTHERO, Gabriel de Ávila, KENEDY, Eduardo. *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.

PESSOA, Maria Angélica Furtado da Cunha. *A passiva no discurso*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 1989. 297p. Tese de doutorado.

PEZATTI, Erotilde Goreti. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. Ordering of representational level adverbial modifiers in spoken brazilian portuguese. *ALFA, São Paulo, v. 51, n.2, p. 293-315, 2007.*

SMIT, Niels. Information packaging in functional discourse grammar. *ALFA, São Paulo, UNESP, v.51, n.2, p. 91-118, 2007.*

SLOBIN, D. I. *Psicolinguística*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

SOUZA, Edson Rosa de. *Funcionalismo linguístico: novas tendências*. São Paulo: Contexto, 2012.

VOTRE, Sebastião Josué, NARO, Anthony. *Emergência da sintaxe como um efeito discursivo*. Rio de Janeiro, 1986. (Relatório final do Projeto Subsídios Sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação).

VOTRE, Sebastião Josué, CEZARIO, Maria Maura, MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.

Dêixis e *Construal*: estratégias intersubjetivas no uso de “nós”

Viviane da Fonseca Moura Fontes (CBNB/UFRJ)

O presente trabalho tem como objetivo principal identificar e descrever a motivação conceptual e as estratégias intersubjetivas que envolvem a construção dos significados que compõem a categoria dêitica de primeira pessoa do plural representada pela estrutura semântica de “nós”. Com isso, busca-se uma análise detalhada dos processos cognitivos envolvidos na interação com base na noção de *construal* (Langacker, 2008) e de intersubjetividade (Vehagen, 2007). A investigação também envereda, à luz da perspectiva experiencialista de Marmaridou (2000), por uma análise que visa à explicação das sutilezas pragmáticas dos atos de fala produzidos pelo falante no evento comunicativo. Numa visão cognitivista, a construção do significado envolve o fenômeno da conceptualização, que alinha o conteúdo conceptual ao ponto de vista do falante. A noção de *coordenação cognitiva* proposta por Verhagen (2007) prevê que, no jogo comunicativo, o uso linguístico envolve ao menos dois conceptualizadores: o falante e seu interlocutor. A conceptualização do falante, portanto, estabelece um processo de intersubjetificação que indica a sua atenção para com o ouvinte num gerenciamento conceptual mútuo dos significados criados na situação comunicativa. Assim, o ato de conceptualizar revela uma experiência mental que faculta a elaboração de estratégias cognitivas e pragmáticas de construção compartilhada do significado. Além disso, a linguagem tem como função não somente representar as coisas no mundo, mas, principalmente, transformar esse mundo, efetuando mudanças por meio de atos linguísticos (Austin, 1962; Searle, 1969). Ou seja, muito mais do que retratar a realidade, o falante busca alterar o mundo a partir da orientação argumentativa sustentada em seu discurso. Para uma análise contextualizada do dêitico “nós”, foram selecionados dados de fala espontânea em debates políticos eleitorais entre candidatos à Presidência da República no ano de 2014, transcritos de vídeos colhidos no site www.youtube.com. Tendo como fundamento os estudos cognitivistas sobre a linguagem, observou-se que a construção do significado da forma dêitica “nós” evidencia mapeamentos cognitivos diversificados de conceptualização e estratégias pragmáticas diferenciadas que denunciam o ponto de vista do falante e sua postura argumentativa. A forma linguística “nós” também se apresenta como uma categoria radial da dêixis, da qual faz parte um núcleo prototípico em que se encontra a referência inclusiva às entidades dêiticas presentes na cena comunicativa. Os elementos que se afastam do protótipo dessa categoria apontam significados diferentes que resultam de processos de mesclagem

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

conceptual (Fauconnier e Turner, 2002) e refletem *construals* distintos sobre uma mesma base conceptual. Dentre os usos identificados nos dados, podemos destacar a maior ocorrência da referência não-prototípica exclusiva, a qual recusa a indicação dêitica do ouvinte, deixando em destaque a participação do falante e de outro(s) indivíduo(s) presente(s) ou não no evento comunicativo. Paralelamente, os atos de fala assertivo e comissivo se mostraram produtivos, sinalizando os objetivos interacionais da situação comunicativa em análise: o debate político-eleitoral. Outra característica observada no uso do dêitico “nós” é a saliência perceptual individualizada dos participantes da cena comunicativa, destacando o falante e seu(s) interlocutor(es) como figura na interação, ou seja, a conceptualização coloca em proeminência cada entidade dêitica referenciada nesse uso. Assim, diante da análise preliminar do dêitico “nós”, defende-se que a forma linguística se caracteriza como pista para a construção do significado conceptual, o qual envolve operações de *construal* e estratégias comunicativas específicas.

Palavras-chave: Dêixis; Atos de Fala; Conceptualização

Referências bibliográficas:

AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer. Palavras e ações. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 1990 [1962]. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.

LANGACKER, R. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

MARMARIDOU, S. On Deixis. In: *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

SEARLE, John R. Expressão e significado. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2002 [1969]. Trad. Ana Cecília G. A. de Camargo, Ana Luíza Marcondes Garcia.

VERHAGEN, A. Construal and perspectivization. In: GEERAERTS, D; CUYCKENS, H. (eds.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 48-81, 2007.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

O efeito da variável “tipo de interação” sobre a percepção dos pronomes *tu* e *você*: uma análise experimental com cenas dubladas

Célia Regina dos Santos Lopes (UFRJ/CNPq)

Bruna Brasil Albuquerque de Carvalho (UFRJ)

Neste trabalho, analisamos a percepção de falantes do Rio de Janeiro em relação à variação dos pronomes de 2ª pessoa do singular (2SG) *você* e *tu* na posição de sujeito. Nosso objetivo é investigar, por um viés experimental, a reação dos participantes diante da presença das formas variantes citadas na dublagem de cenas de filmes e seriados estrangeiros. O intuito é identificar se o tipo de interação entre os personagens presente na cena (simétrica ou assimétrica) exerce algum efeito sobre a percepção dos participantes. Para tanto, partimos, no presente trabalho, dos resultados obtidos por Oliveira, Lopes e Carvalho (2016, no prelo) que, em um estudo preliminar, aplicaram um teste de julgamento de aceitabilidade a fim de verificar se a percepção de falantes do Português Brasileiro, residentes na cidade do Rio de Janeiro, em relação às formas *tu* e *você* seria influenciada pelo tipo de interação em que os pronomes fossem utilizados. No estudo de Oliveira, Lopes e Carvalho (2016, no prelo), os pronomes *você* e *tu* (sem concordância canônica) apareciam em legendas de cenas retiradas de filmes e seriados. Como resultado, os autores detectaram uma avaliação bastante positiva para o pronome *você* nos dois tipos de relação, enquanto para o *tu* não encontraram uma tendência nítida na avaliação dos participantes; a avaliação positiva ou negativa desse pronome estava mais relacionada ao contexto situacional em que ocorria. Tais resultados dialogam com os estudos sociolinguísticos baseados em *corpora* de fala. No Rio de Janeiro atual, predomina um subsistema de alternância entre as formas *você* e *tu* sem concordância canônica (*tu vai* frente a *tu vais*): a primeira seria a forma não-marcada, enquanto a última estaria vinculada a atos diretivos de maior proximidade e marcação de identidade social, principalmente, entre jovens (cf. Lopes *et al.*, 2009; Santos, 2012). Uma questão, contudo, surgiu a partir dos dados experimentais feitos a partir da análise das legendas escritas. O resultado pouco elucidativo em relação ao *tu* não teria sofrido influência da modalidade escrita, já que ele, embora seja comum na fala carioca, ainda é rejeitado na escrita (principalmente sem a concordância canônica)? Sendo assim, refinamos, nesta proposta, o teste de julgamento de aceitabilidade transformando as legendas em dublagens. Na nova versão do experimento, os participantes ouvirão pequenos diálogos que simulam dublagens de filmes. Cada diálogo é ouvido junto a um fragmento de cena, através do qual é possível identificar o tipo de interação entre os

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

personagens. A tarefa dos participantes é avaliar, através da escala *Likert* (uma escala numérica de 1 a 5) o quão aceitáveis/adequadas são as dublagens para as cenas em que aparecem. Como pressupostos teórico-metodológicos, adotamos a Pragmática Sociocultural (BROWN & GILMAN 1960; BRAVO & BRIZ, 2004), a Psicolinguística na Descrição Gramatical (KENEDY, 2015) e a Sociolinguística Laboviana (LABOV, 1994, 2001). Prevemos, como resultados do experimento, que: os participantes continuarão a avaliar mais positivamente as cenas em que aparece o *você*, independentemente do tipo de relação; os participantes avaliarão mais positivamente o *tu* quando este aparecer em cenas mais simétricas/solidárias; a avaliação será mais negativa quanto o *tu* estiver presente em cenas menos simétricas/solidárias; os índices de aceitabilidade de *você* e *tu* na dublagem deverão ser maiores do que os índices registrados para estes pronomes a partir das legendas.

Palavras-chave: julgamento de aceitabilidade; variação pronominal; sociolinguística

Referências bibliográficas:

- BRIZ, A. Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada em la conversación. In: BRAVO, D.; BRIZ, A. *Pragmática sociocultural – Estudios sobre el discurso de cortesía em español*. Barcelona: Ariel, 2004, p. 67-93.
- BROWN, R.; GILMAN, A. *The pronouns os power and solidarity*. SEBOOK, T. A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge; Massachusetts: The MIT Press, 1960.
- KENEDY, E. Psicolinguística na descrição gramatical. In: MAIA, M. (Org.). *Psicolinguística, psicolinguísticas*. Rio de Janeiro: Contexto, 2015, p.143-156.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- LOPES, C. R. dos S. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: CORTINA, A.; NASSER, S. M. G. C. (Orgs.). *Sujeito e Linguagem: Séries Trilhas Linguísticas*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2009, v.17, p. 47-74.
- OLIVEIRA, T. L.; LOPES, C. R. dos S.; CARVALHO, B. B. de A. A expressão da 2ª pessoa do singular: variação e percepção numa abordagem experimental. *Todas as Letras*, v.18, n.2, 2016. No prelo.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

SANTOS, V. M. dos. *“Tu vai para onde?... Você vai para onde”*: manifestações da segunda pessoa na fala carioca. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Pressupostos conexionistas sobre retenção mnemônica de conceitos abstratos em pessoas cegas

Marisa Helena Degasperi (UFPel)

O objetivo deste trabalho é analisar, à luz da Teoria Psicolinguística Cognitiva Conexionista alguns aspectos de como se dão, através das informações obtidas por meio de áudio-descrição (AD): o construto, a consolidação mnemônica e a recuperação de imagens mentais de elementos abstratos no cérebro da pessoa com deficiência visual total. Entende-se que a aquisição da linguagem pela criança cega mentalmente saudável, possa se desenvolver tanto quanto a de uma criança vidente, considerando-se os aspectos de retenção mnemônica (Papalia & Feldman, 2013, 231). O paradigma conexionista é o que melhor explica os processos que ocorrem na zona intermediária entre o pensamento e a linguagem, pelas estratégias de raciocínio que determinam o comportamento linguístico como resposta de uma interação comunicativa (Poersch, 2003; 2005). Do ponto de vista do conexionismo, a aprendizagem ocorre pela força sináptica ou de ativação dos neurônios, distribuídos no cérebro em diferentes locais, processada de tal maneira que gera engramas - impressões produzidas no tecido nervoso que consolidam a informação na memória de longo prazo do sujeito e são passíveis de recuperação e de associação com outras informações (Young & Concar, 1992; Jensen 2002). Neste sentido, é possível inferir que formas de estruturação do pensamento abstrato devem contar com estímulos de grande significação como construto do que será, para uma criança cega, objeto de reconhecimento de uma realidade que ela não acessa através da visão e tampouco pela sua sensibilidade tátil. Assim, a construção de conceitos abstratos nessa criança dependerá do tipo e da intensidade significativa desse estímulo, que deverá envolver um interesse, uma necessidade ou uma forma de acesso à realidade de seu entorno que possibilitará a inclusão social, a relação com os demais e seu empoderamento, na interação social e ambiental autônoma ou independente. A áudio-descrição é um instrumento bastante eficaz na produção de imagens mentais para pessoas com deficiência visual plena (Snyder, 2014). Essa eficácia constitui a forma como o conteúdo presente na mente do locutor assume um significado expressivo na mente do receptor e a relevância atribuída. A hipótese que se propõe para resolver parcialmente o enigma que está por detrás da construção de conceitos abstratos, considerando os atributos dos objetos, dos eventos ou dos cenários é a de que o resultado do processamento das informações pode propiciar uma resposta suficiente para a pessoa cega, do ponto de vista da resolução do problema do representámen linguístico,

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

potencialmente similar à realidade. Entretanto, é possível inferir que a ausência da visão, sentido mais acessível a essa realidade pelas pessoas videntes, supõe maior esforço cognitivo para a criança cega, que possivelmente criará estratégias de pensamento associativo diferente de uma criança vidente. O esforço maior para o acesso ao objeto a ser construído supõe maior tempo dispensado para a elaboração do construto imagético do sujeito, de sua retenção e consolidação na memória permanente. Estas afirmações complementam os pressupostos conexionistas da relevância dos estímulos, da necessidade de reforços e do uso de diferentes recursos sensoriais para que haja aprendizagem. Elas podem ser aplicadas à AD, no que se refere à qualidade no uso de recursos linguísticos na tradução audiovisual. O resultado dessa aplicação pode trazer benefícios para a AD e também para os usuários dessa modalidade de tradução.

Palavras-chave: Áudio-descrição; memória; conceitos abstratos.

Referências bibliográficas:

JENSEN, Eric. O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens – um guia para pais e educadores. Porto: ASA, 2002.

POERSCH, José Marcelino. A apropriação do saber linguístico: uma visão conexionista. Anais do 1º Encontro Internacional sobre Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 399-432.

16. POERSCH, José Marcelino. How can unity of content be obtained from diversity of expressions: from symbolism to connectionism: In: SCLiar-CABRAL, Leonor, Unity and diversity in communication. Florianópolis: DAUFSC, 2002. p. 83-100.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. Desenvolvimento humano. Título original: Experience Human Development. Tradução de Cristina Monteiro e Márcio de Campos Silva. 12ª Edição Ed. Mac Graw Hill. New York: 2013.

POERSCH, José Marcelino. Simulações conexionistas: a inteligência artificial moderna. Linguagem em (Dis) curso, Tubarão, v. 4, n. 2, 2003.

POERSCH, José Marcelino. A new paradigm for learning language: connectionist artificial intelligence. Linguagem & Ensino, v. 8, n. 1, p. 161-183, jan./jun. 2005.

SNYDER Joel. The Visual Made Verbal: A Comprehensive Training Manual and Guide to the History and Applications of Audio Description. American Council of the Blind, Arlington (USA): 2014.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

YOUNG, Stephen; CONCAR, David. These cells were made for learning. NewScientist, Londres, p. 2-8, 1992.

Identificação automática de construções de estrutura argumental: um experimento a partir da modelagem linguístico-computacional

Vânia Gomes de Almeida (UFJF)

Este trabalho se enquadra dentro das discussões teórico-metodológicas da FrameNet Brasil (FN-Br) e do Constructicon do português brasileiro e tem por objetivo (i) fornecer a modelagem linguístico-computacional necessária para o tratamento das construções Transitiva Ativa, Ergativa e de Argumento Cindido no Constructicon do Português do Brasil; (ii) apresentar e discutir os resultados de uma tarefa de descoberta de construções por máquina cujo objetivo é o de identificar instâncias das construções acima; (iii) discutir as implicações desta tarefa para o desenvolvimento de constructicons. Dessa maneira, esta dissertação busca embasamento na abordagem construcional da Berkeley Construction Grammar proposta por Fillmore, Kay e O'Connor (1988), por Kay e Fillmore (1999) e Fillmore (2013). A nossa proposta se justifica pela escassez de estudos que integrem descrições linguísticas com modelos de representação computacionais cognitivamente plausíveis, possibilitando o tratamento de questões que ultrapassam os modelos de representação centrados exclusivamente em aspectos formais. Nesse sentido, este trabalho se insere no âmbito da Linguística Computacional, que, conforme afirma Dias da Silva (1996), envolve a integração de questões em três domínios: linguístico, representacional e implementacional. Esta pesquisa se enquadra na fase representacional, uma vez que a fase linguística já foi proposta por Sampaio (2010), Ferreira (2009), Castilho (2010) e Perini (2010). Dado esse enquadramento, nosso objetivo foi modelar computacionalmente as construções Transitiva Ativa, Ergativa e CAC na base construcional da FrameNet, para que, posteriormente, na fase implementacional – não desenvolvida nesta dissertação, mas cujos resultados serão aqui discutidos – pudessem ser utilizadas em uma tarefa de descoberta construcional por máquina através do parser em desenvolvimento pela FN-Br, o CARMA.

Palavras-chave: Gramática das Construções; Análise Linguístico-Computacional; Parsing.

Cláusulas relativas *desgarradas* e não *desgarradas*

Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

Aline Ponciano Silvestre (PG/UFRJ)

Na articulação ou combinação, as cláusulas não estão sujeitas à integração sintática, ou seja, não são constituintes de outra, pois se relacionam com o aspecto organizacional do discurso. Portanto, cláusulas combinadas podem modificar ou expandir, de alguma forma, a informação contida em outra cláusula, estabelecendo, assim, uma relação circunstancial. A noção de combinação de cláusulas, tal como propõe os estudos funcionalistas, permite que se aplique a noção de circunstância para além das orações chamadas tradicionalmente subordinadas adverbiais, estendendo-a as orações adjetivas explicativas e, até mesmo, as coordenadas assindéticas da Gramática Tradicional (GT). Sendo assim, o principal objetivo deste trabalho é mostrar principalmente o uso *desgarrado* de cláusulas que se combinam umas com as outras por hipotaxe e que, na perspectiva funcionalista, são denominadas cláusulas relativas apositivas. Partindo do princípio de que, no âmbito sintático, as cláusulas relativas restritivas são encaixadas a um constituinte da cláusula nuclear apresentando, portanto, um grau maior de dependência em relação a este, e de que as relativas não restritivas ou apositivas, embora se vinculem a um núcleo nominal, tem um grau menor de encaixamento, propomos a associação do pressuposto prosódico ao sintático, a fim de analisarmos as cláusulas relativas *desgarradas*, ou seja, aquelas que constituem sintagmas nominais (SN) soltos em cotejo com aquelas que não o são. Com base em Decat (2011), investigaremos, neste trabalho, o comportamento das cláusulas relativas que ocorrem isoladas como enunciado independente ou de “maneira solta”, sem vínculo com a cláusula nuclear, fenômeno que a autora denominou de *desgarramento*. Segundo a autora, as orações relativas apositivas, que se materializam de forma independente, ou *desgarrada*, constituem uma unidade informacional à parte — às vezes assemelhando-se a um adendo e tendo um caráter parentético. É o que se pode notar no exemplo “Vamos subir agora e conhecer a engenharia. **Onde** se planeja os ciclos”, retirado do Roteiro de Cinema, *Não por Acaso*. Nossa hipótese, então, é que não haveria nenhum índice de segmentação na fronteira sintática entre a restritiva posposta e a cláusula nuclear, ao passo que entre esta e a não restritiva (posposta ou intercalada à nuclear) haveria uma marca de ruptura, podendo ocorrer o mesmo com as *desgarradas*, ainda não estudadas com relação a esse aspecto.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

À luz dos pressupostos teóricos do Funcionalismo, encontrados nos trabalhos de Chafe (1980), Souza (2009) e Decat (2011) e, ainda, utilizando os princípios da Fonologia Entoacional, encontrados em Ladd (2008), e da Fonologia Prosódica, encontrados em Nespor e Vogel (1994), pretendemos comparar o comportamento das relativas *desgarradas* com o das não *desgarradas*, propondo que estas, quando restritivas, formariam um único sintagma entoacional (I) com a cláusula núcleo, ao passo que as relativas *desgarradas* formariam um I à parte, assemelhando-se também prosodicamente às não restritivas.

Assim, analisaram-se, no *corpus* Roteiro de Cinema, disponível no site www.roteirodecinema.com.br, ocorrências de cláusulas relativas que se materializam linguisticamente na modalidade escrita do português do Brasil (PB) como estruturas de *desgarramento*, constituindo, por si mesmas, unidades de informação. A análise instrumental será realizada no programa computacional PRAAT, a fim de que se verifique o comportamento dos parâmetros prosódicos em toda a extensão dos sintagmas entoacionais (I) dos quais as cláusulas fazem parte. Em termos prosódicos, podemos dizer que uma *unidade de informação* constitui um sintagma entoacional (I) e que esse constituinte prosódico pode ser percebido pela entoação, pausa ou hesitação. Assim asseveram Nespor e Vogel (1994, p. 218), ao afirmar que a formulação da regra de formação de I está baseada nas noções de que ele é o âmbito de um contorno entoacional e que os finais de I coincidem com as posições em que se podem introduzir pausas em uma oração, e Serra (2009) que, em seus estudos sobre fronteiras prosódicas no PB, afirma que a pausa de fato é o principal indicador de fronteira I, apesar de o alongamento silábico e a variação de F0 também se mostrarem relevantes.

Palavras-chave: Relativas apositivas; “desgarramento”; interface sintaxe/prosódia.

Referências bibliográficas:

- CHAFE, Wallace L. The deployment of, 2011 consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W. L. (Ed.) *The Pear Stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.
- DECAT, Maria Beatriz N. *Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas: Pontes Editora, 2011.
- LADD, R. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge Press, 2008.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *La prosodia*. Madrid: Visor Distribuciones, 1994.
- SERRA, Carolina Ribeiro. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2009.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

SOUZA, Elenice S. de Assis Costa de. *A interpretação das cláusulas relativas no português do Brasil: um estudo funcional*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2009.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

A retomada e (re)construção de referentes, anaforicamente, em comentários publicados no Facebook, como índices que determinam a formação da opinião

Cristina Normandia dos Santos (UERJ- Bolsista/CAPES)

Maria Teresa Tedesco V. Abreu (Professora adjunta/Orientadora da UERJ)

No Brasil, a internet já é consumida, praticamente, pela metade dos brasileiros (48%), de acordo com pesquisa realizada pela Secretaria de Comunicação do Governo Federal, em 2015. O meio jornalístico ciente dessa informação, também passou a utilizar a mídia digital, principalmente, as redes sociais, como o *Facebook*, como um dos meios para divulgar e formar a opinião, que são seus dois objetivos principais. Isso gerou o interesse de analisar se ocorria a formação de opinião em *sites* sociais, pois, há uma descrença em relação à produtividade da interação da informação nesses espaços de entretenimento. Genericamente, consideram os comentários postados no *Facebook* meros “bate-bocas” sobre qualquer temática mais polêmica. Desse modo, a motivação desse estudo é compreender a argumentação que ocorre na rede social *Facebook*, especificamente num perfil público de jornalista, que é comentarista do contexto político brasileiro; a partir das estratégias de referenciação que estão presentes em dois gêneros discursivos distintos: o artigo de opinião e os comentários publicados a respeito das temáticas desenvolvidas nos artigos de opinião. Os questionamentos que norteiam os estudos foram: há nos comentários a retomada e a reconstrução dos referentes presentes nos artigos de opinião publicado por jornalistas? A retomada ou a reconstrução dos referentes, presentes nos artigos de opinião, nos comentários postados no *Facebook*, podem nos sinalizar se houve o processo de convencimento e persuasão? Para obter respostas, organizo o estudo em torno dos seguintes objetivos específicos: analisar os referentes presentes nos artigos de opinião dos jornalistas e a retomada e a reconstrução dos referentes nos comentários publicados por internautas e, também, analisar a ocorrência de anáforas diretas e indiretas nos comentários publicados pelos internautas. Com esse fim, buscou-se averiguar na relação entre dois gêneros discursivos distintos, que têm o *Facebook* como suporte das atividades interativas, o processo de referenciação, conceito de ordem cognitiva que propõe a instabilidade do referente no discurso (KOCH, 2002). As análises dos comentários publicados pelos internautas indicam que há a retomada e a reconstrução de referentes abordados nos artigos de opinião de jornalista. De acordo com Mondada e Dubois (in CAVALCANTE, RODRIGUES e CIULLA, 2003), a referenciação é uma “relação entre o texto e a parte não linguística da prática em que ele é produzido e interpretado”. Neste trabalho, predomina a

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

abordagem sociointeracionista, a qual considera o texto o lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos, que dialogicamente se (re)constroem no discurso (KOCH,2002). Nesta concepção teórica se destacam as teorias de Ingedore Koch (2002 e 2014), Mônica Cavalcante (2013), Lorenza Mondada (In. CAVALCANTE, RODRIGUES & CIULLA, 2003), Danièle Dubois (In. CAVALCANTE, RODRIGUES & CIULLA, 2003) e Luís Antonio Marcuschi (2003 e In. KOCH, MORATO & BENTES). A abordagem sociointeracionista dialoga com conceitos sobre gêneros do discurso – Mikhail Bakhtin (2010), Híbrido na comunicação – Lúcia Santaella (2004), Hipertexto e Gêneros digitais – L. Marcuschi (2010), Argumentação – Koch (2000) e Antonio Suarez Abreu (2009), Conversação – contribuições de Marcuschi (2007). Para o processo de coleta e avaliação de dados se fez necessário um olhar etnográfico. A perspectiva etnográfica possibilita que observemos criticamente os fenômenos linguísticos em ambientes digitais, como o *Facebook*, pois, em perfis públicos de jornalistas, de onde foram coletados os dados linguísticos, há uma complexidade de interactantes, que determina as divergências de opinião. Este aspecto tornou mais instigante e desafiadora a pesquisa.

Palavras-chave: Referenciação; Argumentação e Facebook.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

O papel das metáforas na organização cognitiva dos gêneros

Dalby Dienstbach (UFF/FAPERJ)

Uma das descobertas mais impactantes feita pelos teóricos da abordagem conceptual da metáfora (cf. LAKOFF; JOHNSON, 1980 e LAKOFF, 1993) é a de que ela consiste em um fenômeno onipresente na nossa vida cotidiana, tanto na linguagem quanto no pensamento e nas ações. Algo que pode se concluir, em consequência dessa descoberta, é que dificilmente haveria discurso sem metáforas e que, portanto, somente a ocorrência desse fenômeno não constituiria um fator distintivo dos gêneros. De fato, muitas são as investigações que, ancoradas na teoria da metáfora conceptual (cf. *ibid.*), corroboram a abundância desse fenômeno, bem como a importância da sua ocorrência, em tantos domínios discursivos quanto podemos conceber – que incluem desde os discursos literário (cf., p. ex., STEEN, 1994 e FLUDERNIK, 2011) e religioso (cf., p. ex., SOSKICE, 2007 e PUENTE, 2013) até os discursos político (cf., p. ex., LAKOFF, 2002 e SALVIANO, 2015), acadêmico-científico (cf., p. ex., HALLYN, 2000 e BAAKE, 2003), pedagógico (cf., p. ex., CAMERON, 2003 e ALMEIDA, 2009) e jornalístico (cf., p. ex., VEREZA, 2007 e KRENNMAYR, 2011), para se citarem alguns. No entanto, do ponto de vista de falantes comuns, as metáforas continuam servindo, de alguma forma e em alguma medida, à distinção dos gêneros. De acordo com Lakoff e Johnson (*ibid.*), por exemplo, para a maioria das pessoas, a metáfora ainda constitui um tipo de recurso da criação poética ou de manobra retórica. Dentro desse contexto, o objetivo que este trabalho persegue é o de tentar lançar alguma luz sobre esse impasse que haveria entre a teoria conceptual da metáfora e o ponto de vista do falante comum (cf. *ibid.*) no que diz respeito ao papel das metáforas na real organização cognitiva dos gêneros. A discussão conduzida aqui parte da hipótese de que algo, que não somente a ocorrência de metáforas, estaria por trás da distinção espontânea dos tipos de discurso. Para tanto, este trabalho assume, como aporte teórico, concepções de base cognitivo-discursiva para ambas a metáfora (cf., p. ex., MÜLLER, 2008 e STEEN, 2007) e os gêneros – que, nesse caso, se define como *frames* de eventos discursivos (ou seja, como redes abstratas de aspectos discursivos prototípicos inter-relacionados entre si) (cf., PALTRIDGE, 1997 e STEEN, 2011). Desenvolve-se, em seguida, uma reflexão, de caráter teórico-analítico, sobre a natureza dos fenômenos considerados aqui – ou seja, a metáfora e os gêneros discursivos –, para poderem se estabelecer prováveis relações (mutuamente determinantes) entre eles, bem como uma análise empírica de dados em corpora para efeitos de exemplificação e sustentação prática dos argumentos defendidos aqui. A partir da reflexão teórico-analítica e da análise empírica desenvolvidas aqui, propõe-se, em um primeiro momento, o postulado de que o principal fator responsável pela a identificação cognitiva dos gêneros em função das metáforas não poderia ser a ocorrência real desse fenômeno – visto que ele é onipresente na nossa vida cotidiana (cf. LAKOFF; JOHNSON, 1980) –, senão a sua metaforicidade, que está

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

traduzida, no âmbito deste trabalho, como sendo a possibilidade de reconhecimento das metáforas como tais (cf., sobretudo, MÜLLER, *ibid.* e STEEN, 2004). Por fim, propõe-se um modelo de identificação e análise de metáforas – bem como da sua metaforicidade – que adota a noção de gênero discursivo como sendo a sua principal base de operação.

Palavras-chave: Metáforas conceituais. Metaforicidade. Gêneros discursivos.

Referências bibliográficas:

- ALMEIDA, Ricardo. *Metáfora conceptual e conhecimento nos discursos e práticas dos professores do ensino fundamental*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- BAAKE, Ken. *Metaphor and knowledge: the challenge of writing science*. Albany: The State University of New York Press, 2003.
- FLUDERNIK, Monika (Ed.). *Beyond cognitive metaphor theory: perspectives on literary metaphors*. Nova York: Routledge, 2011.
- HALLYN, Fernand (Ed.). *Metaphor and analogy in the sciences*. Dordrecht: Kluwer Academics, 2000.
- KRENNMAYR, Tina. *Metaphor in newspaper*. Utrecht: Landelijke Onderzoekschool Taalwetenschap Publications, 2011.
- LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew (Ed.). *Metaphor and thought*. 2. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 202-251.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1980.
- MÜLLER, Cornelia. *Metaphors dead and alive, sleeping and awaking: a dynamic view*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.
- PALTRIDGE, Brian. *Genre, frames and writing in research setting*. Amsterdam/ Filadélfia: John Benjamins, 1997.
- PUENTE, Raquel. *Metáforas negras no texto bíblico: a perspectiva experiencialista*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- SALVIANO, Rosângela. *As metáforas da família na cultura política da era Lula*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- SOSKICE, Janet. *The kindness of God: metaphor, gender, and religious language*. Nova York: Oxford University Press, 2007.
- STEEN, Gerard. *Understanding metaphor in literature: an empirical approach*. Londres/ Nova York: Longman, 1994.
- STEEN, Gerard. Can discourse properties of metaphor affect metaphor recognition? *Journal of Pragmatics*, v. 36, n. 7, p. 1295–1313, 2004.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

STEEN, Gerard. *Finding metaphor in grammar and usage: a methodological analysis of theory and research*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

STEEN, Gerard. Genre between the humanities and the sciences. In: CALLIES, Marcus; KELLER, Wolfram; LOHÖFER, Astrid (Eds.). *Bi-directionality in the cognitive sciences*. Amsterdam: John Benjamins, 2011, p. 21-41.

VEREZA, Solange. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007.

Perspectivação e emoção nas campanhas contra o *Aedes Aegypti* no Brasil

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo (USP)

Tendo em vista a proliferação de casos de dengue, chikungunya e zika por todo o Brasil e, por conseguinte, a importância de mecanismos de prevenção da doença, associados, primariamente, à eliminação e à contenção de focos de desenvolvimento e de reprodução do mosquito *Aedes Aegypti*, consideramos relevante analisar a configuração discursivo-textual das campanhas veiculadas no país, neste século, contra este vetor, para uma possível avaliação crítica do material.

Para este trabalho especificamente – um recorte da pesquisa, que, no todo, contempla análises dos processos de esquematização, de metaforização, de direcionamento de atenção (granularidade, foco e quadro de visualização) e de perspectivação em um *corpus* de cerca de 50 cartazes da campanha, contemplando todas as macrorregiões do país –, optamos por apresentar resultados ligados à **perspectivação**, obtidos, primariamente, por meio da análise qualitativa de dados.

Baseando-nos, de modo geral, na tipologia de operações de *construal* proposta por Hart (2014) no âmbito da abordagem cognitivista dos estudos crítico-discursivos, que prevê uma associação entre o sistema cognitivo de **perspectivação** e a estratégia discursiva de **posicionamento** e, por conseguinte, à construção linguística do espaço discursivo, do ponto de vista e da dêixis, e, de modo específico, na proposta de Chilton (2014) sobre o Espaço Discursivo e de Cap (2013) sobre Proximização, buscamos analisar de que forma os enunciadores da campanha constroem, estrategicamente, o posicionamento do mosquito (*exogrupo*) e da população (*endogrupo*) em termos espaciais, temporais, epistêmicos e sociais.

Resultados parciais indicam que o enunciador tende a realizar: 1. **proximização espacial** do *Aedes Aegypti*, incitando a conceptualização do mosquito – e/ou a doença, por meio de uma relação metonímica – nas proximidades do *self* leitor ou em movimento rumo ao *endogrupo*; 2. **proximização temporal**, especialmente por meio do uso estratégico da actualidade, a saber: a imperfectividade do impacto do comportamento do *exogrupo* sobre o *endogrupo* e a iteratividade relativa à necessidade de combater esse inimigo; 3. **proximização epistêmica**, construindo em direção ao *realis* do *endogrupo* o potencial dano do mosquito; 4. **distanciamento epistêmico**, promovendo a conceptualização de que a localização do mosquito em relação ao *self* não se insere no *realis* do *endogrupo*, mas em algum ponto do *continuum* entre *realis* e *irrealis*; 5. **proximização social**, ora

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

ênfatizando a unidade e a força coletiva do *endogrupo*, ora destacando o papel da força individual no bloqueio ou na superação da invasão do *exogrupo* e na sua consequente expulsão do espaço legítimo do *endogrupo*.

Considerando, com base em Mason; Just (2006, 2013) e Asp (2013), que há uma rela o entre linguagem e afeto no processamento discursivo, o uso combinado das estratégias de perspectiva o acima expostas pode ter como efeito o disparo de estímulos afetivos ligados à **ansiedade**, fenômeno emocional condizente com os objetivos da campanha – a gera o de uma atitude contínua de prontidão para combater um inimigo que pode estar próximo. Segundo  hman (2008), a ansiedade, diferente do medo, ocorre antes do estímulo (*pr -estímulo*), está associada a ameaças cuja natureza e localiza o são mais obscuras, o que dificulta a atua o dos mecanismos ativos de defesa do organismo e, por isso, manifesta-se em um “estado de alerta/prontidão” contínuo, provavelmente ligado ao fato de que *falsos negativos* são mais custosos para o organismo que *falsos positivos*.

Referências bibliográficas:

- ASP, Elissa. The twin paradoxes of unconscious choice and unintentional agents: what neurosciences say about choice and agency in action and language. In: FONTAINE, Lisa; BARTLETT, Tom; O’GRADY, Gerard (org.). Systemic Functional Linguistics: Exploring Choice. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 161-178.
- CAP, Piotr. Proximization: The pragmatics of symbolic distance crossing. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2013.
- CHILTON, Paul. Language, Space and Mind: The Conceptual Geometry of Linguistic Meaning. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- CROFT, William; CRUSE, Allan. Cognitive Linguistics. New York: Cambridge University Press, 2004.
- HART, Christopher. Discourse, Grammar and Ideology: Functional and Cognitive Perspectives. London: Bloomsbury Academic, 2014.
- MASON, Robert A.; JUST, Marcel Adam. Neuroimaging Contributions to the Understandings of Discourse Processes. In: TRAXLER, M.; GERNSBACHER, M. A. (org.) Handbook of Psycholinguistics. 2^a edi o. Amsterdam: Elsevier, 2006, p. 765-799.
- MASON, Robert A.; JUST, Marcel Adam. Identifying Component Discourse Processing from their fMRI Time Course Signatures. In: BRITT, M. A.; GOLDMAN, S. R.; ROUET, J-F (org.). Reading – from words to multiple texts. New York: Routledge, 2013, p. 147-159.
-  HMAN, ARNE. Fear and Anxiety: Overlaps and Dissociations. In: LEWIS, M.; HAVILAND-JONES, J. M.; BARRET, L. F. (org.) Handbook of Emotions. 3^a edi o. New York: The Guilford Press, 2008, p. 709-729.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

Reflexões teóricas e metodológicas em relação a uma análise do discurso cultural-contrastiva: o papel da semântica cognitiva

Romana Castro Zambrano (UFS)

Devido a processos de globalização, observamos que, com frequência, discursos sobre as mesmas temáticas ou sobre temáticas parecidas se estabelecem em numerosos países do mundo. Porém, constatamos que esses discursos variam de um país para o outro. Destarte, encontramos, por exemplo, diferenças quanto a opiniões, atitudes e crenças em relação ao tema discursivo. Além disso, podemos constatar variações a respeito do conteúdo tocado. Podemos, portanto, afirmar que existem certas peculiaridades socioculturais que se manifestam no discurso. Consideramos que uma análise do discurso contrastiva pode contribuir para fazer visíveis essas peculiaridades socioculturais, de modo que, as vezes, somente a perspectiva comparativa e intercultural nos permite perceber que certos aspectos não são tão “normais” quanto nos parecem. Acredita-se que estudos discursivos, que visam a analisar contrastes socioculturais, devem levar em consideração certas reflexões teóricas e metodológicas (BÖKE, JUNG, NIEHR, WENGELER, 2000; CZACHUR, 2011; DREESEN, 2013; SCHAFROTH, 2012). Com nossa comunicação, perseguimos o objetivo de apresentar algumas reflexões em relação às bases teóricas e metodológicas de estudos do discurso cultural-contrastivos. Orientando-nos pela teoria da Análise Crítica do Discurso (ACD), defendemos a ideia de uma relação dialética entre o discurso e a sociedade (FAIRCLOUGH; WODAK, 1998), isto é, que a sociedade tem influência sobre o discurso e *vice-versa*. Para explicar essa relação dialética, faz-se necessário considerar a interface da cognição social que interage mediando entre o discurso e a sociedade (VAN DIJK, 2003; 2014). Segundo van Dijk (2003), entendemos como cognição social um sistema mental compartilhado entre os membros de certo coletivo. Esse sistema consiste em vários subsistemas, como, por exemplo, atitudes, crenças ou ideologias. Outro subsistema, o saber, desempenha um papel especial na cognição social, dado que o saber está considerado como a verdade pelos membros de certo coletivo e, em consequência determina sua realidade social. Vale destacar que o saber é altamente ligado a um determinado coletivo. Pois, o que para um grupo de pessoas pode ser a verdade, para outro pode ser simplesmente uma mera opinião. Na Linguística do Discurso Alemã (ver, por exemplo, BUSSE, 2008; ZIEM 2008) e, ultimamente, também na abordagem sociocognitiva da Análise Crítica do Discurso (ACD) (VAN DIJK, 2014) se focaliza a análise de estruturas epistêmicas. Conforme os autores, o foco epistemológico possibilita

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

pesquisas a respeito do conhecimento social de certos coletivos epistêmicos, visto que saberes e conhecimentos se compartilham entre os membros de certos grupos e comunidades. Portanto, acreditamos que uma análise do discurso cultural-contrastiva deve analisar e comparar exatamente os fenômenos que se evidenciam nessa dimensão: nas estruturas epistêmicas. Lembrando que a Linguística Cognitiva (LC) se interessa tanto pela inter-relação entre saber e linguagem, quanto pela inter-relação entre cultura e cognição (ver FRANK ET AL., 2008), pautamos por uma análise cultural-contrastiva baseada na Linguística Cognitiva. Nos últimos anos, podemos constatar uma virada cognitiva na análise (crítica) do discurso (ver REISIGL; ZIEM 2014). Para analisar estruturas epistêmicas aponta-se, principalmente, para a análise de *frames* (BARSALOU, 1992; FILLMORE 1982) e para a análise da integração conceitual (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Na comunicação apresentamos as possibilidades e vantagens de uma análise baseada nessas teorias semântico-cognitivas, expondo resultados obtidos em um estudo contrastivo entre o Brasil e a Alemanha, no contexto do discurso sobre a inclusão educativa de surdos.

Palavras-chave: Análise do discurso; Análise cultural-contrastiva; Semântica cognitiva.

Referências bibliográficas:

- BARSALOU, Lawrence. W. Frames, concepts, and conceptual fields. In: LEHRER, Adrienne; KITAY, Eva (eds.). *Frames, Fields and Contrasts*. Hillsdale: Lawrence, 1992, p. 21-74.
- BÖKE, Karin; JUNG, Matthias; NIEHR, Thomas; WENGELER, Martin. Vergleichende Diskurslinguistik. Überlegungen zur Analyse national heterogener Textkorpora. In: NIEHR, Thomas; BÖKE, Karin (Hg.): *Einwanderungsdiskurse. Vergleichende diskurslinguistische Studien*. Wiesbaden: Westdeutscher Verlag, p. 11-36, 2000.
- BUSSE, Dietrich. Linguistische Epistemologie. Zur Konvergenz von kognitiver und kulturwissenschaftlicher Semantik am Beispiel von Begriffsgeschichte, Diskursanalyse und Frame-Semantik. In: KÄMPER, Heidrun; EICHINGER, Ludwig (Hg.). *Sprache - Kognition - Kultur*. Sprache zwischen mentaler Struktur und kultureller Prägung. Berlin; New York: de Gruyter, 2008, p. 73 – 114.
- CZACHUR, Waldemar . *Diskursive Weltbilder im Kontrast. Linguistische Konzeption und Methode der kontrastiven Diskursanalyse deutscher und polnischer Medien*. Wrocław: ATUT, 2011.

II LINCOG

II Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição

DREESSEN, Philipp. Wann beginnt Kritik? Bedingungen, Möglichkeiten und Ziele einer Kontrastiven Diskurslinguistik als kritisches Verfahren. In: *tekst i dyskurs – text und diskurs* 6, p. 391–411, 2013.

FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. Critical Discourse Analysis. In: VAN DIJK, Teun A. (ed.). *Discourse as Social Interaction*. London: Sage, 1997, p. 258-284.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Marc. *The way we think*. Conceptual Blendings and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FILLMORE, Charles. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing Company, 1982, p. 111-137.

FRANK, Roslyn M. et al. (eds.). *Body, Language and Mind: Volume 2: Sociocultural Situatedness*, Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2008.

REISIGL, Martin; ZIEM, Alexander. Diskursforschung in der Linguistik. In: ANGERMULLER, Johannes et al. (Hg.). *Diskursforschung: ein interdisziplinäres Handbuch*. Vol. 1: Theorien, Methodologien, Kontroversen. Bielefeld: transcript, 2014, p. 70-110.

SCHAFROTH, Elmar. Vergleichende Diskursanalyse als romanistische Forschungspraxis. Zur Rezeption des Sarrazin-Diskurses in französischen, italienischen und spanischen Printmedien. In: Heinemann, Anja; SCHLAAK, Claudia (Hg.), *Politische und mediale Diskurse. Fallstudien aus der Romania*. Berlin: Frank & Timme, p. 57-82, 2015.

VAN DIJK, Teun. A. The discourse-knowledge interface. In: WEISS, Gilbert; WODAK, RUTH (eds.). *Critical Discourse Analysis. Theory and interdisciplinarity*. Houndsmills: Palgrave Macmillan, 2003, p. 85-109.

VAN DIJK, Teun A. *Discourse and Knowledge. A sociocognitive approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

ZIEM, Alexander. Frames und sprachliches Wissen. Kognitive Aspekte der semantischen Kompetenz. Berlin: Walter de Gruyter, 2008.

5.08.2016. <http://150.164.100.248/congressmetafora/>